

---

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E  
TECNOLOGIAS

---

**A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O ENSINO  
DO BASQUETEBOL, A PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS E O  
USO DAS TICs NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CLÁUDIO DELUNARDO SEVERINO**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do *campus* de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias

**Dezembro – 2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
CAMPUS RIO CLARO**

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E  
TECNOLOGIAS**

---

**A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O ENSINO  
DO BASQUETEBOL, A PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS E O  
USO DAS TICs NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Cláudio Delunardo Severino

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Suraya Cristina Darido

Coorientador: Prof. Dr. Francisco José Miranda Gonçalves

Tese apresentada ao Instituto de  
Biociências do *campus* de Rio  
Claro, Universidade Estadual  
Paulista Júlio de Mesquita Filho,  
como parte das exigências para a  
obtenção do título de Doutor em  
Desenvolvimento Humano e  
Tecnologias.

**Dezembro – 2019**

S498p Severino, Cláudio Delunardo  
A percepção dos professores sobre o ensino do basquetebol, a participação das meninas e o uso das TICs nas aulas de educação física / Cláudio Delunardo Severino. -- Rio Claro, 2019  
222 p. : il., tabs., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro  
Orientador: Suraya Cristina Darido  
Coorientador: Francisco José Miranda Gonçalves

1. Basquetebol. 2. Meninas. 3. Educação física. 4. Ensino. 5. TICs.  
I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

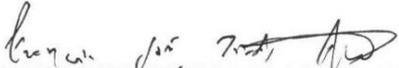
TÍTULO DA TESE: A percepção dos professores sobre a prática do basquetebol por meninas nas aulas de educação física escolar e o uso das tecnologias de informação e comunicação

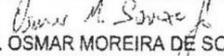
AUTOR: CLÁUDIO DELUNARDO SEVERINO

ORIENTADORA: SURAYA CRISTINA DARIDO DA CUNHA

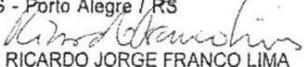
COORIENTADOR: FRANCISCO JOSÉ MIRANDA GONÇALVES

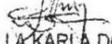
Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: Tecnologias nas Dinâmicas Corporais pela Comissão Examinadora:

  
Prof. Dr. FRANCISCO JOSÉ MIRANDA GONÇALVES  
Departamento de Educação, Formação de Professores, Educação Física e Desporto / Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Portugal

  
Prof. Dr. OSMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR  
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

  
Prof. Dr. GUY GINCIENE  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - Porto Alegre / RS

  
Prof. Dr. RICARDO JORGE FRANCO LIMA  
Instituto Politécnico de Viana do Castelo / Escola Superior do Desporto e Lazer

  
Profa. Dra. IRLA KARLA DOS SANTOS DINIZ  
Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de São Paulo / Campus Capivari - SP

Rio Claro, 03 de dezembro de 2019

Título alterado para: A percepção dos professores sobre o ensino do Basquetebol, a participação das meninas e o uso das TICs nas aulas de Educação Física.

Aos meus pais, Angela e Guilherme (*in memoriam*), pela educação, conselhos e apoio incondicional em todos os momentos. Graças a vocês, tenho orgulho em dizer que tive os melhores professores na arte de superar as adversidades e aproveitar aquilo que de melhor a vida nos proporciona. Muitíssimo obrigado por tudo.

À Andressa de Oliveira Barbosa, que me ensinou tantas coisas e ainda encontrou tempo para me auxiliar e incentivar em todos os momentos dessa jornada a qual todas as dificuldades encontradas foram compartilhadas por nós. Milhões de desculpas pelas ausências, muitíssimo obrigado pela paciência demonstrada no decorrer da construção deste trabalho e por acreditar em minhas escolhas.

Ao Paulo, nosso filho. Tão jovem, mas que já teve tempo de presenciar o quanto é árdua a luta para alcançar os nossos objetivos.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao chegar ao final dessa etapa, olhos para trás e percebo quantos obstáculos foram ultrapassados no decorrer de uma trajetória desgastante, com decepções e tristes momentos os quais, diante deles, cheguei a imaginar que jamais alcançaria sequer a possibilidade de êxito. Isso somente foi possível porque pessoas especiais estiveram presentes ao meu lado e, em razão disso, presto os meus mais sinceros agradecimentos.

Ao Professor Doutor Francisco José Miranda Gonçalves, atual coorientador do presente trabalho e um grande amigo que essa trajetória me concedeu, pela confiança e apoio irrestrito desde os primeiros passos de uma longa caminhada que, em alguns momentos, considerei que não chegaríamos ao seu final. Além das preciosas orientações que possibilitaram o resultado final da tese, a sua colaboração em todos os momentos e os seus sábios conselhos foram fundamentais não apenas para chegarmos aos nossos objetivos, mas para que se tornasse, para mim, notória a sua grande competência. Por ter acreditado em mim e por jamais ter me abandonado lhe serei eternamente grato. Certa vez, tomado pelos dissabores causados pelos problemas associados à minha defesa, mencionei que se um dia eu viesse a defender este estudo, seria por você e pela professora Suraya. Pois bem, cumpro aqui a minha promessa.

À Professora Doutora Suraya Cristina Darido, orientadora, amiga e grande exemplo de profissional a ser admirada por todos que amam a Educação Física. Creio que se caso tivesse a sabedoria para transmitir em singelas palavras a minha gratidão por você, seguramente eu teria material suficiente para desenvolver outra tese. E nesse caso, não se trataria de um estudo científico, mas sim de uma história de reconhecimento, gratidão, admiração e companheirismo. Desde o primeiro instante transmitiu de forma carinhosa uma confiança imprescindível para a concretização dessa tese. MUITÍSSIMO obrigado por ter me concedido a oportunidade de conviver com alguém tão especial, pelos momentos de aprendizado e pelos contatos agradáveis. Acredite, se a tortuosa caminhada em que se transformou o meu doutorado me ensinou algo, foi o fato de que o sentimento de humanidade nunca tem limites quando se vive em prol daquilo se que gosta pois, se gostamos do que fazemos, também

conseguimos transmitir os nossos bons sentimentos a quem nos cerca. Suraya, sempre lhe agradecerei por tudo.

Ao amigo e conselheiro Prof. Me. Paulo Celso Magalhães, por compartilhar toda essa trajetória, inclusive nos seus momentos mais difíceis, pelas conversas, pela disponibilidade em sempre ajudar e pelas palavras de incentivo. Todos deveriam ter um grande professor e um grande amigo em quem se espelhar. Felizmente tive a sorte de ter ambos em uma única e especial pessoa.

Ao amigo Prof. Dr. Silvio Henrique Vilela, pelo companheirismo e pela disponibilidade em estar sempre disposto a resolver os problemas surgidos no decorrer dessa trajetória.

Aos professores Fernanda Moreto Impolcetto, Guy Ginciene, Osmar Moreira de Souza Junior, Irla Karla Santos Diniz, Ricardo Franco e Sara Quenzer Matthiesen pelo posicionamento crítico e pela grande contribuição nas pesquisas, pelas correções e sugestões quanto à elaboração desta tese.

Aos meus colegas professores universitários Carlos Marcelo de Oliveira Klein, Érik Imil Viana Farani, José Cristiano Paes Leme da Silva, Rodolfo Guimarães Silva e Ivanete da Rosa Silva de Oliveira, pelo constante incentivo.

À Andressa de Oliveira Barbosa e Gabriela Almeida Ribeiro pela valiosa colaboração na redação final da presente tese. São as minhas ex-alunas sempre a me ensinar lições as quais tento jamais esquecer-las.

À Prof.<sup>a</sup> Me. Sairita Griego de Souza, amiga que sempre acreditou naquilo que podemos alcançar. Muito obrigado pelas constantes palavras de apoio.

À Denise Guimarães, Kelly Cristina Oliveira, Mariana Rosada, Mateus Lucca, Mateus Pereira, Natali Leon, Glauber Bedini, Nicolas Bargiela, Carmen Silvia de Oliveira e Stefania Betancourt, queridos amigos que a cidade de Rio Claro me deu, os sinceros agradecimentos pelo acolhimento e os ricos momentos de aprendizado. Graças a vocês, jamais poderei dizer que em Rio Claro eu fui feliz e não sabia, pois vossas companhias sempre me remeteram a esse estado de espírito.

Aos professores que gentilmente participaram desta pesquisa, demonstrando interesse e disponibilidade. Sem a consciência profissional de cada um deles não seria possível a realização do estudo para que se tornasse possível a compreensão

acerca do desenvolvimento do Basquetebol nas escolas localizadas no município de Volta Redonda.

A todos que em inúmeras ocasiões me disseram: não desista!

A todas as meninas que, apesar de tudo e de todos, insistem em fazer da prática do Basquetebol um momento de prazer e crescimento pessoal. Vocês sempre serão a razão de esforços como o que este estudo representa.

Finalmente, os sinceros agradecimentos a todos que, por uma peraltice da minha memória, não foram mencionados, mas que de alguma maneira contribuíram para a conclusão dessa tese.

Muitíssimo obrigado!

## RESUMO

O objetivo do presente estudo foi investigar o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a sua prática por meninas, valendo-se das TICs como contributo constante para as práticas pedagógicas. O estudo consistiu numa análise quantitativa que se desenvolveu como uma pesquisa de carácter colaborativo na qual foram utilizadas categorias para se verificar como uma opinião se manifesta em relação ao objeto investigado. O procedimento ocorreu a partir de uma coleta de dados realizada por meio de um inquérito por questionário e uma entrevista semiestruturada onde foi traçada a percepção dos professores acerca da prática do Basquetebol por meninas em ambiente escolar. Para a pesquisa, foram selecionados 60 professores de escolas localizadas em Volta Redonda (n=60). Em um segundo momento, as informações resultantes dessa investigação foram disponibilizadas em rede social virtual, no sentido de que fossem oportunizados aos professores subsídios para debates e troca de experiências no que tange ao objeto de estudo. Por fim, o material disponibilizado foi aplicado por 6 professores para uma avaliação quanto à sua aplicabilidade. Após a apresentação e discussão dos resultados, identificou-se que a maioria dos professores entrevistados utiliza o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física em uma dimensão procedimental, sendo notória a distinção da participação das aulas entre meninas e meninos. O discurso dos professores apontou para uma falta de clareza quanto à definição dos objetivos a serem alcançados em relação ao desenvolvimento do Basquetebol. Observou-se que esse fato se deve à falta de condições adequadas de trabalho, que envolvem desde o pouco interesse por parte dos alunos até a quantidade/qualidade dos materiais destinados às aulas. Constatou-se que a realidade da Educação Física ainda apresenta características de um modelo baseado no ensino dos esportes de acordo com as concepções subordinadas ao alto rendimento. Dessa forma, há a preocupação com o aprendizado formal da modalidade sem a sua priorização como um conteúdo que contribua para a formação global dos alunos. Mesmo com a crescente participação das mulheres nos esportes e outras atividades físicas, percebem-se ainda, por parte dos alunos, manifestações adversas não somente à presença das meninas nas aulas de Educação Física, mas também acerca de autoconceito e valores. A discriminação em relação às meninas nas aulas de Educação Física demonstra que ainda são marcantes as manifestações vinculadas à construção social alicerçada na diferença entre o masculino e o feminino. No que tange à utilização de um recurso tecnológico como a rede social virtual, esta oportunizou o compartilhamento não somente de informações, mas principalmente a troca de experiências, a interação entre os professores e a criação de um espaço com o intuito de contribuir para que o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar represente um contributo para o desenvolvimento e o crescimento pessoal para os meninos e meninas.

**Palavras-chaves:** Basquetebol; Meninas; Educação Física; Ensino; TICs.

## ABSTRACT

The aim of this study was to investigate or Basketball, as content of Physical Education classes and their practice for girls, making use of Information and Communication Technologies as a constant attribute for pedagogical practices. The study consists on a quantitative-qualitative which developed as a collaborative research and analysis in which categories were verified as a belief that manifests itself in relation to the investigated objects. The procedure was based on a data collection which were a questionnaire survey and a semi-structured interview where the behaviors of the subjects of the survey and their perception about the practice of Basketball by girls in the environment were traced school. To proceed the research 60 teachers were selected from schools in Volta Redonda (n = 60). In a second moment, the information resulting from this investigation was made available in a virtual social network, in the sense that the teachers should be given subsidies for debates and exchange of experiences regarding the object of study. Finally, the material provided was applied by 6 teachers for an evaluation as to its applicability. After the presentation and discussion of the results, it was identified that most of the interviewed teachers use Basketball as content of the Physical Education classes in a procedural dimension, being well-known the distinction of the participation of the classes between girls and boys. The teachers' speech pointed to a lack of clarity as to the definition of the goals to be achieved in relation to the development of Basketball. It was observed that this happens due to lack of appropriate working conditions, which involve from little interest of the students to the quantity/quality of materials for classes. It was found that the reality of Physical Education in Volta Redonda has characteristics of a model based on teaching sports according to conceptions subordinated to high yield. Thus, there is a concern with formal learning mode without its prioritization as a content that contributes to the overall education of students. Even with the increasing female participation in Sports and other physical activities, the students perception of women practicing sports in Physical Education classes is still adverse. The same happens when it comes to showing values and performing self-concept demonstrations. The discrimination against girls in Physical Education classes shows that there are still outstanding requirements related to the social construction founded on the difference between male and female events. With regard to the use of a technological resource such as the virtual social network, it has enabled the sharing not only of information, but mainly the exchange of experiences and interaction between teachers and the creation of a space with the intention of contributing to Basketball as a content of the Physical Education classes represent a contribution to the development and personal growth for boys and girls.

**Keywords:** Basketball; Girls; Physical Education; Education; ICTs.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Objetivos do ensino do Basquetebol.....	51
<b>Figura 2</b> - Processo de concepção dos instrumentos de coleta de dados.....	89
<b>Figura 3</b> - Modelo de identificação das categorias analíticas para conhecimento do objeto de estudo.....	98
<b>Figura 4</b> – Página no Facebook associada ao estudo.....	101
<b>Figura 5</b> - Esquema da formação do grupo focal.....	104

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Campos de ação dos docentes entrevistados.....	83
<b>Gráfico 2</b> - Campos de ação dos docentes vinculados à rede pública de ensino.....	84
<b>Gráfico 3</b> - Docentes entrevistados separados por gênero.....	94
<b>Gráfico 4</b> - Campos de ação dos docentes participantes da segunda etapa da pesquisa.....	106
<b>Gráfico 5</b> - Participação de meninas e meninos das aulas de Educação Física tendo o esporte como conteúdo.....	119
<b>Gráfico 6</b> - Prática do Basquetebol por meninas em ambiente escolar.....	128
<b>Gráfico 7</b> - A formação de equipes (grupos) nas aulas de Educação Física.....	128
<b>Gráfico 8</b> - Níveis de satisfação dos professores quanto a aplicação do material disponibilizado em rede social.....	169

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Roteiro da realização da análise de dados.....	100
<b>Quadro 2</b> – Resumo dos encontros do grupo focal.....	107
<b>Quadro 3</b> – Escala de Likert utilizada na presente pesquisa.....	109
<b>Quadro 4</b> – Resumo do encontro referente à Terceira Fase.....	110
<b>Quadro 5</b> – Resumo das respostas concedidas a respeito das informações disponibilizadas em rede social virtual.....	160
<b>Quadro 6</b> - Resumo das respostas concedidas a respeito da contribuição do material disponibilizado para o desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas e a sua prática por meninas.....	165
<b>Quadro 7</b> – Resumo das impressões dos professores participantes quanto à aplicabilidade do material disponibilizado.....	171

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Escolas situadas no município de Volta Redonda - RJ com o Segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano).....	78
<b>Tabela 2</b> - Titulação dos docentes entrevistados.....	83
<b>Tabela 3</b> - Histórico esportivo, acadêmico e profissional dos docentes entrevistados.....	85
<b>Tabela 4</b> - Incidências das respostas apresentadas a partir da utilização do <i>NVIVO 10</i> quanto às categorias associadas à aplicação do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física .....	117

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ACM – Associação Cristã de Moços

CSN – Companhia Siderúrgica Nacional

EF - Educação Física

EFE – Educação Física escolar

FEVRE - Fundação Educacional de Volta Redonda

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PE - Pedagogia do Esporte

RJ – Rio de Janeiro

SEEDUC - Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

SINPRO - Sindicato dos Professores do Sul Fluminense

SME - Secretaria Municipal de Educação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UniFOA – Centro Universitário de Volta Redonda

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2 INTRODUÇÃO GERAL.....</b>	<b>22</b>
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 O percurso da Educação Física Escolar no Brasil.....</b>	<b>27</b>
3.1.1 <i>A Educação Física Escolar, o esporte e a construção do pensamento crítico.....</i>	38
<b>3.2 A prática de atividades esportivas em ambiente escolar.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3 O espaço escolar: o Basquetebol e a sua prática pedagógica .....</b>	<b>47</b>
<b>3.4 O Basquetebol nas escolas e a formação de valores éticos e morais ..</b>	<b>52</b>
3.4.1 <i>O Basquetebol e a formação de valores éticos. Um diálogo possível?.</i>	55
3.4.2 <i>O Basquetebol praticado por meninas.....</i>	57
<b>3.5 Ponderações sobre as redes sociais virtuais e a sua relação com o processo de ensino e de aprendizagem.....</b>	<b>68</b>
3.5.1 <i>As redes sociais virtuais no contexto educacional.....</i>	72
<b>4 ORGANIZAÇÃO E PLANIFICAÇÃO DO ESTUDO.....</b>	<b>77</b>
<b>4.1 O cenário.....</b>	<b>77</b>
<b>4.2 Objetivos.....</b>	<b>78</b>
4.2.1 <i>Objetivo Geral.....</i>	78
4.2.2 <i>Objetivos Específicos.....</i>	79
<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>80</b>
<b>5.1 Participantes.....</b>	<b>82</b>
<b>5.2 Instrumentos.....</b>	<b>85</b>
<b>5.3 Entrevistas.....</b>	<b>90</b>
<b>5.4 Procedimentos.....</b>	<b>92</b>
5.4.1 <i>Primeira fase.....</i>	92
<b>5.5 Processo de categorização.....</b>	<b>96</b>
<b>5.6 Análise dos dados.....</b>	<b>99</b>
<b>5.7 Segunda fase.....</b>	<b>100</b>
<b>5.8 Terceira fase.....</b>	<b>107</b>
5.8.1 <i>Primeira aula.....</i>	111

5.8.2 Segunda aula.....	112
5.8.3 Terceira aula.....	113
<b>6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>116</b>
<b>6.1 O esporte como conteúdo das aulas de Educação Física.....</b>	<b>118</b>
<b>6.2 O Basquetebol como conteúdo das aulas.....</b>	<b>123</b>
<b>6.3 O Basquetebol e a sua prática por meninas.....</b>	<b>127</b>
6.3.1 A divisão das turmas: mistas ou separadas por gênero?.....	144
6.3.2 A participação de equipes de Basquetebol formadas por meninas em competições esportivas.....	145
<b>6.4 O papel dos professores e o incentivo às alunas.....</b>	<b>147</b>
<b>6.5 Segunda fase.....</b>	<b>159</b>
<b>6.6 Terceira fase.....</b>	<b>169</b>
6.6.1. O conteúdo das informações.....	171
6.6.2. Aplicabilidade do material disponibilizado.....	175
6.6.3. Observações quanto aos resultados obtidos.....	180
<b>7 CONCLUSÕES.....</b>	<b>184</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>190</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>208</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....</b>	<b>211</b>
<b>ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....</b>	<b>214</b>
<b>ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>216</b>
<b>ANEXO C - SEGUNDO PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....</b>	<b>218</b>
<b>ANEXO D - SEGUNDO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>221</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Nessas primeiras páginas, inicialmente procuro apresentar as principais motivações para o seu desenvolvimento para que haja por parte dos leitores uma melhor compreensão a respeito do caminho escolhido para ser percorrido durante um longo período. Foi um percurso distante, com idas e vindas, tortuoso e com vários momentos em que algumas situações nele ocorridas despertaram em mim o duro questionamento sobre a validade ou não em passar por dissabores relacionados à concepção dessa pesquisa.

A pesquisa expõe o envolvimento de dois assuntos que em uma primeira análise podem parecer presentes em universos absolutamente dissemelhantes, a saber, o Basquetebol praticado por meninas no ambiente escolar e o emprego de tecnologias em práticas pedagógicas, sendo que essa primeira impressão provavelmente provocará certa curiosidade a respeito das razões que motivaram a realização do presente estudo. Mas para que essa noção inicial possa se esvaír, percebo a necessidade de apresentar um breve depoimento a respeito da minha relação com temas aparentemente distintos, bem como uma descrição resumida da trajetória percorrida até o presente momento.

O meu vínculo com o ensino do Basquetebol no espaço formal se deu início no já distante ano de 1989, quando fui convidado pela direção de uma escola localizada em uma determinada cidade do interior do estado do Rio de Janeiro para ministrar aulas de Educação Física para turmas de 5ª série (atual 6º ano do ensino fundamental). De certa forma não havia na escola, ao menos naquela época, nenhum currículo preestabelecido com orientações didático-pedagógicas que servissem de indicação para os professores a respeito dos conteúdos a serem desenvolvidos no decorrer do ano letivo e, por isso, percebi a necessidade de elaborar um planejamento que atendesse tanto as necessidades dos alunos e alunas envolvidos quanto a minha concepção educacional. O planejamento consistia em atividades sócio recreativas e iniciação de algumas modalidades esportivas.

No decorrer das aulas, procurava sempre debater com os alunos e alunas<sup>1</sup> sobre os conteúdos desenvolvidos e as possíveis contribuições que as atividades lhes proporcionaram como forma de envolvê-los com as propostas por mim oferecidas e, também, valorizar a participação da turma em discussões que poderiam contribuir para a construção de um pensamento crítico por parte dos alunos e alunas. Em uma delas em que estávamos tentando encontrar alternativas que elevassem a qualidade das aulas a um nível mais satisfatório, foi-me feita a seguinte pergunta por parte de uma das meninas da turma:

- Professor, por que não experimentamos jogar basquete nas aulas de Educação Física?

Sinceramente, eu não tinha conhecimento a respeito da existência por parte de nenhum deles um interesse explícito pelo jogo de Basquetebol. É evidente que fiquei bastante surpreso com o questionamento e, mais ainda, com o fato de que nenhum dos meninos presentes se interessou pela proposta apresentada, já que apenas as meninas compactuaram com a mesma. Ressalto que a minha surpresa não era nada motivada por uma manifestação preconceituosa de minha parte em relação à participação das meninas, mas sim pela pouquíssima participação delas em todas as atividades esportivas promovidas por aquela escola em quaisquer modalidades.

Na qualidade de professor de Educação Física que aspirava uma constante melhoria da qualidade das aulas por mim ministradas, me interessei pela sugestão apresentada, já que pelo menos as meninas da turma se demonstraram bastante motivadas com a proposta apresentada. Mas existiam alguns problemas que muito dificultavam a prática de atividades vinculadas ao Basquetebol naquela escola, sendo que o principal deles era a falta de um espaço físico adequado para a realização das nossas atividades, já que a quadra em que nós fazíamos as aulas, além das suas pequenas dimensões, não dispunha de tabelas, mesmo que adaptadas. Essa questão

---

<sup>1</sup> Reconhecendo o quanto a linguagem tem de ideológico, Paulo Freire, a partir de 1970 passou a referir-se sempre à mulher e ao homem ou aos seres humanos. Entende-se que o fato de se mudar a linguagem machista ou autoritária não muda radicalmente o mundo, porém a mudança da linguagem também faz parte do processo de mudança do mundo. Diante disto, procurou-se adotar a mesma linguagem no presente estudo em relação aos alunos e alunas.

foi resolvida com uma espécie de "mini garrafão" que foi inteligentemente pintado em um espaço até então ocioso, no qual também foi afixada uma tabela com dimensões diminutas no muro, o que muito nos favorecia.

De certa maneira eu não dimensionava que naquele instante começava uma etapa que muito modificaria a minha vida. Era o início da minha trajetória como o professor de Basquetebol para meninas, onde no decorrer de 19 anos tive o enorme privilégio de conviver com meninas que além de muito me ensinarem, eram talentosas, corajosas, comprometidas e possuidoras de outros adjetivos que sempre provocaram em mim o seguinte questionamento: por que os professores de Educação Física frequentemente não promovem ações que venham a incentivar as meninas a praticarem o Basquetebol, seja no ambiente escolar ou em espaços não formais?

Na minha longa caminhada como professor de Basquetebol, por diversas ocasiões presenciei questionamentos a respeito dos motivos que levavam aquelas meninas e moças a praticarem uma modalidade considerada eminentemente "masculina", opinião essa que era – e talvez ainda seja – compartilhada pela maioria das pessoas. Tais questionamentos que vinham de alguns professores, pais, alunos e demais membros da comunidade escolar pouco se distinguiram de um preconceito provocado por uma sólida prática social que reiteradamente estabelece uma clara oposição entre as representações femininas e masculinas.

Desde então, sempre procurei, em contatos com professores e técnicos de diversas localidades do país, encontrar respostas concretas que pudessem me apontar um caminho lógico para a compreensão dos motivos pelos quais uma modalidade esportiva que mesmo tendo expoentes sempre presentes nos veículos midiáticos como as fantásticas Hortência e Paula em nosso país não conseguia fazer parte daquelas que mais possuíam meninas como praticantes. Será que o esporte e a sua prática salutar não seriam capazes de suplantar preconceitos enraizados a partir de um paradigma vinculado à existência de desigualdades no contexto social?

Quase duas décadas se passaram, deixando inúmeras alegrias, doces lembranças, vitórias inesquecíveis, derrotas que muito serviram como aprendizado, sensações de dever cumprido, algumas poucas tristezas, aflições, decepções e a imensurável satisfação por ter tido a oportunidade de contribuir para a formação global de centenas de meninas que buscaram na prática do Basquetebol a construção de

uma história esportiva que representou e ainda representa motivo de orgulho e um conjunto de ótimas recordações para a imensa maioria delas. E quando o tempo passa para cada um de nós, os antigos interesses vão dando lugar a novos objetivos, os sonhos se renovam e a minha percepção quanto à contribuição para o Basquetebol para meninas foi aos poucos adquirindo um novo formato.

A vida sempre está a nos proporcionar grandes surpresas e novos caminhos a serem trilhados. Após os longos 19 anos como professor de Basquetebol para meninas, tendo muito mais alegrias do que decepções, decido seguir outros percursos, deixando as áreas técnicas das quadras de Basquetebol para iniciar a minha carreira acadêmica e sempre buscando (nem sempre com êxito) possíveis alternativas para o desenvolvimento desta modalidade tanto por meninas como por meninos.

Assim, em 2006, ingresso no quadro docente do Curso de Educação Física do Centro Universitário de Volta Redonda - UniFOA na condição de professor assistente da disciplina Basquetebol e, desde então, com imenso orgulho participo da formação profissional de novos professores de Educação Física, tendo o despertar para uma visão crítica a respeito do ensino do Basquetebol para todos como um dos meus principais objetivos.

Trabalhar e conviver com alunos universitários foi, no início daquela nova etapa, um desafio com características inéditas para mim, pois a minha experiência profissional até então me remetia unicamente ao trabalho com crianças e adolescentes. Percebendo essa lacuna, ingresso no Programa de Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, no qual desenvolvo um estudo a respeito do emprego de atividades lúdicas no processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol. Um árduo trabalho que serviu para reforçar a compreensão a respeito da relação dos professores de Educação Física da Região Sul-Fluminense com a ludicidade e algumas metodologias de ensino da referida modalidade.

Após a conclusão de um mestrado que muito favoreceu a minha formação acadêmica e ávido por dar continuidade aos estudos inerentes ao ensino e a prática do Basquetebol, ingresso no Programa de Doutorado em Ciências do Desporto da Universidade de Trás-os-Montes e Alto D'ouro, localizada em Vila Real, Portugal. Posteriormente, após um período de interrupção, a pesquisa foi retomada após o meu

ingresso no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista - UNESP.

Para a adequação do contexto da pesquisa ao novo Programa, houve a necessidade imediata de se promover o diálogo desta com o emprego da tecnologia, fato que muito evidenciou a importância dos recursos tecnológicos como instrumentos pedagógicos que venham a subsidiar estudos acadêmicos voltados para a melhoria e aprimoramento das mais variadas questões. Assim, como andamento à presente pesquisa, passou-se a verificar as possíveis alternativas para a utilização de recursos tecnológicos para a obtenção de resultados práticos que viessem a prestar uma contribuição para as indagações surgidas no decorrer da caminhada.

E sobre esses recursos tecnológicos e a sua utilização, eles vêm de encontro à prática do Basquetebol por meninas em ambiente escolar e as minhas inquietudes a partir da percepção de que estes podem servir como um grande contributo para o acesso a informações relevantes acerca do referido tema e, também, um caminho possível para que, por intermédio da interação de professores de Educação Física, acadêmicos e indivíduos ligados ao Basquetebol em redes sociais virtuais, ocorram discussões no sentido de promover ações voltadas para a percepção deste jogo como uma modalidade ao alcance de todos. Tal conceito é evidenciado pela afirmação de Diniz et al. (2012) a respeito de que a mídia e outras tecnologias apresentam expressiva representatividade para a transmissão de informações por meio de suas diversas formas de manifestação.

Mas o estabelecimento da relação entre o Basquetebol praticado por meninas nas escolas e o emprego de tecnologias aqui evidenciado nem sempre foi tranquilo. A tarefa de desenvolver de maneira clara essa conjunção teve idas e muitas voltas, algumas bastante dolorosas em que quase tiveram o poder de encerrar essa trajetória, mas que quase sempre fizeram com que o propósito estabelecido fosse renovado, isso às custas de paciência, perseverança e porque não dizer, um pouco de teimosia de minha parte. Durante anos, me convenci diversas vezes que a pesquisa estava pronta, para poucos dias depois perceber o quanto estava equivocado. É bem provável que ela ainda não esteja, mas o que é aqui humildemente apresentado é resultado daquilo que sempre acreditei: o trabalho duro e honesto é semente para uma boa colheita.

## 2 INTRODUÇÃO GERAL

A presente tese trata-se de uma pesquisa elaborada com a finalidade de deferir o requisito de conclusão do Curso de Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pelo Instituto de Biociências do *campus* de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista.

A partir de uma pesquisa quanti-qualitativa na qual são traçados os comportamentos e atitudes dos seus sujeitos, o referido estudo objetivou investigar o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a sua prática por meninas, valendo-se das tecnologias de informação e comunicação (TICs) como contributo constante para as práticas pedagógicas. Nesse sentido, elaborou-se um conjunto de informações relacionadas ao Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a sua prática por meninas, sendo estas viabilizadas em rede social virtual no sentido de avaliar em conjunto com os professores e acadêmicos a sua relevância e potencial como auxílio para o desenvolvimento do Basquetebol em ambiente escolar e, principalmente, o seu acesso por todos.

Nesse sentido, as TICs representam, segundo Silva e Mendanha (2014), um instrumento para a divulgar a relevância da pesquisa, da informação e do conhecimento. Assim, percebe-se que a educação, inserida no paradigma da pós-modernidade, deve estar em consonância com o seu tempo, a considerar que a tecnologia se faz presente nessa pós-modernidade.

Após a interpretação dos resultados alcançados, o estudo apresenta um tratamento fenomenológico no qual houve a preocupação em não separar os sujeitos do objeto, colocando em evidência a sua percepção em relação ao tema proposto para analisar a sua vivência em relação a determinadas situações, compreendendo, assim, a realidade do cenário investigado (FIGUEIREDO, 2008).

A problematização que envolve o estudo está fundamentada na visão dos professores no que tange à prática do Basquetebol em ambiente escolar por meninas, além de algumas das metodologias ligadas ao ensino e aprendizado da modalidade mencionada e que são normalmente utilizadas em aula. Essas metodologias muitas vezes são aplicadas nas aulas de Educação Física de forma tradicional nas quais o papel do professor se resume em unicamente transmitir os conteúdos que são

recebidos passivamente pelos alunos e alunas, o que frequentemente acarreta na subordinação da Educação Física em relação aos paradigmas do esporte (competição, obtenção de resultados e comparação de desempenhos, por exemplo), conforme Rodrigues e Darido (2008). Esse cenário contrasta com uma Educação Física Escolar que privilegie as demandas surgidas por meio de novas temáticas (BRACHT et al., 2011). Entretanto, para Cruz e Palmeira (2009), infelizmente percebe-se a pouca importância dada por parte dos professores de Educação Física a ações que possam intervir de maneira favorável ao respeito pelas diferenças existentes, o que em muitas situações provoca uma condição desfavorável às meninas.

O estudo se justifica não apenas por sua possível contribuição ao desenvolvimento global das meninas, mas também pela compreensão do fato de que o Basquetebol, na qualidade de conteúdo presente nas aulas de Educação Física realizadas no município de Volta Redonda (e nas demais localidades), deve representar uma salutar prática ao alcance de todos.

Para Knijnik (2010), a questão do gênero aponta para o fenômeno de que, por intermédio de inúmeras práticas sociais, a sociedade se constitui baseada na distinção entre homens e mulheres num processo que não pode ser considerado harmônico, fato que em diversas ocasiões pode ser identificado nas aulas de Educação Física. O mesmo autor observa ainda que o conceito de gênero propõe um afastamento das análises que envolvem uma noção diminuta dos papéis do homem e da mulher. Nesse caso, há uma abordagem que considera as instituições sociais, normas, leis e doutrinas que são constituídas por representações de masculino e feminino relacionadas à produção e manutenção de uma ordem preestabelecida.

Cruz e Palmeira (2009) indicam ainda que o cotidiano da Educação Física Escolar (EFE) contribui para a concretização deste conceito, pois determinadas situações ocorridas em aula promovem um conceito de suposta superioridade masculina, poucas vezes se considerando a realidade de que, em função de um número maior de experiências motoras vividas pelos meninos, estes acabam por dispor de um repertório motor mais elevado.

A respeito da construção do presente estudo, a sua revisão de literatura foi dividida em três partes. A primeira consistiu na apresentação de conceitos associados

à EFE, abordando as suas modificações em consonância com as alterações de governo, paradigmas e as mudanças da sociedade.

Posteriormente, na condição de componente curricular obrigatório, a importância da EFE no sentido da representação de algumas situações que permitam remeter os alunos ao exercício do pensamento crítico, oportunizando-os a reflexão e discussão sobre algumas questões como, por exemplo, alguns aspectos discriminatórios presentes na sociedade em que estão inseridos.

A primeira parte da revisão de literatura é complementada com apontamentos a respeito da relevância da prática de atividades esportivas em ambiente escolar, bem como a participação das escolas em competições e considerações a respeito dos conteúdos desenvolvidos nas aulas.

Abordou-se na segunda parte da revisão de literatura um conjunto de particularidades relacionadas ao Basquetebol. A abordagem foi dividida em três sub-tópicos, sendo o primeiro voltado para a prática pedagógica do Basquetebol no espaço escolar, no qual se observam inerências do Basquetebol na condição de conteúdo das aulas EFE, assim como algumas questões voltadas para a participação ou, infelizmente, a ausência das meninas nas aulas de Educação Física.

No segundo sub-tópico são expostos conceitos vinculados ao Basquetebol nas escolas e as suas possíveis contribuições para a formação de valores éticos e morais. Nesse sentido, poderá se perceber a grande importância do trabalho de valores com os alunos e alunas no processo de ensino do Basquetebol com o objetivo de se alcançar uma integração social a partir de orientações que possibilitem a formação de cidadãos morais, éticos e desprovidos de qualquer comportamento discriminatório.

Finalmente, no terceiro sub-tópico, abordam-se particularidades voltadas para o Basquetebol e a sua prática por meninas. E para que tal prática se concretize, nota-se a importância do professor de Educação Física em direcionar ações igualitárias aos alunos e alunas para que não ocorram privilégios de um grupo em relação ao outro. Percebe-se aqui o espaço escolar como ideal para a desconstrução de concepções acerca de uma suposta incapacidade por parte das meninas em praticar o Basquetebol.

A (des) motivação e a participação das meninas nas aulas de Educação Física é discutida no tópico seguinte. A respeito dessa questão, procurou-se investigar a

opinião de diversos autores a respeito da falta de estímulo por parte das meninas quanto à participação nas aulas, assim como a importância dos professores que, por meio de suas ações, podem contribuir para o interesse delas em fazer parte das atividades apresentadas.

A revisão de literatura é finalizada com ponderações acerca da utilização das redes sociais virtuais como potencializadoras do processo de ensino e de aprendizagem de uma modalidade esportiva como o Basquetebol. A esse respeito, procurou-se observar a relevância do contexto educacional como um campo fecundo para a utilização dos mais diversos recursos tecnológicos, a considerar que as redes sociais virtuais e outros mecanismos de comunicação vêm sendo inseridos cada vez mais em nosso cotidiano.

Posteriormente, apresenta-se a organização e planificação do presente estudo e, assim como na revisão de literatura, procura-se, para um melhor entendimento, dividir essa parte em tópicos. Considerou-se pertinente acrescentar nessa etapa as características gerais do contexto no qual foi realizada a pesquisa, no sentido de proporcionar aos leitores uma visão acerca de sua realidade geográfica, econômica e social.

Na quinta parte abordaram-se os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, assim como todas as suas fases. Nessa etapa intencionou-se principalmente o estabelecimento das especificações relacionadas à observação de natureza descritiva, população e amostra da pesquisa, seleção dos sujeitos participantes (assim como os critérios para a escolha destes), princípios éticos empregados para a realização do estudo, métodos utilizados para a coleta de dados e todas as ações realizadas para a devida validação dos instrumentos.

Dissertou-se também nesse capítulo sobre a organização e estruturação dos instrumentos de coleta de dados aplicados junto aos docentes participantes da pesquisa, assim como a metodologia empregada para o tratamento das informações colhidas e suas interpretações. Sobre isso, diante do estabelecimento das categorias e a observação do objetivo central do estudo, buscou-se o estabelecimento de associações entre as particularidades identificadas e o cerne da pesquisa. Nesse capítulo apresentou-se também o procedimento quanto a viabilização das informações obtidas em rede social virtual para avaliação em conjunto com os

professores a respeito da sua relevância e potencial como contributo constante para as práticas pedagógicas, além da sua aplicabilidade e os resultados identificados após esse procedimento.

A etapa seguinte da pesquisa consiste na apresentação e discussão dos resultados obtidos após a análise dos mesmos. Nesse momento, optou-se por organizar a discussão a partir das categorias estabelecidas. Foram apresentados os resultados obtidos e a discussão dos mesmos a partir da análise dos dados coletados por meio dos instrumentos utilizados e nessa ação foram consideradas as informações associadas ao histórico dos sujeitos participantes, além das opiniões destes quanto aos temas previamente estabelecidos no processo de categorização. Por último, são apresentadas as observações acerca dos professores participantes do grupo focal acerca das informações disponibilizadas em rede social virtual, vinculadas ao estudo e que representa um instrumento que pode possibilitar um contributo para a prática pedagógica.

Na sétima parte, procurou-se apresentar as conclusões associadas à presente pesquisa, conforme análise das questões levantadas nos discursos dos professores participantes em relação ao objetivo central do estudo. Essa análise almejou a possibilidade de identificação da realidade do desenvolvimento do Basquetebol não somente na condição de conteúdo das aulas da Educação Física e a sua prática por meninas, mas também numa dimensão que transpõe os limites escolares, onde o esporte e as suas particularidades representam um significativo papel na sociedade.

Ao final, seguem todas as referências bibliográficas (livros, artigos, teses e dissertações) que representam o arcabouço teórico utilizado para o desenvolvimento do presente estudo e que foram adequadamente apresentadas. Por intermédio delas, procurou-se desenvolver uma discussão detalhada sobre o tema proposto a partir de diversos autores que já abordaram o tema aqui investigado, bem como a análise dos resultados alcançados pelas pesquisas desenvolvidas por esses pesquisadores.

E por último, o trabalho é finalizado com a organização e apresentação dos apêndices e anexos, nos quais constam todos os instrumentos de coleta de dados, roteiros, pareceres e documentos que foram necessários para o desenvolvimento da presente tese.

### **3 REVISÃO DE LITERATURA**

Na intenção de situar o objeto de estudo, apresenta-se essa revisão com o objetivo de expor diversos conceitos acerca do tema investigado. Primeiramente aponta-se um breve histórico da Educação Física enquanto componente curricular obrigatório, abordando as suas modificações de acordo com as alterações de paradigmas, além da exposição das opiniões de diferentes autores no que tange ao surgimento de concepções críticas e a sua relação com esporte na condição de conteúdo das aulas. A seguir, aborda-se um cabedal de particularidades vinculadas ao Basquetebol, como o seu histórico e suas características técnicas e estratégicas, além de sua prática no ambiente escolar e a participação das meninas nesse contexto. Complementa-se a revisão de literatura com apontamentos no que tange à utilização das redes sociais virtuais como potencializadoras do processo de ensino e de aprendizagem de uma modalidade esportiva como o Basquetebol.

#### **3.1 O percurso da Educação Física Escolar no Brasil**

Para a exposição de especificidades associadas à EFE, inicialmente faz-se necessária a observação de que no Brasil, esta surgiu vinculada à uma formação corporal de caráter disciplinar, apresentando um elenco de objetivos associados às questões militares, de saúde, esportivos, recreativos, estéticos e de saúde, entre outros. Não obstante percebe-se que em todos esses vieses houve a intenção de atrelar a Educação Física à garantia da obtenção da saúde (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001; BERTINI JUNIOR; TASSONI, 2013).

Em algumas ocasiões, notou-se também a sua relação como instrumento de alienação e fins políticos com o intuito de desviar a atenção da população quanto a determinadas concepções políticas e ideológicas. Não obstante percebe-se a existência de questionamentos acerca do papel da EFE a partir de uma perspectiva crítica em desacordo com a tradicional, eminentemente técnica e que valoriza o rendimento esportivo em detrimento da formação global dos alunos e da manifestação da cultura corporal de movimentos (BERTINI JUNIOR; TASSONI, 2013)

No Brasil, os argumentos que alicerçam a Educação Física sofreram mudanças no decorrer do tempo e a sua inserção no espaço escolar ocorreu em 1851 por

intermédio da reforma Couto Ferraz. Passados três anos após a reforma mencionada, passou-se a ser obrigatória a ginástica e a dança, respectivamente no primário e no secundário.

No ano de 1851 foi feita a Reforma Couto Ferraz, a qual tornou obrigatória nas escolas do município da Corte. De modo geral houve grande contrariedade por parte dos pais em ver seus filhos envolvidos em atividades que não tinham carácter intelectual. Em relação aos meninos, a tolerância era um pouco maior, já que a ideia de ginástica se associava às instituições militares; mas, em relação às meninas, houve pais que proibiram a participação de suas filhas (BRASIL, 1998, p. 19)

Anos após, em 1882, no Rio de Janeiro e também nas escolas militares e nas Escolas Normais, a ginástica foi recomendada como obrigatória tanto para rapazes como para moças. Entretanto, somente em 1920 ocorreu em outros estados da União a inclusão da Educação Física, ainda assim com o nome de ginástica, fundamentalmente prática e sem indispensabilidade de um suporte teórico que a amparasse (DARIDO, 2003). Linhaes (2009) observa que, nesse período, a prática de atividades esportivas já era percebida como uma experiência que, na qualidade de projeto cultural, assegurava a eficiência da escola como uma possibilidade de disciplinarização da vida social.

Nota-se que com o intuito de metodizar a ginásticas nas escolas, métodos ginásticos oriundos da Suécia, Alemanha e França são empregados no Brasil com a intenção de engrandecer a prática da ginástica no ambiente escolar, resultando em subsídios para a melhora da condição física dos alunos, da saúde e, também, para a capacitação dos indivíduos as atividades vinculadas ao trabalho nas indústrias (DARIDO, 2003).

No que se refere aos aspectos associados à saúde, Ghiraldelli Junior (2001) aponta que a Educação Física higienista a situa como um objetivo primordial, competindo a ela a formação de indivíduos plenamente saudáveis, onde a ginástica deveria disciplinar a todos com o intuito de quer fossem evitados os hábitos considerados prejudiciais e que pudessem comprometer a saúde e a moral da população em geral.

Assim, a perspectiva da Educação Física Higienista vislumbra a possibilidade e a necessidade de resolver o problema da saúde pública pela educação. A

ideia central é a disseminação de padrões de conduta, forjados pelas elites dirigentes, entre todas as outras classes sociais (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001, p. 17).

Nesse sentido, observa-se a Educação Física higienista associada a uma apreensão com questões voltadas diretamente para o saneamento público, com uma sociedade protegida de doenças e maus hábitos por parte dos cidadãos que viessem a desfigurar a saúde e o caráter da população em geral (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001).

Todavia, a partir do papel conferido à Educação Física de criar corpos fortes e saudáveis em oposição aos considerados doentios, isso acabou por contribuir para a disseminação de manifestações preconceituosas que representavam uma superioridade racial e social que ansiava pela criação de uma sociedade atrelada com classe dominante que comandava o país nos campos da política, da economia e da moral, distante de um cenário no qual prevalecia a marginalização socioeconômica (CASTELLANI FILHO, 2008; COLETIVO DE AUTORES, 2013). Nota-se, portanto, que o receio da elite em relação à saúde pública objetivava, de certa forma, proteger a classes mais abastadas dos graves problemas sociais existentes.

Os corpos fortes e saudáveis eram imprescindíveis ao capital e à sociedade burguesa. Em contrapartida, o processo de marginalização que obrigava boa parte da população a viver sem condições adequadas de saúde não poderia ser compreendido enquanto uma consequência das condições sociais. A biologia, através da medicina, é então utilizada para demarcar a “naturalidade” dos corpos “incoerentes” defendendo a tese de que, biologicamente, alguns organismos eram acometidos de uma debilidade natural (PRADO, 2014, p. 64).

Acerca das questões militares, a ginástica nas escolas era concebida como uma possibilidade para a formação de indivíduos considerados aptos para o combate e a luta, educando-os a partir de um comportamento social fundamentado em hábitos, atitudes e na contribuição para o desenvolvimento do país, ocasionando assim uma seleção de homens e mulheres plenamente capazes de exercerem atividades sociais e profissionais (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001; COLETIVO DE AUTORES, 2013; SILVA; FRAGA, 2014). Observa-se que tal pensamento muito colaborava para a exclusão daqueles alunos e alunas que erroneamente eram considerados como incapazes.

Torna-se considerável a observação de que, em concordância com os apontamentos presentes no estudo realizado por Prado (2014), uma seleção alicerçada tanto no discurso higienista como também no militar acarretou no controle dos corpos, instituindo uma separação destes conforme os dois gêneros e tendo a prática da Educação Física como colaboradora com a construção dessa diferenciação.

A partir das décadas de 1920 e 1930 do século passado, a prática esportiva passou a obter certa evidência no âmbito social, fazendo com que o esporte fosse transformado no modelo a ser seguido pela Educação Física. Esse modelo ganha força após o término da Segunda Guerra Mundial com o surgimento de tendências na Educação Física, como por exemplo, o Método da Educação Física Generalizada no qual o esporte, em caráter hegemônico, exercia a sua predominância (HENKLEIN, 2009). A mesma autora atenta para o fato de que até então, a Educação Física se inspirava no biologicismo e no mecanicismo que resultava em uma pedagogia tecnicista que almejava o desenvolvimento da aptidão física e das habilidades esportivas.

Já na década de 1960, com o golpe militar inferido em 1964 e que resultou na tomada do poder pelos militares além da instauração de um governo autoritário, a Educação Física, despolitizada, passa a ser tratada como um cenário no qual o esporte poderia vir a ser utilizado como ferramenta ideológica no sentido de fomentar o rendimento educacional e a impressão de um desenvolvimento com segurança traduzidos em almejados êxitos em competições de alto nível (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001; DARIDO, 2003).

Sobre esse período, Bertini Junior e Tassoni (2013) complementam com a afirmação de que por intermédio da Educação Física, o governo militar almejava o estabelecimento de um exército forte no sentido de desmobilizar segmentos opositores ao regime, utilizando para isso também a seleção brasileira de futebol que simbolizava a solidificação de uma nação em evidente desenvolvimento, mesmo com um governo autoritário e ditatorial.

Essa influência do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física o eleva ao status de elemento prevaiente da cultura corporal, fazendo com que essa condição ocasionasse o entendimento do esporte como da escola, e não na escola.

Nesse contexto, as metodologias eram utilizadas de maneira diretiva, com a constante prática de gestos específicos esportivos de forma repetitiva, fazendo com que o esporte fosse tratado de maneira resumida e alicerçado apenas no "saber fazer" por parte dos alunos e alunas (DARIDO, 2003; COLETIVO DE AUTORES, 2013; CAGLIARI, 2018).

A década de 1980 figura como um marco sinalizando a demonstração de força do discurso pedagógico que legitimou a posição da EFE. O êxito dessa condição foi auferido pela escola que, contrapondo-se ao discurso tradicional, investe numa perspectiva que, em última análise, permitiu a validação da cultura corporal e da Educação Física para a cidadania (DARIDO, 2003). É quando transformações começam a ocorrer, iniciando um conjunto de debates que ficou conhecido como Movimento Renovador da Educação Física Brasileira, o qual apresentou grande aporte para a Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 2013; GINCIENE, 2016; MACHADO; BRACHT, 2016). Esse Movimento apresentava como um dos seus elementos a anexação de hipóteses balizadoras para a sua comprovação, fato que provocou reflexões acerca de suas práticas pedagógicas.

Essas reflexões ocasionaram, diante das críticas aos modelos pedagógicos e didáticos característicos do treinamento desportivo que foram transferidos para o espaço escolar, uma crise de identidade na Educação Física no sentido de perceber pontos que até então não se faziam presentes em seu universo (CARLAN et al., 2012; MACHADO; BRACHT, 2016).

Vianna e Lovisolo (2009) remetem-nos ao fato de que a aproximação das ciências humanas e naturais da Educação Física Escolar a partir dos anos 1980 pode ter sido um fator de grande influência para o surgimento do Movimento Renovador da Educação Física Brasileira, ocasionando uma concepção crítica do paradigma do esporte praticado no espaço escolar, além de outras tendências pedagógicas que se opunham à instrumentalização da escola mediante a uma educação tecnicista.

Essas propostas buscavam ser um antídoto para um conjunto de características da cultura corporal ou de movimento que, poderiam ser produtoras de falsa consciência e transformadoras dos sujeitos em objetos ou consumidores acríticos da indústria cultural – em especial o esporte (VIANNA; LOVISOLO, 2009, p. 886).

Não obstante questiona-se até que ponto a Educação Física, na condição de componente curricular obrigatório, progrediu acerca do discernimento crítico em relação ao esporte como conteúdo das aulas nessas mais de três décadas.

Nesse período, inspirado pelo novo cenário sociopolítico que passava a se configurar no país no qual o processo de redemocratização tomava a forma e a reordenação dos pressupostos norteadores da Educação Física, o esporte de alto rendimento das escolas passava a ser criticado com veemência, surgindo, assim, diversas maneiras de concepção voltadas para a Educação Física Escolar, todas elas com a intenção de desfazer aquele modelo eminentemente mecanicista (DARIDO, 2003).

Essas concepções marcam um período considerado como de denúncia a respeito da forma como o esporte era praticado no âmbito escolar, visto de certa forma como um processo de alienação e consolidação de uma realidade social que ratificava o poder econômico da classe mais abastada sobre os menos favorecidos, além da maneira precoce de como ele era ensinado para as crianças. Trata-se de concepções que interpretam a Educação Física como um ambiente propício para o ensino do esporte-competição e não como um meio, como objetivo da melhoria da saúde e da qualidade de vida, como qualidade do movimento e do desenvolvimento motor, como meio de transformação social e na perspectiva da cultura (DARIDO, 2012; KUNZ, 2014).

Refere-se, portanto, a um momento singular na história da Educação Física que definiu a oposição severa ante a visão tida como tradicional e acrítica diante de propostas emergentes e reflexivas. Nessa perspectiva, considera-se que a forma explícita ou implícita desse embate que subjaz a emergência das novas propostas provocou o surgimento de um verdadeiro manancial de abordagens no campo da Educação Física, tornando-o fértil e promissor para a sedimentação de discussões de cunho acadêmico e profissional. Na prática, esse processo propiciou a criação de várias abordagens que hoje estão presentes no âmbito da escola. Nota-se que essas abordagens possuem as suas especificidades, por exemplo, algumas apresentando um referencial teórico pautado na crítica, outras na construção do conhecimento ou baseadas no comportamento motor, apresentando o conceito de cultura corporal com diversas denominações (BERTINI JUNIOR; TASSONI, 2013; FRAIHA, 2016).

Considera-se que o maior contributo que essas concepções proporcionaram talvez tenha sido a procura de uma EFE que almejasse dialogar com as diversas dimensões do ser humano, mesmo que essa nova realidade não tivesse representado o completo abandono de um modelo associado ao esporte da escola, ainda hoje bastante presente no cotidiano das aulas e em dissonância com princípios voltados para a inclusão e a diversidade (DARIDO, 2003).

Nos anos 1990, a Educação Física passa ser vista como um dos pilares essenciais da formação do cidadão como um todo e, de acordo com o artigo 26, parágrafo 3º da LDB 9394/96, deveria estar presente em toda a escolaridade fundamental. Faz-se necessário lembrar que a Educação Física está presente nas escolas desde o ano de 1851, entretanto, somente nesse instante que ela se transforma em um componente curricular obrigatório da Educação Básica. Sobre isso, Bertini Junior e Tassoni (2013) percebem uma preocupação com a reorganização da Educação Física Escolar acerca de seu currículo, pensando-se nela de maneira integrada.

Entretanto, pode-se perceber ainda que nem todas as instituições educacionais reconhecem a sua importância como contributo para a formação global dos alunos. Diante desse quadro, a prática da EFE acaba muitas vezes sendo colocada em segundo plano, sendo considerada apenas como um momento em que os alunos “rolam a bola”, não se reconhecendo o verdadeiro valor que existe em relação à mesma.

Ainda nos anos 1990, o Ministério da Educação e do Desporto (conforme denominação na época) elabora e lança os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com o intuito de oferecer aos professores subsídios para a elaboração dos currículos e para a reflexão acerca da prática docente. Neles são oferecidas indicações a respeito de formas de organização de alguns contextos, por exemplo, a inclusão e a integração, o que remete a EFE a uma função social.

A sua publicação foi oriunda do movimento de reorientação iniciado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, representando uma nova compreensão no que tange ao processo educativo que privilegiava as aprendizagens. Sobre a Educação Física, nota-se que os PCNs muito colaboraram para solidificar a sua prática educativa

a partir da obrigatoriedade de acrescentá-la como componente curricular na proposta pedagógica das escolas (GRAMORELLI; NEIRA, 2009).

Wachholz (2015) acrescenta que os PCNs apresentam em relação à Educação Física um cabedal de possibilidades a respeito da sua aprendizagem que podem ser empregadas como recursos como, por exemplo, o esporte coletivo, a apreciação e a discussão acerca de determinados temas. Trata-se de sugestões para mudanças de enfoque nas aulas desse componente curricular obrigatório, substituindo as aulas ditas tradicionais.

Consta nos PCNs um documento próprio para a Educação Física no qual apresentava a cidadania como eixo norteador, onde significava que esta seria responsável, por intermédio das atividades corporais, pela formação dos alunos e alunas no que tange a atitudes de respeito, dignidade, solidariedade e valorização, entre outras.

E a respeito das atividades corporais, é relevante a menção de Cagliari (2018), onde é observado que essa concepção aumenta a possibilidade de os alunos vivenciarem diferentes práticas, por exemplo, as danças, os jogos, as brincadeiras, atividades circenses, práticas corporais alternativas e atividades de aventura. Ressalta-se que no documento ocorre uma valorização do exercício do pensamento crítico voltado, por exemplo, para discussões acerca de diferentes grupos sociais, da inclusão e a diversidade de padrões de beleza (DARIDO, 2003; GRAMORELLI; NEIRA, 2009).

Sobre princípio da inclusão, este tratou-se de um dos pressupostos que mereceram destaque diante de modificações percebidas para o ensino da Educação Física. Esse princípio está vinculado a um pensamento pedagógico voltado para a participação nas aulas por parte dos alunos e alunas, não considerando habilidades esportivas específicas e oportunizando a todos a inserção na cultura corporal e a construção de conhecimentos vinculados ao pensar e ao fazer (GRAMORELLI; NEIRA, 2009).

Percebemos que o Princípio da Inclusão que inspira a ação didática contribui para uma certa formatação na ação pedagógica dos professores e coloca em xeque a anterior valorização da aptidão física com respaldo das ciências biológicas que, por décadas, influenciou a área, sobretudo, quando se observam os textos oficiais (GRAMORELLI; NEIRA, 2009, p. 112).

Em relação ao Ensino Fundamental, os PCNs tratam os conteúdos vinculados à cultura corporal do movimento, considerando as características da sociedade brasileira no que se refere às possibilidades de lazer, à promoção da saúde e às relações socioculturais. Levam-se também em consideração as múltiplas especificidades dos alunos e alunas, principalmente no âmbito cultural a partir das considerações voltadas para as características de cada região do país. Ressalta-se que, nesse sentido, os conteúdos a serem aplicados no espaço escolar são os esportes, os jogos, as lutas, ginásticas, conhecimentos sobre o corpo e atividades rítmicas e expressivas (BRASIL, 1998).

E dentre esses conteúdos, o esporte (um dos cerne da presente pesquisa) é compreendido ainda por muitos professores de Educação Física como um fim, e não como uma possibilidade de interação social e respeito mútuo entre os seus praticantes, em parte por ser ele um dos temas mais discutidos no âmbito acadêmico, invariavelmente a partir de um viés crítico no que tange à influência da instituição esportiva em relação às ações de cunho pedagógico praticadas no ambiente escolar. Essa influência se baseia em diversas ocasiões na exclusão, no caráter competitivo das atividades e na padronização das regras (RICHTER et al., 2011).

E nesse ambiente escolar, o destaque do esporte ainda é considerado bastante evidente na condição de conteúdo das aulas de Educação Física, assim como uma atividade extracurricular, já que as equipes esportivas formadas pelos alunos e alunas representam a possibilidade de evidência das escolas no cenário esportivo quando são obtidos bons resultados em competições. Há também a ideia de que o esporte é visto como um instrumento fundamental para a formação cidadã dos jovens (VIANNA; LOVISOLO, 2009). Entretanto, é válido ressaltar que as abordagens socioculturais estabelecidas nas últimas décadas contribuíram para uma grande quantidade de críticas acerca do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, principalmente em relação ao seu conservadorismo e seu caráter reprodutivista (RODRIGUES; DARIDO, 2008).

Enfatiza-se que em se tratando do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, o seu ensino não deve estar vinculado unicamente aos gestos técnicos específicos de cada modalidade. Nesse aspecto, o gesto técnico pode até ser privilegiado, mas que a construção dos movimentos tenha um significado para os

alunos e alunas e que se torne possível uma prática de caráter autônomo voltada para o lazer, a cooperação e o desenvolvimento das capacidades críticas por parte dos alunos (RODRIGUES; DARIDO, 2008). Nota-se também que o esporte deve ser representar uma contribuição para a formação global dos alunos e alunas, sendo imprescindível que o processo de seu ensino e de aprendizagem trilhe no mesmo caminho (ANTONELLI et al., 2012)

Destaca-se a menção ao esporte acima para apontar que a prática sistematizada de uma modalidade, por exemplo, o Basquetebol, pode apresentar, de acordo com o papel exercido pelo professor, características democráticas ou autoritárias, levando o seu praticante à reflexão sobre o movimento esportivo ou abster-se de qualquer forma de desenvolvimento cognitivo. Isto posto, acredita-se que o emprego do esporte com conteúdo das aulas deve estar amparado pela interferência pedagógica do professor para que o modelo tradicional não seja a referência para o desenvolvimento das ações oportunizadas aos alunos (VIANNA; LOVISOLO, 2009; CAGLIARI, 2018).

Contudo, nota-se que, mesmo a considerar a realidade de que outros conteúdos são trabalhados em aula em consonância com as orientações apresentadas nos PCNs, ainda há relativa predominância das modalidades esportivas mais tradicionais (as que muitos as definem como "quarteto fantástico"), fato que leva à reflexão quanto ao papel que o esporte ainda exerce no campo da Educação Física Escolar (SILVA et al., 2009). Essa função reforça a ideia do esporte ainda com um expressivo destaque na sociedade contemporânea, ideia corroborada por Richter et al. (2011). Moreno (2006) também ressalta que o esporte, na condição de fenômeno sociocultural, inspira os mais diversos setores da vida social, por exemplo, a educação, a política e o lazer.

Portanto, o ambiente escolar não deve se encontrar indiferente ao esporte, seja nas aulas de Educação Física ou até mesmo nos momentos e espaços nos quais a sua prática por parte dos alunos e alunas seja possível sem a necessidade imediata de utilizá-lo como conteúdo. Todavia, enfatiza-se que nesse contexto há a necessidade de que os professores e professoras de Educação Física percebam o modelo do esporte de alto rendimento não deva ser visto como o mais eficaz em se tratando de uma prática pedagógica que almeje a construção por parte dos alunos e

alunas da sua percepção como uma atividade desprovida de discriminações e a interação entre todos os participantes.

O ambiente escolar deve representar um campo fecundo para que no plano cultural, o esporte não seja percebido unicamente pela possibilidade da obtenção de rendimento e bons resultados em competições, mas também pela construção de valores vinculados à sua prática, por exemplo, a inclusão de todos em dissonância com o preconceito contra a maioria dos alunos e alunas que acabam sendo considerados "ruins".

Gaya et al. (2004) observam que ainda há uma considerável quantidade de professores de Educação Física ligados ao ambiente escolar que apresenta certa resistência à adoção da prática sistematizada de modalidades esportivas como um modelo de formação e educação dos jovens. Os mesmos autores apontam que a origem de tal concepção está ligada à competição esportiva, considerada por muitos como o aspecto mais perverso do esporte. O principal argumento relacionado a esse quadro aponta para o fato de que a prática formal de atividades esportivas pode promover a formação de valores distorcidos de concorrência e de individualismo, em detrimento de questões voltadas para a solidariedade, o companheirismo, a cooperação e a igualdade.

Sobre o papel da escola diante desse quadro, Wachholz (2015, p. 18) comenta que:

A escola é o lugar destinado a garantir a todas as crianças e adolescentes condições de construção do conhecimento. As aulas de Educação Física a serem desenvolvidas também devem apresentar tal direcionamento, colaborando, assim, para a construção dos conhecimentos, imprescindível ao desenvolvimento integral do cidadão.

Nesse bojo, a representatividade da escola no contexto da prática esportiva é percebida como fundamental para a promoção do contato direto dos jovens com o esporte, já que se faz presente em muitas comunidades e, além disso, há a presença de professores especializados e instalações relativamente apropriadas. Trata-se de uma realidade que, conforme mencionado anteriormente, nem sempre é encontrada em nosso país.

No mesmo cenário, as escolas são reconhecidas como os estabelecimentos muito utilizados e com o menor custo para a promoção da prática sistematizada de modalidades esportivas. Um ambiente onde, na maioria das ocasiões, a atividade esportiva pode ocorrer regularmente, independente da formação sociocultural e econômica dos praticantes (CALE; HARRIS, 2006; DUDLEY et al., 2012; KANTERS et al., 2013).

Nesse caso, diferente da realidade desses autores, é relevante a observação de que há no Brasil uma considerável quantidade de escolas que lamentavelmente não acompanham essa visão, seja por razões econômicas, sociais ou culturais, o que torna o esporte uma prática nem sempre ao alcance de todos.

Para Souza e Baccin (2009), é importante salientar que o ensino e a prática de modalidades esportivas são considerados pelos alunos como fundamentais para a absorção dos conhecimentos associados à Educação Física Escolar e seus conteúdos, a considerar que a sua captação permite a demonstração das atividades corporais cada vez mais desenvolvidas na medida em que a prática social se torna mais apurada. Nesta mesma linha, observa-se que a prática esportiva nas aulas de Educação Física Escolar representa uma possibilidade de renovação da educação, a partir do instante em que a quebra de rotina concede à escola, aos alunos e às alunas o dinamismo, o entusiasmo e o prazer indispensáveis a um ambiente educacional (MARQUES, 2004).

O emprego do esporte como conteúdo das aulas deve privilegiar a valorização de conceitos, valores e atitudes, todos no mesmo nível de importância, pois a Educação Física possui uma amplitude maior do que o mero processo de ensino e de aprendizagem voltado para a execução de técnicas específicas de uma determinada modalidade como, por exemplo, o Basquetebol. Tal processo necessitará de ações em que a criança ou o adolescente, ao vivenciá-lo, possa identificar o objetivo ou a finalidade do que está sendo executado. (DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2007).

### *3.1.1 A Educação Física Escolar, o esporte e a construção do pensamento crítico*

Em diversos cenários, percebe-se ainda a Educação Física como uma prática pedagógica atrelada a um entendimento associado ao ensino tecnicista de

determinadas modalidades esportivas (WACHHOLZ, 2015). Não obstante, Ghiraldelli Junior (2001) a compreende como uma efetiva contribuição para a ampliação da consciência social e crítica dos alunos e alunas, tendo em vista a sua participação ativa na prática social, além da possibilidade oferecida aos alunos de debaterem acerca de temas que envolvem, por exemplo, o direito de todos à participação das atividades realizadas nas aulas. Diante de tal abordagem, o mesmo autor aponta que os objetivos da EFE são determinados politicamente, conforme os interesses em jogo nas relações sociais. Prado e Ribeiro (2010) complementam com a afirmação de que a EFE deve priorizar o seu viés formativo, social e político com o intuito de que questões que envolvam as distinções entre alunos de ambos os gêneros sejam motivações para discussões e reflexões por parte de todos.

Nesse contexto, Ghiraldelli Junior (2001) compreendeu a EFE como uma efetiva contribuição para a ampliação da consciência social e crítica dos alunos e alunas, tendo em vista a sua participação ativa na prática social. Essa ampliação da consciência social representa para Gur-Ze'ev (2011) um desafio para o espírito crítico que, neste caso, significaria uma postura emancipatória por parte dos alunos e alunas. Brown e Macdonald (2011) interpretam esta postura citando ações em que o aluno e a aluna aprendem o que é, para onde vão, a comunicar-se com o mundo, a discernir a amplitude dos seus deveres, a compreender seus direitos e analisar as características do meio em que vivem.

Estabelecendo-se uma conexão com o desenvolvimento da consciência crítica já mencionada, outro aspecto a ser evidenciado quando se trata da prática esportiva nas aulas de Educação Física é a atuação da competência social comentada por Kunz (2014). Nesse aspecto, a possibilidade de se discutir situações de diferenças entre os indivíduos e os diversos tipos de discriminação muitas vezes ocasionada pela socialização específica dos sexos, em diversas ocasiões caracterizada nas aulas de EFE. Sobre isso, Kunz observa que as ações promovidas pelo professor devem ser prioritariamente coeducativas, apresentando, se possível, o esporte como um caminho para superar problemas apresentados na sociedade voltados, por exemplo, para a opressão à mulher, dominação irracional dos homens e a distinção de direitos na Educação Física e no esporte os quais devem ser preservados, praticados e respeitados por todos.

Observa-se que a racionalidade em oposição ao quadro supramencionado pode ser responsável por uma alteração numa realidade social na qual os processos de desumanização ganham espaço por intermédio de uma opressão pela cultura (GUR-ZE'EV, 2011). Percebe-se que a resistência por parte dos indivíduos é encarada como a única manifestação favorável à busca pela justiça contemporânea, sendo interpretada como uma superação emancipatória da alienação e também de uma falsa consciência. Uma superação que pode ser impulsionada pelo despertar da consciência crítica dos alunos ocasionada pela prática progressista dos professores de EFE (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001).

Reconhece-se o papel da EFE no sentido de, por intermédio das ações devidamente planejadas e organizadas pelo professor, resgatar os valores que verdadeiramente possam socializar, privilegiar o coletivo sobre o individual, garantir a solidariedade e o respeito humano (ASSIS, 2010). Diante disso, percebe-se que a Educação Física pode se transformar em uma possibilidade a mais em prol do desenvolvimento global dos alunos e alunas e na construção do pensamento crítico destes.

Baseando-se no conceito acima estabelecido, Seabra Junior et al. (2004) apontam que a EFE pode contribuir com o desenvolvimento integral do indivíduo, a partir da formação de uma consciência crítica, com o exercício pleno da cidadania e com o próprio engrandecimento da consciência corporal, partindo da premissa de que o conhecimento do corpo precede a descoberta e integração do mundo exterior.

É sempre importante lembrar que a EFE é, antes de tudo, educação. Os objetivos propostos e que são voltados para a construção de valores e da conscientização por parte dos alunos e alunas em geral se estendem também a este componente curricular obrigatório que, “como ato educativo, está voltada para a formação do homem tanto em sua dimensão pessoal como social” (GALVÃO, 1995, p. 2). A mesma autora ainda observa que os objetivos a serem alcançados pela EFE não podem estar direcionados exclusivamente aos conteúdos associados ao movimento, mas sim, na maneira pela qual estes são transmitidos.

Nesse caso, percebe-se a necessidade por parte dos professores em associarem as suas ações pedagógicas à inevitabilidade, o anseio pela mudança. E para tal, nota-se a importância da conscientização do professor de Educação Física

no que tange ao seu compromisso com a prática docente transformadora e o seu objetivo principal: a formação global dos alunos e alunas.

Diante do pensamento exposto acima, evidencia-se a necessidade da compreensão e a conscientização por parte dos professores de Educação Física que atuam no ambiente escolar de fazer presente em sua prática pedagógica uma concepção crítica. De outra forma, esse conceito não será encarado de outra forma senão um mero discurso ideológico que nos remeterá à impossibilidade de uma transformação social.

Todavia, mesmo que a EFE no Brasil venha refletindo sobre as alterações de paradigma acerca de suas concepções pedagógicas, as suas ações ainda não representaram transformações diretamente relacionadas, por exemplo, às questões de gênero, considerando que em oposição a uma consciência crítica, os professores em diversas ocasiões resistem à implementação de aulas mistas no sentido de não reproduzir aspectos discriminatórios em relação à participação das meninas nas aulas, por exemplo. Segundo Cruz e Palmeira (2009), esta conduta por parte dos professores de Educação Física representa uma sólida oposição aos objetivos propostos por tendências consideradas renovadoras.

Ao divagar a respeito da construção do pensamento crítico no âmbito da Educação Física, percebe-se que em diversas ocasiões prevalece uma realidade atrelada ao conservadorismo, onde a tradição familiar, a religião e determinados paradigmas sociais diminuem o espaço para o diálogo, da conscientização e da visão crítica por parte dos alunos e, infelizmente, muitos professores (MARIMON; ROMÃO, 2009).

A partir de tal observação, identifica-se uma nítida relação da Educação Física escolar com aspectos culturais e sociais. Porém, o que se deseja é que a Educação Física se baseie nessa relação e encontre fórmulas capazes de utilizar o trabalho corporal e o movimento, inerentes de suas aulas, como agentes promotores da conscientização dos alunos e alunas perante aos diversos questionamentos e problemas existentes nos dias atuais, entre eles, a igualdade de gênero.

### 3.2 A prática de atividades esportivas em ambiente escolar

Gaya et al. (2004) afirmam que a prática esportiva nas aulas de Educação Física representa uma possibilidade de renovação da educação, a partir do instante em que a quebra de rotina concede à escola o dinamismo e o entusiasmo indispensáveis. E em se tratando do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, pensa-se que a escola deve sempre encontrar justificativas para acolhê-lo, tendo em vista o seu valor educativo e os benefícios que ele pode oferecer aos alunos e alunas (GRAÇA, 2004).

Pode-se considerar o fato de que, em diversas situações, a maneira como o esporte é abordado nas aulas de Educação Física contrasta com as expectativas dos alunos e alunas. Sobre isso, Graça (2004) verifica que não faltam evidências do quanto a maneira tradicional do ensino do esporte, baseada em exercícios repetitivos e estereotipados, está saturada e, com isso, acaba por promover a exclusão dos alunos e alunas de menor habilidade em favor daqueles mais fortes, hábeis e agressivos.

Mas diante dessas observações feitas em relação ao ensino dos esportes nas aulas de Educação Física, questiona-se: como este pode ser conduzido pelos professores de forma que as ações pedagógicas venham a contemplar os anseios e as necessidades dos alunos e alunas?

As observações que possam contribuir para a construção da resposta para esta questão se iniciam com a afirmação de que para que uma proposta pedagógica possa ser fundamentada, torna-se imprescindível a consideração de dois fatores, a saber, o desenvolvimento dos aspectos técnicos de uma modalidade esportiva e, principalmente, a possibilidade de intervenção junto aos alunos e alunas a respeito de questões vinculadas a princípios e valores. Ressalta-se, ainda, a importância do estabelecimento do equilíbrio entre os dois aspectos mencionados (PAES; BALBINO, 2009). Barroso e Darido (2009) acrescentam a tal conceito a afirmação de que como conteúdo das aulas de Educação Física, nota-se que o esporte, pela sua tradição e também pela constante presença na sociedade, necessita de procedimentos pedagógicos apropriados.

Nessa perspectiva, afirma-se que para que os alunos e alunas venham a adquirir um vasto conhecimento a respeito de um determinado esporte, a eficaz execução de gestos específicos não é suficiente sem a percepção a respeito dos motivos de sua realização bem como a atribuição de valores e ações apropriadas para a prática esportiva.

Dessa forma, Darido (2010) aponta que em se tratando do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, este deve abranger não unicamente as suas especificidades técnicas, mas também os seus conceitos, processos, modos de atividades, métodos de compreensão, valores associados à sua prática, convivência social, entre outros fatores. Darido complementa com a afirmação de que a EFE não deve se contentar apenas com o ensino da técnica ou até mesmo com as capacidades físicas, mas também se preocupar com a relevância da integração dos alunos e alunas na esfera de sua cultura corporal.

Diante de tal observação, nota-se a importância da condição do professor de Educação Física em perceber que ao empregar o esporte como conteúdo das aulas, o domínio da técnica, das estratégias e das regras oficiais não deve se desassociar da reflexão a respeito das diferentes manifestações e concepções de uma modalidade esportiva.

Na condição de componente curricular obrigatório, a Educação Física não deve se restringir apenas à transmissão aos alunos e alunas dos saberes conceituais e corporais, pois como integrante de um sistema cultural, ela deve conservar a preocupação com a transmissão de valores na intenção de contribuir para a formação cidadã dos alunos e alunas. Nesse caso, a Educação Física com o seu conjunto de informações específicas, deve estar compromissada com o respeito pela diversidade e a diferença em prol do bem comum (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; FREIRE; MEDEIROS, 2016; CAGLIARI, 2018). Complementa-se com a observação de que o esporte como conteúdo das aulas de Educação Física deve ser reconhecido pela sua evidência social, não devendo ser tematizado a partir de uma reprodução lógica (o esporte na escola) que acarretaria uma visão limitada dessa prática social por parte dos alunos e alunas (STIGGER, 2009).

Em se tratando do ensino de modalidades esportivas coletivas como o Basquetebol no espaço escolar, Casarim et al. (2011) comentam que as ações

pedagógicas devem estar amparadas na promoção de ações desafiadoras para os alunos nas quais as situações problemáticas são incessantemente apresentadas, onde a partir destas, as tomadas de decisão são estabelecidas e, conseqüentemente, a criatividade e a capacidade de avaliação dos alunos e alunas são estimuladas, tanto no âmbito individual como coletivo.

A situação se apresenta, portanto, em dissonância com a aprendizagem dos jogos por intermédio de gestos repetitivos e estereotipados. Os mesmos autores complementam com a afirmação de que para o processo de ensino e de aprendizagem de modalidades esportivas como, por exemplo, o Basquetebol, faz-se necessária a orientação no sentido de oportunizar aos alunos e alunas a compreensão e a resolução dos problemas ocorridos. Nesse sentido, observa-se a possibilidade da valorização e o respeito em relação às particularidades das ações ocorridas, bem como a competência do aluno em responder a elas.

Apoiado nesse conceito, reconhece-se o valor educacional do esporte desde que seja apresentado num formato que objetive a formação integral dos alunos e alunas, devendo ser aplicado de maneira construtiva e por professores capacitados para desenvolver esse conteúdo de forma adequada.

A contemporaneidade do esporte exige que o profissional de educação física compreenda o esporte e a pedagogia de forma mais ampla, transformando-os em facilitadores no processo de educação do ser humano. Nesse contexto, é preciso ir além da técnica e promover a integração dos personagens, o que só será possível se essa proposta pedagógica estiver fundamentada também em uma filosofia norteada por princípios essenciais para a educação dos alunos (PAES; BALBINO, 2009, p. 75).

Deste modo e conforme já mencionado, ensinar apenas algumas habilidades de uma modalidade esportiva específica não é plenamente satisfatório. Ensiná-las sim, é relevante no contexto da EFE, mas também com o entendimento por parte do professor a respeito da necessidade da promoção de debates no que tange, por exemplo, aos valores morais e experiências associadas aos aspectos afetivo-sociais (GALATTI; PAES; DARIDO, 2010). Segundo os mesmos autores, tais debates devem abranger:

- Promoção da discussão de princípios, valores e modos de comportamento;

- Promoção da participação, inclusão, diversificação, coeducação e a autonomia;
- Proposição da troca de papéis (colocar-se no lugar do outro);
- Construção de um ambiente favorável para desenvolvimento de relações intrapessoais e interpessoais (coletivas);
- Estabelecimento de relações entre o que acontece na aula de esportes com a vida em comunidade GALATTI; PAES; DARIDO, 2010

Pensa-se que o esporte deve ser apresentado nas escolas com o intuito de oferecer aos alunos e alunas uma formação que privilegie os aspectos motores, cognitivos, culturais, sociais e afetivos, enfatizando-se o ensino do esporte e, também, por intermédio deste (MACHADO et al., 2012). Dessa forma, almeja-se a superação do ensino do esporte de forma reconhecida como tradicional, na qual se prioriza unicamente a aprendizagem de técnicas esportivas específicas e nem sempre o utilizando com um meio voltado para a educação que oportunizem aos alunos momentos de debates acerca de conceitos, valores morais e atitudes.

E na demanda por propostas renovadas voltadas para o fazer e o pensar em relação ao processo de ensino e de aprendizagem do esporte, destacam-se as abordagens da Pedagogia do Esporte (PE) (CAGLIARI, 2018). Segundo Bento (2006), esta assume o compromisso de analisar e interpretar o esporte à luz das perspectivas pedagógicas, refletindo sobre o seu significado diante da formação, da educação e da condição humana no homem. Nota-se a partir dessa observação uma tentativa de rompimento com a forma tradicional de se pensar e ensinar o esporte.

Ao comentar a respeito da PE, Bento (2006, p. 27) complementa ao afirmar que ela:

Aborda o teor moral da prática desportiva, servindo-se de ideais pedagogicamente construídos. É com esse intuito que visa elaborar orientações que enfatizem o humano, o ético, o moral e o correto do ponto de vista do desporto e do ponto de vista da Pedagogia.

No mesmo sentido, Antonelli et al. (2012) observam que a PE possibilita a alteração de uma metodologia considerada tecnicista para uma metodologia baseada no jogo, na criação de novas ações motoras e no estímulo à criatividade e a solução

de problemas em grupo, o que possibilita o estabelecimento das relações sociais. "Portanto, a proposta das novas tendências da PE, ao invés de focar na repetição de movimentos, visa a exploração de movimentos para enriquecer o acervo de soluções de respostas dos praticantes" (ANTONELLI, et al., 2012, p. 55).

Para Rufino e Darido (2012), a PE tem como preocupação o estudo sistematizado dos aspectos educacionais e dos processos de ensino e de aprendizagem associados ao esporte. Nessa condição, a PE não se limita unicamente à Educação Física pois, segundo os mesmos autores, ela não somente estuda as mais diversas práticas esportivas e corporais, mas também se interessa pelos sujeitos que as praticam, abrangendo todas as faixas etárias, gêneros e condições sociais.

Scaglia et al. (2014) entendem que a aprendizagem de um jogo ocorre a partir do entendimento dos seus princípios e a sua lógica a respeito da elaboração de ações diante de uma determinada situação, tornando assim o aluno e a aluna ativos do processo. Nesse contexto, enfatiza-se a viabilidade de oportunizar aos alunos e alunas um conhecimento acerca de suas diversas perspectivas em atividades que, bem conduzidas pelo professor de Educação Física, podem ser valorizadas tanto quanto as diversas situações ocorridas no jogo, as relações com os adversários e com os próprios companheiros (SCAGLIA et al., 2014).

Sob esse aspecto, nota-se que o esporte pode ser compreendido como uma ferramenta educacional, sendo necessário evidenciar para quais alunos e alunas ele será ensinado. E nesse processo, é importante assegurar a condição do aluno e da aluna como principais sujeitos, evitando-se metodologias reducionistas que impedem a reflexão em uma perspectiva crítica acerca de conceitos e valores associados ao esporte (RUFINO; DARIDO, 2012).

Percebe-se, portanto, a caracterização da PE como um campo direcionado para reflexões e preceitos de âmbito didático e pedagógico associados à prática esportiva. Mas diante dessa abordagem, considera-se, a partir das suas possíveis contribuições, ser ela um caminho a ser seguido pelos professores de Educação Física?

Para Paes e Balbino (2009), é necessário, para o atendimento aos anseios dos alunos, que o professor de Educação Física compreenda a importância da promoção de um equilíbrio entre o aprendizado da técnica e os valores humanos, tendo como

referências os aspectos metodológicos e socioeducativos. Assim, em se tratando da utilização do esporte como conteúdo das aulas, deve-se considerar a necessidade, por parte dos professores de Educação Física e de toda a comunidade escolar, de se estabelecer um ambiente onde se caracterize de maneira explícita a ocorrência de procedimentos e princípios pedagógicos que representem contributos para o desenvolvimento global dos alunos. Desta maneira, o esporte e as suas inerências não precisam e nem devem ser rejeitadas, assim como a sua função educativa.

### **3.3 O espaço escolar: o Basquetebol e a sua prática pedagógica**

A EFE tem merecido inúmeras reflexões no que se refere aos seus conteúdos. Em diversas ocasiões eles são desenvolvidos aleatoriamente, mas percebe-se que o seu ensino numa dimensão conceitual possibilita uma aprendizagem eloquente, a partir do instante em que o aluno tem a oportunidade de apropriar-se de um conhecimento científico que o levará a uma reflexão crítica, contribuindo assim para o aperfeiçoamento de competências relacionadas ao seu papel social, além do desenvolvimento de habilidades afetivas, motoras e de relacionamento social (DARIDO; RANGEL, 2005; BARROS; DARIDO, 2009).

No que tange ao ensino de uma modalidade esportiva como o Basquetebol em uma dimensão conceitual, González e Bracht (2012) observam inicialmente que as informações a serem trabalhadas sejam selecionadas e desenvolvidas de maneira substancial, de forma que a construção do conhecimento seja estabelecida com o auxílio de algumas estratégias sugeridas pelos autores. Por exemplo, a partir de situações que provoquem uma dissociação entre as práticas sociais dos alunos e as novas informações acerca do Basquetebol, provocando uma reformulação por parte de todos sobre a concepção do que está sendo debatido.

Já na dimensão procedimental, Andrade e Santana (2013) indicam que a prática do Basquetebol nas aulas de Educação Física deve ser percebida pelos professores como uma forma de desenvolvimento espontâneo das habilidades por parte de todos os alunos. Para isso, os autores apontam a necessidade da realização dos movimentos específicos do jogo com o principal intuito de promover a satisfação dos alunos, e não a preocupação com o rendimento. Esse procedimento pode

representar, além do desenvolvimento das habilidades motoras, uma maior motivação para a participação nas aulas. Mas mesmo diante dessa observação, é interessante reafirmar que a inserção do Basquetebol nas aulas de Educação Física deve transpassar o desenvolvimento de habilidades, pensando-se também na sua contribuição para a formação cidadã dos alunos e alunas.

Por isso, já na dimensão atitudinal, pensa-se que o ensino do Basquetebol no espaço escolar pode oportunizar o crescimento dos envolvidos nos campos da responsabilidade, integridade, cooperação e convívio social, acarretando assim em uma autonomia necessária para tomar decisões e o aumento da autoestima. Portanto, entende-se que a sua prática possa estar presente na formação geral dos alunos e alunas.

Sobre o espaço escolar, Wachholz (2015) colabora com a afirmação de que o emprego do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física deve estar associado ao entendimento de cultura corporal de movimento, evitando-se com isso, a sua aplicação voltada apenas para o "saber fazer". Nessa condição, o autor observa que o aluno e a aluna devem ser tidos como os sujeitos ativos do processo de ensino e de aprendizagem.

Stigger (2009) reforça com a observação de que, como ambiente formal, a escola representa, talvez, o principal pilar da educação. E em se tratando das aulas de Educação Física, o ensino do Basquetebol deve ser interpretado como uma importante prática pedagógica que, por intermédio de sua aplicação, possibilita ao praticante um convívio com experiências atreladas ao seu desenvolvimento, e não apenas ao já citado "saber fazer".

Tal fato vem provocando profundas reflexões no que tange à aplicação de metodologias de ensino empregadas nas aulas, principalmente aquelas que privilegiam os aspectos técnico-táticos da modalidade. Sobre essa questão, Galatti, Paes e Darido (2010) afirmam que o processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol não deve se limitar apenas ao ensino de técnicas específicas, mas também a experiências relacionadas a questões afetivo-sociais. Os autores enfatizam a relevância de se organizar o processo de ensino e de aprendizagem dos jogos coletivos, aqui em particular o Basquetebol, no sentido de oferecer aos mesmos um tratamento pedagógico coerente com o ensino formal, sequenciando os

conhecimentos relacionados às modalidades coletivas e indo além dos aspectos técnico-táticos destas.

Ao comentarem a respeito de como ensinar um jogo coletivo como o Basquetebol, González e Bracht (2012) apontam que podem ser identificados três elementos-chave relacionados às aulas, a saber, as tarefas, a intervenção do professor e, complementando, o papel conferido ao aluno no decorrer desse espaço-tempo. Sobre as tarefas, estas se referem às atividades sugeridas pelo professor e que envolvem o grau de dificuldade e o prazo para a sua execução, podendo elas ser classificadas em categorias e caracterizadas por apresentarem ou não a interação com adversários. Os autores lembram que o conjunto de experiências oferecida pelas tarefas é o que possibilita a aprendizagem.

O segundo elemento está associado à intervenção do professor, que fundamentalmente é realizada oralmente ou por meio de gestos e apresenta como objetivos a organização do trabalho, a motivação, a disciplina e a instrução que, em diversas ocasiões, vem acompanhada por uma demonstração, por exemplo, como executar um lance livre ou qualquer outro movimento específico do Basquetebol. Essa ação tem como finalidade reforçar uma determinada informação a qual o aluno já detém (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Por fim, o papel do aluno e da aluna que podem estar situados em uma posição passiva, preocupando-se apenas com a reprodução de gestos ou à uma condição ativa na qual ocorre a sua participação em decisões associadas à aula. Ressalta-se que estando o aluno e a aluna na segunda condição, será oportunizado a ele e a ela a elaboração das respostas acerca do que está sendo vivenciado, além da verificação de hipóteses sobre as dificuldades de jogo (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Esse aspecto tem um efeito importante na aprendizagem dos conteúdos, particularmente, se pensarmos nos conhecimentos vinculados à dimensão tática. Durante o jogo, não está definido o que o aluno deve fazer. Sendo assim, ele deverá decidir sua ação. Assim, se o papel que ele desempenha durante as aulas é apenas o de reprodutor, sua possibilidade de sucesso em frente à inevitável escolha será menor. Além disso, o papel do aluno tem implicações também em outras dimensões dos saberes (conceitual e atitudinal) e, portanto, também deve ser levado em conta (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 83).

Do mesmo modo, ao se pensar no ensino do Basquetebol, Rodrigues e Darido (2012) ressaltam que as metodologias que privilegiam a compreensão da estratégia de jogo (coletiva e individual) devem ser aplicadas pelos professores a partir de um estudo criterioso em relação ao jogo de Basquetebol no sentido de orientar o processo, assim como a escolha das tomadas de decisão mais frequentes na partida. Sob esse aspecto, propõe-se que os alunos e alunas percebam a dinâmica do jogo e experimentem situações complexas que incentivem as tomadas de decisão. A partir da compreensão dessa dinâmica, será permitida aos alunos a criação de sua própria maneira de participação no jogo (RIBAS, 2005; CAGLIARI, 2018).

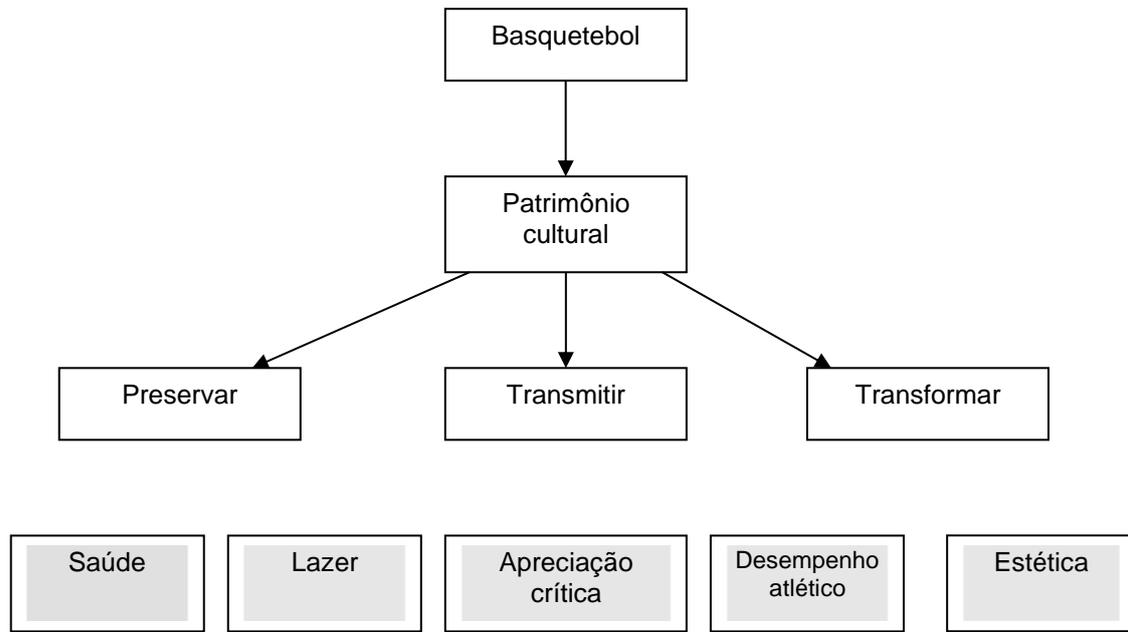
Galatti et al. (2012) apontam também que o processo de formação no Basquetebol deve ocorrer a partir das fases de estimulação e a aprendizagem das distintas habilidades do jogo, sendo imprescindível o emprego de estratégias de ensino que privilegiem a articulação entre a técnica e a tática.

No âmbito escolar, a Educação Física apresenta uma tendência da aplicação dos conteúdos em uma dimensão procedimental, na qual a execução correta dos movimentos prevalece sobre a compreensão do saber sobre a cultura corporal ou as possíveis relações com a mesma (DARIDO; RANGEL, 2005). Salieta-se que não há aqui a intenção de negar a legitimidade do ensino do Basquetebol por meio da execução dos seus fundamentos, ainda que exista a possibilidade de tratar o esporte em geral de forma pedagógica, utilizando-o como uma importante estratégia para que o professor considere a valorização de conceitos, valores e atitudes, todos no mesmo nível de relevância, o que possibilitaria ao aluno e à aluna a percepção do por que praticar Basquetebol e qual a importância do seu papel neste contexto (DARIDO; DE SOUZA JUNIOR, 2007; RODRIGUES; DARIDO, 2012; MATOS et al., 2013).

Além do ensino dos movimentos associados ao Basquetebol, percebe-se a necessidade de que os alunos sejam identificados não apenas como meros reprodutores de cultura, mas como sujeitos da própria história (RODRIGUES; DARIDO, 2012; MATOS et al., 2013). Nesse sentido, além de reproduzir o Basquetebol, os alunos devem ser incentivados a produzi-lo, levando-se em conta quais são as finalidades do processo de ensino e de aprendizagem dessa modalidade, que podem apresentar objetivos relacionados à saúde, lazer, apreciação crítica,

estética e, por último, o desempenho atlético, conforme a figura 1 (RODRIGUES; DARIDO, 2012).

**Figura 1** - Objetivos do ensino do Basquetebol.



Fonte: Rodrigues e Darido, 2012, p. 8.

A respeito dos objetivos mencionados acima, Galatti et al. (2012, p. 87) entendem que:

O principal foco do processo de formação do atleta, independentemente do estágio, devem ser os interesses, necessidades e possibilidades de quem joga. Com isso, os objetivos das metas que orientam a prática do técnico de basquetebol devem partir do atleta e estar alinhados com seus valores e ideias, assim como aos princípios pedagógicos da instituição em que trabalha. Dessa forma, entendemos que os elementos motores e técnicos do basquetebol devem ser abordados a partir de sua contextualização tática e, sobretudo, de forma adaptada ao jovem atleta.

No que diz respeito às orientações relacionadas ao ensino de gestos técnicos específicos do Basquetebol nas aulas de Educação Física e a aplicação destes em determinados momentos do jogo, observa-se a importância de que estas sejam oportunizadas aos alunos e alunas de modo que tenham um significado para os mesmos. Da mesma forma em que o professor deve se preocupar em não cobrar

excessivamente um desempenho melhor daqueles que não alcançaram um padrão de excelência quanto à execução dos movimentos (RODRIGUES; DARIDO, 2008).

Nota-se que, nesse caso, um desempenho adequado em relação às capacidades técnicas pode, até certo ponto, ser um aspecto a ser exigido por parte do professor, mas sempre vinculado à condição do aluno e da aluna em perceberem as diferentes situações ocorridas no jogo e sua tomada de decisão em relação a elas. Nesse âmbito e conforme já mencionado anteriormente, Schiavon (2014) informa que o processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol deve oportunizar ao aluno e à aluna o discernimento crítico e a reflexão a respeito das habilidades e capacidades do jogo por intermédio de atividades oferecidas pelo professor que oportunizem a elaboração de conceitos a serem utilizados em uma determinada situação de jogo.

### **3.4 O Basquetebol nas escolas e a formação de valores éticos e morais**

O conceito de que a Educação Física é um componente curricular obrigatório onde se possibilita a construção de conhecimento e valores é colocado em discussão por Bassani, Torri e Vaz (2003) quando esses indicam que a partir do instante em que se coloca o esporte na condição de conteúdo central das aulas, representando unicamente a vontade de professores, ela – a Educação Física – deixa de ocupar o seu lugar social. Os autores complementam que, no espaço escolar, o objetivo dessa ação nem sempre é o esporte propriamente dito, mas os processos de docilização dos corpos resultantes de sua prática.

Não obstante já se percebeu que o emprego do Basquetebol como conteúdo das aulas deve, diferentemente dessa questão, oportunizar aos alunos e alunas não somente a vivência das técnicas, mas um campo para a discussão voltada para uma formação cidadã na qual seja possível assimilar valores que, nos tempos atuais, equivocadamente muitos os julgam como ultrapassados.

Ocasionalmente percebe-se uma preocupação excessiva na execução supostamente correta dos movimentos específicos das mais diversas modalidades esportivas, aqui em se tratando especialmente do Basquetebol. Tal metodologia, invariavelmente, acaba por tornar a prática desta modalidade excludente, a partir do instante em que esta privilegia os alunos mais habilidosos, deixando de lado aqueles

e aquelas que, pelas mais diversas razões, não desenvolveram a técnica do jogo. Gaya (2009) observa que esse cenário se trata de uma concepção elitista da Educação Física, na qual somente os considerados mais capazes ou mais dotados é que teriam oportunidade de demonstrar seus talentos, treinar suas habilidades e capacidades e assim demonstrar serem os mais velozes, fortes e capazes.

Ainda sobre o espaço escolar, este tem sido considerado como um ambiente propício para debates acerca de valores, provavelmente em decorrência de uma crise moral e ética que muito tem contribuído para as ações dos indivíduos. Entretanto, para a realização desses debates é primordial por parte dos educadores a constante reflexão sobre as estratégias pedagógicas que objetivem a valorização de atitudes relacionadas ao meio no qual se está inserido (WELCHEN; OLIVEIRA, 2013).

No caso específico do Basquetebol, a educação deve estar sempre presente no seu processo de ensino e de aprendizagem. Essa modalidade pode exercer importante função educativa, a partir do momento em que se percebe a possibilidade de sua prática desenvolver algumas qualidades sócio motrizes, como a construção de valores, a solidariedade e o espírito de equipe.

A conceituação de valores é, há muito tempo, um objeto de estudo de filósofos preocupados com assuntos relevantes à vida em sociedade e, conseqüentemente, à vida das pessoas inseridas nas mesmas. Beresford (1999) observa que não é possível definir rigorosamente o que seja valor, por se tratar de um “conceito supremo”, sendo possível, simplesmente, tentar uma clarificação sobre seu conteúdo.

Goergen (2005) ainda nos fornece uma definição para “valores”, ao apontar que:

Os valores só são tais com relação ao homem. São, portanto, relacionais (e não relativos), mas, por outro lado, afirma que os valores têm um ser em si, independente da opinião do sujeito, sendo, portanto, imutáveis e absolutos (GOERGEN, 2005, pp. 987 - 988).

O mesmo autor complementa a definição ao afirmar que valores são princípios consensuados que servem como indicação para as decisões e comportamentos das pessoas que almejam uma respeitosa posição numa sociedade justa. Para uma melhor compreensão dessa observação, torna-se relevante refletir, de forma isolada, a distinção moral (valores morais) e ética (valores éticos).

Welchen e Oliveira (2013) indicam que os valores acompanham o indivíduo em toda a sua trajetória e que podem ser traduzidos como respostas assimiladas a partir das experiências de vida de cada um. Assim, considera-se que quanto maior for a quantidade de experiências positivas ao alcance do cidadão, maior a será a possibilidade de se compreender determinados valores considerados essenciais à existência de cada cidadão.

Monteiro et al. (2005, p. 238) entendem moral como sendo um conjunto de regras, normas, valores e princípios socialmente validados que norteiam as relações existentes dentro de uma sociedade, bem como a atuação e o comportamento dos agentes nela inseridos. Ou ainda, como sendo “normas que orientam o comportamento prático (sobretudo para com o próximo, mas também com a natureza e para consigo mesmo)”. Os mesmos autores observam ainda que os valores morais podem ser entendidos, de forma simplificada, como sendo os norteadores dos atos praticados em uma determinada sociedade, sofrendo julgamento positivo ou negativo de acordo com a cultura social.

A ética estuda a moral, o dever fazer, a qualificação do bem e do mal, a melhor forma de agir coletivamente. Avalia os costumes e diz quais ações morais são moralmente válidas e quais não são, tende a estabelecer os princípios de valorização e condução da vida. Nesse caminho, La Taille et al. (2007) consideram a ética como um conjunto de deveres.

La Taille et al. (2007) também apresentam a ética a partir da distinção entre forma e conteúdo. Especificamente no primeiro caso, a forma é vista como "plano ético", que representa o significado e o valor da vida e que remete o indivíduo à questão dos valores. Nesse sentido, em um cenário esportivo, percebe-se a possibilidade da localização nesse plano ético por parte das crianças e jovens, evidenciando-se a necessidade da abertura por parte do professor de espaços para discussões e reflexões acerca de situações que fomentarão o pensamento crítico de todos os envolvidos.

Para Pedro (2014), em se tratando da ética, a mesma pode ser considerada essencialmente abstrata, pois dela não se deve exigir uma diretriz no que tange à vida composta por felicidade e sucesso, pois ela se fundamenta basicamente em aspectos

morais. Nesse caso, a moral deve ser vista como uma prática voltada para ações concretas e presentes no cotidiano, válida por todos os membros de uma sociedade.

Portanto, percebe-se que moral e ética se distinguem, portanto, não devem ser confundidas. Enquanto entende-se a moral como sendo normativa, caracteriza-se a ética como uma teoria que explica e justifica os costumes presentes na sociedade.

#### *3.4.1 O Basquetebol e a formação de valores éticos. Um diálogo possível?*

Na perspectiva de Paes (1992), o fato de não trabalhar o esporte - aqui especificamente em se tratando do Basquetebol - de forma a privilegiar o rendimento não significa que o tratamento educacional adotado não deva ser considerado como sério. A seriedade deve se fazer presente a partir do momento em que se estabeleça como objetivos o prazer pela prática, a ludicidade e a atividade educativa, visando o desenvolvimento integral do aluno e da aluna. O desenvolvimento humano é um processo harmonioso, que engloba as áreas física, psíquica e social. Deve-se, então, educar a criança de forma integral, proporcionando por intermédio de uma atividade bem direcionada e orientada, um favorecimento à realização social e à integração social.

Tani et al. (2006) descrevem a função do esporte na formação do homem, de forma a corroborar tal afirmação:

Ademais, o desporto é um campo, por excelência, de conhecimento e de objetivação da vida e do homem, é um espelho onde o homem reflete todas as suas forças e fraquezas, as suas virtudes e defeitos, as suas dignidades e indignidades, os seus heroísmos e covardias, as suas coragens e medos, as suas nobrezas e vilanias. O desporto é isto, porque é uma atividade antropológica essencial e é nas atividades que o homem se revela sem sofismas, em toda a sua plenitude e transparência (TANI et al., 2006, p. 09).

Observando ainda de maneira ampla sobre o esporte em geral, Tani et al. (2006) também explicitam alguns valores que podem ser enxergados e, principalmente, trabalhados no ensino do Basquetebol. Por exemplo, participar de uma competição estudantil é provar uma notável força moral exigida pela lógica do jogo de confronto, não se resumindo apenas ao cumprimento das regras, mas,

principalmente, pelo reconhecimento do outro como jogador e competidor, como adversário e não inimigo.

Portanto o professor de Educação Física, ao trabalhar os valores morais e éticos atrelados ao ensino do Basquetebol, deve ter como objetivo demonstrar que a competição e a oposição possuem como função genuína a cooperação entre todos os seus participantes.

Nesse sentido, observa-se que mesmo no espaço escolar, a competição esportiva não necessariamente precisa ser negada aos alunos e alunas. Lovera (2015) corrobora essa ideia ao afirmar que a criança pode competir, porém ela deve ter estabelecidas as suas regras e limites. Entretanto, não se pode ignorar a importância do professor de Educação Física nesse processo, pois a criança por si só não será capaz de estabelecer essas regras e limites, sendo indispensável que os valores estejam presentes no tratamento pedagógico oferecido ao ensino do esporte nas aulas.

Faz-se explícita a importância do trabalho de valores com as crianças no processo de ensino tanto do Basquetebol como de outras modalidades esportivas, partindo do pressuposto de que para se alcançar uma realização e uma integração social, as crianças necessitam, antes de uma especialização, ser orientadas e conduzidas a se tornarem cidadãos morais, éticos e desprovidos de qualquer comportamento discriminatório.

Para exemplificar o ensino do esporte atrelado ao ensino de valores éticos, Andrioni (2009) relata um fato interessante sobre o assunto, onde um aluno presente em sua aula, ao perceber que uma falta foi marcada a seu favor de forma equivocada pelo professor, argumentou que a ocorrência não existiu e o jogo deveria prosseguir. Essa situação serviu como um elo para que o professor iniciasse junto aos alunos e alunas uma discussão sobre valores éticos no esporte, nesse caso, o *fair-play*.

O exemplo acima nos remete a entender que o professor, nesse processo de ensino do Basquetebol vinculado ao ensino de valores morais e éticos, configura-se como uma peça de extrema importância, devido ao fato de possuir o conhecimento e a autoridade para realizar essa discussão entre os alunos de maneira harmônica e bem direcionada, de acordo com o objetivo do mesmo.

A perceber o esporte como uma prática inerente ao homem que vive em sociedade, pode-se entender que tal ação se apresenta como uma interessante possibilidade para que questões importantes e necessárias para este homem possam ser devidamente trabalhadas em prol do bem comum. Partindo desse pressuposto, nota-se o Basquetebol escolar como uma possibilidade de intervenção pedagógica de considerável relevância para os alunos e as alunas, desde que a mesma não vise unicamente o ensino de técnicas específicas. Assim, deve-se pautar seu planejamento em ações que apresentem como objetivo o desenvolvimento de habilidades físicas relacionadas ao esporte, e, também, características que possibilitem ao aluno e à aluna compreender o meio social em que estão inseridos e como se portarem em relação ao mesmo.

#### *3.4.2 O Basquetebol praticado por meninas*

Considerando-se os últimos resultados em competições internacionais, como por exemplo, Campeonatos Mundiais, Jogos Pan-Americanos e Jogos Olímpicos, percebe-se que o Basquetebol brasileiro não atravessa um bom momento, não conseguindo repetir o bom desempenho obtido em anos anteriores. Este fato indica uma certa carência de novos destaques individuais, além de problemas acerca da própria estrutura organizacional da modalidade, envolvida com fatos associados à má gestão, problemas judiciais e ao emprego questionável da verba destinada às Federações estaduais.

A respeito da carência supramencionada, Antonelli et al. (2012) acrescentam que a situação na qual se encontra o Basquetebol brasileiro nos remete à reflexão acerca dos possíveis problemas que acarretam o reduzido número de meninas que o praticam. Sobre isso, Moreno (2006) argumenta que a transformação do esporte em um confronto físico, mas não violento, e que acompanha as transformações sociais nas quais os poderes são resolvidos por intermédio de meios não violentos pode ter perdido o contato com a sua finalidade para as meninas, que o praticavam por prazer e pelas suas emoções.

Em algumas ocasiões, dirigentes esportivos, atletas, ex-atletas e técnicos considerados de elite declararam abertamente que a EFE pode ser a responsável

direta pela transformação desta realidade. Tal opinião ganhou ênfase a partir dos Jogos Olímpicos de Sidney, realizados em 2000, quando a proposta da obrigatoriedade da Educação Física nas escolas, que seria fundamental para transformar o Brasil em um “país olímpico”, ganhou força a ponto de ser incluída a palavra “obrigatória” ao se mencionar a presença da Educação Física no currículo da Educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 (BRACHT, 2009). Entretanto, nem sempre se leva em conta o fato de que esse componente curricular deve priorizar o desenvolvimento global da criança, ao invés da formação de esportistas.

Nesse contexto, percebe-se no Basquetebol o preconceito e a desigualdade quanto à participação das meninas. Essas situações podem ser notadas em diversas situações, sejam elas em equipes consideradas profissionais, nos programas de iniciação esportiva voltados para o ensino e a aprendizagem da modalidade ou no cotidiano da EFE.

A presença deste poder justifica-se principalmente pelo fato de que o campo esportivo é, na maioria das ocasiões, uma mera reprodução das relações de gênero presentes na sociedade, nas quais invariavelmente coloca o homem numa condição superior à mulher.

Considera-se que, mesmo que esse conceito possa ser considerado como fragmento de uma realidade que faz com que a classe dominada fique à mercê de um paradigma estabelecido por uma minoria dominante, onde aqueles que detêm o poder socio político-econômico estabelecem suas concepções caracterizadas como verdades que devem ser seguidas sem o menor indício de contestação, percebe-se que o Basquetebol ainda é um espaço a ser conquistado pelas meninas, apesar de ter sido construída no Brasil uma história relevante nesta modalidade. Isto posto, percebe-se que a partir da eminência dessa conquista, o reconhecimento por parte da sociedade poderá, em escala razoável, sobrepujar o preconceito existente acerca da participação das meninas no Basquetebol.

No entendimento de Vilhjalmsson e Kristjansdottir (2003), o Basquetebol sempre apresentou a prevalência da participação dos homens. Porém, tal cenário vem apresentando sensíveis alterações por intermédio de uma maior presença das meninas na modalidade citada, mesmo que ainda considerada desproporcional em

relação a incidência por parte dos rapazes. Os mesmos autores apontam que, mesmo com suas diferenças fisiológicas em relação ao homem, a mulher tem mais resistência a lesões do que os homens em decorrência da sua estrutura. Todavia, é observável que a afirmação de que tem havido uma sensível melhora quanto à presença das meninas no Basquetebol não corresponde à realidade brasileira, onde a cada ano parece ocorrer uma considerável diminuição do número de praticantes desta modalidade.

Rodrigues e Darido (2012) questionam qual seria o momento ou espaço adequado para a transmissão de conhecimentos relacionados ao ensino do Basquetebol. Para esses autores, a maioria dos educadores percebe no ambiente escolar um espaço privilegiado para o ensino e a aprendizagem de modalidades esportivas, e na Educação Física, o tempo adequado para a sua realização. E nesse espaço, a prática do Basquetebol por meninas, no entendimento de Moreno (2006), deve se inspirar em um modelo que não seja desvinculado da essência da relação do esporte com a ludicidade, necessária para a libertação dos alunos e alunas da busca obstinada pela vitória, proporcionando instantes de prazer a todos.

Seja nas escolas ou em qualquer outro espaço, o Basquetebol é um jogo que, carece de habilidades sutis em determinados momentos e, em outros, a força física e a resistência. Não obstante mesmo com essas características, as regras não são adaptadas para oferecer às meninas o desenvolvimento da criatividade, tornado, assim, o jogo mais agradável e emocionante. Por exemplo, a altura do aro em relação ao solo é a mesma para todos, não se observando as distinções entre meninos e meninas e, conseqüentemente, comprometendo a participação delas. Assim, para os meninos há maiores oportunidades para a euforia ocasionada pela facilidade em realizar determinadas ações, o que não ocorre com as meninas em função da inexistência de adequações que aumentariam os seus níveis de interesse em praticar o Basquetebol (MORENO, 2006).

Ainda segundo Moreno (2006), o esporte foi concebido para ser praticado pelos homens, restando às mulheres o cumprimento do histórico papel de educar os filhos e o cuidado dos afazeres domésticos. Tal condição, de acordo com o mesmo autor, inclinou-se a se perpetuar, sendo necessários rompimentos culturais para que as

mulheres pudessem praticar esportes sem que fossem criticadas por não contemplarem os papéis designados a elas.

De acordo com Lentillon et al. (2006), foi na década de 1960 que surgiram alguns questionamentos acerca da sexualidade, ocasionando assim o aparecimento de vários movimentos libertários em diversas partes do mundo. A partir do questionamento das relações afetivo-sexuais que tais movimentos debatiam, surgiu a problemática do gênero quando as mulheres notaram que mesmo militando junto com os homens em prol de causas em comum, as mesmas tinham uma importância secundária naquelas manifestações. Os mesmos autores estabelecem a definição de gênero como as diferenças nas construções sociais e nas relações de poder, a partir do que é determinado em âmbito social, cultural e histórico, fundamentando-se em binarismos que opõem masculino/feminino, forte/fraco, dominante/dominado.

Para Deive (2005), a partir do instante em que se estabelece a discussão de gênero no esporte, a mesma se apoia ao feminismo esportivo que emergiu em resposta à marginalização das experiências femininas no esporte e na atividade física pela sociologia esportiva, refletindo relações de gênero predominantemente masculinas, tornando-se evidente a hipótese de uma repressão que a sociedade exerce sobre a mulher. Essa evidência ocasiona um mecanismo de exclusão ou de rejeição que coloca em funcionamento uma rede de discursos onde prevalece a relação do saber com o poder, havendo a dualidade entre opressor e oprimido (FOUCAULT, 2014).

No cenário social no qual estamos inseridos, a relação de poder acima mencionada oportuniza diversas maneiras de se controlar os corpos, por exemplo, o espaço escolar, a mídia, a religião e a própria Educação Física, que acaba por influenciar conceitos associados ao que é normal ou não e, além disso, a construção de diferenças que acarretam em desigualdades e distinção de direitos sociais entre dois grupos distintos (PRADO; RIBEIRO, 2010).

No entendimento de Simões e Knijnik (2004), o processo de inserção no meio esportivo por parte da mulher não resultou numa redistribuição de território entre homens e mulheres como em outros espaços. Nesse caso, percebe-se que o esporte é um cenário de infiltração lenta, sem um discurso de contestação por parte das mulheres, ou seja, ainda não foi constatado no âmbito esportivo um movimento

feminino ou feminista. No esporte, segundo os mesmos autores, a praticante ainda deve se conformar com as normas de gênero hegemônicas presentes na sociedade, as quais engendram relações de poder no cenário esportivo.

Pode-se considerar que essas relações de poder apontam para desigualdades sociais – notadamente a exclusão, a marginalização e a discriminação da mulher no esporte e na sociedade, fatos que invariavelmente são reproduzidos no âmbito da EFE.

Contudo, nota-se que em praticamente todos os setores sociais e esportivos (incluindo aqui o ambiente da EFE), as mulheres almejam a sua consolidação por intermédio de seus próprios méritos e valores, mesmo que o resultado obtido não seja o desejado. Isso em decorrência de que os obstáculos e preconceitos que envolvem o âmbito esportivo ocasionam, por parte da mulher esportista, uma luta incessante por um espaço que é considerado como seu, porém, que nem sempre depende dela para se estabelecer no mesmo.

O esporte muitas vezes é visto como um significativo fenômeno sociocultural, mesmo que no plano histórico a sociedade nem sempre o tenha julgado como um ambiente democrático. Isso se deve ao fato de que a prevalência dos atributos considerados como exclusivamente masculinos ocasionavam uma prática elitista, outrora incompatível com a fragilidade e a delicadeza, características atribuídas às mulheres.

Sobre isso, Milani (2015) comenta que a própria postura da maioria dos pais corrobora os princípios que regem a condição do homem em uma sociedade tipicamente patriarcal, onde o menino é considerado a “namorador da escola” enquanto a virgindade é condição inquebrantável para considerar como digna a condição das filhas solteiras. Ressalta-se, em consonância com a mesma autora, que as últimas gerações vêm percebendo a necessidade da alteração deste quadro ao incentivarem cada vez as mulheres a estudarem e desconsiderarem o casamento com única hipótese.

Percebe-se cada vez mais o espaço escolar comum como o ambiente adequado para a utilização do esporte como contributo para o desenvolvimento global dos alunos. Todavia, nota-se que a sua introdução como conteúdo das aulas de Educação Física nem sempre uma alteração do pensamento voltado para a prática

esportiva sexista, que ainda percebe nas meninas um corpo frágil que não resiste aos impactos causados pela atividade física (CRUZ; PALMEIRA, 2009; RODRIGUES; DARIDO, 2012). Ainda sobre o ambiente escolar, o mesmo pode ser considerado como um cenário relevante para as interações sociais, o que o torna primordial para o desenvolvimento de discussões associadas às questões de gênero, bem como o papel a ser exercido por cada um nas mais diversas circunstâncias.

Não obstante, os alunos e alunas levam consigo um cabedal de significados sociais, crenças, atitudes e valores desenvolvidos no âmbito escolar e que reproduzem os parâmetros estabelecidos pela sociedade em geral, o que faz com que as possibilidades de discussões e a intervenção por parte do professor sejam deveras limitadas no sentido de promover a construção de ideias associadas a não subordinação entre meninos e meninas, além de, em muitas ocasiões, influenciar as práticas pedagógicas utilizadas em aula para o desenvolvimento de determinados conteúdos, caracterizando-as pela segregação (MARIMON; ROMÃO, 2009; PRADO, 2014).

Na EFE, Santos et al. (2007) afirmam que as distinções entre alunos e alunas transpassam os campos físicos ou sexuais, pois além de ocorrer a percepção de diferenças vinculadas aos conceitos de gênero, observa-se também pressupostos acerca do significado de masculino e feminino. Diante disso, há a percepção de situações nas quais os alunos e alunas cumprem determinados papéis de acordo com os modelos preestabelecidos em seu cotidiano a partir das orientações de familiares para que se mantenham padrões tradicionais, o que leva as crianças a iniciarem uma vida social com restrições que são reproduzidas no espaço escolar. Assim, se estabelece na sociedade um determinado conceito de corpo, agregado a específicas regras que supostamente indicam um comportamento normal, no qual às meninas é imposto um comportamento repleto de cuidados, o que ocasiona a carência de algumas habilidades motoras.

Esse comportamento dito "normal" é determinado em diversas ocasiões na EFE, onde as distinções de gênero podem ser oriundas dos discursos biológicos dos professores que trespassem as suas ações pedagógicas. Segundo Prado (2014), os conhecimentos a respeito dos corpos que objetivam a instituição de uma distinção de

gênero entre meninos e meninas em diversas ocasiões são empregados por intermédio dos conteúdos desse componente curricular obrigatório.

Nesse cenário, acaba-se por determinar as atividades por gênero, onde o menino jogará uma modalidade como o futebol e restará às meninas a dança ou outra atividade de pouco ou nenhum contato físico. Assim, coloca-se a necessidade da reflexão quanto ao objetivo das aulas de Educação está vinculado ao desenvolvimento de habilidades motoras, com as atividades devendo ser igualitárias a meninos e meninas, sejam elas voltadas para a expressão corporal, ao ritmo ou quaisquer outras ações, sem que um determinado grupo seja privilegiado em relação ao outro.

Na perspectiva cultural de Daólio (1995), a caracterização de formas de preconceito não pode servir para considerar que todas as meninas são desprovidas de habilidade para a prática do Basquetebol ou de qualquer outra modalidade esportiva. Da mesma forma, o autor observou que nem todos os meninos podem ser considerados hábeis e, portanto, faz-se necessário que o professor responsável por direcionar as atividades perceba que as diferenças de caráter motor não são determinadas biologicamente, mas construídas pela cultura na qual o contexto está inserido.

Tais diferenças, principalmente no campo biológico, são retratadas por Beauvoir (1987, p. 57):

Sua força muscular é muito menor, mais ou menos dois terços da do homem; sua capacidade respiratória é inferior, os pulsos, a traqueia e a laringe são menores; a diferença da laringe acarreta também a da voz. O peso específico do sangue é menor, pois há menor fixação de hemoglobina; as mulheres são, por conseguinte, menos robustas, mais predispostas à anemia. Seu pulso bate mais depressa, seu sistema vascular é mais instável: coram facilmente. A instabilidade é um traço marcante de seu organismo em geral

Em diversas ocasiões, a prática docente pode ser traduzida pelo discurso de que, hierarquicamente, existe o domínio de um sexo pelo outro. Koca (2009) menciona estudos nos quais os professores de EFE costumam interagir de maneira distinta com meninos e meninas, mesmo em países com culturas distintas das características brasileiras. Por exemplo, os meninos recebem mais aceitação, elogios e interações críticas. Contudo, observa-se que meninas de uma turma formada por um único

gênero apresentam um maior nível de habilidade, ao mesmo tempo em que são mais inteiradas com professores do que alunas de uma turma mista de Educação Física.

A prática docente também é tema dos estudos de Rodrigues e Darido (2012). Sobre isso, percebe-se certa dificuldade no que tange ao direcionamento de propostas que envolvam a educação conjunta de meninas e meninos, ou seja, ações pedagógicas realizadas simultaneamente por alunas e alunos em que o respeito pelas diferenças seja discutido por professores, alunos e alunas. Nesse aspecto, constata-se que em função do processo de transmissão cultural, os preconceitos que fazem com que as meninas não tenham as mesmas experiências que os meninos são reforçados.

Os objetivos de natureza procedimental que são estabelecidos para as aulas de Educação Física, segundo Bassani, Torri e Vaz (2003), muitas vezes remetem o professor às estruturas do treinamento desportivo, quando se prioriza principalmente a melhoria do desempenho técnico dos alunos e das alunas. Os mesmos autores consideram que quando o desempenho das meninas e dos meninos é comparado pelo professor, invariavelmente é atribuído às primeiras a condição de inferioridade. Reproduz-se assim o conceito de que o esporte é uma atividade eminentemente masculina, e que atividades espontâneas e com características lúdicas, além da falta de habilidade, fazem parte do universo feminino.

Entende-se que se torna relevante pensar o quanto o Basquetebol nas escolas ainda representa, para as meninas, um espaço não apenas a ser conquistado, mas que o mesmo seja visto como um campo exclusivamente masculino. Há, portanto, a necessidade de sua percepção como um momento no qual possam ser exercitadas a liberdade de expressão, a espontaneidade e a coexistência.

E ainda nas escolas, algumas características esportivas têm sido frequentemente atribuídas aos meninos, enquanto outras, às meninas, fato que se leva a perceber que algumas modalidades esportivas sejam equivocadamente entendidas como masculinas e outras, de caráter feminino. Para a prática de qualquer modalidade esportiva - inclusive o Basquetebol - tais separações são oriundas de um conceito baseado na construção social de que as pessoas entendem que meninas e meninos são diferentes, e não sobre como realmente se apresenta essa distinção.

Rodrigues e Darido (2011) consideram que as meninas que se propõem a praticar Basquetebol enfrentam, além das próprias dificuldades inerentes da modalidade, o preconceito por parte de muitos, inclusive familiares. Pelo fato de ser o Basquetebol uma modalidade muito praticada pelos homens, os autores observam que isso faz com que se estabeleça uma impressão errônea de que se trata de uma prática exclusivamente masculina, fazendo com que as meninas basquetebolistas sofram críticas relacionadas à sua escolha.

Conforme os apontamentos desenvolvidos Betti e Liz (2003), a Educação Física na condição de componente curricular representa um fato marcante na vida dos adolescentes de ambos os sexos, inclusive em se tratando da prática esportiva sistematizada e da participação em competições. A partir desse entendimento, os autores mencionam a necessidade de evitar que as aulas de Educação Física Escolar se transformem meramente em um campo no qual o esporte enquanto conteúdo signifique apenas a busca por resultados expressivos em competições e desempenhos próximos ao que supostamente se considera como ideal, o que provavelmente motivaria ainda mais a exclusão das meninas.

Nesse processo de exclusão, conforme dito anteriormente, possivelmente esse preconceito e a hegemonização do esporte (como prática masculina) façam das meninas as grandes prejudicadas.

Em relação a uma possível falta de participação nas aulas de Educação Física por parte de meninas quando são desenvolvidos conteúdos relacionados ao esporte, esta não pode ser interpretada unicamente como um processo ocasionado por uma mera desmotivação. De acordo com estudos realizados por Balbinotti, Saldanha e Balbinotti (2009), não se apresentam distinções relevantes nos índices de motivação relacionados à prática de alguma modalidade esportiva, com meninas e meninos apresentando os mesmos níveis motivacionais.

Ao discutirem a participação de adolescentes em atividades físicas, Alves e Silva (2013) contribuem com a constatação de que várias situações podem ser consideradas como justificativas (nem sempre aceitáveis) para a não participação nas aulas de Educação Física, por exemplo, a falta de habilidades motoras, os fatores econômicos, as condições sociais, a (des) motivação e as características ambientais.

Ainda no que tange ao ambiente escolar, Pizani et al. (2015) notam que para a obtenção do êxito nas aulas de Educação Física, faz-se necessária uma motivação que provoque no aluno ou na aluna a busca pela superação de limites que resulta em orgulho e satisfação. Todavia, para que isso ocorra, as ações promovidas pelos professores em aula necessitam de um considerável desafio para que não haja o desinteresse pela tarefa apresentada, considerando-se o nível de capacidade de cada um. Para isso, o papel do professor é de grande relevância, pois ele pode influenciar de maneira positiva (ou não) a motivação das alunas, de acordo com as estratégias selecionadas.

Uchôga e Altmann (2016) enfatizam que uma aula de EFE apresenta características consideravelmente distintas de uma aula de dança ou até mesmo uma atividade lúdica realizada fora do ambiente escolar, o que remete as autoras ao conceito de que não há a reprodução das fronteiras de gênero além dos muros da escola, situação considerada bem diferente das situações vistas em um ambiente de aprendizagem.

No entanto, nota-se que tal reprodução somente será diminuída a partir do entendimento de que é necessária a superação da desigualdade em relação à participação de meninos e meninas das mais diversas práticas corporais para que as meninas não se sintam menos hábeis, mas motivadas a participarem efetivamente das aulas.

Sobre a prática de atividades físicas por meninas, Cairney et al. (2012) comentam que infelizmente é perceptível a sua diminuição na transição entre a infância e a adolescência, onde elas deixam de, por várias razões, praticar aquela modalidade que tanto lhes agradava. Nesse aspecto, pode-se considerar que a diminuição da participação esportiva por parte das meninas, mesmo nas aulas de Educação Física, pode estar associada a outras razões, por exemplo, a pressão por parte de alguns segmentos da sociedade, as diferenças na disponibilidade de opções esportivas, desmotivação e expectativas de papéis de gênero.

O preconceito e a desigualdade acerca da participação das meninas em muitas modalidades esportivas podem ser notados em diversas situações, sejam elas em equipes esportivas profissionais, em programas de iniciação esportiva de uma determinada modalidade ou muitas vezes no decorrer das aulas de Educação Física,

campo que nos interessa para o desenvolvimento do presente estudo. É notória a presença das relações de poder no esporte em geral e isso se justifica principalmente pelo fato de que o campo esportivo é, na maioria das ocasiões, uma mera reprodução das relações de gênero presentes na cultura da sociedade, nas quais invariavelmente coloca o homem numa condição superior à mulher, estabelecendo-se, assim, uma distinção entre os corpos masculinos e femininos (MILANI, 2015).

Cruz e Palmeira (2009), ao abordarem a questão histórico-cultural, afirmam que às mulheres têm sido reservados papéis secundários em relação aos indivíduos do sexo masculino nos mais diversos setores. Os autores consideram que a suposta superioridade masculina se estabeleceu a partir das diversas maneiras de se educar tanto homens quanto mulheres, fato que contribuiu para o estabelecimento de competências e habilidades características específicas de cada gênero. Em função disso, invariavelmente a Educação Física Escolar, segundo Del Castillo et al. (2012), reforça esta condição associando a força, a velocidade e a resistência aos meninos, enquanto a flexibilidade e a coordenação são associadas às meninas. Assim, por exemplo, muitas vezes o Basquetebol é equivocadamente percebido como uma modalidade esportiva voltada para os rapazes enquanto a dança é mais apropriada para as moças.

Muitas vezes já se mencionou diferenças entre o homem e a mulher, não somente no âmbito esportivo, mas também no campo sociocultural. Porém, percebe-se que o próprio esporte vem mostrando que as diferenças entre homens e mulheres praticamente não influenciam na execução das técnicas específicas de cada modalidade. No campo de Educação Física Escolar, Corsino e Auad (2012) a considera como um fecundo espaço pedagógico para a desconstrução de conceitos acerca do comportamento feminino veiculados na mídia.

Para que isso se concretize, sugere-se que ocorra uma reflexão acerca das distinções de gênero que ocorrem em âmbito escolar (principalmente nas aulas de Educação Física), determinadas convenções a respeito da cultura corporal e a concreta necessidade do estabelecimento de atividades práticas separadas para os meninos e as meninas. Nesse sentido, tornam-se necessárias experiências nas escolas que estejam desvinculadas de modelos que tenham como particularidade a diferença entre gêneros, além da possibilidade do questionamento de paradigmas e

algumas práticas solidificadas no que tange à participação das meninas nas aulas de Educação Física e, conseqüentemente, à prática do Basquetebol.

### **3.5 Ponderações sobre as redes sociais virtuais e a sua relação com o processo de ensino e de aprendizagem**

A utilização de recursos tecnológicos, segundo Bianchi e Pires (2015), oportunizou a criação de uma cultura digital, provocando assim sensíveis modificações em todas as dimensões sociais, aqui especificamente em se tratando do campo educacional por intermédio da produção de novos conteúdos e formas de linguagens. Para Silva e Serafim (2016), tais modificações fazem com que o uso de tecnologias seja compreendido como a sua principal causa e, a partir disso, se estabeleça um novo paradigma social, a Sociedade da Informação, a qual se encontra em um constante processo de formação e contribuindo para a qualidade de vida de considerável parte da população.

Nota-se que tais modificações necessitam de competências essenciais para o emprego de mecanismos tecnológicos bem como o discernimento crítico para interpretar as suas mensagens, produzir e divulgar determinados conteúdos por meio das mais variadas tecnologias. Sob esse prisma, Martini e Viana (2016) alertam para a necessidade da utilização de tais recursos não somente como um mero recurso didático, mas como uma possibilidade de produção de conhecimento atrelado ao processo de ensino e de aprendizagem.

É notória a apropriação por parte da sociedade dos benefícios oriundos da utilização das tecnologias digitais e o seu impacto nas relações socioculturais. Essa interação entre a tecnologia e a sociedade possibilita incessantemente a reflexão sobre as possibilidades ofertadas pelo ambiente virtual (BARACHO et al., 2012). A partir de uma observação no que tange ao comportamento social, constata-se cada vez mais a apropriação dos recursos tecnológicos a ponto de considerá-los fundamentais para a realização de atividades vinculadas ao trabalho e ao lazer (GINCIENE, 2016).

Nota-se que são características do período em que vivemos as mudanças em âmbito social, econômico e cultural, essas oriundas de uma revolução nos campos da

comunicação e da tecnologia. Segundo Gomes et al. (2012), essas mudanças resultam em interferências associadas às relações dos indivíduos com o meio os quais estão inseridos, o que faz com que formas de comunicação surjam no ambiente educacional. Os referidos autores complementam com a afirmação de que essas formas de comunicação, vinculadas às tecnologias contemporâneas, possibilitam que informações sejam trocadas em um pequeno espaço de tempo e, também, que se possibilite uma ligação entre o real e o virtual sem a presença de alguma forma de barreira física.

Entretanto, conforme Pereira e Silva (2013), não se pode descartar a ideia de que o uso de tecnologias apresenta pontos negativos. Nesse sentido, torna-se relevante o fato de que é necessário o seu conhecimento para que se evite o conceito de que, por exemplo, a internet é invariavelmente boa. Nesse contexto, é possível compreender que os recursos tecnológicos podem e devem ser vistos como facilitadores do trabalho e da pesquisa auxilia no entendimento de que a consulta inadequada à internet ou o uso excessivo de computadores durante sucessivas horas representam a ineficácia de sua utilização.

Sobre a educação, percebe-se que ela se transforma em consonância com a sociedade, permitindo a criação de novos costumes e necessidades de um constante aprendizado por parte de seus atores. Nos tempos atuais, esses mesmos atores contam com uma enorme gama de possibilidades de aproveitamento das tecnologias. De forma geral, os alunos e alunas dispõem de várias ferramentas e se conectam em modernos aparelhos tecnológicos junto às câmeras digitais, redes sociais, telefones celulares conectados à internet (FRAIHA, 2016). Ginciene (2016) complementa com a afirmação de que o emprego de tais recursos tecnológicos no processo educacional é de suma importância diante de sua significativa influência na sociedade.

E nesse processo, a utilização de tais recursos pode facilitar de maneira considerável o processo de ensino e de aprendizagem. Para que isso ocorra com eficácia, a tecnologia, na condição de instrumento educacional, deve ser utilizada com o intuito promover a informatização e a inclusão social (CARVALHO JUNIOR, 2015).

Ao pensarem sobre o espaço escolar, Silva e Serafim (2016) indicam que o emprego de tecnologias permite aos alunos e às alunas a pesquisa e o contato entre os seus pares a qualquer instante e em qualquer parte do mundo, fatores primordiais

para uma sociedade que se desenvolve com celeridade. Não obstante mesmo com tais possibilidades, os autores observam também que nesse cenário se faz de forma imprescindível a presença do professor para que este auxilie os alunos e as alunas quanto ao aprendizado e as interpretações das informações obtidas mediante ao uso de recursos tecnológicos.

É evidente o papel fundamental do professor na sociedade da informação, a necessidade de inovar e acompanhar essas tecnologias para não ficar ultrapassado, pois a tecnologia na educação requer um olhar mais abrangente, envolvendo novas formas de ensinar e de aprender condizentes com o modelo da sociedade do conhecimento, o qual se caracteriza pelos princípios da diversidade, da integração e da complexidade (SILVA; SERAFIM, 2016, p. 71).

De acordo com Pereira e Silva (2013), a utilização de recursos tecnológicos no âmbito educacional ocorre em um cenário de importante valorização do pensar na ordem das consciências e nos campos sociais. Todavia, não deve ser vista como a solução de todos os problemas educacionais, mas apenas como um instrumento auxiliar desse processo. Nesse caso, entende-se a tecnologia como um caminho para se pensar a educação, transformando-a em um campo fecundo para a construção do conhecimento e do pensamento crítico.

Ao refletir também sobre a relação entre a tecnologia e a educação, constata-se um cabedal de possibilidades de utilização de ferramentas que venham a auxiliar professores e alunos na interação e comunicação vinculada às mais diversas temáticas (FRAIHA, 2016). Para Silva (2004), a utilização de tais recursos no âmbito educacional é associada fundamentalmente a quatro domínios, a saber, como fonte de informação, como recurso didático, como instrumento de suporte à produção e como desenvolvimento e apoio da comunicação à distância.

Sobre a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como recurso educacional, o mesmo autor comenta que estas fortalecem a organização das ações e oportunizam uma melhor compreensão acerca dos conteúdos apresentados. A respeito dessas tecnologias, considera-se que são definidas como ferramentas utilizadas com o intuito de se obter informações, além de viabilizar a comunicação por intermédio de sistemas digitais e arranjos tecnológicos (CAGLIARI, 2018).

É importante acrescentar que acerca das TICs, Gemente (2015) estas são utilizadas com facilidade no nosso cotidiano por um cabedal de meios que possibilitam a comunicação e a transmissão de informações, ocasionando, assim, uma transformação radical da nossa cultura. Essa transformação, no entendimento de Fraiha (2016), vem causando significativo impacto nos cenários educacionais considerados tradicionais, ocasionando, assim, o aparecimento de outros contemporâneos.

As constantes reformas no âmbito social possibilitaram a frequência do emprego da tecnologia em praticamente todos os segmentos da sociedade, mesmo que nem sempre se obedecesse a um procedimento racional que não provocasse uma certa desestruturação coletiva (SILVA; MENDANHA, 2014). Para os mesmos autores, a tecnologia é compreendida como um dispositivo para se obter bons resultados ao alcançar respostas que auxiliam no alcance do conhecimento no que tange a questionamentos sem uma resposta direta. Brandão e Cavalcante (2016) contribuem com a observação de que ao associar o uso das TICs com a educação, torna-se importante a reflexão acerca da metodologia empregada e o seu papel no contexto social, já que a utilização consciente de ferramentas tecnológicas pode não apenas propiciar a produção de conhecimentos, mas também a sua divulgação em prol do bem coletivo.

Na perspectiva de Gonçalves e Chimendes (2012), a utilização de recursos tecnológicos representa um caminho inexorável para a democratização do conhecimento, assim como as reflexões por parte dos pesquisadores acerca dos estudos por estes desenvolvidos. Segundo os mesmos autores, o emprego de tais recursos atrelado aos conceitos básicos das TICs no processo de desenvolvimento de estudos acadêmicos tem possibilitado um efeito significativo no que tange aos resultados alcançados, percebendo-se a caracterização de novas condutas por parte dos pesquisadores. Avelino et al. (2017) complementam com a afirmação de que o aproveitamento dos recursos tecnológicos oportuniza a aprendizagem de potencialidades e a competência daqueles que são envolvidos com a construção de conhecimentos. Além disso, o emprego de tais recursos, na condição de estratégia de divulgação, facilita de forma apreciável o acesso a informações específicas de maneira mais explícita (BISI et al., 2015).

Entretanto, ao refletir sobre a relação entre as TICs e a Educação Física Escolar, Cagliari (2018) constata certo atraso quanto ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que as utilizem como recursos voltados para propostas que venham a beneficiar a aprendizagem dos alunos, possivelmente em decorrência do conceito errôneo de que se trata de um componente curricular obrigatório voltado unicamente para práticas corporais em locais preestabelecidos e desprovidos de momentos para reflexões e desvinculados dos objetivos educacionais da escola.

### *3.5.1 As redes sociais virtuais no contexto educacional*

A grande popularização da internet ocasionou o surgimento das redes sociais digitais, espaço no qual é possibilitado aos indivíduos uma interação social em consonância com seus respectivos interesses (SILVA, SERAFIM, 2016). O conceito de redes sociais precede a própria internet onde, como observa Seren (2014), a liberdade sempre representou uma de suas principais características pelo fato de seus usuários cumprirem também o papel de produtores e artífices da rede. Não obstante o mesmo passou a ter uma representação considerável nas duas últimas décadas a partir da popularização de determinadas tecnologias (BERGAMASCHI et al., 2011).

A popularização das redes sociais ocorreu na primeira década do século atual, sendo inicialmente o *Orkut* a de maior aceitação por parte do público em geral. Posteriormente, surgiram outras redes como, por exemplo, o *Facebook*, sendo esta utilizada para os mais diversos fins, desde o estabelecimento de traços de comportamento até a formação de grupos de estudo, além da busca de informações vinculadas a determinados temas de acordo com os interesses pessoais (SILVA; SERAFIM, 2016).

Além do mais, as redes sociais são inteligentes e democráticas, pois as pessoas expõem suas preferências, facilitando o trabalho das empresas, quando realizam ações voltadas para seu público-alvo, na criação de novos produtos ou quando se decide trabalhar mais em um determinado produto para atender o público de maneira satisfatória de acordo com suas preferências. As redes sociais também estão cada vez mais presentes no dia a dia de alunos e professores, no entanto, essas ferramentas ainda não são muito exploradas em sala de aula. Na maioria dos casos, as escolas não permitem o acesso a esse tipo de rede social em função do “medo” de que o aluno se interesse por assuntos que não estejam diretamente ligados aos estudos de sala de aula (SILVA; SERAFIM, 2016, p. 68).

Mas a inserção das redes sociais virtuais assim como qualquer outra forma de tecnologia no cotidiano das escolas não deve significar unicamente a instalação e a utilização de novos equipamentos, mas também as transformações decorrentes dessa ação no que tange ao ensino e a aprendizagem (GEMENTE, 2015). Portanto, torna-se relevante a observação de que o emprego das redes sociais virtuais no ambiente escolar deve não unicamente contribuir de forma participativa com a educação, mas também protagonizar alterações significativas nas diversas metodologias de ensino e de aprendizagem a partir da interação mútua entre todos os segmentos da comunidade educacional, sem medos ou ressalvas por parte dos educadores. Gemente (2015) lembra ainda que, para essas alterações venham a ocorrer por meio de novas metodologias e práticas pedagógicas, torna-se necessário que os professores percebam a necessidade de uma transformação de postura e, também, conhecimento a respeito dos recursos proporcionados pelas tecnologias.

As redes sociais virtuais podem ser definidas como uma possibilidade de relação entre os indivíduos por intermédio de elementos virtuais (SANTOS; SANTOS, 2014) e, comentar sobre elas, Acioli (2007) apresenta a necessidade de se considerar as mais diversas concepções de seus usuários e que misturam conceitos e experiências inspiradas no senso comum e em situações existentes no cotidiano. Acioli também apresenta o conceito de redes sociais virtuais como o estabelecimento de vínculos interpessoais conectados às ações individuais ou às instituições que constituem a sociedade.

De acordo com os estudos promovidos por Mira e Bodoni (2014), as redes sociais virtuais podem ser aplicadas aos estudos que nos remetem à sistematização da sociedade a partir da interação virtual de seus integrantes. A considerar o ambiente educacional, as redes sociais virtuais podem ser consideradas como um campo de convergência interdisciplinar no qual se possibilita a prática em um único fenômeno por parte de campos distintos de conhecimento. Essa condição permite a plena integração entre professores e alunos não apenas como um mero grupo, mas sim como um conjunto organizado em conexões que apresentam um padrão qualificável.

Santos e Santos (2014) apresentam a rede social como o estabelecimento da relação entre dois ou mais elementos. Isso significa os vários indivíduos que a utilizam

e suas conexões, representadas por laços sociais e as suas interações. Percebe-se a partir dessa definição que a rede apresenta uma estrutura social na qual não é possível o isolamento de nenhum dos elementos que a compõem, tendo em vista as conexões preestabelecidas entre eles. Complementa-se com a afirmação de que essas conexões permanecem no ciberespaço e, assim permite às pessoas a percepção dos compartilhamentos mesmo que distante de onde foram executadas.

Para Fraiha (2016), a comunicação por intermédio de redes sociais virtuais vem aumentando de maneira considerável, transformando-se na principal e mais utilizada ferramenta tecnológica, onde seus milhões de usuários possuem perfis a partir dos quais são estabelecidas amizades e contatos objetivando a troca de informações.

Dentre as redes sociais virtuais, o *Facebook* é amplamente utilizado, sendo, portanto, uma possibilidade para a divulgação das principais informações e conclusões do presente estudo no sentido de oferecer aos professores informações que venham a auxiliá-los quanto ao desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física em âmbito escolar e sua prática por meninas. Santos e Santos (2014) observam que o *Facebook* representa atualmente uma das ferramentas de comunicação e compartilhamento de informações mais utilizadas, com grande relevância para a reflexão e a transmissão de conteúdos inclusive no âmbito educacional.

Isto posto e em consonância com o estudo realizado por Fraiha (2016), considera-se o *Facebook* como um proveitoso instrumento para a disponibilização das informações provenientes da presente pesquisa, para que professores de Educação Física e acadêmicos possam discutir as questões emergentes acerca do Basquetebol como conteúdo e a participação das meninas nas aulas, além de possibilitar que o material possa representar um contributo para as ações pedagógicas.

Pensar em uma rede social virtual como o *Facebook* muitas vezes nos remete à possibilidade de compartilhamentos e relações associadas a interesses comuns a partir de, segundo Santos e Santos (2014), elementos virtuais e do contato entre os indivíduos que as utilizam, criando-se um campo fecundo para a comunicação e a troca de comunicações, relevantes ou não.

Essa comunicação, na perspectiva de Bergamaschi et al. (2011), pode ser efetuada por intermédio de envio de arquivos, mensagens eletrônicas e também a

disponibilização de textos, imagens e mensagens em áreas compartilhadas. Assim, as redes sociais virtuais, no formato como as conhecemos, tornam-se não unicamente um formato de organização social, mas uma característica perceptível das estruturas sociais atuais, onde se percebe, segundo Milani (2012), uma possibilidade de comunicação na qual se permite a alteração de paradigmas, bem como a transformação do meio o qual estamos inseridos.

Seren (2014) aponta em seu estudo que a cultura das redes sociais virtuais representa o progresso dos indivíduos por intermédio da tecnologia. As redes sociais virtuais, de acordo com autor, significam a propagação do saber e a troca de informações entre as pessoas, o que Milani (2012) interpreta como uma busca incessante pela informação e construção do conhecimento.

Nesse sentido, nota-se cada vez mais o desenvolvimento dos blogs e perfis em redes sociais virtuais por parte de indivíduos de todas as idades, origens e classes sociais, com o intuito de promover não unicamente a troca de informações corriqueiras, mas também a propagação de novos conceitos acerca das mais diversas áreas de conhecimento. A mesma autora sugere ainda que a utilização das redes sociais virtuais possibilita também o diálogo entre linguagens distintas, o que faz com que em diversas ocasiões a produção de materiais difundidos com a assistência de outras tecnologias seja alterado.

Torna-se mister ressaltar o espaço ocupado pelas redes sociais virtuais como um elemento inerente da própria existência da sociedade contemporânea, mas com a particularidade de que é imprescindível a percepção por parte do usuário de que ele é o responsável direto pelas consequências de sua participação nesse universo.

No campo educacional, Milani (2012) menciona o fato de que a diversidade de meios de comunicação permite aos educadores e educandos o emprego mais dinâmico de recursos que viabilizam os processos educativos. E quando essa diversidade nos remete à utilização das redes sociais virtuais, Santos e Santos (2014) afirmam que tal procedimento desestrutura fronteiras, passando a ser utilizadas no meio técnico-científico informacional como um trâmite para possíveis melhorias. Assim, o emprego das redes sociais virtuais acarreta uma maior prática de leitura em um cenário virtual constituído por uma interação em diversas ocasiões ocorrida em tempo real, o que possibilita a troca célere de experiências e informações.

Ainda no estudo promovido por Santos e Santos (2014), nota-se que as postagens feitas em redes sociais virtuais, apesar de estarem disponíveis a todos os indivíduos, são basicamente oferecidas para um grupo específico, por exemplo, docentes e discentes. Nesse sentido, os pesquisadores constatam a existência de delimitações no universo digital impulsionadas pelos próprios usuários, tornando as redes sociais virtuais, portanto, em espaços específicos de saber, informação, poder e controle.

Após as observações acima mencionadas, percebe-se a necessidade de, a partir da consumação da presente pesquisa, pensar em suas possíveis contribuições como um acréscimo para a prática pedagógica dos professores em relação ao conteúdo Basquetebol, suas inerências e a abertura para discussões estruturadas envolvendo esta modalidade e a sua prática por meninas nas aulas de Educação Física. Discussões que permitam o envolvimento não somente dos docentes, mas também de acadêmicos e de todos os indivíduos de demonstrem o interesse em contribuir para a solução de problemas que envolvam a participação feminina no Basquetebol em todos os níveis.

A partir da compreensão do objetivo proposto para o desenvolvimento do presente estudo, elencam-se as hipóteses a serem verificadas no mesmo e que serão disponibilizadas em redes sociais virtuais, tendo em vista a sua acessibilidade e a homogeneidade de sua composição e a ausência da necessidade de se alterar as estruturas sociais básicas (MIRA; BODONI, 2014). Isto posto, nota-se que a troca de informações e a aproximação do conhecimento acerca de um determinado fenômeno pode representar um caminho para uma transformação positiva da realidade atual.

## **4 ORGANIZAÇÃO E PLANIFICAÇÃO DO ESTUDO**

Pretende-se nesse capítulo apresentar as principais diretrizes tomadas para a constituição do presente estudo, a partir do cenário o qual este foi estabelecido, do objetivo estabelecido, as hipóteses associadas à pesquisa, bem como as limitações iminentes à mesma.

### **4.1 O cenário**

Mesmo que à primeira vista não seja esse o foco do presente estudo, percebe-se a necessidade da apresentação de algumas características do cenário no qual o mesmo se desenvolveu para que se possa haver uma clara compreensão no que tange à realidade esportiva e educacional do município de Volta Redonda.

Volta Redonda, situada na região sul-fluminense do Estado do Rio de Janeiro e com aproximadamente 258.000 habitantes, fica a 124 km da cidade do Rio de Janeiro e a 318 km da cidade de São Paulo, duas das principais cidades brasileiras, caracterizando-se, portanto, a sua privilegiada posição geográfica. Sua economia fundamenta-se essencialmente no comércio diversificado e na indústria metalúrgica, tendo nesta área a Companhia Siderúrgica Nacional - CSN como principal destaque.

No âmbito esportivo, apresenta um espaço privilegiado para a prática de atividades físicas. O município disponibiliza à sua população ginásios poliesportivos, ruas de lazer, quadras, pista de skate, kartódromo, academias ao ar livre, clubes recreativos e parque aquático público. Entretanto, mesmo com um favorável cenário para a prática esportiva, bem como para a formação de atletas e equipes competitivas, Volta Redonda não demonstra índices significativos neste âmbito, a considerar o resumido número de atletas de excelência oriundos das atividades realizadas em suas instalações esportivas.

Na área educacional, de acordo com os dados fornecidos pelas secretarias e órgãos ligados à Educação em Volta Redonda - Secretaria Municipal de Educação (SME), Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) e Sindicato dos Professores do Sul Fluminense (SINPRO) -, o município conta com 103 escolas municipais, sendo que apenas 24 delas contemplam o segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano); 31 escolas estaduais (26 com o Ensino Fundamental); 65 escolas privadas

(14 com o Ensino Fundamental) e 01 escola federal, a maioria delas com aulas regulares de Educação Física em seus respectivos currículos (Tabela 1).

Percebe-se, neste caso, a ampla possibilidade de, na esfera educacional, a ação docente estar voltada para a prática de atividades esportivas que propiciem oportunidades a todos os alunos, nas quais, segundo Abreu (1995), haja a condição de colaborar com a melhoria da qualidade de vida dos alunos e alunas, rompendo com comportamentos que não contribuem com uma melhor forma de lidar com as diferenças específicas de ambos os sexos.

**Tabela 1** - Escolas situadas no município de Volta Redonda - RJ com o segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º Ano).

	<b>Escolas municipais</b>	<b>Escolas estaduais</b>	<b>Escolas federais</b>	<b>Escolas privadas</b>	<b>TOTAL</b>
Total de escolas situadas no município	103	31	01	65	200
Escolas com Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)	24	26	-	14	64

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Volta Redonda (2018).

## 4.2 Objetivos

Com o intuito de investigar a realidade da Educação Física Escolar no que se refere ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol e a sua prática por meninas no contexto acima mencionado, apresentam-se como objetivos:

### 4.2.1 Objetivo geral

- Investigar o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a sua prática por meninas, valendo-se das TICs como contributo constante para as práticas pedagógicas.

#### 4.2.2 Objetivos específicos

- Elaborar um conjunto de informações relacionadas ao Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e viabilizá-lo em rede social virtual para avaliação em conjunto com os professores a respeito da sua relevância e potencial como contributo constante para a prática docente.
- Viabilizar o emprego das TICs como uma possibilidade de interação entre professores, alunos e alunas para troca de informações e experiências voltadas para o ensino do Basquetebol.

## 5 METODOLOGIA

No intuito de promover a compreensão dos procedimentos realizados quanto ao delineamento do presente estudo, nesse capítulo são apresentadas as fases que representaram o desenvolvimento do mesmo. São expostos os procedimentos realizados para a coleta das informações necessárias para a análise do objeto investigado bem como as características dos sujeitos participantes, dos instrumentos de coleta de dados utilizados e o detalhamento das etapas da pesquisa. Saliencia-se que esses procedimentos estabeleceram subsídios para, em um segundo momento, elaborar um conjunto de informações essenciais para a sua viabilização em rede social virtual e, portanto, oportunizar aos professores um material que venha a servir como auxiliar para as suas intervenções pedagógicas. Por fim, os mesmos procedimentos resultaram na aplicabilidade das informações disponibilizadas para que os resultados obtidos pudessem servir de subsídios para o debate no que tange à viabilidade do material como contributo para a prática pedagógica.

Para a realização do estudo foi utilizada a pesquisa quanti-qualitativa por entender-se que tal método possibilita a melhor compreensão do tema a ser investigado (FIGUEIREDO, 2008; SEABRA, 2010; MINAYO, 2010; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). De acordo com Minayo (2010), essa abordagem, por lidar com um universo de significados, atitudes e valores, pode responder a questões particulares as quais não podem ser apenas quantificadas, oferecendo circunstâncias produtivas para um estudo mais amplo a respeito de determinados fatores vinculados ao fenômeno investigado a partir de uma perspectiva analítica e interpretativa no que tange às informações emergentes do processo de investigação. Sob esse aspecto, almeja-se que as relações sociais possam ser verificadas em suas características mais concretas e essenciais (MINAYO, 2010). Além disso, houve por parte do pesquisador a preocupação com as observações feitas pelos participantes do estudo na condição de colaboradores.

Aponta-se que uma pesquisa de caráter colaborativo pode ser compreendida como uma possibilidade de uma melhor compreensão do objeto de estudo, pois essa se ampara na opinião dos sujeitos a partir das suas reflexões. Ela se apoia no ponto de vista dos professores acerca de suas práticas e reflexões quanto ao objeto. Para

Pereira (2017), a pesquisa colaborativa proporciona uma co-construção envolvendo o pesquisador e os sujeitos, além de aproximar a escola do ambiente acadêmico a partir da conexão da pesquisa com o "saber exercer" do professor. A mesma autora complementa com a afirmação de que uma pesquisa colaborativa está atrelada à prática profissional, podendo, portanto, contribuir para a prática docente diante da articulação com estudos que estão alicerçados no entendimento que os sujeitos constroem em consonância com o pesquisador a respeito de um determinado aspecto de sua vivência profissional. Observa-se que nesse cenário, o papel do pesquisador consiste em orientar o entendimento construído no decorrer da investigação.

Gasparotto e Menegassi (2016) contribuem com a observação de que a pesquisa colaborativa visa aprimorar a inclusão do pesquisador no ambiente o qual se realiza o estudo, estabelecendo-se, conforme mencionado anteriormente, o diálogo entre a escola e a academia com o intuito de oportunizar o conhecimento e a construção de novas práticas pedagógicas por intermédio da ação e da reflexão que venham a conduzir a produção de metodologias sustentadas por um arcabouço teórico apropriado.

Em vez de o pesquisador inserir-se no ambiente escolar apenas para observar, dizer o que está ou não adequado, objetiva-se discutir junto ao professor a realidade de seu trabalho, as dificuldades encontradas e oferecer subsídios teórico-metodológicos para a implementação de novas práticas que ressignifiquem seu trabalho (GASPAROTTO; MENEGASSI, 2016, p. 949).

Para Ibiapina (2008), a pesquisa colaborativa possibilita o rompimento com as práticas tradicionais de investigação, apresentando os professores como participantes desse processo não estando na condição de co-pesquisadores, mas sujeitos que expressam opiniões e tomam as decisões que o grupo desenvolve em conjunto com o objetivo de transformar uma determinada realidade.

Assim sendo, a pesquisa colaborativa apresenta a característica da condução de um estudo com a coparticipação entre o pesquisador e os professores participantes da pesquisa, onde se objetiva a reestruturação e reconstrução do trabalho com uma linguagem que venha a oferecer alternativas à prática pedagógica.

Sobre a pesquisa, somente participaram dela as escolas e professores que cumpriram com toda a documentação necessária de acordo com o Comitê de Pesquisas em Seres Humanos do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA,

o qual foi submetido o projeto e aprovado sob o Parecer Consubstanciado nº. 639.293 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº. 02350612.7.0000.5237 (Anexo B).

## 5.1 Participantes

A seleção dos participantes foi determinada a partir das características específicas dos professores que poderiam estar em consonância com o objeto de estudo, ou seja, a ensino do Basquetebol e a sua prática por meninas (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Além disso, foram selecionados os professores com maior disponibilidade para a participação na pesquisa e, também, aqueles que apresentavam reconhecida afinidade com o objeto de estudo.

Participaram da pesquisa licenciados em Educação Física, efetivos dos quadros docentes das instituições de ensino do município de Volta Redonda – RJ e que lecionam nas turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A escolha por essas séries se justifica por considerar que boa parte dos professores de Educação Física inicia o ensino dos esportes a partir dessa faixa etária (RODRIGUES; DARIDO, 2011) e pelo fato de que, segundo Koca (2009), é quando o desenvolvimento biológico e fatores socioambientais mais influenciam as alterações comportamentais.

O número de sujeitos participantes foi de 60 professores de Educação Física de ambos os sexos, o que representa 46,87% dos docentes que atuam nas unidades escolares com turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental localizadas no município de Volta Redonda. Como referência para o percentual de participantes alcançados pela pesquisa, considerou-se o referido índice utilizado em outros estudos, a saber, Betti e Liz (2003), 30%; Newland et al. (2013), 37% e Shen (2014), 30,27%.

Acerca da qualificação dos professores entrevistados, houve uma incidência maior de especialistas (*lato sensu*) em relação ao percentual de graduados e mestres (*stricto sensu*), conforme dados apresentados na Tabela 2. Ao analisar o histórico acadêmico dos professores entrevistados e comparar as informações com a qualificação dos mesmos, notou-se a associação do tempo de dedicação ao magistério com a formação continuada, quando aqueles que se aproximam da

aposentadoria são, em sua maioria, graduados. Para Porath et al. (2011), isto não deve ser interpretado como um desinvestimento das ações educativas por parte dos professores, mas a reconsideração dos interesses profissionais motivada por anseios de ordem pessoal.

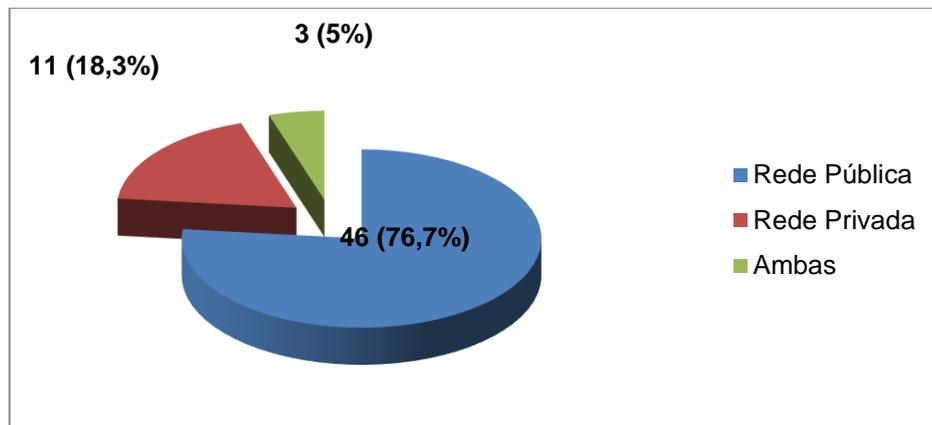
**Tabela 2** - Titulação dos docentes entrevistados.

Titulação	Número de docentes	%
Graduados	23	38,3
Especialistas ( <i>lato sensu</i> )	29	48,4
Mestres ( <i>stricto sensu</i> )	08	13,3

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir de uma análise quantitativa, detectou-se que dos professores que responderam ao questionário (Gráfico 1), 46 lecionam na rede pública de ensino do município de Volta Redonda (76.7%). São docentes na rede privada 11 entrevistados (18.3%). Observa-se também que, dos docentes participantes da pesquisa, 3 lecionam em ambas as redes (5%).

**Gráfico 1** - Campos de ação dos docentes entrevistados.

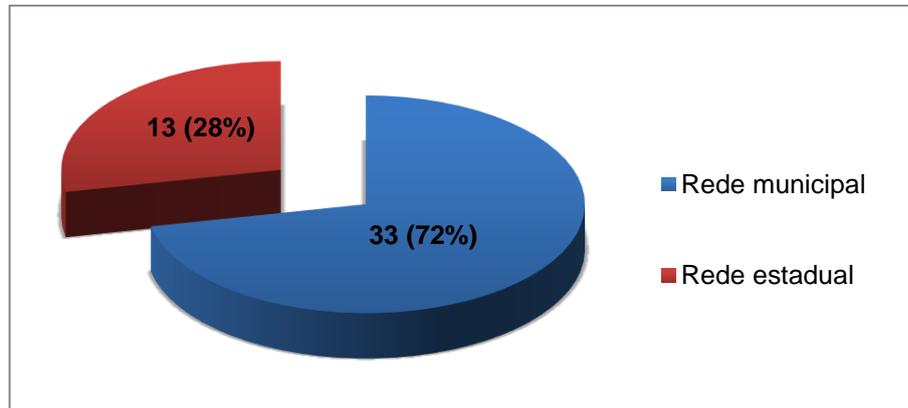


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda em relação ao campo de ação dos professores participantes do estudo, é mister observar que a rede pública de ensino contempla as esferas municipal e estadual. Neste caso, conforme os dados apresentados no Gráfico 2, nota-se a distinção dos entrevistados que atuam na rede pública em dois grupos, sendo que 33

(72%) dos professores estão vinculados à rede municipal, enquanto 13 (28%) à rede estadual de ensino.

**Gráfico 2** - Campos de ação dos docentes vinculados à rede pública de ensino.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No aspecto quantitativo, as características que envolvem o histórico esportivo, acadêmico e profissional dos docentes entrevistados estão descritas na Tabela 3. Em relação ao contato com o Basquetebol como experiência esportiva, sete professores entrevistados (11,6%) mencionaram a sua relação com a modalidade na qualidade de ex-atletas, além de um professor (1,6%) que ainda participa de jogos e competições. Quanto às outras modalidades esportivas, 40 professores (66,6%) foram praticantes ou ainda as praticam. Dos professores entrevistados, 12 (20%) afirmaram que nunca praticaram modalidades esportivas de forma sistemática.

**Tabela 3** - Histórico esportivo, acadêmico e profissional dos docentes entrevistados.

<b>Histórico Esportivo</b>	<b>Frequência</b>
Atletas de Basquetebol	01
Atletas de outras modalidades esportivas	03
Ex-atletas de Basquetebol	07
Ex-atletas de outras modalidades esportivas	37
<b>Histórico Acadêmico</b>	<b>Frequência</b>
Graduados entre 0 e 5 anos	07
Graduados entre 6 e 10 anos	12
Graduados entre 11 e 15 anos	04
Graduados entre 16 e 20 anos	11
Graduados entre 21 e 30 anos	18
Graduados entre 31 anos ou mais	06
<b>Histórico Profissional</b>	<b>Frequência</b>
Professor de EF Escolar entre 0 e 5 anos	18
Professor de EF Escolar entre 6 e 10 anos	10
Professor de EF Escolar entre 11 e 15 anos	04
Professor de EF Escolar entre 16 e 20 anos	10
Professor de EF Escolar entre 21 e 30 anos	15
Professor de EF Escolar entre 31 anos ou mais	02

Fonte: Elaborado pelo autor.

## 5.2 Instrumentos

A coleta de dados foi realizada mediante ao emprego de dois instrumentos, descritos no decorrer do presente capítulo. Para a realização dessa etapa, além da aplicação de um inquérito por questionário que contribuiu para a identificação do perfil dos professores, também foi utilizada uma entrevista semiestruturada, gravada e transcrita. O questionário (Apêndice A) contém questões que objetivam a obtenção de informações sobre a prática do Basquetebol por meninas no espaço escolar, o que proporcionou a obtenção de dados tanto para o desenvolvimento como a compreensão das relações entre os sujeitos e sua situação (CÂMARA, 2013).

A respeito da entrevista semiestruturada (Apêndice B), a mesma apresenta a finalidade de expor abertamente as posições dos participantes acerca da realidade do processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol nas escolas do município de Volta Redonda e sua prática por meninas. Para isso, o referido instrumento consolidou a possibilidade de se obter dados que, a partir do contato direto entre o pesquisador e os sujeitos, proporcionaram a compreensão do fenômeno investigado de acordo com a perspectiva dos professores participantes da pesquisa.

Na concepção de Triviños (1987), a entrevista semiestruturada apresenta como característica o apoio em teorias e hipóteses a partir de questionamentos básicos os quais apresentam um conjunto hipóteses que emergem das respostas concedidas pelos entrevistados que participam na construção do conteúdo da investigação.

A entrevista semiestruturada permite ao entrevistado discursar sobre a temática abordada seguindo as questões previamente formuladas. Ao mesmo tempo, possibilita ao entrevistador explorar e formular perguntas não previstas no roteiro. A entrevista semiestruturada requer do entrevistador perspicácia e habilidade de dialogar (WACHHOLZ, 2015, p. 46).

Optou-se pela coleta a partir de dois métodos por se fazer proveitosa a utilização de mais de um instrumento em uma única investigação: para que pudessem ser explicados possíveis produtos contraditórios, para estimar a validade dos resultados e para que houvesse uma maior quantidade de informações, de forma que as mesmas pudessem ser comparadas e analisadas (WIKTORIN et al., 1999).

As entrevistas foram realizadas com os docentes com o intuito de colher informações sobre ações empregadas quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol nas aulas de Educação Física e perceber as particularidades relacionadas à participação das meninas nas atividades promovidas, assim como a postura destes no contexto das aulas. Na entrevista foram aplicadas sete questões associadas ao tema central da pesquisa. O guia da entrevista utilizada como instrumento de coleta de dados encontra-se nos anexos do presente estudo.

A construção dos instrumentos de coleta de dados se baseou nas categorias construídas a partir da revisão bibliográfica relacionada aos processos metodológicos de avaliação. Após a designação de algumas questões prioritárias que passaram por um processo de análise e seleção no qual algumas foram refeitas ou excluídas, as categorias empíricas organizadas foram:

- O esporte como conteúdo das aulas de Educação Física;
- Processos metodológicos quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol em ambiente escolar;

- Aspectos motivacionais associados à participação de meninas nas aulas de Educação Física;
- Visão dos professores em relação ao papel da Educação Física no processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol;

Com o intuito de garantir um maior controle do procedimento de coleta de dados, os instrumentos obedeceram às seguintes etapas:

- Levantamento bibliográfico;
- Planejamento do roteiro da entrevista e questionário;
- Validação dos instrumentos por peritos;
- Pré-testagem dos instrumentos (esse procedimento envolveu a aplicação no público-piloto, validação e estimativa de resultados);
- Seleção dos entrevistados;
- Agendamento das entrevistas;
- Execução das entrevistas;
- Registro das respostas por meio de gravações;
- Apuração dos dados colhidos;
- Transcrição e organização dos dados.

A validação do instrumento consiste em identificar se ele afere o que se propõe a medir e se está associado à necessidade de verificar características defendidas pelo referencial teórico (GONÇALVES; MOURÃO, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2008).

Com o objetivo de garantir a consistência da observação, após a construção dos instrumentos de coleta de dados, seguiu-se o processo de análise da interferência realizada a partir dos resultados alcançados pelos mesmos. Por intermédio deste procedimento, objetivou-se não apenas a validação dos dados obtidos, mas também a interpretação destes.

Para a validação dos instrumentos de coleta de dados, obedeceu-se a dois procedimentos. No primeiro momento, os mesmos foram validados qualitativamente por cinco professores doutores com conhecimento reconhecido sobre a área de estudo e com experiência voltada para a validação de instrumentos de coleta de dados, que sugeriram e orientaram modificações no sentido de tornar tanto o questionário como o guia de entrevista mais objetivos e coerentes com o objetivo do estudo.

Após o primeiro procedimento e para testar a confiabilidade dos instrumentos, os mesmos foram submetidos a um teste-piloto, onde foram aplicados a uma amostra de oito professores (13,33% dos participantes) com conhecimento notório e experiência no processo de ensino e aprendizagem do Basquetebol em ambiente escolar (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). A seguir, foi solicitado aos professores que apresentassem informações e sugestões no que tange ao grau de compreensão das perguntas, tempo de aplicação da entrevista e acréscimo ou retirada de questões. Esse pedido teve como principal objetivo a apuração da qualidade dos instrumentos, bem como a percepção de uma possível adequação do procedimento de coleta de dados.

Os participantes do teste-piloto são professores com experiência profissional compreendida entre nove e trinta e quatro anos. Desses, seis lecionam em escolas públicas, um em escola privada e um caracterizado em ambas as situações. Quanto à titulação, a amostra foi integrada por dois especialistas, quatro mestres e dois doutores.

A partir do entendimento teórico acerca da participação das meninas nas aulas de Educação Física e o processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol, foi

possível a elaboração de questões que viabilizassem o alcance dos objetivos propostos pela pesquisa (GONÇALVES; MOURÃO, 2008). De acordo com Agee (2009), esse procedimento propicia, além da caracterização das particularidades do estudo, a utilização da teoria como um caminho para uma maior compreensão dos resultados alcançados.

A concepção dos instrumentos de coleta de dados utilizados passou por etapas fundamentais (Figura 2). A seguir, discutiu-se com os orientadores da pesquisa quais as categorias a serem investigadas, bem como a formulação de cada questão para a composição dos instrumentos. Considerou-se, além da sua capacidade em medir o fenômeno pesquisado, a clareza e a pertinência das questões (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

**Figura 2** - Processo de concepção dos instrumentos de coleta de dados



Fonte: Elaborado pelo autor.

Após o cumprimento dos procedimentos acima mencionados, os instrumentos de coleta de dados foram desenvolvidos com o objetivo de atender aos seguintes pontos:

- *Informações sobre os sujeitos da pesquisa consideradas pertinentes ao objetivo do estudo.* Foram inseridas no questionário questões esclarecedoras quanto ao espaço de atuação docente (escolas públicas ou privadas) e experiência profissional dos participantes da pesquisa;
- *Questões gerais que buscam identificar as perspectivas dos sujeitos da pesquisa em relação ao contexto investigado* (AGEE, 2009). Nesse sentido, buscou-se alcançar uma reflexão dos docentes entrevistados em relação à realidade encontrada nas escolas, a participação das alunas nas atividades promovidas, participação em competições

esportivas e aspectos metodológicos das aulas de Educação Física nas escolas.

### 5.3 Entrevistas

O emprego de entrevistas é muito utilizado em pesquisas qualitativas e quanti-qualitativas, mesmo que não haja a obrigatoriedade de tal procedimento. Para a sua utilização, faz-se necessário um planejamento minucioso para que os objetivos sejam alcançados, além da obediência a procedimentos éticos imprescindíveis para a sua aplicação (BELEI et al., 2008). Sobre isso, Câmara (2013) complementa com a afirmação de que os objetivos são atingidos diante do fornecimento de informações detalhadas acerca do meio investigado que possibilitam a construção de dados necessários para testar hipóteses e expectativas além de teorias específicas.

Além disso, para Gemente (2015) e Fraiha (2016), a aplicação de uma entrevista como instrumento de coleta de dados possibilita a interação entre o entrevistador e os professores participantes da pesquisa, que expõem de maneira espontânea os questionamentos relacionados ao tema investigado, oportunizando assim o melhor entendimento por parte do pesquisador acerca das questões levantadas.

Todas as entrevistas foram integralmente transcritas e analisadas posteriormente. Para isso, empregou-se a análise de conteúdo, definida por Bardin (2011) como uma técnica que, a partir de procedimentos sistemáticos, objetiva a descrição do conteúdo dos indicadores que possibilitam a dedução de conhecimentos associados às condições desses mesmos indicadores. De uso dessa técnica, é permitida a sua aplicação em todas as formas de comunicação, independentemente de sua natureza.

Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (CÂMARA, 2013, p. 182).

Sobre isso, Prado (2014, p. 44) contribui com a afirmação de que:

Sobre o contato com os sujeitos, também é preciso levar em consideração que nesse encontro o olhar do/a pesquisador/a interpreta o observável sem se despir de seus valores e/ou conhecimentos. Assim, se faz necessário um afastamento, que nem sempre é possível em sua totalidade, de suas convicções prévias, deixando, de certa forma, o campo guiar o desenvolvimento da pesquisa.

Para a realização da análise de conteúdo, fez-se necessária a transcrição das entrevistas concedidas. Esse procedimento possibilita o que Esteves e Azevedo (1998) definem como a construção do conhecimento acerca de uma realidade estabelecida e relativamente determinada em um contexto histórico. As transcrições incluem a identificação codificada do sujeito, local e data da realização da entrevista e o tempo de duração da mesma.

Para a garantia do anonimato dos sujeitos entrevistados, os seus respectivos nomes foram substituídos pelo código P, seguido do número de identificação da entrevista, por exemplo, P 1, P 2 e assim sucessivamente. As informações obtidas a partir das entrevistas não serão utilizadas para fins que não estejam vinculados ao presente estudo.

Na apresentação dos resultados serão expostos os dados obtidos por intermédio das entrevistas concedidas pelos docentes participantes do presente estudo. Esse procedimento ocorrerá por meio de um esquema de análise, sendo que em cada categoria serão exibidos trechos das entrevistas que venham a ilustrar com pertinência as opiniões dos docentes participantes quanto ao tema proposto (SEABRA, 2010).

Ressalta-se que houve de forma preliminar a hipótese de separar os dados a partir da distinção dos docentes que ministram aulas em escolas públicas e os que estão vinculados às instituições privadas, sobretudo em função da disparidade entre as condições físicas, econômicas e estruturais das duas realidades. Entretanto, no decorrer da leitura flutuante das transcrições, percebeu-se que as perspectivas dos professores não indicavam uma caracterização significativa das diferenças mencionadas, o que influenciou na apresentação dos dados de forma incorporada.

## 5.4 Procedimentos

### 5.4.1 Primeira fase

Os procedimentos metodológicos associados à presente pesquisa foram organizados a partir do seu objetivo e auxiliaram na construção final da tese. Esses procedimentos foram representados em três momentos, sendo cada um, com suas inerências, essencial para a conclusão do estudo.

No primeiro, foram realizadas as ações relacionadas à coleta de dados e a análise dos mesmos. O passo inicial para a coleta de dados foi, em conformidade com os procedimentos éticos aplicáveis a pesquisas nesse formato, solicitar a anuência das escolas as quais os docentes estavam vinculados por intermédio dos seus respectivos diretores ou representantes legais para a realização da pesquisa. No caso das instituições públicas, esse procedimento se deu por meio da Secretaria Municipal de Educação do município de Volta Redonda (SME), da Fundação Educacional de Volta Redonda (FEVRE) e da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC).

Os dados foram coletados pelo pesquisador durante o período de seis meses, diretamente em contato com os professores participantes e de acordo com as características e possibilidades de cada momento. Após os esclarecimentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa junto aos sujeitos, os participantes responderam ao questionário referente ao estudo e posteriormente concederam a entrevista.

O preenchimento dos questionários e a concessão das entrevistas por parte dos sujeitos ocorreram nos períodos de intervalo entre as aulas, em tempos disponíveis e atendendo à solicitação dos docentes participantes da pesquisa em realizar os encontros em horários dentro de suas respectivas cargas horárias. Salienta-se que o preenchimento do questionário e a concessão da entrevista foram realizados em um mesmo encontro entre o sujeito participante e o pesquisador.

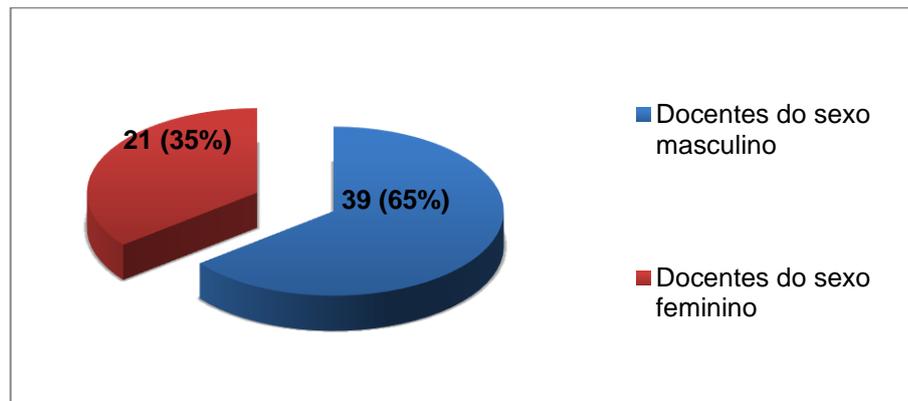
Durante a pesquisa, foram registradas entrevistas áudio gravadas com 39 professores do sexo masculino e 21 do sexo feminino (Gráfico 3), a observar que a duração média das entrevistas foi de aproximadamente 16 minutos. A considerar que

o emprego do gravador oportuniza a coleta das respostas dadas pelos participantes da pesquisa sem que se perca qualquer dado necessário para uma posterior análise, para a realização das entrevistas, o equipamento utilizado compreendeu em um aparelho digital Sony ICD-PX312F 2GB. A respeito dessa questão, Belei et. al. (2008) acrescentam que a utilização do gravador em entrevistas é considerada adequada para que se torne possível a ampliação da capacidade de registro de elementos de comunicação entre o pesquisador e o entrevistado, interrupções para reflexão e eventuais alterações na entonação da voz do sujeito, aperfeiçoando assim o fidedigno entendimento do relato concedido.

Também sobre a utilização dos diversos recursos tecnológicos e na perspectiva de Gonçalves e Chimendes (2012), o emprego de tais recursos no processo de desenvolvimento de estudos acadêmicos tem possibilitado um efeito significativo a respeito dos resultados alcançados, percebendo-se a caracterização de novas condutas por parte dos pesquisadores. Sobre isso, Avelino et al. (2017) complementam com a afirmação de que o aproveitamento desses recursos oportuniza a aprendizagem de potencialidades e a competência daqueles que são envolvidos com a construção de conhecimentos.

Nota-se que os recursos tecnológicos representam um reconhecido agente facilitador dos processos de Ensino e Pesquisa, mas mesmo que o emprego de tais meios aparente estar cada vez mais introduzido no cotidiano, assevera-se que ainda não estão efetivadas as formas mais adequadas para o seu emprego. Nesse ponto, acrescenta-se a necessidade de uma confrontação do contexto teórico e prático entre os recursos observados e a pesquisa científica no sentido de promover a superação da determinação de normas acadêmicas e, também, a deliberação das metodologias empregadas (ECHALAR; PEIXOTO, 2017).

**Gráfico 3** - Docentes entrevistados separados por gênero.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, utilizou-se a coleta direta de dados para que se fosse possível obter o recorte espacial a ser pesquisado. Por meio de questões semiestruturadas, objetivou-se a comunicação entre o pesquisador e o docente entrevistado, onde se construiu a possibilidade de obter as opiniões dos professores sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física. Após esse procedimento, os dados obtidos foram criticados à procura de falhas sistemáticas no planejamento, aquisição e armazenamento destes.

Em suma, para o pleno atendimento ao processo de coleta de dados necessários para a compreensão do objeto investigado, foi necessário aos participantes:

- Assinatura da Carta de Anuência;
- Preenchimento do Termo Livre Esclarecido de concessão de direitos;
- Preenchimento do questionário;
- Concessão da entrevista.

Posteriormente ao procedimento de coleta de dados, fez-se necessário o processamento de todas as informações obtidas por intermédio desta. Esse processo iniciou-se a partir de uma análise crítica dos dados, o estabelecimento dos critérios de

classificação que possibilitaram uma observação detalhada das hipóteses elencadas. A respeito dessa etapa, Bardin (2011) comenta que esta não significa mais do que a aplicação das decisões previamente tomadas, seja por intermédio de procedimentos aplicados com o auxílio de recursos tecnológicos ou não.

Com base nos estudos apresentados por Sáiz, Calvo e Godoy (2009) e Brown e Macdonald (2011), após a transcrição das entrevistas, uma cópia foi entregue a cada professor entrevistado, assim como o resumo da interpretação realizada pelo pesquisador. Esse procedimento teve como principal objetivo apresentar aos docentes participantes a possibilidade de verificação minuciosa de suas opiniões bem como a veracidade das interpretações feitas pelo pesquisador com vista a analisar a validade interna de construto. De acordo com as observações feitas pelos professores entrevistados após a leitura das entrevistas, notou-se a plena concordância das transcrições com as declarações concedidas.

É importante observar que ainda segundo o estudo de Sáiz, Calvo e Godoy (2009), o monitoramento realizado pelos sujeitos da pesquisa representa a melhor maneira de garantir a credibilidade do estudo em questão.

Após o monitoramento das interpretações apresentadas pelos sujeitos da pesquisa, os dados colhidos nas entrevistas foram submetidos a uma análise de conteúdo pelo programa *NVIVO 10*, *software* especificamente projetado para analisar os dados qualitativamente (BOYLE; JONES; WALTERS, 2008), realizando-se posteriormente uma apreciação interpretativa dos resultados com o intuito de se obter as porcentagens de ocorrência e os produtos de frequência. Para tal, foi necessária a criação de categorias e a releitura das entrevistas com os recortes sendo devidamente inseridos nessas categorias. As etapas relacionadas a este procedimento serão especificadas posteriormente.

Na perspectiva de Guizzo, Krzimirski e Oliveira (2003), há algum tempo os computadores e *softwares* vêm oferecendo aos pesquisadores significativa contribuição ao processo de investigação nas áreas de ciências humanas e da saúde. De acordo com os mesmos autores, os *softwares* eram anteriormente oportunizados aos pesquisadores como auxílio apenas a estudos quantitativos. Todavia, em consonância com o considerável crescimento do número de pesquisas qualitativas nas áreas mencionadas, uma série de *softwares* para análises nesse sentido

começaram a ser produzidos. Nesse sentido, observa-se que a aplicação de *softwares* no desenvolvimento de pesquisas científicas é considerada de grande relevância em análises qualitativas.

Em seus estudos, Lage (2011) indica que os principais *softwares* utilizados para a análise de dados em estudos qualitativos apresentam um cabedal de facilidades ao pesquisador no que se refere à codificação dos dados e à categorização, principalmente. Entre esses *softwares* - sendo o *NVIVO 10* um deles -, ocorrem distinções apenas em suas funcionalidades suplementares que acrescentam determinados recursos vinculados a consultas, geração de relatórios, percentuais e análises áudio visuais. Para Guizzo, Krzimirski e Oliveira (2003), *softwares* como o *NVIVO 10* se baseiam no princípio da codificação e armazenamento de textos em categorias específicas, operacionalizando, assim, as análises dos dados coletados.

Baseando-se no procedimento apresentado por Boyle, Jones e Walters (2008) em seus estudos, foram utilizados no processo de análise de conteúdo as etapas:

- Após serem transcritos para um arquivo de texto, os dados foram lidos e organizados;
- Os dados coletados foram devidamente codificados em categorias previamente identificadas de acordo com os temas vinculados aos depoimentos dos entrevistados. Observa-se que para que os dados coletados pudessem ser importados adequadamente para o *NVIVO 10*, foi necessário que os mesmos fossem formatados com a extensão \*.rtf.

Para finalizar, apresentaram-se as conclusões a partir dos dados levantados (de uma parte representativa da população) e processados, inferindo conclusões sobre o todo (população).

## **5.5 Processo de categorização**

Após a organização de todas as entrevistas devidamente transcritas, realizou-se a etapa que consistiu na criação de categorias (códigos) e a análise das

transcrições com os recortes inseridos nos códigos criados. Essas categorias representam uma definição que pode ser acomodada em um espaço automaticamente gerado pelo *NVIVO 10* no momento de sua concepção (GUIZZO; KRZIMINSKI; OLIVEIRA, 2003)

A concepção de categorias em uma pesquisa acadêmica, de acordo com Bardin (2011), oportuniza a compreensão dos significados das informações obtidas, colocando-as adequadamente em seus respectivos contextos. Para Souza Júnior, Melo e Santiago (2010) a análise categorial deve, sobretudo, funcionar em etapas e comportar dois momentos: o isolamento dos elementos e, a partir destes, a organização das mensagens.

Baseada na revisão de literatura, a presente pesquisa baseou-se em quatro categorias, sendo elas:

- O esporte e a EFE;
- O Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física;
- O Basquetebol e a sua prática por meninas;
- O papel dos professores e o incentivo às alunas;

Essas categorias foram definidas em conveniência com os objetivos da pesquisa, ou seja, explorar a compreensão dos professores participantes a respeito do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a sua prática por meninas e, também, indagar esta compreensão diante da análise criteriosa das opiniões coletadas.

As categorias apresentam como componente principal o objeto da pesquisa, o que, para Souza Júnior, Melo e Santiago (2010), torna-se relevante a análise destas em função da sua exposição sobre o que se deseja investigar, bem como se expressarão.

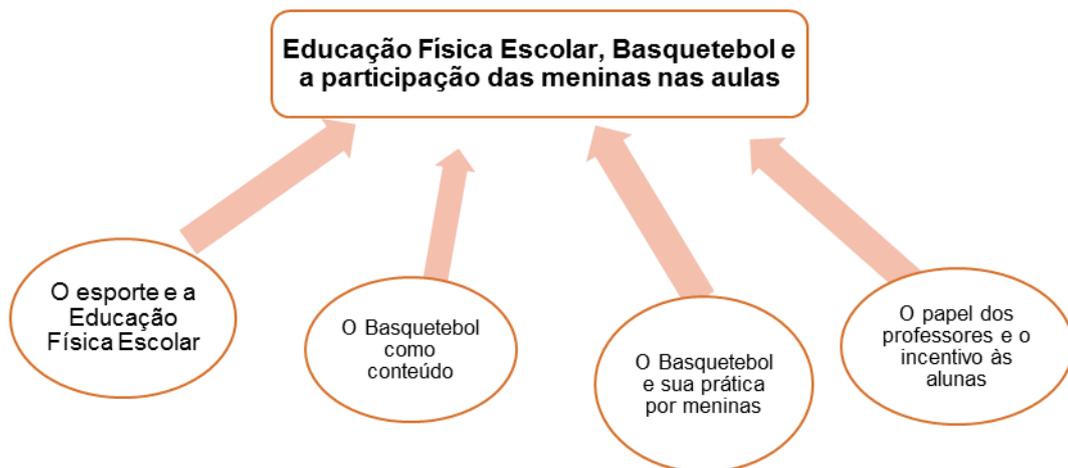
Foram registradas as impressões em relação aos dados para que as interpretações pudessem ser devidamente relacionadas à realidade da situação

observada. Essas leituras apresentam como objetivo a percepção do que foi coletado e, a partir desta, ampliar os conhecimentos no sentido de confirmar ou não as conjecturas associadas ao fenômeno investigado (SOUZA JÚNIOR; MELO; SANTIAGO, 2010).

Ainda em se tratando do processo de categorização, foram criadas também árvores contendo classificações mais minuciosas das informações obtidas por intermédio de *child nodes*, de acordo com a nomenclatura específica do *software* utilizado. Nesse caso, as categorias foram ramificadas conforme o exposto na Figura 3.

Finalmente, os dados analisados foram codificados a partir da utilização das categorias identificadas, mesmo a se considerar que nem sempre determinadas palavras estivessem de acordo com o contexto da pesquisa. Esse formato possibilitou ao pesquisador a procura de segmentos de texto, onde tornou-se possível a análise dos depoimentos de acordo com a categoria conforme a sua significância.

**Figura 3** - Modelo de identificação das categorias analíticas para conhecimento do objeto de estudo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que as categorias foram escolhidas a partir de sua finalidade operacional, partindo da premissa de que elas possuíam características que as possibilitavam emergir de e no processo de análise. Diante disso, relevou-se a possibilidade de, após o diálogo entre o referencial teórico e os dados obtidos,

estabelecer-se a compreensão acerca do tema a ser investigado (ASSIS, 2010; MINAYO, 2010).

## **5.6 Análise dos dados**

Sobre a análise dos dados, a partir da criação das categorias e a retomada do objetivo geral da pesquisa, procurou-se determinar as possíveis associações entre os aspectos identificados e o cerne do presente estudo. Com isto, possibilitou-se um quadro elucidativo da problematização, centrada na concepção dos professores de Educação Física Escolar do município de Volta Redonda no que tange ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol, assim como a sua prática por meninas.

Ainda a respeito da análise criteriosa dos dados obtidos, esta foi realizada a partir dos documentos desenvolvidos pelo próprio *software NVIVO 10*. A apreciação foi feita posteriormente ao processo de codificação desses documentos e da identificação das categorias nos mesmos, onde se estabeleceram os recortes em consonância com a codificação destas, assim como as suas subcategorias. A utilização do *software NVIVO 10* foi fundamental para o processo de análise dos dados, na qual a sistematização dos resultados obtidos foi viabilizada, possibilitando assim uma abordagem qualitativa. Em resumo, a análise dos dados ocorreu em três etapas estabelecidas conforme roteiro abaixo (Quadro 1): pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados e interpretação (SOUZA JÚNIOR; MELO; SANTIAGO, 2010).

**Quadro 1** - Roteiro da realização da análise de dados.

<b>Etapas</b>	<b>Intenções</b>	<b>Ações</b>
<b>Pré-análise</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retomada dos objetivos da pesquisa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura flutuante dos textos e transcrições</li> </ul>
<b>Exploração do material</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração das categorias e subcategorias</li> <li>• Preparação e exploração do material</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desmembramento do texto em categorias</li> <li>• Codificação e identificação das categorias</li> </ul>
<b>Tratamento dos dados e interpretação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interpretação dos dados</li> <li>• Estabelecimento dos quadros de resultados e ênfase às informações fornecidas pela análise</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interferências com uma abordagem qualitativa.</li> </ul>

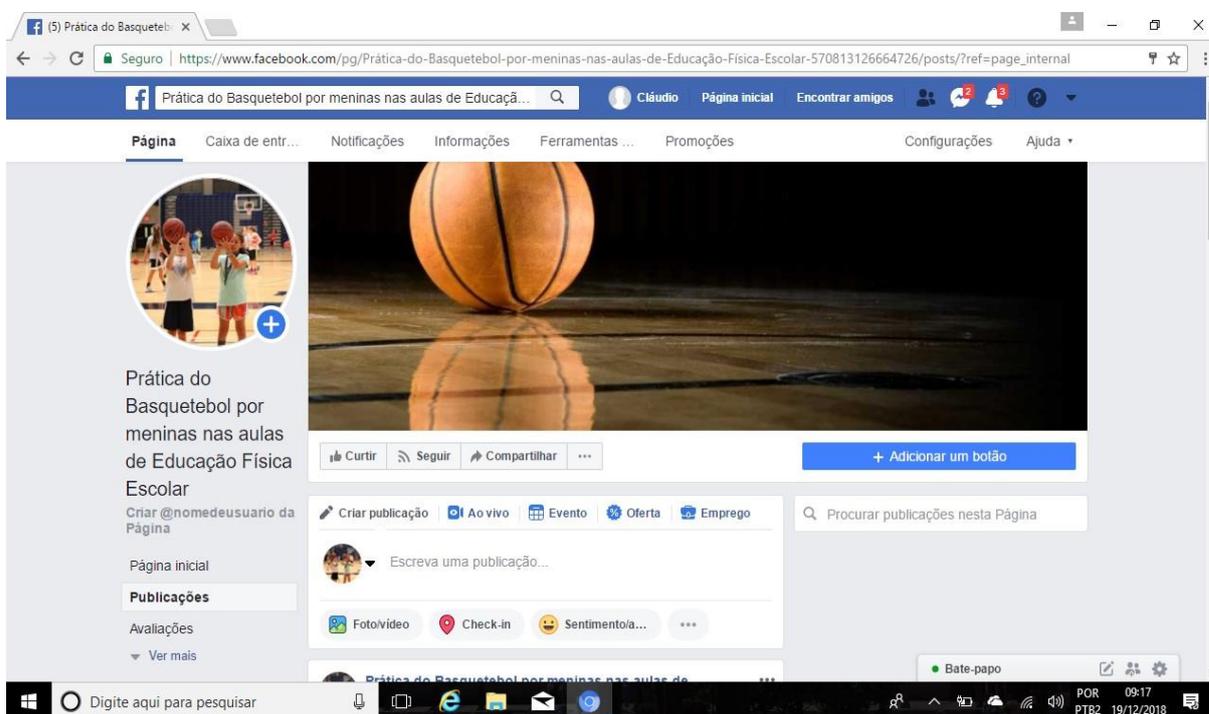
Fonte: Elaborado pelo autor.

## 5.7 Segunda fase

A aplicação do questionário e a entrevista semiestruturada resultou na obtenção de dados que, após a sua análise, propiciou a execução da segunda fase do estudo que consistiu na disponibilização das informações provenientes da investigação em rede social virtual, na intencionalidade de que fossem oportunizados aos professores de Educação Física subsídios para debates e troca de experiências no que tange ao objeto de estudo, possibilitando a construção de novos saberes, a reflexão crítica a respeito da temática e a identificação das possibilidades para a utilização do conteúdo.

Nesse caso, para que todas as informações pudessem estar ao alcance dos professores de Educação Física, gerou-se a página no *Facebook* com o título 'Prática do Basquetebol por meninas nas aulas de Educação Física Escolar' na qual, por intermédio da interação dos seus usuários, foram analisadas as informações relacionadas ao tema proposto para que estas fossem utilizadas como contributo à prática pedagógica (Figura 4). Para visitar a página, o acesso é: <https://facebook/clauidelunardoseverino/?ref=bookmarks>.

**Figura 4** – Página no *Facebook* associada ao estudo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a elaboração da página, inicialmente pensou-se sobre qual rede social virtual seria utilizada para a publicação das informações que seriam disponibilizadas aos professores. Nesse sentido, optou-se pelo *Facebook* por se tratar de uma ferramenta adequada à construção do espaço social no cotidiano dos indivíduos, possibilitando assim, práticas que redefinem sua utilização. Tais práticas geralmente são traduzidas em trocas de informações e experiências ocorridas pelos e entre os seus usuários (RECUERO, 2014).

Após a escolha do *Facebook* como ferramenta associada ao presente estudo, decidiu-se pelo seu conteúdo, que consiste em informações associadas à pesquisa, por exemplo, a trajetória da Educação Física no Brasil, o Basquetebol como conteúdo das aulas e a prática do Basquetebol por meninas no ambiente escolar, além dos resultados obtidos a partir do emprego dos instrumentos de coleta de dados e a discussão dos mesmos. Além da inserção das informações mencionadas, o espaço também serviu para a publicação de notícias relacionadas ao Basquetebol praticado por mulheres e propostas pedagógicas complementares com o intuito de contribuir

com as ações pedagógicas dos professores. Conforme já mencionado anteriormente, tal procedimento assegurou, além da divulgação das informações propriamente ditas, a possibilidade, a partir de uma pesquisa colaborativa, da interação entre os professores de Educação Física no sentido avaliar os resultados obtidos e, também, a sua possibilidade como aporte para a prática pedagógica. Ressalta-se que a página disponível em rede social virtual propiciará aos professores e, possivelmente, acadêmicos dos cursos de Educação Física, o constante acesso a informações consideradas relevantes para estudos e auxílio à prática pedagógica.

Diante da incessante expansão da comunicação e da interatividade entre os indivíduos por intermédio dos diversos recursos tecnológicos, a utilização de redes sociais virtuais proporcionou uma maneira de contato altamente propícia para a divulgação das informações mais relevantes associadas ao presente estudo. A partir da perspectiva de Baldin et al. (2011), o referido procedimento fundamenta a constante evolução da aplicação de tecnologias em função das redes sociais virtuais.

Essa etapa do estudo consistiu na colaboração e na análise por parte de professores de Educação Física do material disponibilizado. A referida análise deu-se por intermédio de comentários associados ao conteúdo apresentado, assim como a sua relevância como benefício para a reflexão acerca das ações pedagógicas associadas ao Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a participação das meninas nas aulas. Após a divulgação e a utilização das TICs (página no *Facebook*) como instrumento para o acesso às informações contidas, utilizou-se como instrumento o grupo focal para a obtenção de dados a partir das discussões a respeito do tema investigado.

O grupo focal é compreendido como um instrumento que apresenta a forma de um debate estruturado que envolve a partilha e o esclarecimento das opiniões e ideias dos participantes, sendo geralmente utilizado para o desenvolvimento ou experimento de construtos, criação de instrumento de coleta de dados, para a validação de modelos ou a complementação de metodologias de investigação tradicionais (LIMA, 2015). A sua utilização em pesquisas qualitativas, segundo Schvingel et al. (2017), permite debates e comentários a respeito de um determinado objeto de estudo por parte de um grupo de indivíduos reunidos pelo pesquisador. Esses debates ocorrem a partir das experiências vivenciadas no que tange ao assunto problematizado pelo

investigador. Nicaretta (2013) corrobora essa informação ao apontar que essa técnica possibilita a aquisição de informações que por intermédio de outras metodologias não seriam obtidas, mas, para tal, é importante salientar que o pesquisador que coordena o grupo focal deve facilitar os debates com o intuito de que não ocorra nenhuma influência em relação às opiniões dos participantes.

O emprego da técnica dos grupos focais ainda é destacado por Trad (2009), que afirma que de maneira isolada ou combinada com outras técnicas de coleta de dados, ela pode ser considerada especialmente útil em pesquisas avaliativas.

O GF difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Sua formação obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (TRAD, 2009, p. 780).

No primeiro encontro com os professores participantes do grupo focal, foi solicitada a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado por cada um dos sujeitos interessados em participar com suas contribuições (Anexo D). Posteriormente, foi explicado pelo pesquisador (facilitador) como ocorreria a dinâmica das discussões. A partir da percepção de que a pesquisa participativa infere o desenvolvimento de ação de formação e de pesquisa, ela contribuiu para a percepção da validade das informações disponibilizadas como uma possibilidade de contribuição para a prática docente. Na intenção de uma pesquisa colaborativa, as reuniões foram programadas com o intuito de deslocar as discussões do campo acadêmico das teorias de caráter pedagógico no que tange ao Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física para o professor e o seu desenvolvimento profissional (GOMES; MOREIRA, 2017).

Procurou-se ainda na primeira reunião a exposição de maneira clara o objetivo do estudo, assim como as questões a serem abordadas. Percebeu-se a necessidade do estabelecimento de regras essenciais para o bom andamento das discussões, de acordo com Trad (2009): um participante falaria de cada vez; falar uma pessoa de cada vez; o tempo de duração da fala não deveria ser excessivo; deveriam ser evitadas conversas paralelas ou fora do contexto; as exposições deveriam ser livres; a atenção ao tema proposto deveria ser mantida por todos os participantes. Também

se notou a necessidade por parte do facilitador em esclarecer que no decorrer de todas as discussões, não haveria um comentário considerado certo ou errado sobre o tema a ser discutido e, portanto, não caberia aos professores participantes o receio em serem avaliados.

Ao iniciar os trabalhos, cada participante recebeu uma cópia impressa do conteúdo disponibilizado no *Facebook* para eventuais consultas, além de material para possíveis anotações.

Como todos os participantes já se conheciam, não houve a necessidade de apresentações individuais. Salienta-se que o fato de todos se conhecerem, ficou evidente a relação de credibilidade entre o facilitador e os integrantes do grupo focal. Para o início das discussões, os professores foram organizados na sala de maneira que se posicionassem em círculo ao redor de uma mesa na qual foi colocada sobre ela o gravador para registros de áudio para análises posteriores (Figura 5).

**Figura 5** - Esquema da formação do grupo focal



Fonte: Elaborado pelo autor

Os cuidados para que os participantes se sentissem confortáveis para as discussões foram devidamente tomados, por exemplo, cadeiras confortáveis, água, lavatórios disponíveis e de fácil acesso, ar condicionado e privacidade. Ressalta-se que, para maior credibilidade do estudo, as informações registradas foram submetidas

a uma análise que posteriormente foi apresentada a todos os professores participantes para aprovação por parte dos mesmos.

Participaram dessa fase 9 professores de Educação Física das redes pública e privada do município de Volta Redonda, sendo 6 homens e 3 mulheres (15% da amostra), todos convidados com o objetivo de reunir informações detalhadas a respeito do material disponibilizado no *Facebook* e com maior disponibilidade para a participação no grupo focal. Esse número está em consonância com os estudos promovidos por Schvingel et al. (2009) em que se aconselha que o grupo focal deve conter entre 6 e 10 participantes. Ressalta-se que todos os participantes da segunda etapa da pesquisa cooperaram com a mesma em seu primeiro momento, concedendo a entrevista e preenchendo o questionário, instrumentos empregados para a coleta de dados. Nota-se que a participação desses sujeitos ocorreu a partir de forma espontânea, já que haviam contribuído com o estudo desde o seu início.

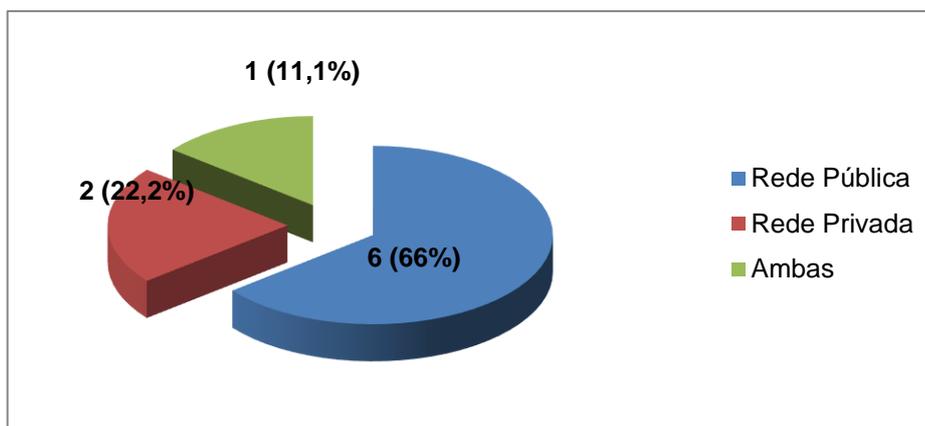
Para a continuidade da pesquisa seria necessária uma discussão a partir de dois questionamentos: Qual a opinião dos professores participantes acerca das informações disponibilizadas na página do *Facebook*; de que forma o material disponibilizado poderia contribuir para o desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas e a sua prática por meninas.

Observa-se que o critério empregado para a seleção dos participantes obedeceu também a dois outros princípios, a saber, ter participado da primeira fase da pesquisa e ter disponibilidade para participar dos encontros previstos.

Como essa fase representaria um complemento do estudo, percebeu-se e necessidade de obedecer a procedimentos éticos necessários para o seu desenvolvimento. Portanto, após o estudo ser encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética (parecer 04362918.3.0000.5237), os participantes receberam o TCLE e foram instruídos quanto ao seu correto preenchimento (Anexos C e D).

Conforme dados apresentados no Gráfico 4, dos participantes da segunda etapa, 6 lecionam na rede pública de ensino (66%), enquanto 3 são professores na rede privada (33%). Dos professores que contribuíram com o estudo nesta etapa, 2 lecionam em ambas as redes (22,2%).

**Gráfico 4** - Campos de ação dos docentes participantes da segunda etapa da pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a realização dos debates envolvendo os participantes do grupo focal, os participantes foram orientados a acessarem a página no *Facebook* vinculada ao estudo e analisarem as informações para que estas servissem de subsídios para as discussões e, também, para a análise do conteúdo das referências e dos dados obtidos por intermédio da primeira etapa do estudo.

Em seguida, os encontros foram agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes, que se comprometeram a participar de todas reuniões para que os trabalhos obtivessem a sua credibilidade. Ocorreram três encontros com duração média de 1 hora e 14 min., os quais foram registradas as discussões em gravações de áudio. Ressalta-se que o tempo de duração dos encontros se encontra de acordo com os estudos de Schvingel et al. (2009), que indica que as reuniões não devem ultrapassar a 3 horas de duração.

Enfatiza-se que os encontros foram realizados em fevereiro de 2019, em uma sala de estudos confortável localizada em um espaço acadêmico e que atendia a todas as necessidades dos participantes.

O resumo dos encontros do grupo focal é apresentado no Quadro abaixo (Quadro 2):

**Quadro 2** – Resumo dos encontros do grupo focal.

Encontro	Duração	Número de pessoas	Recursos utilizados	Finalidades
Primeiro encontro	1h13min	10	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de estudos</li> <li>• Cadeiras</li> <li>• Mesa</li> <li>• Material para anotações</li> <li>• Material impresso para os participantes</li> <li>• Gravador de áudio</li> <li>• Equipamento multimídia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e apresentação dos participantes</li> <li>• Entrega do TCLE</li> <li>• Esclarecimentos a respeito do objetivo dos encontros</li> <li>• Apresentação das normas para condução dos debates</li> <li>• Discussão a respeito das informações disponibilizadas na página do <i>Facebook</i></li> </ul>
Segundo encontro	1h24min	10	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de estudos</li> <li>• Cadeiras</li> <li>• Mesa</li> <li>• Material para anotações</li> <li>• Material impresso para os participantes</li> <li>• Gravador de áudio</li> <li>• Equipamento multimídia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discussão a respeito dos temas: <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os possíveis impedimentos para o desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas</li> <li>✓ A participação das meninas nas aulas de Educação Física.</li> </ul> </li> <li>• Discussão a respeito da forma como o conteúdo disponibilizado poderia contribuir para o desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas e a sua prática por meninas</li> </ul>
Terceiro encontro	1h07min	10	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de estudos</li> <li>• Cadeiras</li> <li>• Mesa</li> <li>• Material para anotações</li> <li>• Material impresso para os participantes</li> <li>• Gravador de áudio</li> <li>• Equipamento multimídia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação das alterações sugeridas pelos participantes</li> <li>• Avaliação dos encontros</li> <li>• Considerações finais por parte dos participantes</li> <li>• Agradecimentos por parte do facilitador</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor.

## 5.8 Terceira fase

Na terceira fase referente ao presente estudo, o conteúdo disponibilizado em rede social virtual foi utilizado por 6 professores em suas respectivas aulas e, posteriormente, em nova sessão do grupo focal, os mesmos apresentaram suas observações referentes à aplicação do material e os resultados alcançados a partir de

suas percepções e, também, por intermédio dos comentários feitos pelos alunos e alunas que participaram das aulas.

A participação de apenas 6 professores nessa etapa se justifica duas razões. A primeira delas se associa ao fato de que a necessidade de obediência ao currículo estabelecido pelas escolas impossibilitou que alguns professores pudessem desenvolver o conteúdo Basquetebol em suas aulas no período em que a etapa transcorreu. A outra razão se deve ao fato de que uma das professoras entrou no período de licença maternidade no decorrer do processo, o que obviamente a impediu de colaborar com a etapa final do presente estudo.

Com o objetivo de identificar a visão dos professores participantes a respeito da aplicabilidade do material publicado na página do *Facebook* e dos resultados alcançados após a sua utilização, nova reunião com o grupo focal foi realizada, além da aplicação da Escala Likert para que pudesse ser identificada a satisfação dos participantes acerca da relevância produto utilizado. Para tal, as opções oferecidas foram: muito satisfeito (a), satisfeito (a), não satisfeito (a) nem insatisfeito (a), pouco satisfeito (a) e insatisfeito (a). A aplicação da Escala Likert tornou-se necessária para que a satisfação dos professores participantes quanto à aplicabilidade das informações disponibilizadas viesse a ser identificada (FONTES, 2015).

No que tange à Escala Likert, Costa e Silva Junior (2014) a consideram como um modelo de mensuração bastante utilizado em pesquisas com o intuito de avaliar determinadas atitudes e opiniões. Segundo os mesmos autores, esse instrumento se fundamenta em um conjunto de afirmações com alternativas a serem escolhidas pelos participantes da pesquisa que normalmente se apresentam em 5 opções.

Em relação à presente pesquisa, optou-se por 4 alternativas no sentido de que estas melhores se adequariam às necessidades da investigação, com precauções para que os resultados obtidos fossem credíveis e que possibilitassem conclusões mais apropriadas (DALMORO; VIEIRA, 2013). Os mesmos autores indicam ainda que a literatura tem apresentando constantemente que um dos aspectos fundamentais para a construção de um instrumento está condicionado ao número de categorias utilizadas na escala de respostas apresentada aos sujeitos participantes da pesquisa.

Além disso, para que os professores participantes não optassem por vincular as suas respectivas opiniões a respostas que pudessem ser consideradas como

comprometedoras, foram definidas alternativas que mais claramente definissem as impressões dos professores. Nesse sentido, as alternativas utilizadas são identificadas conforme o formato apresentado aos professores participantes no Quadro 3.

**Quadro 3** - Escala de Likert utilizada na presente pesquisa

Muito satisfeito (a)	Satisfeito (a)	Pouco satisfeito (a)	Insatisfeito (a)
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

Nota-se que o encontro acima mencionado oportunizou uma reflexão crítica no que tange à aplicabilidade das informações, assim como suas possíveis contribuições a respeito da compreensão por parte dos alunos e alunas quanto à prática do Basquetebol (e outras modalidades esportivas). Os resultados desse encontro permitiram, além do posicionamento colaborativo dos professores participantes, uma condição de responsabilidade acerca dos resultados da pesquisa em relação ao seu papel diante da comunidade na qual ela ocorreu.

Para a viabilização do encontro com o grupo focal referente a esta etapa, considerou-se inicialmente a necessidade do estabelecimento dos questionamentos que conduziram os debates envolvendo os professores participantes. Sendo assim, para a elaboração do roteiro que conduziu o derradeiro encontro com o grupo focal, optou-se pelas seguintes indagações: Como os alunos e alunas receberam a proposta de acesso à página do *Facebook*?; até que ponto as informações utilizadas contribuíram para os debates realizados em aula?; qual foi a maior potencialidade identificada quanto à aplicação do material disponibilizado?; qual foi a maior fragilidade identificada quanto à aplicação do material disponibilizado? Procurou-se com a elaboração desse roteiro não perder o enfoque da pesquisa em relação ao seu objetivo e, também, quanto a referencial teórico-metodológico utilizado (TRAD, 2009).

No sentido de que as informações a serem apresentadas pelos professores pudessem ser potencializadas, além da aplicação da Escala Likert para que fosse identificada a satisfação dos professores quanto à aplicabilidade da página do *Facebook*, acerca da relevância produto utilizado, optou-se pela utilização das informações apenas em aulas de uma única série do Ensino Fundamental para que não ocorresse distinções significativas entre os resultados identificados. Assim, os

professores fizeram uso da página do *Facebook* unicamente em turmas do nono ano do Ensino Fundamental.

Obedecendo o mesmo critério adotado para a organização dos encontros associados à segunda fase do presente estudo, a data e o horário para a realização da reunião com os professores participantes foram escolhidos em consonância com a disponibilidade de todos os envolvidos. O encontro para avaliação da aplicabilidade das informações nas aulas de Educação Física teve a duração de 2 horas e 20 minutos, período ainda em acordo com as observações apontadas por Schvingel et al. (2009).

O encontro se realizou a aproximadamente 45 dias após o período de aplicação do conteúdo disponibilizado em rede social virtual. A reunião ocorreu em ambiente apropriado e acesso relativamente tranquilo para todos os professores participantes, conforme observações mencionadas por Trad (2009).

O resumo do encontro associado à terceira fase do presente estudo é apresentado no Quadro abaixo (Quadro 4):

**Quadro 4** – Resumo do encontro referente à Terceira Fase.

Duração	Número de participantes	Recursos utilizados	Finalidades
2h20min	6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sala de reuniões</li> <li>• Cadeiras</li> <li>• Mesa</li> <li>• Material para anotações</li> <li>• Material impresso para os participantes</li> <li>• Gravador de áudio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento aos participantes</li> <li>• Esclarecimentos a respeito do objetivo do encontro</li> <li>• Apresentação das normas para condução dos debates</li> <li>• Avaliação quanto aos resultados alcançados a partir da utilização do material disponibilizado em rede social nas aulas de Educação Física</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que tange à aplicabilidade do material, as atividades a serem realizadas em aula foram sugeridas também com o intuito de representarem um viés formativo e um contributo para o fortalecimento da consciência crítica dos alunos e alunas a partir de debates acerca da participação igualitária por parte de todos nas aulas de Educação Física (GHIRALDELLI JUNIOR, 2001; PRADO; RIBEIRO, 2010).

Os professores participantes dessa etapa utilizaram, em comum acordo, três encontros com duas turmas mistas do nono ano do Ensino Fundamental com 28 alunos e alunas, em média. Acrescenta-se a informação de que a duração da primeira e da terceira aula foi de 50 minutos, enquanto o segundo encontro teve a duração de 1h 40min.

### 5.8.1 Primeira aula

No encontro inicial com as turmas, a proposta foi de que cada professor abordasse a temática a ser desenvolvida sem associá-la ao presente estudo, mas sim ao contexto em cada grupo estava inserido. Nesse sentido, foram respeitadas as inerências de cada escola e enfatizadas algumas situações ocorridas em cada turma nas quais se caracterizaram manifestações contrárias à participação das meninas não apenas nas atividades realizadas nas aulas de Educação Física, mas no cotidiano da escola de maneira geral.

Posteriormente ao momento inicial no qual cada professor exemplificou possíveis atitudes que viessem a caracterizar a exclusão das meninas de atividades realizadas em aula e em outras ocasiões, foi apresentada aos alunos e alunas a página no *Facebook* contendo o material que seria utilizado para o desenvolvimento da atividade. Nessa apresentação, foi mencionado o objetivo do estudo, a sua relação com a página do *Facebook* e orientações para o melhor aproveitamento possível do conteúdo. Para o acesso à página, os integrantes de cada turma utilizaram os seus próprios aparelhos celulares. Observa-se que antes de iniciar as atividades, cada professor verificou junto aos alunos e alunas a viabilidade do acesso à página de maneira individual, apurando se todos possuíam aparelhos celulares e se a escola tinha *wi-fi* em condições de oferecer o suporte necessário para a pesquisa.

É curioso observar que todas as escolas envolvidas possuem *wi-fi*, mas, todavia, os alunos e alunas de quatro delas não podem, por determinação de suas respectivas direções, utilizar o sinal para acesso à internet durante as aulas. No caso dessas escolas, os professores obtiveram autorização especial junto à direção para que isso viesse a ocorrer após a justificativa acerca da realização das atividades.

Após o acesso à página contendo o material necessário para o desenvolvimento das atividades, cada professor orientou a todos sobre os textos a serem pesquisados e, quanto a isso, optou-se pelo histórico do Basquetebol e a sua prática por meninas. Além do objetivo vinculado à aplicabilidade do material, decidiu-se pela abordagem da referida modalidade devido ao fato de que seria esse o conteúdo a ser desenvolvido no decorrer da unidade. Nesse caso, o conjunto de informações foi selecionado com o intuito de que a construção do conhecimento associado ao Basquetebol fosse realizada sem a associação entre as práticas sociais dos alunos e alunas e as informações obtidas, fazendo com que todos os sujeitos envolvidos se aprofundassem em relação aos aspectos históricos da modalidade (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012; DARIDO, 2012).

Por fim, de acordo com a orientação do professor, estabeleceu-se que no encontro seguinte seria realizado um debate em sala de aula a respeito do tema pesquisado. O debate ocorreria com a participação de todos os integrantes da turma e a condução do mesmo seria realizada de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo professor.

### *5.8.2 Segunda aula*

A segunda aula, com duração de 1h 40min, apresentou como objetivo oportunizar um debate acerca da participação das meninas no jogo de Basquetebol, partindo das características específicas da modalidade e até que ponto a distinção de gênero pode ocasionar a impressão equivocada de que a sua prática seja exclusivamente por meninos, fazendo com que as meninas que se propõem a jogá-lo acabem sofrendo as mais diversas formas de preconceito (RODRIGUES; DARIDO, 2011).

Como elemento motivador para a realização do debate, sugeriu-se que inicialmente fosse exposto um breve histórico do Basquetebol praticado por mulheres, tendo como exemplo a trajetória de jogadores como Hortência e Paula, reconhecidos talentos do Basquetebol mundial. Salienta-se que, segundo o depoimento dos professores que participaram desta etapa da pesquisa, poucos alunos ou alunas conheciam as atletas mencionadas. Também é relevante a observação de que, de

acordo com o depoimento dos professores, nem todos os alunos e alunas receberam com satisfação a proposta de um debate a respeito do tema proposto.

Após a introdução, solicitou-se que fossem apresentados os pontos que mais chamaram a atenção nos textos sugeridos. Esses pontos representariam os fundamentos para a condução da discussão e, além destes, depoimentos associados à realidade das meninas no que tange a manifestações discriminatórias quanto à sua participação nas aulas. Sobre isso, a Educação Física invariavelmente representa um campo fecundo para a consolidação de conceitos relacionados de maneira equivocada à superioridade masculina em relação à prática de atividades físicas (CRUZ; PALMEIRA, 2009).

Em resumo, o roteiro da aula foi estabelecido na seguinte ordem:

- Introdução, com a apresentação do histórico do Basquetebol e suas principais particularidades;
- O Basquetebol praticado por meninas;
- Exposição por parte dos alunos e alunas dos pontos de destaque percebidos nos textos;
- Depoimentos dos alunos e alunas a respeito da participação das meninas nas atividades realizadas em aula;
- Conclusão, com as considerações feitas pelo professor em relação às opiniões expostas.

### *5.8.3 Terceira aula*

A terceira aula vinculada a esta fase do presente estudo consistiu no desenvolvimento de atividades práticas associadas ao conteúdo Basquetebol. De acordo com o depoimento dos professores, mesmo a considerar que as turmas eram do nono ano do Ensino Fundamental, muitos alunos e alunas ainda não haviam tido um contato direto com a modalidade, tanto nas aulas de Educação Física como em atividades voltadas para o lazer. Esse fato causou, de certa forma, um impacto negativo quanto a participação efetiva das atividades sugeridas por parte dos integrantes das turmas.

As aulas de Educação Física devem representar uma possibilidade para que os alunos e alunas tenham a oportunidade de se familiarizar com diversas modalidades esportivas, entre elas o Basquetebol. Sob esse aspecto, pensa-se não ser necessário um aprimoramento técnico e/ou tático em relação ao jogo, mas sim a construção por parte dos alunos e alunas de uma autonomia que os possibilite uma convivência com a modalidade esportiva da maneira que considerarem mais conveniente. Não obstante, percebe-se que algumas modalidades esportivas demonstram uma quantidade maior de limitações para o seu desenvolvimento nas aulas de Educação Física em detrimento de outras. Nesse caso, o Basquetebol não se faz tão presente no universo da Educação Física quanto outras modalidades, por exemplo, o Futsal (RODRIGUES; DARIDO, 2012; WACHHOLZ, 2015).

Para a terceira aula vinculada a esta fase da pesquisa, foram sugeridas atividades práticas que viessem a contribuir não apenas para a constituição de um ambiente voltado para a compreensão do jogo de Basquetebol, mas também que possibilitassem a construção de valores e a reflexão acerca do comportamento de todos os participantes, pois considera-se que não deve ocorrer uma separação entre a prática esportiva e a formação humana, sendo a Educação Física um campo fecundo para o debate a respeito de atitudes e condutas por parte dos alunos e alunas (BARROSO; DARIDO, 2009; GALATTI et al., 2012). Sobre a realização das atividades práticas, observa-se que, para o planejamento da aula, levou-se em consideração a possibilidade de uma modalidade esportiva como o Basquetebol ser um contributo para a formação global dos alunos e alunas e, nesse sentido, tentou-se desenvolver ações que mais do que significassem uma relação com a presente pesquisa, pudessem estimular o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos discentes (ANTONELLI et al., 2012).

Nesse sentido, procurou-se desenvolver atividades lúdicas como um recurso pedagógico, a considerar sempre a participação de maneira igualitária de meninas e meninos. Logo após a introdução da aula feita por cada professor, foram realizadas brincadeiras que se aproximavam de algumas características específicas do jogo de Basquetebol, por exemplo, pique-pega, jogo de passes, “bobinho”, Basquetebol de mãos dadas. Foi estabelecido que cada professor teria autonomia para o desenvolvimento das atividades de acordo com a realidade de cada grupo e/ou

escola, desde que as mesmas estivessem em consonância com o objetivo do estudo. Após essas atividades, cada professor realizaria, em conformidade com a possibilidade de cada um, a realização de um jogo de Basquetebol de curta duração, garantindo a participação de meninas e meninos nas equipes constituídas. Observa-se que nesse jogo, as regras poderiam ser adaptadas de acordo com a percepção do professor para que houvesse por parte de todos a realização de gestos específicos sem que ocorresse a descaracterização do jogo como uma modalidade coletiva e de invasão.

Salienta-se que no decorrer de todas as atividades, houve a preocupação quanto a um respeito às diferenças individuais para que todos tivessem as mesmas possibilidades, senso privilegiado assim uma postura ética e social por parte de todos os envolvidos (BARROSO; DARIDO, 2009).

Ao final das atividades práticas, os professores foram orientados a discutirem com os alunos e alunas sobre as impressões a respeito do trabalho realizado para que fosse possível uma avaliação no que tange à proposta inicial da aula, a sua relação com a discussão estabelecida no encontro anterior e a cooperação dos alunos e alunas para que a participação de todos tivesse sido garantida.

## 6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo são apresentados os resultados alcançados por intermédio dos instrumentos de coleta de dados, a saber, questionário e entrevista, bem como a discussão acerca dos mesmos. Também se faz presente neste capítulo as interpretações a respeito do grupo focal e as observações colhidas em seus encontros, além da aplicabilidade do material disponibilizado em rede social.

Os dados obtidos por intermédio da aplicação do questionário auxiliaram na obtenção de respostas ligadas à participação dos meninos e meninas das aulas de Educação Física, o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física, a prática do Basquetebol por meninas em ambiente escolar e a formação de equipes (grupos) nas aulas de Educação Física. Todas essas questões possibilitaram uma reflexão acerca da vivência dos professores em relação ao objeto de estudo.

Bardin (2011) afirma que os dados obtidos a partir de questões abertas são muito mais frutíferos em informações do que as respostas fechadas ou pré-codificadas. Quanto à entrevista como instrumento de coleta de dados, Thomas, Nelson e Silverman (2012) a consideram válida no sentido de que as respostas tendem a atingir um nível aceitável de confiabilidade.

Nas entrevistas semiestruturadas há a possibilidade da exploração dos sentidos e, diante da fala de cada participante, ocorre uma maior interação entre o pesquisador e o entrevistado, além do destaque dos elementos referentes às categorias, como também ao objetivo central do estudo (DUARTE; MOURÃO, 2007; SOUZA JÚNIOR; MELO; SANTIAGO, 2010). Em relação a isso, a realização das entrevistas oportunizou a obtenção de respostas mais próximas da realidade de cada professor, além de traçar de forma mais precisa o histórico de cada sujeito em relação à sua formação esportiva, acadêmica e percurso profissional.

A discussão dos resultados se baseou no encadeamento do referencial teórico utilizado para o estudo e os resultados identificados e organizados, onde se procurou, a partir da visão dos professores participantes da pesquisa, analisar a participação das meninas nas aulas de Educação Física no município de Volta Redonda. Também foram analisadas quatro categorias associadas à aplicação do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física no segundo segmento do Ensino

Fundamental: o esporte como conteúdo das aulas de Educação Física; o Basquetebol como conteúdo das aulas; o Basquetebol e a sua prática por meninas; o papel dos professores e o incentivo às alunas. Após a análise de conteúdo realizada com o auxílio do programa *NVIVO 10*, os resultados quantitativos com a incidência das respostas são apresentados no Tabela 4.

**Tabela 4** - Incidências das respostas apresentadas a partir da utilização do *NVIVO 10* quanto às categorias associadas à aplicação do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física.

<b>O Esporte como conteúdo das aulas de Educação Física</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Basquetebol (54)</li> <li>• Atletismo (19)</li> <li>• Futsal (59)</li> <li>• Ginástica Artística (5)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Futebol (4)</li> <li>• Badminton (15)</li> <li>• Voleibol (55)</li> <li>• Tênis de Mesa (15)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Handebol (52)</li> <li>• Natação (2)</li> <li>• Radicais (2)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lutas (3)</li> <li>• Tênis (2)</li> <li>• Rugby (1)</li> </ul>
<b>O Basquetebol como conteúdo das aulas</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fundamentos básicos (49)</li> <li>• Atividades Lúdicas (22)</li> <li>• Jogos pré-desportivos (21)</li> <li>• Recursos audiovisuais (15)</li> <li>• Regras oficiais (26)</li> <li>• Jogo (38)</li> <li>• Situações de jogo (8)</li> <li>• Diferença de rendimento entre ambos (49)</li> <li>• Igualdade de rendimento entre ambos (11)</li> <li>• Desenvolvimento motor (24)</li> <li>• Vivências motoras (15)</li> <li>• Força física (6)</li> <li>• Desenvolvimento cognitivo (18)</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aulas teóricas (31):               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Características do Basquetebol (16)</li> <li>○ Histórico do Basquetebol (11)</li> <li>○ Debates sobre o Basquetebol (7)</li> <li>○ Textos sobre o Basquetebol (2)</li> </ul> </li> <li>• Características específicas do Basquetebol (5)</li> <li>• Desinteresse (10)</li> <li>• Participação (5)</li> <li>• Vergonha (5)</li> <li>• Medo (1)</li> <li>• Vaidade (4)</li> </ul>	
<b>O Basquetebol e a sua prática por meninas</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não se realizam ações (31)</li> <li>• Motivação extrínseca (9)</li> <li>• Avaliação (3)</li> <li>• Convites para a participação em equipes (5)</li> <li>• Participação em competições (3)</li> <li>• Ausência de discriminação (14)</li> <li>• Competição (11)</li> <li>• Faixa etária (7)</li> <li>• Preconceito (15)</li> <li>• Exclusão (6)</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ações metodológicas:               <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Debates sobre a importância da prática esportiva (4)</li> <li>○ Discussões a respeito do cenário do Basquetebol feminino (2)</li> <li>○ Recursos audiovisuais (3)</li> <li>○ Jogos adaptados (7)</li> <li>○ Atividades lúdicas (3)</li> </ul> </li> <li>• Sexualidade (2)</li> <li>• Aspectos culturais (3)</li> <li>• Timidez (3)</li> <li>• Medo (7)</li> </ul>	
<b>O papel dos professores e o incentivo às alunas</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel do professor (48)</li> <li>• Mídia (10)</li> <li>• Realidade local (9)</li> <li>• Dimensão procedimental de ensino (8)</li> <li>• Estrutura física e materiais esportivos (6)</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Políticas públicas (5)</li> <li>• Comprometimento do aluno (5)</li> <li>• Diretrizes Metodológicas (4)</li> <li>• Formação continuada (3)</li> </ul>	

Fonte: Elaborado pelo autor.

## 6.1 O esporte como conteúdo das aulas de Educação Física

Notou-se a predominância das modalidades denominadas como "esportes de quadra", com 59 indicações do Futsal, 55 do Voleibol, 54 do Basquetebol e 52 do Handebol. Outras modalidades esportivas apresentaram considerável incidência, sendo elas: Atletismo (19), Badminton (15) e Tênis de Mesa (15). No total, os professores entrevistados indicaram 14 modalidades como conteúdo das aulas de Educação Física (Tabela 4).

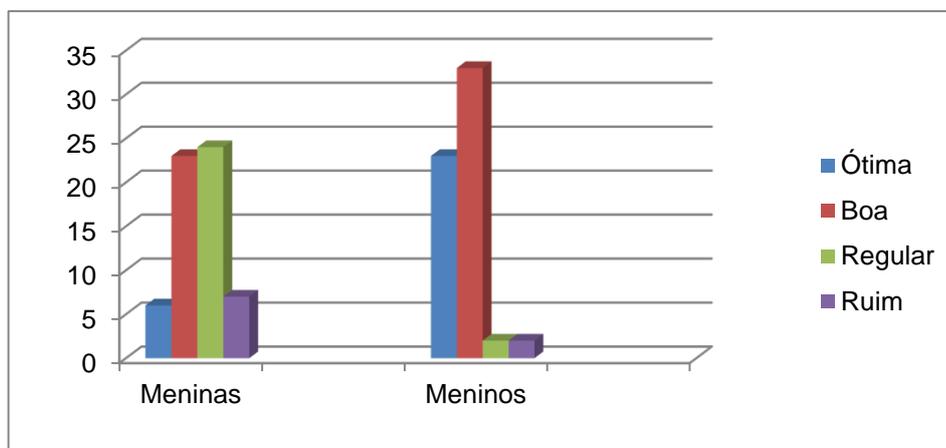
Em se tratando especificamente do Basquetebol como conteúdo das aulas, constatou-se que a sua aplicação apresenta predominância em relação à dimensão procedimental. Dos 54 participantes da pesquisa que utilizam a referida modalidade como conteúdo, 31 (57,40%) privilegiam meramente o ensino dos seus fundamentos básicos, não apontando ações que promovam uma avaliação crítica acerca do significado da prática do Basquetebol ou uma preocupação a respeito da utilização de procedimentos metodológicos voltados para o reconhecimento, por parte dos alunos e alunas, do propósito do processo de ensino e de aprendizagem no qual estão envolvidos.

*Inicialmente as aulas começam sempre com aquecimento. Depois parto para os exercícios educativos do fundamento que será trabalhado naquela aula, como exercícios de passe, exercícios de drible, até chegar ao jogo (P 19).*

*O meu perfil é mais tradicional. Eu sou mesmo de estar trabalhando os fundamentos básicos, as regras e o jogo (P 27).*

Acerca da participação dos alunos das aulas de Educação Física tendo o esporte como conteúdo, de acordo com os dados apresentados no Gráfico 5, 23 professores conceituaram a adesão dos meninos como ótima (38,33%), 33 classificaram como boa (55%), dois como regular (3,33%) e dois docentes consideraram ruim (3,33%). Em relação às meninas, seis professores disseram que a participação destas é ótima (10%), 23 consideraram como boa (38,33%), 24 como regular (40%) e, complementando, sete avaliaram a presença das meninas como ruim (11,66%).

**Gráfico 5** - Participação de meninas e meninos das aulas de Educação Física tendo o esporte como conteúdo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que concerne à participação das alunas e alunos das aulas de Educação Física, tornou-se evidente a maior adesão por parte dos meninos em todos os cenários (escolas municipais, estaduais e privadas). Os dados apresentados são corroborados por outros estudos (KLOMSTEN; MARSH; SKAALVIK, 2005; BREUER; HALLMANN; WICKER, 2011; KHODADOOST; BASHBARAT; VALIZADE, 2011; SLATER; TIGGEMANN, 2011; CAIRNEY et al., 2012; CAMLIGUNEY; MENGUTAY; PEHLIVAN, 2012), que indicam significativo declínio na participação das meninas nas aulas de Educação Física, especialmente durante a transição da infância para a adolescência. Ressalta-se que, das pesquisas mencionadas, apenas uma (KHODADOOST; BASHBARAT; VALIZADE, 2011) não apresentou uma amostra com a faixa etária semelhante ao do presente estudo, fato que serviu de base para esta comparação.

A respeito dessa questão, Milani (2015) lembra que na qualidade de componente curricular obrigatório, a Educação Física representa o cenário no qual as distinções de gênero são apresentadas de forma hierarquizada, com os meninos controlando as ações realizadas em aulas em que as meninas são invariavelmente excluídas. Diante dessa realidade, a autora observa que a aula de Educação Física pode representar um campo para discussões a respeito das relações de gênero e a frequente exclusão das meninas de boa parte das atividades planejadas.

Considera-se que é a partir das reflexões e debates com viés educacional nas aulas em que se apresenta o esporte como conteúdo que os alunos e alunas devem

ser motivados a encontrar a solução para os problemas voltados para a exclusão ou discriminação em relação ao que é erroneamente considerado pior ou mais fraco (a). É possível afirmar que a partir dessas reflexões, haverá por parte dos alunos uma percepção acerca de uma realidade tão desfavorável às meninas.

Sobre a realidade do município de Volta Redonda, depoimentos concedidos pelos professores participantes da pesquisa em outras questões presentes na entrevista justificam a participação favorável aos meninos em virtude de fatores como, por exemplo, o preconceito por parte destes em relação à presença das meninas nas aulas, a exposição aos olhares voltados para a aparência e as dificuldades motoras apresentadas por elas, além da ausência de ações por parte dos professores que objetivem a motivação da participação das alunas nas aulas de Educação Física.

Acrescenta-se que em relação a estas dificuldades mencionadas, muitas são ocasionadas pelas próprias restrições impostas não somente pela sociedade, mas também por ações pedagógicas que fomentam os comportamentos que homens e mulheres 'devem' apresentar perante as situações presentes no cotidiano, por exemplo, separação da turma entre meninos e meninas em determinadas atividades e comentários pejorativos por parte dos professores em relação ao desempenho das alunas.

Os resultados sugerem que, mesmo com a citação de outras modalidades esportivas que não fazem parte do "quarteto fantástico" ou "quadrado mágico", expressões utilizadas por 4 entrevistados quando se referiram ao Basquetebol, Futsal, Handebol e Voleibol, outras modalidades esportivas fazem parte do conteúdo das aulas de Educação Física. Tal realidade, em parte, ocorre em função do planejamento estabelecido pela SME, de acordo com os professores:

*Eu sigo o planejamento que é sugerido. Isso é passado para a gente, mas eu sigo as modalidades básicas que a gente trabalha, que é o basquete, o futsal, o vôlei e o handebol. Eu procuro trabalhar também a ginástica artística, o atletismo e o tênis de mesa (P 31).*

Cabe ressaltar que o planejamento mencionado pelo professor participante da pesquisa recomenda atividades associadas ao ensino e a aprendizagem do Basquetebol em todas as séries finais do Ensino Fundamental, organizando-as da seguinte forma: iniciação ao jogo (2x2 e 3x3) com regras adaptadas para o sexto ano; os fundamentos drible, passe e arremesso para o sétimo ano; revisão do ano anterior,

bandeja e *jump*, defesa por zona e individual e torneios para o oitavo ano; revisão do ano anterior, táticas, jogadas, contra-ataque, regras oficiais e torneios para o nono ano. A considerar esse planejamento, faz necessária a observação de que, em consonância com o estudo promovido por Barroso e Darido (2009), em diversas situações é identificada a situação de que o desenvolvimento dos conteúdos ocorre a partir da transmissão de informações, definições e conceitos de maneira que nem sempre é considerada a integração dos alunos com o processo de aprendizagem.

Acrescenta-se que no caso das escolas particulares, invariavelmente a construção do planejamento fica sob responsabilidade dos professores de Educação Física de cada instituição e de forma aleatória, não sendo possível, portanto, uma análise criteriosa a respeito de uma diretriz a ser obedecida.

Notou-se em algumas falas a prática da aplicação de conteúdos de maneira casual, tanto no que tange aos esportes elencados como também no desenvolvimento desses em relação às dimensões de ensino. Nessas ocorrências, percebeu-se, como em estudos que também abordam a prática esportiva em ambiente escolar (FREIRE; OLIVEIRA, 2004; PRADO; MATTHIESEN, 2007), a preocupação do professor apenas com o “saber fazer”, abrindo mão da possibilidade de desenvolver o conteúdo com o objetivo de explorar a sua dimensão cultural, além da promoção da autonomia e do desenvolvimento integral dos discentes (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

É considerável a observação de que o professor de Educação Física não deve abrir mão do ensino e da aprendizagem de movimentos específicos, mas sim se preocupar com a necessidade de se aplicar procedimentos adequados para o desenvolvimento das ações pedagógicas. Nessas ações, deve-se pensar na integração de aspectos que propiciem aos alunos e alunas o entendimento acerca do porquê da realização de um determinado movimento, assim como a reflexão sobre o esporte e a reflexão sobre as atitudes e comportamentos ocorridos. (BARROSO; DARIDO, 2009).

Verificou-se também que a EFE deve ser representada não somente como um conjunto de práticas de movimentos específicos de alguma modalidade esportiva, atividade física ou o simples encontro de alunos na quadra em respeito ao horário de aulas estabelecido pela escola. Trata-se sim, de um componente curricular obrigatório

que pode contribuir, por intermédio do seu repertório de possibilidades, para a formação integral dos alunos e alunas, e no plano pedagógico, o seu papel deve ser o de objetivar a construção de um indivíduo crítico e emancipado.

Mesmo que ainda possa ser notada com frequência a proposta de uma prática sistematizada de determinada modalidade esportiva nas aulas de Educação Física se preocupando unicamente com a reprodução de seus gestos estereotipados, observa-se a necessidade de que a práxis esportiva deve ser vista também por uma teoria pedagógica crítica (MILLEN NETO; FERREIRA; SOARES, 2011; CAMLIGUNEY; MENGUTAY; PEHLIVAN, 2012; CARLAN; KUNZ; FENSTERSEIFER, 2012).

A realidade da Educação Física em Volta Redonda ainda apresenta, de maneira geral, características de um modelo que objetiva o ensino dos esportes de acordo com as concepções atreladas ao alto rendimento. Em contraste com essa prática, Kunz (2014) acrescenta que o processo de ensino e de aprendizagem de uma modalidade esportiva não deve ser aplicado necessariamente com o intuito de alcançar um rendimento, "mas com vistas ao desenvolvimento do aluno em relação a determinadas competências imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados" (KUNZ, 2014, p. 29). Essas competências, segundo o autor, seriam a autonomia, a interação social e a competência objetiva.

*Normalmente eu noto uma facilidade de assimilação maior por parte dos meninos em relação ao fundamento que está sendo trabalhado. As meninas, eu tenho que voltar várias vezes até aquele elas assimilam. A dificuldade das meninas é imensa! (P 6).*

O rendimento mencionado pelos entrevistados é o resultado obtido pela realização de gestos específicos regulamentados de acordo com o conjunto de padrões preestabelecidos (SOUZA; BACCIN, 2009). Dessa forma, nota-se certa preocupação com o aprendizado formal do Basquetebol, sem a intencionalidade educacional e a preocupação com a formação integral dos alunos e alunas (ABREU, 1995; KUNZ, 2014).

É reconhecido que a prática de modalidades esportivas oportuniza aos alunos e alunas benefícios de ordem biológica, psicológica e social. O esporte possui uma representação social que faz com que a escola não fique indiferente ao mesmo. Isto posto, a EFE, no momento em que lida com o esporte na condição de conteúdo, deve caminhar no sentido de transformá-lo para que ele não seja um mero reprodutor dos

valores do modelo neoliberal (GAYA, 2009). O desenvolvimento do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física não deve ser desvinculado dos seus conceitos e atitudes específicas. Deve ser visto como algo que possibilita o resgate das noções práticas sem a dissociação entre o intelectual e o corporal, mesmo que, em algumas ocasiões, elas não sejam vinculadas à formação crítica do discente (HILLS, 2007; PRADO; MATTHIESEN, 2007; MATOS et al., 2013).

Sendo assim, acredita-se na relevância de um entendimento por parte do professor quanto à importância de se privilegiar a educação dos alunos e alunas em detrimento do simples aprendizado de técnicas específicas, sem a necessidade de abrir mão destas, mas apenas utilizando-as como um instrumento auxiliar para crescimento dos alunos e alunas. Reforça-se a compreensão de que o desenvolvimento do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física não deve ser separado de seus conceitos e atitudes específicas.

## **6.2. O Basquetebol como conteúdo das aulas**

No âmbito pedagógico, o presente estudo já procurou discutir o ensino do Basquetebol sob algumas dimensões que podem influenciar, em se tratando da EFE, na formação global dos alunos e alunas, principalmente nas questões voltadas para a ética, a cooperação e a solidariedade. Nesse segmento, é lembrado que o Basquetebol na condição de conteúdo das aulas de Educação Física pode representar a possibilidade da absorção dos saberes em diversos vieses, e não unicamente com o objetivo de se aprimorar a técnica dos alunos e alunas sem o aproveitamento de problematizações que ele oferece, entre elas a não participação de todos nas atividades realizadas em aula.

*A gente tem trabalhado aqui na nossa escola mais o voleibol e o futsal. O basquete também tem muitos alunos que gostam, a gente faz um trabalho mais generalista com eles, mas o enfoque maior nas aulas é o futsal e o voleibol porque são as modalidades que a escola participa de competições (P 24).*

No que se refere aos procedimentos metodológicos empregados nas aulas, mesmo que os professores tenham apresentado considerável variação de estratégias, os dados coletados apontam a predominância de atividades voltadas exclusivamente para o aprendizado dos fundamentos básicos do Basquetebol (49). A considerar as

atividades eminentemente práticas, as metodologias referidas foram: atividades lúdicas (22), jogo (38), situações de jogo (8) e jogos pré-desportivos (21). Observa-se que a partir da referência feita por alguns professores no que tange ao ensino das regras oficiais por intermédio de aulas práticas, considerou-se tal ação associada tanto às atividades teóricas como de cunho prático.

*No primeiro momento eu gosto de passar o histórico da modalidade. Na prática eu trabalho fundamentos e tento trabalhar isso de uma forma bem lúdica. As regras eu gosto de passar durante o jogo porque eles não têm muito a noção de regras e então acho que eles aprendem melhor jogando (P 34).*

Os princípios metodológicos do incremento do Basquetebol nas aulas de Educação Física que foram mencionados baseiam-se na construção de uma linha de ação no que tange a uma padronização do ensino da referida modalidade sem a desvalorização da função da Educação Física como componente curricular obrigatório, que é o desenvolvimento integral do aluno e a construção de valores no sentido de proporcionar a este a percepção de seu papel na sociedade.

*Eu penso que nós ainda estamos buscando uma identidade, ainda falta uma linha de ação, como nós queremos jogar e fazer com esse estilo de jogo chegue até as escolas, através das federações, confederação, ligas, etc., para que nós, professores, trabalhemos essa maneira de jogar basquete no Brasil (P 2).*

Os dados associados às atividades teóricas revelaram que 31 professores entrevistados (51,6%) fazem uso de aulas teóricas. Quanto às estratégias metodológicas, foram referidas: recursos audiovisuais (15), aulas expositivas (21) e regras oficiais (26). De acordo com as observações feitas, são realçados nas aulas teóricas temas como o histórico do Basquetebol (11) e características específicas da modalidade (16), por meio de debates (7) e textos que abordam questões voltadas para a prática da modalidade (2). Sobre as regras oficiais, as mesmas foram vinculadas às aulas teóricas e práticas.

Apesar do reconhecimento da preocupação dos professores em diversificar as aulas com conteúdos e metodologias variadas, percebeu-se nos depoimentos coletados certa limitação por parte dos professores em definir os objetivos a serem trabalhados e estabelecer de forma criteriosa as ações que promovam o seu alcance. Observa-se que a reflexão em relação ao trabalho desenvolvido pelo professor está

condicionada à clareza dos objetivos, aonde se quer chegar (RODRIGUES; DARIDO, 2012).

*Eu trabalho mais com jogos pré-desportivos e partir daí eu trabalho as regras, os fundamentos de cada esporte. Bem, para gente poder desenvolver os fundamentos de início com as progressões pedagógicas eu não procuro ficar muito em cima de colunas, fileiras. Eu gosto de fazer isso a partir de uma dinâmica do próprio jogo, mas não do jogo institucionalizado, a maioria das vezes eu procuro os jogos pré-desportivos, eu trabalho mais dessa maneira (P 12).*

*De acordo com o conhecimento que o aluno traz, o que acontece muito com o basquete, os alunos que já jogam são separados em outra quadra, "vocês já estão jogando? Então vocês fazem o joguinho de vocês na outra quadra!". Os alunos que estão iniciando, a gente deixa mais perto, e aí montamos alguns jogos básicos (P 47).*

Entre as razões alegadas pelos professores para a dificuldade em se definir objetivos a serem trabalhados, é citado o pouco interesse dos alunos e alunas pelas aulas de Educação Física, a limitada qualidade (e quantidade) dos materiais, o pouco espaço para a realização das aulas, as precárias condições de trabalho, a falta de domínio dos conteúdos aplicados e o pouco tempo para a elaboração das aulas. Acerca disso, percebe-se a realidade de um modelo educacional que, ao desconsiderar a importância dos espaços escolares e da qualidade das condições de trabalho do professor, reflete negativamente sobre as ações pedagógicas realizadas no espaço escolar.

A razoável incidência de professores que fazem uso de aulas teóricas como estratégia metodológica pode ser justificado pela percepção destes quanto ao desenvolvimento dos conteúdos, aqui em particular o Basquetebol, não apenas por intermédio de atividades eminentemente práticas, mas também pela compreensão por parte dos alunos e alunas quanto às motivações que os levam a praticar a modalidade e pelo entendimento de que as regras oficiais representam um elemento primordial para que o jogo se torne possível (BARROS; DARIDO, 2009; RODRIGUES; DARIDO, 2011).

*Para o aluno ir para a quadra, primeiro ele precisa saber o que é o esporte, como se joga, o que ele representa, ou seja, ele tem que ser apresentado ao jogo para ter noção do que será feito em quadra (P 51).*

Mesmo a considerar a predominância da dimensão procedimental no trabalho dos professores, há a necessidade de que os movimentos específicos do Basquetebol sejam executados em conjunto com o entendimento por parte de professores e alunos a respeito dos seus significados, não bastando unicamente a sua mera aprendizagem (FREIRE; OLIVEIRA, 2004). Assim, como já mencionado, o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física poderá ser visto como um importante meio para a promoção da identificação do aluno como sujeito participante da história, sem abrir mão do ensino e aprendizagem de movimentos específicos, mas utilizando-os como ferramentas para a assimilação da modalidade de uma maneira que não seja superficial.

Percebe-se a predominância das respostas dos participantes que apontam a diferença de rendimento entre meninos e meninas no desenvolvimento do conteúdo Basquetebol, a considerar que 49 (81,66%) dos professores entrevistados apresentaram essa percepção, enquanto 11 (18,33%) afirmaram não haver qualquer tipo de distinção quanto ao desempenho dos alunos nas aulas de Educação Física, independente do gênero.

Como possíveis causas que possam justificar a predominância mencionada, alguns fatores foram apontados. A causa de maior incidência está relacionada diretamente ao desenvolvimento motor, onde 24 (40%) professores entrevistados indicaram que a carência de habilidades por parte das meninas representa uma dificuldade quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol. Ainda sobre a questão do desenvolvimento motor, 15 (25%) participantes responderam que a ausência de vivências motoras é a responsável pela pouca prática de habilidades por parte das meninas, além da força física, comentada por 6 (10%) dos professores.

Dos professores entrevistados, 18 (30%) citaram o desenvolvimento cognitivo como causa das diferenças de desempenho entre meninas e meninos. Ressalta-se que, desse índice, ocorreu 12 (66,66%) citações que apontam um rendimento favorável às meninas.

Para um melhor entendimento no que tange à função cognitiva e as suas particularidades, Fonseca (2014) indica que a expressão "cognição" se refere ao processo de conhecimento, envolvendo neste um conjunto de vários instrumentos mentais, a saber, a atenção, a percepção, a memória, o raciocínio e a solução de

problemas. Nesse sentido, percebe-se a cognição como o resultado do contributo e da interação das funções mentais mencionadas que operam de acordo determinadas propriedades fundamentais, por exemplo, a noção de integração, a noção do estabelecimento de objetivos a serem atingidos e a execução do pensamento pela ação.

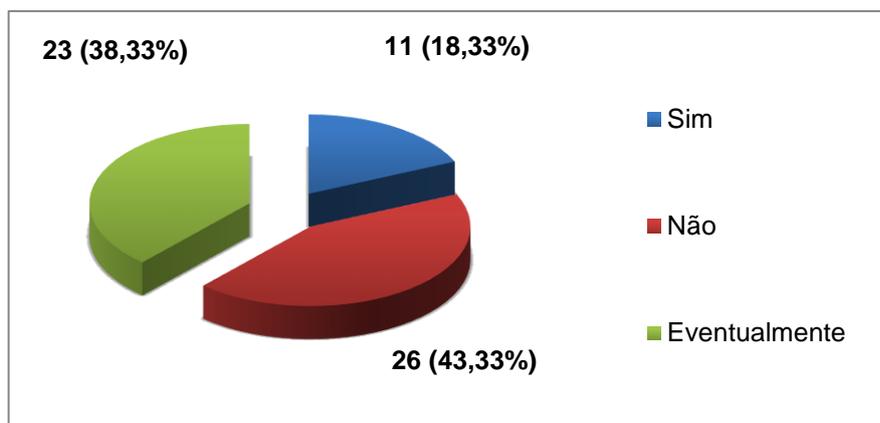
Ainda a respeito da função cognitiva, Cunha (2017) contribui com a afirmação de que esta representa elementos da estrutura e do funcionamento do processamento da mente que acarretam processos estruturais que, organizados, tornam-se responsáveis pelo desempenho da estrutura cognitiva. Antunes et al. (2006) complementam ainda com a afirmação de que a função cognitiva representa fases como a percepção, a aprendizagem, a memória e a atenção e o funcionamento motor por intermédio do tempo de reação e a velocidade de desempenho.

Salienta-se que algumas características específicas do Basquetebol também foram citadas por 5 (8,33%) dos entrevistados como empecilho para o desenvolvimento de movimentos fundamentais pelas meninas, entre elas, a altura do aro em relação ao solo e o tamanho e peso da bola. Nesse caso, alterações ou adaptações pontuais acerca das regras oficiais do Basquetebol podem, de acordo com o entendimento do professor, ser consideradas como necessárias para uma melhor participação das meninas nas aulas.

### **6.3. O Basquetebol e a sua prática por meninas**

Sobre a prática do Basquetebol em ambiente escolar por meninas, seja durante as aulas de Educação Física, nos intervalos ou em outros momentos, como, por exemplo, programas de treinamento realizados após o horário regular das aulas, constatou-se que 11 (18,33%) dos professores participantes da pesquisa consideram que há essa participação, enquanto 26 (43,33%) afirmam que não existe tal prática nas escolas em que lecionam. Neste mesmo questionamento, 23 (38,33%) dos docentes indicam que as alunas praticam apenas eventualmente o Basquetebol na escola (Gráfico 6).

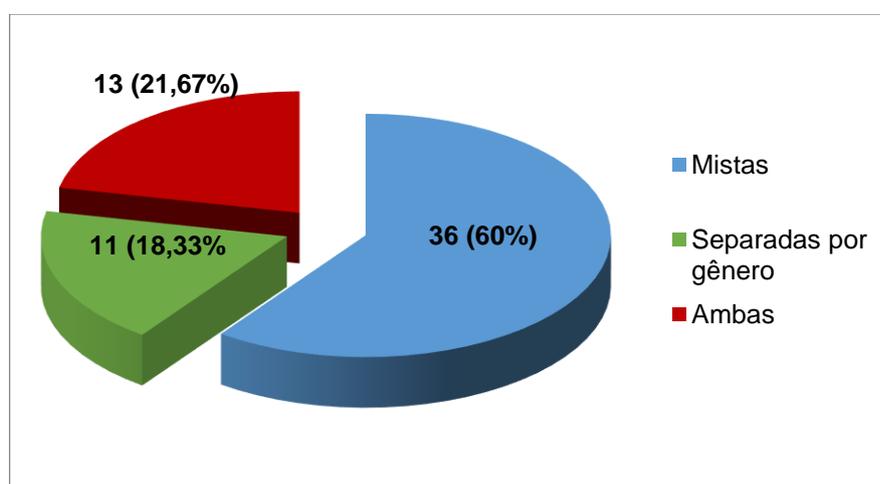
**Gráfico 6** - Prática do Basquetebol por meninas em ambiente escolar.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na questão que aborda a separação de equipes nas aulas de Educação Física que contém o Basquetebol como conteúdo, verificou-se, conforme dados apresentados no Gráfico 7, uma maior frequência (36 - 60%) de respostas associadas à formação de equipes mistas e menor frequência (11 - 18,33%) em relação à alternativa que aponta a separação das equipes por gênero. Observa-se ainda que alguns professores (13 – 21,67%) utilizam as duas formas, de acordo com o contexto em que a aula se apresenta.

**Gráfico 7** - A formação de equipes (grupos) nas aulas de Educação Física.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados obtidos por meio da aplicação do questionário apontaram para o fato de que a prática do Basquetebol em ambiente escolar por meninas pode ser considerada apenas como razoável nas escolas localizadas no município de Volta Redonda. Observa-se que essa prática levou em conta não apenas as ações realizadas no decorrer das aulas de Educação Física, mas também os programas de treinamentos de modalidades esportivas (em especial o Basquetebol) que em algumas ocasiões ocorrem em horários alternativos em relação às aulas regulares, além dos períodos de intervalo, onde se permite aos alunos e às alunas o contato informal com o esporte de maneira geral.

Os resultados reforçam o conceito de Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012), que indica o ambiente escolar como um local onde, em função de sua organização social, devem ocorrer com frequência as práticas esportivas. Sendo assim, o chão da escola pode ser compreendido como um local propício para o desenvolvimento de atividades vinculadas ao fenômeno esportivo, inclusive a prática do Basquetebol por meninas. Para isso, as oportunidades não devem ser resumidas unicamente ao período em que o Basquetebol representar o conteúdo a ser trabalhado nas aulas ou na proximidade de uma determinada competição a qual contará com a participação da escola.

Oportunizar a prática esportiva bem orientada – por meninas e meninos – em ambiente escolar consiste em promover situações as quais não dificultem a aproximação dos alunos e alunas com o esporte como, por exemplo, escolas onde o acesso à quadra esportiva é fechado com cadeado e correntes, permitindo-se apenas a sua utilização nos horários das aulas de Educação Física, muitas vezes ocorrendo em apenas um dia da semana (OLIVEIRA; DAÓLIO, 2010). Enfatiza-se que, nas escolas localizadas no município de Volta Redonda, em diversas ocasiões essa realidade se faz presente.

A participação das meninas das aulas de Educação Física foi abordada em algumas respostas concedidas pelos professores. O visível desinteresse por parte das alunas em relação às atividades propostas foi mencionado por 10 (16,66%) participantes da pesquisa, enquanto 5 (8,33%) mencionaram a rara participação e comprometimento das meninas quanto aos objetivos propostos.

Particularidades vinculadas aos sentimentos das alunas foram verificadas. A vergonha das meninas foi citada por 5 (8,33%) professores, a vaidade por 4 (6,66%)

e o medo por apenas 1 (1,66%), fatores que, segundo os entrevistados, influem no rendimento das meninas no Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física.

Quando questionados sobre a aplicação de algum trabalho com o objetivo de incentivar as meninas a participarem das aulas de Basquetebol, 31 (51,66%) professores revelaram que não fazem uso de qualquer tipo de ação. Nas respostas concedidas que apontam o emprego de determinados tipos de ações, 9 (15%) professores declararam que procuram sempre incentivar oralmente as meninas a participarem das atividades realizadas em aula. Outras intervenções foram mencionadas, como a utilização por parte de 3 (5%) entrevistados de procedimentos de avaliação como forma de incentivo, convites feitos por 5 (8,33%) docentes às meninas que se destacam nas aulas para o ingresso em equipes de clubes ou centros de treinamentos e a participação em competições esportivas, citada por 3 (5%) professores.

Certos procedimentos metodológicos foram apresentados como ações que objetivam o incentivo à participação das meninas nas aulas de Basquetebol. Acerca desses procedimentos, foram referidos: recursos audiovisuais (3), jogos adaptados (7) e atividades lúdicas (3). Além disso, observou-se que a presença das meninas no Basquetebol é assunto de debates sobre a importância da prática esportiva (4) e discussões a respeito do cenário do Basquetebol praticado por mulheres em âmbito, regional, nacional e mundial (2).

A respeito da compreensão dos alunos quanto à participação das meninas nas aulas de Educação Física, 14 (23,33%) dos professores entrevistados apontaram que não há qualquer tipo de comportamento por parte dos alunos em relação à presença das meninas nas aulas que possa ser considerado como discriminatório. Todavia, foram identificadas situações que contrastam com essa realidade. Entre as razões alegadas pelos professores que justifiquem manifestações contrárias à participação das meninas em atividades presentes nas aulas de Educação Física se encontram principalmente o preconceito (15) e a necessidade de se alcançar resultados positivos em jogos e competições que ocorrem ocasionalmente nas aulas (11).

A faixa etária dos alunos também foi lembrada (8) quando se observou que os dos últimos anos do segundo segmento do Ensino Fundamental (8º e 9º ano) se

manifestam contra a participação das meninas com maior incidência do que os mais jovens. Outros fatores também foram citados, como por exemplo, a exclusão (6), aspectos culturais (3), sexualidade (2) e padrões de sentimento, como o medo (7) e a timidez (3).

Percebeu-se que a prática do Basquetebol por meninas em ambiente escolar não depende unicamente do acesso às instalações, equipamentos adequados ou a disponibilização de horários adequados para tal, mas também das ações motivacionais promovidas pela escola e os professores de Educação Física, além de fatores socioculturais que estabelecem certa contrariedade quanto a uma aluna estar de posse de uma bola de basquete com o intuito de apenas praticar uma atividade física que lhe proporciona prazer.

Todavia, notou-se durante o processo de coleta de dados que nem sempre há, por parte dos professores, motivação intrínseca para a realização destas ações. Essa ausência de motivação deve-se, principalmente, à falta de condições estruturais e econômicas para o desenvolvimento de um trabalho considerado extracurricular e, também, à falta de apoio por parte dos gestores escolares acerca do fomento do Basquetebol entre os seus alunos e alunas.

Os resultados demonstram que ainda é possível observar, segundo os professores entrevistados, uma nítida distinção de rendimento entre meninas e meninos. Percebe-se inicialmente a necessidade de considerar em que dimensão o rendimento dos alunos é analisado.

Entre as causas mais frequentes apontadas pelos professores entrevistados que possam vir a justificar a diferença de rendimento entre meninos e meninas está a prevalência de dificuldades motoras por parte delas. As aulas de Educação Física podem proporcionar atividades que promovam diretamente o desenvolvimento de habilidades motoras. Entretanto, conforme mencionado anteriormente, a prática dessas atividades diminui no decorrer da transição entre a infância e a adolescência, onde o declínio da prática ocorre principalmente entre as meninas (KLOMSTEN; MARSH; SKAALVIK, 2005; BREUER; HALLMANN; WICKER, 2011; KHODADOOST; BASHBARAT; VALIZADE, 2011; SLATER; TIGGEMANN, 2011; CAIRNEY et al., 2012; CAMLIGUNEY; MENGUTAY; PEHLIVAN, 2012).

Expressões como "deficiência motora", "falta de vivência motora" e "repertório motor menor" foram algumas das utilizadas pelos professores para justificar as dificuldades apresentadas pelas meninas quanto ao aprendizado formal do Basquetebol. Para Abreu (1995), essa realidade deve-se à falta de prática decorrente de questões culturais, como por exemplo, brincadeiras infantis características das meninas e ausência da participação da família no que tange ao incentivo a uma vida mais ativa. Essa observação se relaciona a outro dado exposto nas entrevistas realizadas, que se refere à prática esportiva na infância.

*Alguns meninos carregam um repertório motor maior pela própria vivência deles de brincarem na rua desde cedo. Desde pequenos os meninos estão acostumados a praticar todos os esportes (P 35).*

Esta observação é ratificada pelo estudo transversal com crianças e adolescentes de Silva et al. (2012), que verificaram que as meninas se envolvem menos com as práticas de exercícios físicos em geral, muito em decorrência de uma menor motivação intrínseca e autodeterminação em relação aos meninos. Slater e Tiggemann (2011) observaram que a diminuição da participação esportiva por parte das meninas também pode estar associada a outras razões, como as diferenças na disponibilidade de opções esportivas, desmotivação e expectativas de papéis de gênero. Na mesma perspectiva, Vilhjalmsson e Kristjansdottir (2003) apontam que os professores de Educação Física e os pais influenciam mais os meninos do que as meninas quanto à prática esportiva.

Ao analisar as opiniões dos professores ainda a respeito do rendimento das meninas, verificaram-se menções vinculadas a pouca participação e ao desinteresse das alunas pelas atividades voltadas para a prática do Basquetebol no espaço escolar.

*Eu acredito que há diferença de rendimento e para mim o principal motivo para haver essa diferença é porque os meninos demonstram muito mais interesse em realizar a aula do que as meninas, esse é o principal motivo. Parece que elas não gostam das aulas práticas (P 8).*

Uma possível falta de participação das aulas de Educação Física por parte de meninas quando são desenvolvidos conteúdos relacionados ao esporte, tendo o Basquetebol como referência no presente estudo, não pode ser interpretada como um processo ocasionado por uma mera desmotivação. De acordo com estudos realizados

por Balbinotti, Saldanha e Balbinotti (2009), não se apresentam distinções consideráveis nos índices de motivação relacionados à prática de alguma modalidade esportiva, já que os sujeitos participantes da referida pesquisa – de ambos os gêneros – apresentaram os mesmos níveis motivacionais. Há ainda a exposição feita por Duarte e Mourão (2007), que para a obtenção do êxito nas aulas de Educação Física, muitas vezes é necessária a execução de movimentos de acordo com técnicas específicas, repetições de exercícios e disputas, o que pode ser notado como um conjunto de causas que levam as meninas a se considerarem frágeis e inaptas para participarem das aulas.

A altura do aro em relação ao solo e o tamanho e peso da bola foram citados como fatores que influenciam o rendimento das alunas. Para os professores participantes do estudo que fizeram essa menção, a bola é muito pesada para uma menina arremessá-la em um alvo colocado a uma altura tão grande. Sobre isso, o professor, ao planejar a sua aula, deve ter a preocupação criteriosa a respeito dos materiais a serem utilizados, do espaço disponível para a realização das atividades e possíveis adaptações das regras oficiais com o intuito de alcançar as necessidades e possibilidades de todos os alunos.

Rodrigues e Darido (2012), ao abordarem essa questão, propõem uma diversificação dos espaços e materiais com o intuito de motivar a todos, e não apenas aos mais habilidosos. Para os autores, as aulas não podem ser alicerçadas apenas em materiais esportivos e quadras com dimensões ao menos próximas das consideradas oficiais, mas que, por intermédio de procedimentos didáticos, haja uma flexibilização em relação a utilização de materiais alternativos e instalações que oportunizem a participação de todos os alunos e alunas.

De acordo com os depoimentos dos professores entrevistados, questões vinculadas a sentimentos foram apontadas, como a timidez, a vergonha e a vaidade.

*A maioria das meninas acaba não fazendo aula porque tem vergonha do grupo, por questões estéticas ou porque acham que não conseguem fazer nada mesmo. Isso prejudica a aprendizagem delas (P 31).*

Alguns estudos (DUARTE; MOURÃO, 2007; SLATER; TIGGEMANN, 2011; FAGRELL; LARSSON; REDELIUS, 2012) apontam que o cenário das aulas de Educação Física representa um espaço onde os corpos são expostos, seja no sentido

estético ou de acordo com o desempenho motor, o que faz com que as meninas sejam mais propensas em se incomodarem com os olhares motivados pela sua aparência ou dificuldades motoras. A imagem corporal é normalmente associada à prática de exercícios físicos (TRUDEAU; SHEPHARD, 2008) e, na adolescência, as meninas muitas vezes evitam as atividades que as fazem suar e atrapalhar o cabelo, posturas consideradas naturais para elas e que as levam a comparar a sua aparência ao ideal feminino dominante (ABREU, 1995; KLOMSTEN; MARSH; SKAALVIK, 2005).

A vergonha, que apresenta considerável proximidade com o medo, ocasiona alterações fisiológicas por meio do sistema visceral. Ela gera um desconforto que pode comprometer as relações sociais do indivíduo, além de seu equilíbrio interior. É vista como um sentimento de insegurança ou de uma situação considerada embaraçosa. Manifesta-se quando o indivíduo é observado e julgado, tendo o resultado das ações comparado com comportamentos anteriores ou de outras pessoas (LAVOURA; MACHADO, 2007). Nota-se, nesse caso, uma possível relação do sentimento apresentado pelas meninas com frequentes comparações de rendimento com aqueles alunos mais habilidosos, resultado de um critério de avaliação baseado nos padrões de execução de movimentos vistos no esporte de alto rendimento e que são interpretados como "corretos".

Padrões de sentimento como o medo e a timidez foram apresentados pelos participantes como fatores que, de acordo com a compreensão das meninas, interferem negativamente na realização, por parte delas, das ações vinculadas às aulas de Educação Física. Essas interferências resultam, em algumas ocasiões, no que os professores definem como auto exclusão.

*Eu acho que essa discriminação ocorre por parte das meninas mesmo, que nem sempre participam com medo de errar perto dos meninos [...] (P 20).*

*O que eu mais noto é o fato de que as meninas apresentam uma vergonha em se expor diante dos meninos porque já existe um interesse em não errar na frente deles, então isso dificulta (P 23).*

A compreensão de sentimentos como os que foram mencionados nem sempre se traduz em uma tarefa simples. Em um ambiente como a aula de Educação Física, onde as manifestações emotivas emergem com certa facilidade, a complexidade de uma análise se torna ainda mais evidente (LAVOURA; MACHADO, 2007). Não

obstante, percebe-se novamente a relação do comportamento das alunas com o padrão de qualidade da realização de um gesto esportivo de acordo como o que é preestabelecido como "correto", que parece comum no cotidiano dos professores entrevistados.

A timidez das meninas observada pelos professores está diretamente associada à exposição (ou não exposição) dos seus corpos e ao desempenho motor. Trata-se de um antagonismo causado pela participação nas atividades e a frustração pelo baixo desempenho nas mesmas, além da própria exposição do corpo e a preocupação com a imagem, que afetam a qualidade e a frequência da participação das meninas nas aulas (DUARTE; MOURÃO, 2007; SLATER; TIGGEMANN, 2011).

Os dados obtidos revelaram uma grande incidência de professores que não realizam qualquer tipo de ação com o objetivo de motivar as meninas a participarem das aulas de Educação Física. Em seus discursos, esses professores oferecem relutância em propiciar situações que privilegiem os interesses e necessidades de ambos os gêneros no mesmo nível, tornando assim a aula um momento coeducativo.

Apesar de não ter sido verificada uma evidente preocupação por parte dos professores quanto ao emprego de estratégias metodológicas que pudessem ser compreendidas como ações motivacionais, foram feitas menções sobre a realização de debates sobre a importância da prática esportiva e discussões a respeito do cenário do Basquetebol praticado por mulheres, além da utilização de recursos audiovisuais que abordam o tema em questão. Essas ações podem ser justificadas, de acordo com Rodrigues e Darido (2011, 2012), pela percepção por parte de alguns professores quanto ao desenvolvimento dos conteúdos não apenas por intermédio de atividades eminentemente práticas, mas também pela compreensão por parte dos alunos e alunas das motivações que os levam a praticar uma determinada modalidade esportiva e pelo entendimento amplo acerca desse fenômeno.

Os resultados apresentados em algumas pesquisas (MARTIN et al., 2011; SHEN, 2014) apontam que o apoio oferecido pelos professores de Educação Física está relacionado tanto com o desempenho cognitivo quanto à autodeterminação dos alunos. Segundo os pesquisadores, os professores de Educação Física desempenham importante papel ao motivar os seus alunos e alunas durante e além das aulas. Segundo os mesmos pesquisadores, alunas que apresentam

desmotivação em relação à Educação Física relatam experiências não muito boas sobre o relacionamento com seus professores e concluem com a afirmação de que no contexto da EFE, a partir do instante em que o professor faz uso de estratégias motivacionais que visam a satisfação das meninas, estas se sentirão mais determinadas em participar das atividades realizadas em aula.

Posto isto, salienta-se que estas estratégias devem oferecer às meninas a oportunidade de tomadas de decisão acerca das atividades realizadas, a justificativa sobre a importância destas, o reconhecimento das dificuldades apresentadas no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem e, por último, a avaliação enfatizando o esforço das alunas e a melhoria em relação às habilidades trabalhadas.

Três professores entrevistados afirmaram que utilizam o peso dos instrumentos de avaliação como forma de incentivo à participação das meninas nas aulas. O emprego desses instrumentos em todos os níveis de ensino envolve discussões e reflexões sobre a sua forma classificatória e quantitativa, compreendido em diversas ocasiões apenas como o produto final da aprendizagem. No caso da Educação Física, a avaliação realizada pelo professor objetiva em inúmeros casos à específica observação do aprendizado por meio da reprodução de movimentos, desprestigiando-se o desenvolvimento global do aluno ou aluna, conforme os estudos realizados por Mendes, Nascimento e Mendes (2007).

*A todo o momento eu fico lembrando como é feita a avaliação e uma das formas de avaliar é a autoavaliação (P 3).*

*Como parte da avaliação eu sempre dou pontos pela participação nas aulas, como um critério de avaliação (P 20).*

Avaliar os alunos e alunas por intermédio da participação e da autoavaliação pode significar a intenção de se realizar uma análise qualitativa. Contudo, para Mendes, Nascimento e Mendes (2007), além de não representar uma forma que se caracterize como motivação extrínseca, esse procedimento participativo e qualitativo designa-se pela inconsistência e informalidade. Não desconsiderando que participar da aula é condição primordial para que ela aconteça, a simples observação almeja avaliar o interesse, postura e a participação dos alunos, entre outros aspectos. Entretanto, no entendimento de Santos e Maximiano (2013), deve haver a

preocupação por parte do professor em registrar esses valores e verificar outras dimensões de conhecimento.

As narrativas dos professores trouxeram opiniões voltadas para a participação em equipes e competições esportivas. Mesmo que o índice de professores que mencionaram a competição como aspecto motivacional não tenha se apresentado com notória relevância, observa-se que o esporte competitivo acaba se tornando um conteúdo das aulas de Educação Física, levando-se em conta a possibilidade da participação escolar em competições esportivas. Enfatiza-se que a iniciativa apontada pelos professores contradiz com a realidade de Volta Redonda, um município com quase 260.000 habitantes, 13 ginásios poliesportivos cobertos, mas sem um programa de treinamento envolvendo equipes competitivas de Basquetebol sequer, para moças ou rapazes.

Para Millen Neto, Ferreira e Soares (2011), o ambiente escolar deve ser compreendido como um espaço no qual estejam presentes manifestações da cultura corporal existentes na sociedade. Em função disso, percebe-se que o esporte e a competição se fazem presentes no cotidiano dos alunos e alunas, em parte pelo fato de que, para eles, a participação em equipes competitivas é uma das principais razões para um estilo de vida fisicamente ativo (FOX et al., 2010). Porém, para Rodrigues e Darido (2008), há a necessidade da precaução em relação ao fato de que a Educação Física – a partir da sua eventual relação com a competição - incorpore não somente as técnicas esportivas, mas também os modelos e significados do esporte de rendimento, como por exemplo, a seleção dos mais aptos em detrimento dos alunos menos habilidosos.

Sobre a importância da prática esportiva, não foi possível perceber nos discursos um conceito concreto sobre esta questão, pois os professores não conseguiram explicar exatamente como é realizada a ação. Percebeu-se certa confusão entre "praticar esportes", "qualidade de vida", "ser atleta" e "praticar o Basquetebol como uma atividade física qualquer".

Pesquisas apresentam dados que apontam que em todas as idades ocorre a tendência da prática de esportes com maior incidência entre os meninos do que as meninas (BREUER; HALLMANN; WICKER, 2011; SLATER; TIGGEMANN, 2011). Uma possível justificativa para essa inclinação está amparada na preocupação que

as mulheres possuem em relação à imagem corporal, comportamento ainda mais evidente durante a adolescência (SLATER; TIGGEMANN, 2011). Em relação à prática do Basquetebol e a sua importância para uma melhor qualidade de vida, é importante a ação do professor quanto à assimilação dos objetivos estéticos associados à busca da satisfação vinculada à imagem corporal, pois para muitas meninas, praticar Basquetebol pode representar um aumento da autoestima por intermédio da satisfação com o corpo (RODRIGUES; DARIDO, 2012).

Evidenciou-se a valorização por parte de alguns professores de atividades lúdicas e os jogos adaptados para o desenvolvimento dos fundamentos básicos (FOTROUSI; BAGHERLY; GHASEMI, 2012), além da utilização destes como possibilidades de uma melhor participação das meninas nas aulas. Nas aulas de Educação Física, a participação dos alunos e das alunas pode ter vários significados, mas as atividades propostas devem preservar sempre o seu caráter lúdico, onde o prazer e a diversão prevaleçam. Ressalta-se, neste caso, que as brincadeiras não devem ser vistas apenas como momentos de entretenimento que venham a motivar a participação das aulas, mas sim como um importante instrumento a ser utilizado para a construção da aprendizagem e o crescimento global dos alunos e das alunas.

Sobre as ações ligadas à compreensão dos alunos em relação à participação das meninas nas atividades realizadas nas aulas, um número razoável de professores (14) considerou não haver qualquer tipo de discriminação por parte dos alunos.

*Não. Eu não vejo esse problema de discriminação, pelo menos nas turmas que eu trabalho. Pelo contrário, os meninos ainda procuram incentivar as meninas a participarem, chamam elas até mesmo para haver um número suficiente para o desenvolvimento das atividades. Mas eles são tranquilos quando a atividade é mista, procuram ajudar, auxiliar ou evitar o exagero na força para não machucar as meninas, há esse tipo de compreensão por parte dos alunos em relação à participação das meninas, eu não vejo nenhum problema (P 8).*

*Não, não. Hoje eu não vejo isso aqui. Eu acho que antes havia, quando eu falava que ia colocar os meninos junto com as meninas havia uma recusa por parte deles em participar da aula. Hoje não, a aceitação é grande e existe até um respeito que eu acho muito legal. Eles respeitam as meninas e eu não vejo problema algum quanto a isso (P 38).*

Apenas um professor participante apresentou em seu depoimento uma clara justificativa para a ausência de atitudes discriminatórias em suas aulas:

*Até o ano passado, sim. Depois que nós, professores da escola, começamos a discutir a questão da aceitação, que os meninos não têm a supremacia ou a soberania quanto ao uso da quadra. Hoje isso já é repensado pelos meninos (P 1).*

Há, neste caso, a evidência de que a ação docente é importante no sentido da desconstrução do processo de desigualdade entre os meninos e meninas. Em relação à questão do gênero, as atitudes dos professores associadas a processos educativos voltados para a construção de novos valores de igualdade são necessárias no que tange a mudanças educacionais (DEL CASTILLO et al., 2012; REBOLLO; VEGA; GARCÍA-PÉREZ, 2011). Rebollo, Veja e García-Pérez (2011) complementam esta questão ao mencionarem a importância do envolvimento dos professores no processo de igualdade e, por meio deste, alcançar a promoção de transformações educacionais.

Sobre a compreensão dos alunos a respeito da participação das meninas nas aulas, o tema competição se fez presente nas entrevistas. Observa-se que à expressão "competição" foram vinculadas outras palavras como "disputa", "jogo", "equipe", "resultado" e "confronto".

*Se eu coloco uma menina em uma equipe e na outra eu colo duas, esta equipe logo se sente prejudicada, que estão mais fracos porque as meninas não sabem jogar (P 35).*

*[...] principalmente porque eles acham que as meninas não devem jogar, porque são mais lentas, porque eles não querem elas na equipe (P 43).*

A presença de jogos nas aulas de Educação Física não significa, por parte dos professores, exigir um rendimento considerado de alto nível, mas sim adaptar os objetivos preestabelecidos de acordo com as fases motora, cognitiva, psíquica e social dos alunos e alunas, permitindo a resposta adequada para cada faixa etária, independente do gênero. Se nos jogos ocorrem conflitos, torna-se necessária a intervenção docente com o intuito de se beneficiar dessas situações para propor discussões e outras ações como alternativas pedagógicas. Essas discussões - e ações - oportunizam uma mudança considerável em nível de consciência participativa (ABREU, 1995).

Na perspectiva de Stigger (2009), no instante em que o esporte se torna um objeto de ensino da Educação Física, este possibilita aos alunos e alunas lidarem com

conceitos, valores e normas comportamentais que os transformam em não questionadores do sistema social. Isso porque o esporte traz na sua estrutura interna os mesmos elementos que estruturam também as relações sociais de nossa sociedade: forte orientação no rendimento e na competição, além da seletividade e a desigualdade.

Acerca das situações caracterizadas como preconceito que foram mencionadas, muitas são associadas a comentários agressivos, brincadeiras de mau gosto, insultos e vilanias, invariavelmente motivadas pelo estereótipo da prática esportiva, que privilegia sempre aqueles que são considerados "melhores" (SILVA et al., 2009; SLATER; TIGGEMANN, 2011). Expressões como "ela não sabe nada, estraga tudo!", "você é burra!", "ah, mas ela vai atrapalhar o jogo!", "lugar de menina não é na quadra, é na cozinha!" e "ah, professora, deixe elas sentadas. Elas não fazem nada direito!", entre outras, foram citadas como exemplos do que muitas vezes ocorre nas aulas quando há atividades com a participação de meninas e meninos.

Sobre esse comportamento, um grupo minoritário de professores observou que o mesmo acaba proporcionando a auto exclusão de muitas meninas. Abre-se aqui um espaço para a reflexão sobre um comportamento discriminatório por parte dos meninos que talvez não deva ser visto como a causa de um problema, mas a consequência da inexistência, nas aulas de Educação Física, de discussões sobre condutas vinculadas a estereótipos sociais.

Sobre a exclusão - e a auto exclusão - ocorrida nas aulas de Educação Física, um pequeno conjunto de participantes observou que a mesma se dá também em função da dificuldade apresentada pelas meninas em atividades onde suas habilidades são exigidas.

*Algumas meninas se sentem discriminadas por que elas têm dificuldade em realizar algum movimento então já falam "eu sou ruim", "eu vou atrapalhar o time", "o time vai perder por minha causa (P 57).*

Percebe-se que a partir do momento em que, segundo Oliveira e Daólio (2010), ocorre a padronização de movimentos que exigem certa habilidade, acaba-se desvalorizando determinados repertórios corporais. Neste caso, de acordo com a realidade observada, há a presença de manifestações de preconceito.

Em função da ocorrência de várias alterações quanto ao desenvolvimento integral de crianças na faixa etária entre 10 e 16 anos (LEITE; SAMPAIO, 2012), nem sempre a idade pode ser considerada uma referência confiável para certas investigações. Os autores mencionados citam este aspecto em relação à construção de modelos de desenvolvimento atlético, entretanto, considera-se importante a questão no que tange também ao objeto do presente estudo, pois esta foi mencionada por professores participantes que consideram haver manifestações contrárias à participação das meninas nas aulas somente a partir do 7º Ano do Ensino Fundamental, que possui a incidência de crianças na faixa etária de 13 a 15 anos.

Em todas as idades, há a tendência de uma maior participação dos meninos nos esportes (BREUER; HALLMANN; WICKER, 2011; SLATER; TIGGEMANN, 2011). Contudo, a ausência de um comportamento considerado discriminatório por parte dos meninos até os 13 anos deve-se possivelmente às manifestações de espontaneidade e descontração características das crianças. O esporte é um dos principais pilares da Educação Física, mas a ludicidade parece ser, para Betti e Liz (2003), mais importante do que os conteúdos vinculados às modalidades esportivas, o que pode justificar o maior entrosamento entre meninos e meninas com idade entre 11 e 13 anos.

*Essa questão depende muito da faixa etária. Os alunos de sexto ano, eles não têm essa percepção discriminatória, exclusiva. Pelo contrário, os alunos acham até interessante essa questão de ter aulas com as meninas, aflora algumas questões bacanas e as brincadeiras ficam bem mais interessantes (P 4).*

As dimensões culturais observadas nas entrevistas estão ligadas a duas questões, a saber, o futebol e o futsal como componentes inerentes do comportamento do brasileiro e outras atividades que são estereotipadas como "femininas", como é o caso da dança. Nas ocasiões em que esses aspectos foram mencionados, os professores os apontaram como agentes provocadores de manifestações contrárias à participação das meninas nas aulas.

*[...] os meninos não gostam de dividir o espaço com as meninas porque elas não sabem jogar, mas isso acontece apenas no futsal (P 31).*

*Infelizmente, por mais que se converse com as turmas a respeito disso, quase sempre aparece uma situação de preconceito. Para os meninos, as meninas não precisam utilizar o mesmo espaço, materiais e tempo de aula como eles. Eles acham que elas só deveriam ficar fazendo dança, que é coisa de menina mesmo (P 54).*

Quando ocorre uma partida de futebol no Brasil envolvendo equipes de reconhecido prestígio, é demonstrada uma grande manifestação cultural em relação a ela. Tal cenário, cada vez mais presente no cotidiano, representa o acontecimento que comprova o fato de que, para boa parte da população brasileira, esta modalidade esportiva é muito mais que uma forma de lazer para quem a assiste ou a pratica.

Neste âmbito, mesmo a considerar que o Brasil já conquistou um espaço de destaque no futebol feminino no cenário mundial, o universo futebolístico brasileiro ainda reserva às meninas a condição de singelas espectadoras. Percebe-se que futebol praticado pelas alunas nas aulas de Educação Física significa uma prática de menor valor e, por isso, merecedor de menores privilégios (OLIVEIRA; DAÓLIO, 2010).

No que concerne à dança como conteúdo das aulas, assim como outras atividades consideradas "femininas", percebe-se que a preferência de meninas e meninos por determinadas modalidades é distinta, onde estas são separadas como preferencialmente para rapazes ou moças (KLOMSTEN; MARSH; SKAALVIK, 2005; BREUER; HALLMANN; WICKER, 2011). De acordo com Klomsten, Marsh e Skaalvik (2005), esse comportamento estereotipado pode ser motivado, entre outras razões, pela diferença entre as imagens de esportistas que são exibidas na mídia, onde os homens são apresentados como fortes e resistentes, enquanto as mulheres são expostas de acordo com os seus atributos físicos e até para seus corpos sexualizados.

Como iniciativa para incentivar a participação das meninas nas aulas onde modalidades "masculinas" como o futebol ou o futsal são predominantes, os professores de Educação Física muitas vezes promovem a formação de equipes mistas como forma de consentimento da presença das meninas nas atividades. Ao assumirem esse papel, os professores se baseiam no argumento de que a Educação Física é um espaço que permite a participação das meninas em igualdade de condições com os meninos, bastando apenas que sejam feitas algumas adaptações nas regras oficiais e no formato das atividades, caracterizando-se assim uma

concessão. Todavia, nota-se ainda que essa igualdade de condições precisa ser transformada, por meio das ações do professor, em uma política de transformação no sentido de que os alunos - meninas e meninos - percebam uma igualdade de gêneros e tenham uma educação de qualidade nesse sentido (FLINTOFF, 2008).

No que consiste ao desenvolvimento de uma modalidade esportiva na escola, livre de qualquer estereótipo, observa-se que para a construção da cultura corporal, os valores trabalhados pelo professor de Educação Física devem ser os que privilegiam o coletivo sobre o individual, que se comprometem com a participação de todos e promovam a ideia de que jogar futebol ou dançar pode, por parte do aluno, ser uma preparação para a adaptação da vida em sociedade. Sendo assim, salienta-se que o futebol, a dança ou qualquer outra atividade, na condição de conteúdos da EFE, podem ser apresentados crítica e conscientemente, levando os alunos e as alunas a obedecerem sempre às características do contexto cultural os quais estão inseridos.

Houve menções a respeito da sexualidade nas aulas de Educação Física, embora aqueles professores que fizeram uso dessa palavra não tenham sido muito explícitos quanto ao cotidiano das aulas de Educação Física e a sua ligação com uma construção social baseada na diversidade sexual.

*No geral há uma discriminação que já vem da sociedade, onde uma menina que joga é vista como "sapatão" (P 56).*

A considerar o pequeno número de incidências, não é possível afirmar que no cenário investigado há uma caracterização de discriminação em função da relação entre gênero e sexualidade. Percebe-se sim, o discurso influenciado pelo senso comum de que as mulheres que praticam esporte de forma sistematizada tornam-se masculinizadas, principalmente em modalidades consideradas masculinas. Essa concepção se torna infundada a partir da compreensão baseada em estudos empíricos (KNOPPERS; MCDONALD, 2010; RODRIGUES; DARIDO, 2012) que comprovam o efeito positivo da prática esportiva sobre as mulheres.

### *6.3.1. A divisão das turmas: mistas ou separadas por gênero?*

De acordo com os dados obtidos por intermédio da aplicação do questionário, percebeu-se a predominância do trabalho com turmas mistas nas aulas de Educação Física. Esse cenário deve-se principalmente à legislação vigente nas escolas públicas localizadas em Volta Redonda, que determina a composição das turmas desta forma, e não propriamente devido a uma prática docente que objetive a formação global dos alunos e alunas.

Nota-se que, de acordo com o contexto em que a aula se apresenta, alguns participantes da pesquisa afirmaram que adotam a formação de turmas mistas, bem como a separação por gênero, de acordo com as singularidades da aula. Faz-se necessário observar que um número reduzido de escolas localizadas no município de Volta Redonda ainda opta por separar as turmas por gênero nas aulas de Educação Física a partir de determinada faixa etária.

Os dados alcançados vão de encontro com os apontamentos realizados por Souza Júnior e Darido (2003), que indicam que, em diversas ocasiões, o formato das aulas mistas aparenta ser apenas um protocolo, pois as alunas e alunos chegam quase sempre juntos à quadra, mas, entretanto, participam de atividades distintas que são realizadas em locais e tempos diferentes. Ressalta-se que, de acordo com os argumentos apresentados nas pesquisas realizadas por Fagrell, Larsson e Redelius (2012), e Souza Júnior e Darido (2003), as aulas mistas devem apresentar um caráter coeducativo e não unicamente uma política de reconhecimento de um grupo (meninas) estabelecido por meras normas institucionais, onde o respeito pelas diferenças nem sempre é trabalhado em uma dimensão pedagógica.

Sobre as aulas de Educação Física separadas por gênero, Milani (2015) informa que, no decorrer da história, tal situação já foi amplamente defendida por professores de Educação Física por simplesmente preferirem lidar com as turmas separadas e, também, em adequação a uma legislação (Decreto nº 69.450/71) que estabelecia que as aulas de Educação Física deveriam ser separadas por sexo, condição que impedia a socialização e o aprendizado entre meninos e meninas.

### *6.3.2. A participação das meninas em competições esportivas*

O questionário abordou a intensidade da participação das meninas em competições esportivas, mesmo a considerar que a EFE é o foco principal do presente estudo. Em seu estudo, Wachholz (2015) lembra que o esporte voltado para o rendimento não apresenta características pedagógicas compatíveis com os objetivos educacionais estabelecidos pelas escolas, pois este possui inerências vinculadas à exclusão e ao desinteresse pela aprendizagem do Basquetebol por parte dos “não selecionados”.

Segundo os depoentes, um percentual apenas razoável de escolas localizadas em Volta Redonda é representado em torneios de Basquetebol e as justificativas para esta realidade ocorrem desde ao número reduzido de meninas para a formação de equipes até à caracterização da falta de interesse por parte das alunas em participarem dos eventos esportivos, alegação essa com o maior número de incidências. Sobre a primeira justificativa há certa discordância, pois enfatiza-se que muitas unidades escolares localizadas em Volta Redonda possuem mais de 600 alunos, entre meninos e meninas.

A reação dos professores entrevistados quando indagados sobre a participação das meninas em competições esportivas de Basquetebol remete aos apontamentos de Goellner (2005), ao indicarem que a participação delas no esporte em geral pode representar uma ameaça ao universo estabelecido e regido por valores eminentemente masculinos no qual os conceitos positivos relacionados ao homem sempre se encontram em níveis mais elevados, o que faz com que as atletas tenham considerável dificuldade em alcançar reconhecido destaque no cenário esportivo, realidade não muito distante do cotidiano da Educação Física.

Os resultados confirmam que os valores associados ao esporte de modo geral são mais interessantes aos meninos do que às meninas, principalmente a respeito do seu envolvimento direto com as atividades esportivas, conforme os resultados apresentados nos estudos realizados por Kanters et al. (2013) e Klomsten, Marsh e Skaalvik (2005), que também observam a relação das meninas com a prática esportiva em geral.

Além dessa abordagem, os estudos de Cairney et al. (2012) e Del Castillo et al. (2012) sugerem que algumas experiências negativas no decorrer das aulas de Educação Física podem ocasionar uma falta de interesse ou desmotivação pela prática esportiva por parte das meninas. Percebe-se, neste caso, a interferência negativa do papel do professor, onde, por intermédio de um processo de concepção de desigualdade de gênero preestabelecida, ele muitas vezes encoraja mais o aluno do que a aluna a participar de eventos esportivos.

A falta de incentivo por parte das instituições escolares, mencionada como uma das principais causas da pouca ou não participação em competições esportivas pode estar associada à condição de que o esporte é percebido como um dos conteúdos da Educação Física, mas que não pode ser equiparado com esta. Contudo, abre-se o espaço para a discussão acerca dos muitos benefícios acadêmicos que a participação em eventos esportivos pode proporcionar aos alunos e alunas, significando um dos principais caminhos para a identificação da aluna (e também do aluno) com a escola representada, além de um bom desempenho acadêmico (FOX et al., 2010), opinião corroborada pelos estudos de Shen (2014) e Trudeau e Shephard (2008), mesmo a considerar o fato de que nem sempre a realidade desse autores não esteja em consonância com a dos professores participantes da pesquisa.

Outro fator a ser destacado sobre a não participação das meninas em torneios estudantis de Basquetebol por parte das suas respectivas escolas é a notória precariedade das instalações esportivas, onde a falta de tabelas e quadras minimamente adequadas para a prática da referida modalidade foi identificada na coleta e análise dos dados. Trata-se de uma realidade que de certa maneira contrasta com o próprio cenário esportivo do município no qual a pesquisa foi realizada, que dispõe de um considerável número de instalações que atendem as mais diversas modalidades, mas que ainda apresenta em algumas unidades escolares a falta de investimento necessário para proporcionar condições de trabalho adequadas aos professores de Educação Física.

Destaca-se aqui a condição do Brasil como nação-sede de grandes eventos esportivos<sup>2</sup> que, na perspectiva de Coakley e Souza (2013), poderia ter possibilitado

---

<sup>2</sup>Jogos Mundiais Militares, 2011; Copa das Confederações, 2013; Copa do Mundo de Futebol, 2014; Jogos Olímpicos, 2016; Jogos Paralímpicos, 2016.

ao país o aumento considerável da participação esportiva em todos os níveis, a criação de programas de esporte, a conscientização da população quanto a importância da prática de exercícios físicos e a revitalização de comunidades, entre outros benefícios. Todavia, os mesmos autores observam que essas contribuições não atingiram a população socialmente excluída, bem como os que não possuem poder e acesso a recursos básicos, podendo-se incluir a educação pública como não favorecida. Associar esta questão ao presente estudo apresenta como propósito a reflexão necessária sobre o impacto causado pela realização desses eventos que tanto privilegiaram uma minoria da população e a pseudovalorização da EFE, muitas vezes subordinada ao interesse do esporte de alto rendimento.

A flagrante falta de interesse por parte de muitos professores de Educação Física em montar e preparar equipes formadas por meninas em suas escolas, a ausência de investimentos e apoio por parte das escolas e a falta de apoio e incentivo dos pais em relação à prática esportiva por parte das alunas foram levantadas por alguns professores participantes da presente pesquisa. Mesmo a considerar o fato de que as meninas apresentam maior tendência em abandonar a prática esportiva sistematizada em idades mais precoces do que os meninos (SLATER; TIGGEMANN, 2011), notou-se que, além dessa constatação, a soma de fatores econômicos, familiares, estruturais e pedagógicos podem contribuir de maneira sólida para o esvaziamento do Basquetebol em ambiente escolar e, conseqüentemente, a sua prática por meninas.

#### **6.4. O papel dos professores e o incentivo às alunas**

Dos professores entrevistados 48 (80%) destacaram a relevância do papel do professor na condição de mediador entre o aluno e os conteúdos da EFE, especificamente o Basquetebol.

Foi mencionada por 10 professores participantes (16,66%) como um entrave para o desenvolvimento do Basquetebol no Brasil, a pequena participação da mídia, em função da baixa incidência de transmissões televisivas em canais abertos e notícias veiculadas na imprensa envolvendo esta modalidade e os seus principais atletas.

A pouca divulgação do Basquetebol nos meios de comunicação, segundo os professores entrevistados que citaram esta questão, prejudica a massificação da modalidade no Brasil e, conseqüentemente, a descoberta de valores que possam despontar no cenário esportivo.

*O que a gente encontra é o fato de que o Basquetebol no Brasil não é fomentado, talvez tanto quanto o futsal, futebol ou até mesmo o vôlei. Isso faz com que os alunos culturalmente não convivam com o basquete com tanta frequência (P 4).*

Para Kunz (2014), o conceito de uma modalidade esportiva como o Basquetebol que se associa à Educação Física é classificado como restrito, considerando apenas a competição, o rendimento e o atleta. Esse conceito, segundo o autor, deve-se singularmente aos diversos meios de comunicação que insere o esporte em suas programações sempre na condição de espetáculo, o que faz deste uma mera mercadoria a ser consumida pelo público em geral. No caso da Educação Física, observa-se a preocupação de que, por meio deste modelo, ela se coloque como propagadora de uma imagem do esporte vinculada apenas ao seu consumo, sem a preocupação de apresentá-lo aos alunos e às alunas em todas as suas dimensões.

Em se tratando de transmissões televisivas, o telespectador estabelece um vínculo com a realidade esportiva, o que pode consumir em uma aproximação com determinadas modalidades. Entretanto, esta aproximação pode ser compreendida de duas maneiras. A primeira como uma relação com o esporte apresentado superficialmente com a manifesta intenção de atender aos interesses socioeconômicos de uma minoria hegemônica, o que acarretaria unicamente na formação de significados e a reprodução de técnicas de movimentos a partir do que é apresentado pela mídia (KUNZ, 2014). A segunda forma de aproximação pode ser por meio de uma análise crítica envolvendo todas as perspectivas do esporte, como a participação coletiva, a construção de valores, os significados, a sua prática como melhoria da qualidade de vida, entre outros, fazendo com que a inserção do esporte – o Basquetebol – como conteúdo das aulas de Educação Física represente, além da possibilidade da participação efetiva dos alunos nesta modalidade, a valorização de

quem se movimenta e não apenas os movimentos executados (RODRIGUES; DARIDO, 2008).

A participação (ou a ausência) da mídia na massificação do Basquetebol foi também associada pelos professores entrevistados à notória preferência pelas transmissões de jogos de futebol por parte das emissoras, principalmente nos canais abertos de televisão, onde há uma desproporcional incidência favorável a esta modalidade em relação às outras. Esse cenário deve-se, possivelmente, além da própria popularização do futebol no Brasil, à satisfação de interesses mercadológicos envolvidos nas transmissões televisivas, como já mencionado anteriormente.

Nove professores participantes do estudo (15%) creditaram o discreto desenvolvimento do Basquetebol à realidade do município de Volta Redonda, assim como a pouca importância que é concedida à EFE nesse contexto. As justificativas baseiam-se no maior privilégio dado a outras modalidades esportivas, na metodologia utilizada pelos professores, na ausência do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física, na falta de conscientização por parte do poder público municipal quanto a um maior incentivo à prática da modalidade e à formação de equipes competitivas e na falta de professores de Educação Física com um histórico esportivo associado ao Basquetebol.

Em relação às questões que, segundo os sujeitos da pesquisa, envolvem a realidade de Volta Redonda, cabem aqui algumas considerações. Primeiramente, ressalta-se que o apoio oferecido por órgãos públicos ou privados a outras modalidades esportivas no município não pode ser considerado excessivo. Atualmente há em Volta Redonda, equipes que disputam competições regionais, nacionais no futebol, voleibol, natação, *rugby*, ginástica de trampolim e badminton, sendo que em algumas destas modalidades prevalecem mais o esforço e a dedicação de alguns profissionais do que propriamente o suporte concedido aos seus respectivos projetos, seja de ordem financeira, material ou por meio de divulgação.

Quanto ao Basquetebol, mesmo que a cidade disponha de vários espaços adequados para a sua prática sistematizada, não ocorre uma mobilização que objetive a sua massificação, formação de equipes e participação em competições, tampouco ações advindas do poder público nesse sentido, independentemente dos projetos

vinculados às modalidades mencionadas anteriormente, caracterizando a ausência de ações voltadas para a compreensão e valorização do Basquetebol (WERLE, 2010).

Na perspectiva de 8 professores (13,33%) participantes, a dificuldade em se ter como referência um planejamento curricular contendo diretrizes que contemplem as necessidades discentes, não apenas as de ordem motora ou tecnicista, mas as intelectuais e sociais (MENDES; AZEVÊDO, 2010), é apontada como um fator prejudicial para a contribuição da Educação Física para o processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol.

Mesmo que haja um planejamento curricular para as escolas municipais de Volta Redonda, percebe-se na fala acima a inquietação quanto à sua eficácia. Para Pereira e Mendes (2010), uma mudança na forma de organização curricular defronta com princípios e paradigmas daqueles que integram o sistema escolar. Os autores ressaltam que as estratégias utilizadas para a elaboração de um currículo que contemple os anseios da comunidade escolar nem sempre são adequadas em relação aos objetivos que são elencados.

*O que eu percebo é que com relação a materiais a gente já sente dificuldade em trabalhar o basquete. Para se ter ideia, eu trabalhei Basquete sem tabela e sem bola de basquete, substituídas por uma bola de vôlei e um balde (P 3).*

*Na minha escola eu tenho apenas uma bola de basquete para trabalhar a modalidade com turmas de 28, 30 alunos. Então não dá nem para trabalhar os fundamentos de uma forma aceitável. Para mim o que mais prejudica é a falta de espaço adequado e materiais (P 29).*

Em relação às condições da estrutura física e a qualidade (e quantidade) de materiais esportivos disponíveis para as aulas de Educação Física, 6 professores (10%) mencionaram a falta de materiais esportivos considerados necessários para a realização de um bom trabalho, especialmente bolas, e, também, a precariedade das instalações esportivas em suas escolas.

Cabe ressaltar que em inúmeras ocasiões a indisponibilidade de materiais didáticos esportivos bem como a ausência de espaços adequados para a realização das aulas acabam por dificultar as ações pedagógicas voltadas para a apropriação da cultura corporal vinculada ao desenvolvimento de um conteúdo como o Basquetebol,

fazendo com que os professores tenham que invariavelmente fazer uso de sua capacidade de improvisação (RUFINO et al., 2017).

Dos depoimentos sobre a estrutura física e os materiais disponíveis para as aulas de Educação Física, surge a reflexão no que concerne a dois questionamentos. O primeiro, sobre as condições as quais os professores dispõem para a realização de um trabalho que, ao menos em sua concepção, almeja ser razoavelmente eficiente. Diante dessa questão, Rufino et al. (2017) apontam que as angústias dos professores muitas vezes estão vinculadas às condições de trabalho, quase sempre relacionadas à estrutura e dificuldades causadas a partir de uma desvalorização do trabalho docente.

Além disso, questiona-se até que ponto, diante de tais circunstâncias, é possível perceber a EFE como um campo fecundo para o desenvolvimento de uma modalidade esportiva como o Basquetebol.

É importante observar que, com essas indagações, não se pretende abrir mão de uma Educação Física que oportuniza aos alunos e alunas a experiência com uma grande diversidade de materiais alternativos, a prática limitada apenas ao espaço da quadra ou, principalmente, o contato com uma modalidade esportiva não somente de acordo com os parâmetros estabelecidos como “técnica correta”, mas sim por meio da vivência das mais diversas formas que o esporte pode ser visto – e revisto –, como por exemplo, por intermédio de atividades lúdicas e com base em valores como a cooperação e a lealdade. Pretende-se sim, fomentar a discussão sobre a relevância que se dá à Educação Física na condição de componente curricular obrigatório.

No que diz respeito às políticas voltadas para a prática esportiva estudantil, identificou-se que 5 professores (8,33%) possuem a opinião de que existe uma carência em relação a ações concretas que objetivem um planejamento voltado para o desenvolvimento do esporte em âmbito escolar. Observa-se que essa concepção, segundo os professores entrevistados, abrange as esferas municipal, regional e nacional.

Em se tratando de diretrizes direcionadas para a construção de um conjunto de ações relacionadas ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol, considera-se que este deva compactuar com as características sociais, econômicas e políticas do contexto no qual está inserido. Nesse sentido, almejar diretrizes

metodológicas com o intuito de fomentar o Basquetebol significa a necessidade da compreensão dos mecanismos públicos e privados direcionados à educação em um país onde lamentavelmente os interesses individuais, a má utilização do dinheiro público e o emprego de meios ilícitos por parte dos gestores (municipais, estaduais e federais) para se alcançar determinadas vantagens possuem características endêmicas.

Pensar em um Basquetebol praticado com a mesma filosofia desde o espaço escolar até a níveis mais elevados pode representar uma proposta viável, desde que prevaleçam os objetivos voltados para os resultados coletivos, bem como os próprios objetivos da Educação Física, evidenciando a formação global dos alunos. Nesse aspecto, torna-se necessário perceber a escola como um espaço possível para a massificação da modalidade, fortalecendo a harmonia entre a prática do Basquetebol e a educação integral do aluno e da aluna. Observa-se que o êxito da construção dessa linha de ação só será possível mediante a garantia de acesso à prática do Basquetebol por todos, independentemente de questões como gênero, raça ou condição social.

Na condição de direito social, a prática esportiva deve ser percebida como uma garantia para cada cidadão ou cidadã e, conseqüentemente, representa um dever do Estado a promoção e o seu fomento (MENDES; AZEVÊDO, 2010). Nesse caso, pode-se afirmar que as políticas públicas voltadas para essa questão devem necessariamente estar em consonância com a realidade da cada comunidade, evitando os resultados favoráveis a interesses pessoais em detrimento dos ganhos coletivos, superfaturamentos, ações ilícitas, vantagens e impunidades (WERLE, 2010).

*Agora, se você não tem uma política, se não é uma prioridade do governo, seja municipal, estadual ou federal, infelizmente nada irá para a frente, nada. Se não houver um apoio, um desejo, uma vontade por parte de quem tem condições de fazer isso, não serei eu que mudarei alguma coisa em relação a isso. A gente depende de pessoas, e não de políticas que deveriam existir e não existem (P 43).*

No que tange ao cenário da Educação Física, há o entendimento de que as políticas devem objetivar principalmente a prática esportiva não formal, no sentido de evitar a reprodução de um sistema esportivo que privilegia a seleção e a exclusão

(GHIRALDELLI JUNIOR, 2001; KUNZ, 2014; STIGGER, 2009; MENDES; AZEVÊDO, 2010). Não obstante, a política brasileira voltada para a Educação Física e a prática esportiva apresenta, na concepção de Ghiraldelli Junior (2001), as características acima mencionadas, onde prevalecem os interesses econômicos aos quais o esporte é subordinado.

Sobre esse interesse observado pelos professores, ele é em muitas situações motivado por elementos vinculados ao prazer em participar de uma atividade esportiva, o desenvolvimento de habilidades ou, em questões mais específicas, como uma forma de ascensão social, de acordo com Menezes, Marques e Nunomura (2014).

*Bem, a visão que eu tenho é essa questão da boa vontade deles. Acho que fica uma lacuna aí. Acho que o processo fica comprometido porque o aluno não tem boa vontade. Ele faz, mas não se entrega àquilo ali. Eles não têm aquele interesse nato de se entregar especificamente ao basquete. Eles têm outras realidades que eles gostam mais, fazem apenas por obrigação. Aí acaba que o processo de ensino e de aprendizagem do basquete fica fragilizado (P 12).*

Para Betti e Liz (2003), é notória a intervenção das motivações voltadas para o esporte nas aulas de Educação Física de acordo com um enfoque esportivo, pois nota-se, por parte do aluno e da aluna, a percepção do esporte como necessidade fundamental, pois por intermédio da sua prática sistematizada, eles liberam energia, diminuem as tensões, se conhecem melhor, apresentando assim um desenvolvimento quanto à sua relação consigo e com o meio. Barkoukis et al. (2010) interpretam o comportamento do aluno e da aluna como resultado da conjunção entre a sua capacidade, o meio ambiente e a satisfação das suas necessidades. Shen (2014) compactua desta opinião ao afirmar que a motivação provém da satisfação das necessidades psicológicas inatas do indivíduo.

No decorrer das entrevistas, 5 professores (8,33%) mencionaram a falta de comprometimento dos alunos e das alunas quanto ao desenvolvimento do Basquetebol em ambiente escolar. Para esses professores, percebe-se o que foi considerado como "falta de interesse" por parte dos alunos e das alunas em relação a esse conteúdo, fato causado pela motivação em participar de outras atividades que não chegaram a ser citadas nos depoimentos. A respeito dessa questão, Rufino et al. (2017) apontam que a grande diversidade dos conteúdos desenvolvidos em aulas

pode representar um motivo para tal desinteresse pois, de acordo com o estudo realizado pelos mesmos autores, muitos alunos e alunas costumam apresentar motivação apenas em relação a algumas modalidades esportivas, o que resulta na dificuldade em se apresentar outras manifestações corporais.

Constata-se que a falta de comprometimento dos alunos e alunas mencionada pelos professores entrevistados também pode estar associada à ausência de motivação ocasionada pela diminuição do interesse em uma participação efetiva das atividades em grupo, da falta de necessidade em se aprimorar em relação à técnica específica de uma modalidade esportiva como o Basquetebol ou a inexistência de objetivos concretos a serem cumpridos no contexto onde ocorreu a presente investigação. Januário et al. (2012) afirmam que uma falta de comprometimento por parte dos alunos e das alunas em relação à prática esportiva pode estar vinculada às características demográficas presentes na população, como por exemplo, o nível socioeconômico, a faixa etária, as características culturais, a etnia, entre outras variáveis.

Quatro professores (6,66%) apontaram a necessidade de se definir ações a serem concretizadas com o intuito de se estabelecer uma coerência quanto ao desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física. Essas ações, segundo os professores, baseiam-se na construção coletiva de uma metodologia que almeje a definição de como o Basquetebol deve ser aplicado em todos os contextos, desde a escola até as seleções nacionais.

Sobre a metodologia empregada pelos professores entrevistados em relação ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol nas aulas de Educação Física, observou-se a questão do treinamento especializado precoce, situação compreendida como o emprego de procedimentos que objetivam a prática esportiva especializada sem que as crianças ainda estejam devidamente preparadas, objetivando resultados em curto prazo (LEITE; SAMPAIO, 2012; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

*Os locais onde existe a prática do basquete, onde há a procura por essa modalidade adotam um trabalho tão intensivo, tão forçado que a criança acaba perdendo o interesse por essa modalidade com o passar do tempo, devido a tanta cobrança por resultados imediatos. Aí chega o período onde deve haver essa cobrança por um melhor desempenho, ele já não quer mais. Eu vejo isso em Volta Redonda! (P 10).*

Menezes, Marques e Nunomura (2014) observam que o professor de Educação Física possui um conceito estruturado sobre os processos que evitem a especialização precoce e, em diversas ocasiões, isso pode ser conflitante em relação ao campo de intervenção prática e também ao pouco conhecimento sobre a Educação Física e suas particularidades por parte de gestores, fato que pode ocasionar certa pressão sobre os professores. Neste caso, torna-se considerável a ação do professor quanto à escolha da metodologia mais adequada para o atendimento das necessidades motoras e cognitivas dos alunos e das alunas. Ressalta-se que em se tratando da EFE, tais necessidades não devem estar associadas a procedimentos metodológicos que objetivem o treinamento e a especialização.

Para os professores participantes, a ação docente é o principal alicerce na construção do conhecimento e na promoção de estímulos que propiciem o desenvolvimento integral dos alunos e alunas. Quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol, a responsabilidade do professor foi apontada como primordial para o seu desenvolvimento.

*O professor tem a obrigação de não deixar essa modalidade de lado, promover adaptações para que o basquete possa ser praticado (P 3).*

Não obstante constata-se que, em certas ocasiões, o professor de Educação Física, por não ter afinidade com um determinado conteúdo, não releva as necessidades dos alunos no sentido de propiciar a estes uma diversificação de experiências motoras (LEITE; SAMPAIO, 2012). Por intermédio do seu conhecimento e de suas ações pedagógicas, o professor deve, diante deste cenário, despertar nos alunos a consciência de que a prática do Basquetebol pode favorecer não somente o desenvolvimento dessa modalidade, mas também proporcionar satisfação, melhoria da qualidade de vida e outros fatores que venham a contribuir para o seu desenvolvimento global.

*Então às vezes as pessoas arrumam artifícios para não trabalhar certos conteúdos. Tem profissional que fala "eu não gosto de basquete", e por isso eu não trabalho este conteúdo. Eu não tenho que amar, eu tenho que fazer da melhor forma possível! Eu tenho material, eu tenho espaço disponível, eu tenho alunos que gostam. São pontos favoráveis para que as coisas aconteçam (P 11).*

A Educação Física, a partir das ações do professor, pode, segundo as observações feitas pelos participantes, oportunizar um primeiro contato com o Basquetebol e, talvez, iniciar naquele momento uma grande identificação do aluno com a modalidade. Não o fazer, segundo Vianna e Lovisolo (2009), torna-se um equívoco, mesmo a considerar as incoerências e inadequações presentes no esporte em geral.

*Ela [a aluna] conhece uma bola de basquete porque a escola oportuniza isso, porque senão ela dificilmente veria uma bola de basquete ao vivo. Poderia até ver um lance ou outro na TV, mas ver uma bola, pegar e usar, é na escola! Então, num primeiro momento causa estranheza o tamanho da bola, o peso da bola, a cor da bola, tudo isso é característico do basquetebol e que é muito diferente do handebol, do futsal e de outros desportos. Então eu penso que num primeiro momento, quando se apresenta o basquete e os seus elementos para os alunos, é um momento de estranheza. Depois que ele começa a usar e principalmente quando ele acerta a primeira cesta, ele fica muito curioso porque quer acertar outra! É o momento da curiosidade! - Como eu jogo? - Como eu seguro a bola? - Como eu devo arremessar para acertar a cesta? Uma série de curiosidades em torno de jogo. E depois que faz isso, é apaixonante. Trata-se de uma coisa diferente. Ele não tem aquilo no contexto do seu cotidiano. Ele fará isso na escola, na aula de Educação Física. E a partir disso, muitas vezes o aluno chega a se apaixonar pelo basquete. O papel da Educação Física é o de abrir esse horizonte de possibilidades para o aluno, muito mais do que se pensar em rendimento (P 60).*

Entretanto, os argumentos apresentados por Macphail (2011) indicam a pouca probabilidade de que os efeitos da Educação Física sobre a prática esportiva sejam consideráveis. Para o autor, este componente curricular obrigatório pode significar uma única oportunidade para que o aluno ou aluna se envolva com a prática sistematizada de alguma modalidade, mas presume-se que não há na Educação Física algo que justifique a sua influência no comportamento esportivo fora do ambiente escolar.

A respeito da ausência do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a pequena incidência de professores com um histórico esportivo associado a esta modalidade, observa-se que a sua relevância deve ser vista na condição de prática pedagógica e, em se tratando do ambiente escolar, ela deve ser trabalhada de forma abrangente para que possibilite aos alunos e alunas o contato com todas as oportunidades vinculadas ao seu desenvolvimento, conforme Rodrigues e Darido (2008).

Acerca dos professores de Educação Física, mesmo que não tenham tido experiências anteriores com o Basquetebol, é imprescindível a aquisição de conhecimentos que possibilitem a aplicação dos conteúdos em suas aulas, seja por meio de cursos de capacitação, aperfeiçoamento ou a investigação por intermédio de pesquisas. A vivência esportiva é uma aliada importante para uma boa atuação profissional, mas não pode ser vista como *conditio sine qua non* para a aplicação de determinados conteúdos nas aulas.

*Eu sinto muita dificuldade em relação a currículo e uma progressão. Geralmente a gente trabalha alguns conteúdos, na rede municipal há aquilo que é chamado de pré-requisitos, a gente trabalha em cima daquilo e acrescenta alguma coisa. Só que você vê o pré-requisito do sétimo, do oitavo ano e percebe que ele é praticamente o mesmo do sexto ano. Não há uma progressão. Eu acho que essa é a grande dificuldade da escola, da Educação Física. Conseguir um currículo que se adeque a cada série e que vá obedecendo a uma progressão até chegar ao Ensino Médio. Acho que essa é a grande dificuldade da Educação Física (P 19).*

Os participantes da pesquisa manifestaram opiniões a respeito da formação continuada dos professores de Educação Física. Nesse sentido, 3 docentes entrevistados (5%) expuseram críticas em relação a essa questão ao apontarem que o professor recém-formado sai do curso de Educação Física possuindo um conjunto de informações voltadas para as diversas áreas de conhecimento. Todavia, na visão dos entrevistados que pontuaram a questão, a maioria desses professores não procura uma formação continuada voltada para a especialização do Basquetebol, seja por intermédio de cursos de especialização ou períodos de acompanhamento de trabalhos realizados por profissionais mais experientes.

Sobre a formação continuada dos professores participantes, mencionada no decorrer das entrevistas, o estudo realizado por Leite e Sampaio (2012) indica que uma possível solução para a melhoria dessa realidade é o oferecimento de possibilidades voltadas para a formação permanente do professor. Conforme mencionado anteriormente, os cursos de especialização e a investigação são fundamentais, tendo em vista que a licenciatura não apresenta como objetivo a formação de técnicos que conduzirão trabalhos voltados para a aquisição de resultados em competições. Entretanto, mesmo que as experiências e conhecimentos especializados adquiridos em cursos de extensão contribuam para o desenvolvimento

do Basquetebol, ressalta-se a necessidade da compreensão do papel da Educação Física Escolar nesse contexto, que é tratar do esporte como manifestação corporal, sempre o respeitando como um conteúdo legítimo das aulas (RODRIGUES; DARIDO, 2012; KUNZ, 2014).

Ao comentarem sobre a formação continuada, Rufino et al. (2017) indicam a necessidade por parte dos professores em constantemente se atualizarem em função das peculiaridades da Educação Física no que tange à diversidade de conteúdos a serem desenvolvidos, além de propostas didáticas que necessitam de perspectivas renovadoras quanto à inclusão de novas práticas corporais no cotidiano das aulas.

Segundo Azevedo et al. (2010), infelizmente a formação continuada associada à Educação Física apresenta características comerciais, sendo desassociada da própria realidade educacional, tendo como característica a pequena duração dos cursos voltados para atualizações e meros repasses de informações, caracterizando uma superficial transferência de saberes preexistentes. São cursos que, segundo Marin et al. (2011), invariavelmente são promovidos por empresas com objetivos lucrativos que privilegiam as técnicas e os produtos, sem uma associação direta às políticas públicas educacionais voltadas para a capacitação constante do docente.

Para Mileo e Kogut (2009), a formação continuada do professor de Educação Física significa mais um suporte para que este venha e exercer a sua função no espaço escolar com representação social, permitindo aos discentes um momento de amplo aprendizado em suas aulas, além de subsídios para momentos de discussão acerca de temas vinculados ao exercício da cidadania. Sobre a Educação Física propriamente dita, as mesmas autoras lembram que em inúmeras ocasiões, esta é compreendida no universo escolar como um componente meramente superficial, servindo unicamente para a educação do movimento humano.

No que tange à prática pedagógica do professor de Educação Física, a formação continuada representa um campo fecundo para debates. Em relação às observações supramencionadas, nota-se que a percepção dos professores no que se refere ao entendimento do preconceito existente entre os alunos e o estabelecimento de práticas pedagógicas alicerçadas na formação cultural ainda é um desafio para professores e coordenadores no sentido de alcançar soluções voltadas para propostas que perpassam a inclusão escolar (GOMES, 2008).

## 6.5 Segunda Fase

De imediato percebeu-se que três professores participantes tinham maior facilidade em expressar suas respectivas opiniões, fato que acarretou a interferência do facilitador no sentido de que todos pudessem se posicionar. Pode-se considerar que os encontros possibilitaram discussões aprofundadas no que tange ao fenômeno investigado, já que cada participante contribuiu de forma satisfatória com os seus pontos de vista.

São expostas as principais observações feitas a respeito das temáticas propostas. Assim como na primeira etapa do estudo, a garantia do anonimato dos sujeitos participantes foi garantida com a substituição dos seus respectivos nomes pelo código P, seguido pelo número de identificação no grupo focal, por exemplo, GF 1, GF 2 e assim sucessivamente.

Inicialmente se buscou uma análise por parte dos participantes do grupo focal no que tange ao conteúdo disponibilizado na página do *Facebook*. De acordo com as observações apresentadas, percebeu-se por parte de todos a concordância de que as informações contidas na página são consideradas importantes, principalmente no que se refere à sua contribuição para o trabalho docente. Como nas afirmações a seguir:

*Toda informação que venha a auxiliar o trabalho do professor é bem-vinda. No caso da página, que achei ótima, ela pode ajudar bastante, pois o seu conteúdo apresenta informações que podem ser utilizadas nas aulas de maneira aprofundada. Muitas vezes os alunos querem tirar dúvidas sobre a história do basquete ou qualquer acontecimento relacionado ao esporte e pelo menos quanto a mim, acabo tendo um certo medo de transmitir informações erradas. A página permite uma consulta rápida que pode ser feita até mesmo pelos próprios alunos durante a aula (GF 8).*

*A página pode ser muito bem aproveitada pelos professores. Discutir o Basquetebol, a sua história, o basquete feminino e tudo que se relaciona ao esporte pode ficar muito mais interessante para os alunos. Acho apenas que os professores precisam primeiro se interessarem pelo conteúdo, claro que alguns não farão isso, mas para quem o fizer, a página é uma ótima fonte de informações sobre o Basquetebol (GF 5).*

*É muito bom ter um espaço com tantas informações e de fácil acesso e entendimento (GF 4).*

*Olha, o conteúdo é muito bom, inclusive acho que o seu conteúdo deveria se estender para outras modalidades. Pelo menos na minha realidade, não é só*

*o basquete que vem sendo deixado de lado pelas meninas, mas também aqueles conteúdos que até outro dia elas demonstravam prazer em participar (GF 2).*

O Quadro 3 apresenta, de forma resumida, as opiniões dos participantes do grupo focal quanto à página criada no *Facebook* e as informações nela disponibilizadas.

**Quadro 5** – Resumo das respostas concedidas a respeito das informações disponibilizadas em rede social virtual.

<b>Participante</b>	<b>Opiniões</b>
<b>GF 1</b>	<i>Interessante, mas com ressalvas quanto ao tamanho das publicações.</i>
<b>GF 2</b>	<i>Bom, com a sugestão de que o conteúdo dos textos possa ser aplicado a outros esportes.</i>
<b>GF 3</b>	<i>Muito bom, com ressalvas quanto ao tamanho dos textos publicados.</i>
<b>GF 4</b>	<i>Muito bom. Fácil acesso e entendimento.</i>
<b>GF 5</b>	<i>Ótima fonte de informações, mas lamentando o fato de que nem todos os professores utilizam esse ferramenta.</i>
<b>GF 6</b>	<i>Ok, mas com a sugestão de que os textos sejam resumidos.</i>
<b>GF 7</b>	<i>O texto é acadêmico demais, o que pode dificultar a sua compreensão</i>
<b>GF 8</b>	<i>Ótima, pois permite uma consulta rápida.</i>
<b>GF 9</b>	<i>Informações que podem auxiliar o trabalho dos professores.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

O segundo encontro foi iniciado com um debate acerca dos possíveis impedimentos para o desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a participação das meninas nas atividades promovidas pelo professor. Na ocasião, procurou-se discutir de forma mais aprofundada as informações disponibilizadas em rede social virtual no sentido de encontrar meios que viessem a aprimorar as possibilidades de utilização da página por parte do professor de Educação Física em sua prática pedagógica. Para isso, considerou-se necessária a releitura dos pontos diretamente associados às duas questões para, posteriormente, serem levantadas as opiniões dos professores participantes.

As observações feitas pouco contrastaram com as que foram obtidas por intermédio da aplicação dos instrumentos de coleta de dados na primeira etapa do estudo, a recordar que todos os participantes do grupo focal também fizeram parte deste momento.

Nota-se que a respeito do desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas, houve a apresentação de várias justificativas. Algumas declarações como, por exemplo, “Nossa, são várias!” ou “Não sei nem por onde começar” foram pronunciadas no decorrer do debate, o que aparentou certa angústia por parte dos professores a respeito não somente do Basquetebol como conteúdo das aulas, mas também de outras modalidades esportivas, pois na fala dos professores participantes, o Basquetebol foi priorizado, mas a menção a outros esportes também foi feita quando se discutiu a respeito do desenvolvimento deste conteúdo pelos professores de Educação Física.

*Para ser sincero, a gente deveria discutir não somente sobre o basquete, mas sobre praticamente todos os esportes. Hoje em dia, até para o futsal eu tenho tido dificuldades com a participação dos alunos (GF 3).*

*Sabe, esse não é um problema só do basquete, na minha opinião. A cada ano que passa eu percebo que a garotada se interessa menos por qualquer jogo que não seja aquele que se brinca no celular. Não digo isso das crianças menores, mas os mais velhos já precisam de um estímulo maior para participar das aulas (GF 9).*

*Embora eu concorde com isso tudo, não creio que isso seja só por culpa dos outros ou das outras coisas. Nós, professores, também temos que assumir uma parte dessa responsabilidade e parar um pouco de culpar os outros. O basquete não é aceito pelos alunos, ok. As meninas não querem jogar. A culpa é de quem? Minha! Eu sou o professor e não consigo fazer com que meus alunos se motivem para as aulas. Então, tenho que começar a pensar a partir daí, e não pensar em colocar a culpa nos outros (GF 1).*

*Falta de interesse, falta de incentivo, pouca exposição na mídia, falta de ídolos... nossa, eu acho que tem muita coisa para citar, mas tudo está relacionado a todas as modalidades, menos o futebol (GF 5).*

No mesmo encontro, os professores participantes também foram incentivados a opinarem a respeito da possível utilização do material publicado em rede social virtual para futuras práticas pedagógicas. Os professores sinalizaram que o mesmo pode ser bastante benéfico, pois de acordo com as exposições de cada um dos

participantes, o conteúdo disponibilizado pode ser até expandido, com a promoção de outros debates. Sobre isso, ocorreu por parte do grupo a observação de que a página não deve ser apenas utilizada para o tema inicialmente proposto, mas que poderia funcionar como um canal para constantes debates sobre várias questões vinculadas à Educação Física Escolar.

Um participante também fez ponderações quanto ao título da página, considerado por este como "restrito".

*Pensar em basquetebol e a prática por meninas não parece algo restrito apenas a um único tema? Não fica parecendo que as alunas só não participam das aulas de basquete? Esses debates, que espero que não parem por aqui, deveriam ser abertos a outras questões, e o título da página não sugere isso (GF 7).*

Não obstante foi notada a necessidade de algumas adequações ao conteúdo da página, pois de acordo com alguns participantes, houve a percepção de que embora o conteúdo disponibilizado seja de grande relevância, os textos publicados foram considerados extensos, o que talvez inviabilizassem o seu aproveitamento por parte dos alunos, caso esses fossem orientados ou incentivados pelos seus respectivos professores a pesquisarem sobre o tema exposto:

*O conteúdo está ok, com informações que podem ser adequados às aulas, mas os posts são grandes, o que não é comum em redes sociais. Os alunos estão acostumados com textos de poucas linhas, a geração dos 140 caracteres! Será que não poderia resumir as publicações? (GF 6).*

*Concordo com isso. Eu mesmo, quando leio textos na internet, costumo dar preferência aos menores. Sei que isso é errado, mas a gente acaba se acostumando com esse mundo virtual com informações curtas (GF 3).*

*Achei bem interessante, mas não seria possível resumir os textos? Também acho que o tamanho dos textos "espanta" os alunos. Isso não acontece só na Educação Física, mas em todas as matérias. Mesmo que uma possível pesquisa orientada pelo professor seja no Facebook, que os alunos adoram, um texto grande acaba fazendo com que eles se desmotivem. Isso é certo ou errado? Não sei, mas tenho certeza de que um texto menor seria mais atrativo. Se tiver gravuras então, melhor ainda! (GF 1).*

Outro aspecto abordado que, segundo os participantes, necessita de uma avaliação por parte do pesquisador se refere à linguagem empregada nos textos. De

acordo com as opiniões concedidas, foi sugerido um formato dos textos mais acessível, com uma linguagem mais clara e menos “acadêmica”.

*Outra coisa. O texto é muito rico, mas poderia ser escrito de forma mais simples. Os meus alunos, por exemplo, iriam ficar perdidos com tantas palavras difíceis! (GF 3).*

*Ah, também acho! O texto é muito acadêmico, o que dificultaria a compreensão dos alunos. Acho que até mesmo os professores teriam dificuldades. O que eu quero dizer é que até eu tive dúvidas em relação a algumas palavras (GF 7).*

A respeito da disponibilização do material e seus possíveis contributos, os professores participantes foram praticamente unânimes ao concordarem com a sua relevância. Consideraram o conteúdo pertinente, com credibilidade e por se tratar de uma rede social utilizada por um considerável número de jovens, mencionou-se que o material pode ser utilizado pelos professores como um atrativo para as aulas de Educação Física.

Não obstante também foi mencionada uma possível dificuldade ou resistência da sua utilização por parte de alguns professores de Educação Física, pois segundo comentários feitos: "a tecnologia ainda assusta muita gente!"; "os professores mais antigos não costumam se render à tecnologia"; "nem todos gostam de usar computadores em aula".

*O problema para mim é a constatação de que muitos professores não utilizam esses meios em suas aulas. Não sei se por comodidade ou talvez por não saberem lidar muito bem com recursos tecnológicos (GF 4).*

*Não é somente na área da Educação Física que isso acontece. Percebo que a maioria dos professores, quando se pensa em tecnologia, se limita a, no máximo, exibir vídeos no data show. Não que isso não deva ocorrer, mas a escola possui recursos que poderiam beneficiar as suas aulas e que não são utilizados. Sinceramente, acho que é bastante associado à resistência dos professores em lidar com aquilo que nem é tão novo assim (GF 2).*

*O professor parece que tem medo em lidar com o universo dos alunos! (GF 9).*

*A idade do professor pode até ser levada em consideração, mas percebo muitos professores jovens com dificuldades em lidar com a tecnologia.*

*Admito, eu mesmo tenho que pedir ajuda à minha filha para fazer muitas coisas no computador (GF 3).*

*É difícil para aquele professor tradicional usar notebooks ou smartphones nas suas aulas (GF 8).*

No que tange às possíveis contribuições que o conteúdo disponibilizado no *Facebook* pode vir a proporcionar aos professores de Educação Física em relação à prática pedagógica, os participantes concordaram com a relevância do material didático em questão e a sua possibilidade de representar uma ferramenta para uso dos docentes (Quadro 4).

*Eu já disse no outro encontro que considero muito bom o conteúdo. Um estudo sobre o basquete que pode enriquecer a aula do professor. Também acho que se o professor tiver consciência disso, o conteúdo pode trazer uma possibilidade para as meninas e os meninos, todos, lerem e refletirem sobre a importância do esporte para a formação das meninas. (GF 7).*

*Não somente o esporte. É possível que as discussões não fiquem apenas no esporte, mas em todos os segmentos. (GF 8).*

*Por exemplo, o que está sendo feito aqui nesse momento. Esse debate pode muito bem ser realizado com turmas do ensino fundamental, por que não? Um estudo sobre o material no Facebook seguido de debates envolvendo os alunos e os professores. Acho que esse poderia ser um caminho interessante. (GF 1).*

Entretanto, alguns participantes do grupo focal se mostraram céticos quanto à utilização da rede social virtual por parte dos professores em se tratando da (des) motivação destes para a utilização de recursos tecnológicos em suas aulas.

*O que eu não sei é se os professores, sem querer generalizar, vão se empenhar em fazer algo, digamos, diferente em suas aulas. Por várias razões, os professores não se motivam para melhorar as suas aulas. Ficam acomodados naquilo que fazem há anos. E aí eu pergunto, esse professor vai motivar os seus alunos a participarem das aulas de que forma? (GF 6).*

*Mesmo o material sendo de boa qualidade, acho que nem todos os professores que o acessarem vão se esforçar, não sei se essa é a palavra adequada, para utilizar o conteúdo nas suas aulas. Ainda há professores que acham que isso "dá trabalho" (GF 2).*

*Poderia ser um ótimo recurso para as aulas, mas não sei se os professores se empenhariam em utilizá-lo. Confesso que eu mesmo não costumo utilizar a tecnologia com recurso pedagógico com frequência (GF 5).*

**Quadro 6** – Resumo das respostas concedidas a respeito da contribuição do material disponibilizado para o desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas e a sua prática por meninas

Participante	Opiniões
GF 1	<i>O seu estudo pode significar um agente motivador para debates envolvendo os alunos e os professores</i>
GF 2	<i>O conteúdo é de ótima qualidade e pode contribuir, mas tem dúvidas quanto à sua utilização pelos professores.</i>
GF 3	<i>Se bem utilizado pelo professor, pode ser benéfico.</i>
GF 4	<i>Bom para o Basquetebol e outras modalidades. Sobre as meninas, não tem a certeza de que contribuirá para a participação nas aulas.</i>
GF 5	<i>Tem qualidade e pode contribuir, embora não saiba se os professores o utilizarão.</i>
GF 6	<i>O conteúdo pode ser um contributo, mas coloca em dúvida a sua utilização pelos professores.</i>
GF 7	<i>Pode enriquecer as aulas e representar uma possibilidade para os alunos refletirem sobre a importância do esporte para a formação das meninas.</i>
GF 8	<i>Se bem aproveitado pelo professor, é um excelente material didático que pode auxiliar no desenvolvimento de outras modalidades.</i>
GF 9	<i>Tudo dependerá da disposição do professor em utilizar a página como um benefício para as suas aulas.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

O terceiro e derradeiro encontro do grupo focal representou principalmente a possibilidade de apresentar ao grupo focal o resultado das modificações e melhorias sugeridas nos debates anteriores. Em consonância com as sugestões apresentadas, os textos publicados anteriormente sofreram algumas alterações quanto ao seu tamanho para que se tornassem mais atrativos aos leitores.

Outro aspecto a ser apresentado foi a alteração da escrita em alguns trechos que, segundo os participantes, incluía palavras complexas que poderiam dificultar o entendimento dos textos por parte dos leitores, principalmente os alunos que porventura fossem orientados pelos seus respectivos professores a consultar a página do *Facebook*.

A respeito da modificação do título da página, sugerida por um dos participantes, considerou-se desnecessária tal alteração por se considerar que isso poderia acarretar uma dissociação do material disponibilizado com o presente estudo.

Ressalta-se que as alterações feitas e apresentadas no terceiro encontro foram consideradas válidas pelos participantes do grupo focal, quando estes interpretaram as sugestões acatadas como o resultado de um trabalho em conjunto que servirá como um instrumento de grande valia para a prática pedagógica dos professores de Educação Física.

O encontro se encerrou com uma avaliação dos encontros realizados, considerada positiva pelos professores participantes, e os agradecimentos pela participação de todos, feitos pelo pesquisador.

De acordo com as interações ocorridas nas reuniões com os participantes do grupo focal, notou-se que os professores possuíam certa familiaridade com as TICs, muito embora não tenham afirmado que as utilizam em suas respectivas práticas pedagógicas. Sobre isso, Cagliari (2018) aponta que ainda é difícil para o professor de Educação Física associar o cotidiano deste componente curricular obrigatório com a utilização das TICs, tendo em vista a concepção de que há somente o envolvimento de práticas corporais em suas atividades, não havendo, portanto, espaço para determinadas reflexões.

A respeito das questões utilizadas como agentes motivadores para as discussões, são apresentadas a seguir as observações acerca das opiniões concedidas pelos participantes do grupo focal.

Para os professores, a relevância do conteúdo disponibilizado foi constatada a partir da análise do mesmo. A facilidade e a rapidez com que as informações podem ser compartilhadas com e entre os alunos foi destacada como um ponto favorável para que o material publicado em rede social virtual seja utilizado como um recurso didático pelos professores. Essa realidade permite, de acordo com Jucosky (2017), o acesso a um cabedal de informações relacionadas aos mais variados temas, aqui especificamente se tratando do Basquetebol.

Observa-se que segundo Bergamaschi et al. (2011), a facilidade para o compartilhamento de textos e outros tipos de arquivos é bastante expressivo e cada vez mais casual entre os usuários de redes sociais virtuais. Por isso, nota-se a

importância das tecnologias no contexto educacional no sentido de transformar as maneiras de se ensinar e aprender dos alunos e alunas, além de representar um desafio para a prática pedagógica dos professores (CAGLIARI, 2018).

Acerca do conteúdo propriamente dito, foi observada a constatação de que as discussões acerca do Basquetebol e de outras modalidades esportivas como conteúdo das aulas de Educação Física muito pode representar para o desenvolvimento de ações promovidas pelos professores. Isto posto e, em consonância com os estudos de Fraiha (2016), o emprego da página no *Facebook* pode oportunizar tais discussões, pois trata-se de uma ferramenta de agrado e de fácil manuseio, além de facilitar o contato entre professores das redes de ensino (pública e privada) para a troca de experiências. Especificamente sobre a página relacionada ao presente estudo, ela representa, em acordo com as sugestões feitas pelos professores participantes, o início de um trabalho a ser desenvolvido no sentido de promover debates a respeito de determinados temas baseados nas informações disponibilizadas na página.

A partir dos relatos apresentados pelos participantes do grupo focal, percebeu-se as possíveis contribuições dos resultados da pesquisa para a prática pedagógica dos professores de Educação Física e também de acadêmicos interessados no aprofundamento em relação ao Basquetebol, suas particularidades como conteúdo das aulas, suas dimensões e apontamentos acerca da participação das meninas nas atividades associadas a esta prática.

Na concepção dos professores participantes, as informações associadas ao presente estudo que foram disponibilizadas em rede social virtual são propostas que estão em consonância com as necessidades percebidas quanto ao desenvolvimento de um conteúdo associado ao esporte como conteúdo das aulas. Trata-se de um aporte teórico que de acordo com as ações pedagógicas realizadas pelos professores, pode servir como subsídio para o processo de ensino e aprendizagem do Basquetebol e a sua compreensão como uma atividade ao alcance de todos. Para Taques e Madrid (2017), tal situação pode ser compreendida como um grande desafio para os professores de Educação Física Escolar, pois o diálogo entre a teoria e a prática pedagógica são componentes imprescindíveis para a aquisição de competências por parte dos alunos e alunas.

Em relação ao contributo do conteúdo disponibilizado na página do *Facebook*, as respostas apresentadas pelos participantes encontram respaldo no estudo de Fraiha (2016), que aponta que o emprego das TICs pode ser importante para as ações pedagógicas, pois isso possibilitará a visualização de vários aspectos didáticos e distintas maneiras de se perceber as dimensões do Basquetebol no decorrer de seu processo de ensino e de aprendizagem.

É bastante reconhecido o interesse por parte dos adolescentes na utilização de recursos tecnológicos (MILANI, 2012; SEREN, 2014; FRAIHA, 2016). Entretanto, para que os textos disponibilizados possam ser vistos como ferramentas para o aprendizado e, também, discussões a respeito da prática do Basquetebol ao alcance de todos, compete ao professor o desenvolvimento do hábito da utilização das TICs nas aulas de Educação Física para que os recursos tecnológicos sejam empregados adequadamente, em consonância com as propostas educacionais que objetivem a formação cidadã dos alunos. Mesmo com a intervenção do professor sendo muitas vezes considerada como imprescindível, observa-se que, de acordo com o estudo realizado por Jucosky (2017), o acesso às informações disponibilizadas em rede social virtual nem sempre necessita da interferência de um profissional, em um contexto em que o aluno ou aluna saia da condição de mero receptor para o de participante do processo educacional.

A respeito da não utilização das TICs pelos professores, mencionada nas discussões, pensa-se ser necessária a observação de que sendo reconhecida a contribuição da tecnologia nos mais diversos aspectos, esta não conseguirá substituir o professor em determinadas ações pedagógicas. Não obstante a resistência que muitos professores apresentam em relação à utilização das TICs em suas aulas, Silva e Serafim (2016) afirmam que não são mais permitidas as desculpas para o retardamento da cooperação da tecnologia com a educação.

As tecnologias, não podem ignorar a pedagogia, ou enfurecer-se com o seu atraso, porque a parceria parece inevitável, além de desejável. A pedagogia tecnologicamente correta teria a pretensão de estabelecer com as novas tecnologias a cooperação marcada pela reciprocidade respeitosa e produtiva (SILVA; SERAFIM, 2016, p. 73).

Acerca das sugestões oferecidas pelos professores, não houve um registro do número de visitas à página antes e depois que permitisse a mensuração da eficiência

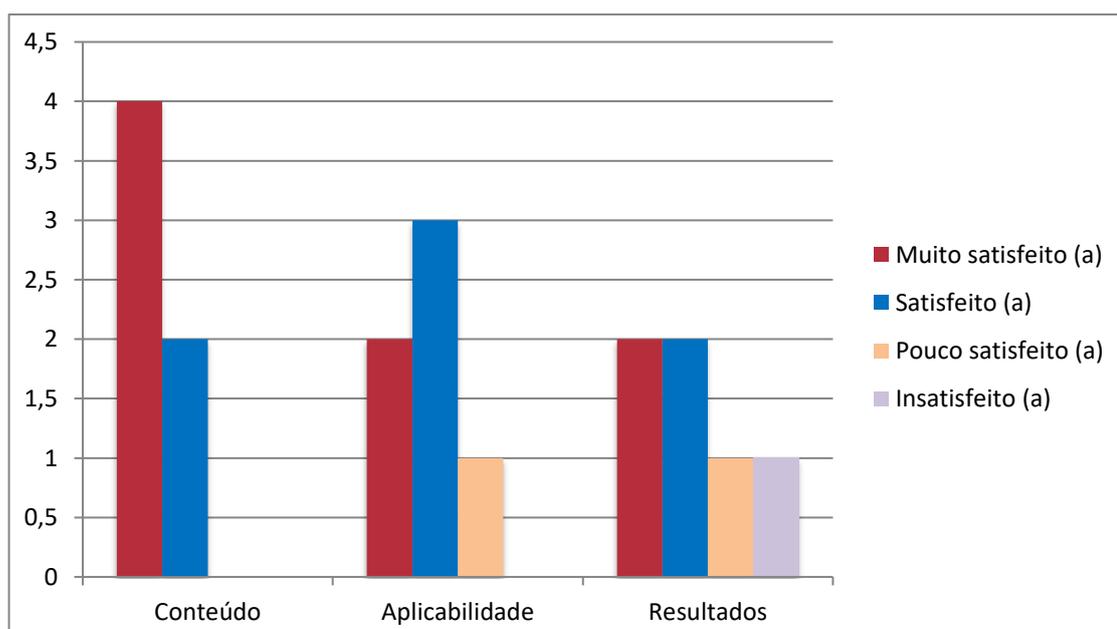
das alterações realizadas, principalmente as associadas à diminuição do tamanho dos textos publicados. Diante disso, notou-se a necessidade de um acompanhamento mais efetivo em relação a esses dados que podem ser considerados fundamentais para a percepção da eficácia da página.

Por fim, observa-se que mesmo após a conclusão do presente estudo, a página construída em rede social virtual continuará a representar um espaço no qual informações serão disponibilizadas para que possam servir de subsídios para novas discussões que venham a contribuir para a prática pedagógica dos professores de Educação Física.

## 6. 6 Terceira Fase

Para uma análise da satisfação dos professores participantes da terceira etapa da pesquisa a partir da Escala Likert, houve a intenção de identificar o contentamento com o conteúdo das informações de maneira geral, a sua aplicabilidade e os resultados iniciais obtidos a partir da sua utilização. Quanto à satisfação dos participantes, os resultados são apresentados no Gráfico 7

**Gráfico 8** - Níveis de satisfação dos professores quanto a aplicação do material disponibilizado em rede social



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota-se que a maioria dos professores que participaram do processo de aplicação das informações disponibilizadas em rede social demonstrou satisfação com o conteúdo a ser explorado, com 4 sujeitos se considerando muito satisfeitos e 2 assinalando a opção que os definia como satisfeitos. A respeito da aplicabilidade das informações nas aulas de Educação Física, 2 professores se consideraram muito satisfeitos, 3 se definiram como satisfeitos e 1 se posicionou como pouco satisfeito com as possibilidades de aplicação do conteúdo disponibilizado. Por fim, no que tange aos resultados alcançados nessa etapa, percebeu-se um equilíbrio nas respostas concedidas pelos professores participantes, já que 2 se consideraram muito satisfeitos, 2 declararam-se satisfeitos, 1 apresentou pouca satisfação e 1 sujeito afirmou insatisfação com o retorno por parte dos alunos e alunas quanto à ação desenvolvida em aula.

As informações oferecidas pelos professores participantes nessa etapa da pesquisa corroboraram algumas observações já destacadas nos encontros anteriores, dentre elas, a reconhecida qualidade do conteúdo apresentado, a relativa dificuldade em discutir com os alunos e alunas uma grande quantidade de informações em um reduzido espaço de tempo e a extensão dos textos disponibilizados, considerada por alguns como demasiado.

Resumidamente no Quadro 5 são expostas as observações feitas pelos participantes do grupo focal na ocasião da aplicação das informações disponibilizadas no *Facebook*.

**Quadro 7** – Resumo das impressões dos professores participantes quanto à aplicabilidade do material disponibilizado

Participante	Conteúdo das informações	Aplicabilidade do material disponibilizado	Observações quanto aos resultados obtidos
<b>G1</b>	<i>Conteúdo rico em informações</i>	<i>Foi tranquilo. Os alunos discutiram bem sobre a questão do preconceito.</i>	<i>O conteúdo ajudou no desenvolvimento da aula. Os alunos se prepararam para o debate e a aula prática foi muito boa. Mas é necessária uma continuidade daquilo que já começamos.</i>
<b>G2</b>	<i>Ótimo. Pode ser trabalhado em diversas formas.</i>	<i>Bom material, pois contribuiu para o crescimento dos alunos.</i>	<i>A aula foi diferente e os alunos observaram isso. Foi motivante para eles o uso do celular para pesquisa.</i>
<b>G3</b>	<i>Bom, mas ainda apresentado de forma muito “acadêmica”</i>	<i>Foi possível aplicar bem o material.</i>	<i>Foi válido, mas poderia ser melhor. Os alunos se perdem quando tentam expor as suas opiniões. O tempo também foi curto para identificar os resultados</i>
<b>G4</b>	<i>Muito bom, apesar de ser longo, o que pode dificultar o entendimento dos alunos.</i>	<i>Muito bom, apesar dos alunos não gostarem desse tipo de ação.</i>	<i>Acho que faltou tempo para continuarmos o trabalho. Quanto a mim, continuarei essa discussão</i>
<b>G5</b>	<i>É uma ótima ferramenta.</i>	<i>Nem todos participaram do debate, mas não foi difícil como eu pensei que seria.</i>	<i>A continuidade do debate sobre o tema é fundamental. Sem ela, acho que pouco se alcançará.</i>
<b>G6</b>	<i>Rico em informações e ótimo para a reflexão por parte dos alunos.</i>	<i>Foi fácil desenvolver a atividade com os alunos.</i>	<i>Considerarei válido. Penso em desenvolver o mesmo trabalho com outras séries.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

### 6.6.1. O conteúdo das informações

A seguir, são apresentadas aquelas observações apresentadas pelos professores participantes da terceira fase do estudo e que foram consideradas mais

relevantes no que tange ao conteúdo referente ao material disponibilizado em rede social virtual. Observa-se que para esta fase, adotou-se o mesmo procedimento da etapa anterior no que se refere ao anonimato dos participantes, ou seja, todos foram representados pelo código G seguido pelo número de identificação, por exemplo, G1, G2 e assim sucessivamente.

Em um primeiro momento, seguindo as diretrizes estabelecidas para a condução do encontro, os professores participantes da terceira fase foram indagados sobre o conteúdo das informações e a possibilidade da sua utilização junto aos alunos e alunas. Sobre isso, houve certa consonância com as observações já apresentadas nos encontros referentes à segunda fase do estudo, mas acrescentando-se comentários a respeito das alterações realizadas a partir das sugestões a respeito de adequações quanto à complexidade dos textos publicados na página do *Facebook*.

Notou-se que os professores reconheceram a relevância do conteúdo apresentado nos textos, assim como as melhorias identificadas após a adequação da linguagem apresentada com as possíveis percepções por parte dos alunos e alunas, embora dois dos professores participantes ainda tenha considerado os textos consideravelmente “acadêmicos”.

*Em relação ao primeiro contato que tive com a página, percebi que você fez algumas alterações. Claro que ficou mais acessível, mas pensando nos meus alunos lendo os textos, imaginei a dificuldade que eles teriam para interpretar aquilo que estava ali diante deles. Não sei se estou menosprezando os alunos, mas apesar da melhora, ainda acho que os textos são muito acadêmicos para eles (G 3).*

*Não achei a linguagem muito complexa e penso até que os alunos vão assimilar bem o seu conteúdo. Mas mesmo com as adaptações, ainda acho os textos muito longos. Os jovens de hoje não têm paciência para ler algo muito longo e acho que isso pode dificultar o entendimento deles. Bem, acho que muitos adultos também não gostam de ler alguma coisa tão demorada! (G 4).*

Não obstante à fala dos professores participantes a respeito de uma suposta dificuldade de compreensão dos textos por parte dos seus alunos e alunas, de forma geral o grupo considerou que, após as alterações sugeridas, os textos ficaram mais acessíveis e de acordo com os anseios dos alunos e alunas. Além disso, considerou-se que os conteúdos realmente puderam ser utilizados como uma importante

ferramenta para o entendimento do Basquetebol e a possibilidade de sua prática por todos.

*Na minha opinião, os alunos precisam ler mais sobre esse tema. Sei que eles não costumam ler o quanto deveriam, mas esses textos servem para o assunto ser trabalhado nas nossas aulas, já que é rico em informações e até um pouco provocativo. Bem, pelo menos foi isso que eu percebi nos textos e procurei passar essa provocação para a turma (G 6).*

*Nós desenvolvemos um debate com a turma sobre o assunto, certo. Aliás, pelo menos para mim, acho que a turma estava precisando parar para falar sobre como as meninas são tratadas lá na escola. Mas eu também acho que não se deve parar aqui. A página tem diversas informações sobre basquete, detalhes históricos, a Educação Física na escola e com isso dá para discutir muitas coisas com os alunos (G 2).*

*Como ferramenta funcionou bem. Os alunos não costumam parar para falar deles mesmos, o que talvez seja até por culpa minha que não ofereço essa oportunidade a eles. Mas dessa vez foi possível fazer com que eles olhassem para o que acontece na turma e até nas vidas deles. Resumindo, a página ajudou a turma a discutir sobre ela mesma (G 5).*

As observações feitas pelos professores abordam algumas questões, entre elas, a ausência do hábito de leitura por parte dos alunos, a maneira como as meninas são tratadas no espaço escolar e a possibilidade de discussões acerca de temas associados ao cotidiano dos alunos e alunas. Considera-se que são pontos relevantes e que merecem uma análise destacada.

Seren (2014) comenta que uma sociedade multicultural não se caracteriza unicamente pelas suas distinções raciais, étnicas ou de gênero, mas também pela conjunção de culturas diversificadas como, por exemplo, a cultura letrada, a cultura oral e a cultura audiovisual. Essas culturas, de acordo com mesmo autor, representam as diferentes formas que os indivíduos têm de pensar, compreender, ver e sentir o meio do qual fazem parte. Nesse contexto, nota-se que determinada camada da sociedade tende a consumir apenas informações orais e audiovisuais por intermédio de meios de comunicação relativamente restritos. Por outro lado, uma outra camada caracterizada pelo empoderamento socioeconômico tem facilitado o acesso a um conjunto de informações disponibilizado pelas mais diversificadas mídias.

No período atual, pensa-se que não é muito aceitável a afirmação de que a camada mais jovem da sociedade simplesmente é avessa à leitura. Na verdade, esse

período se caracteriza pela busca por informações por meio de recursos tecnológicos que, até certo ponto, vem modificando cada vez mais o modo pelo qual os indivíduos se comunicam e aprendem. Nesse cenário, as TICs, até certo ponto, se apoderam de algumas funções que tradicionalmente são compreendidas como da escola, o que lhes concede um considerável destaque na formação das atuais gerações (SANTOS; SANTOS, 2014; SEREN, 2014).

Ressalta-se que ao apresentar essa concepção, não se almeja retirar a legitimidade da leitura clássica e tradicional, mas apresentar a ideia de que atualmente o indivíduo possui, por intermédio das TICs, um conjunto de possibilidades de leitura que perpassam os livros. É sempre importante observar que, na perspectiva de Freire (2008), a leitura é de grande relevância no sentido de oportunizar ao leitor ou leitora uma visão particular acerca do mundo, percepção essa que se transforma na medida em que se tem contato com o universo literário, tornando-se cada vez mais crítica.

Outra questão a ser abordada a partir das observações que foram destacadas pelos professores se refere à maneira que, infelizmente, as meninas são discriminadas - também - no espaço escolar. Muito já se comentou no presente estudo a respeito da maneira excludente a qual se caracteriza a posição das meninas no universo escolar, mas, não obstante, torna-se necessária apenas a observação de que talvez tenha sido solidificada nos debates a posição de Adichie (2015) que menciona que se algo é diversas vezes repetido pelas pessoas, passa ser compreendido como natural e, conseqüentemente, assimilado pela sociedade e ensinado a todas as outras gerações. Transferindo tal concepção para o contexto da presente pesquisa, se as meninas são tratadas de maneira excludente pelos meninos nas aulas de Educação Física, isso ocorre simplesmente porque foi ensinado a eles dessa maneira.

A respeito da oportunidade de se discutir aspectos vinculados ao cotidiano da escola, considera-se que a necessidade da formação de cidadãos críticos e reflexivos pode perceber no espaço escolar um campo fecundo para tal. Essa formação da criticidade por parte dos alunos e alunas é identificada nos Parâmetros Curriculares Nacionais como responsabilidade da educação, tendo a capacidade de argumentação considerada como relevante para o exercício da cidadania (BRASIL, 1998). Sob esse prisma, considera-se que o conteúdo das informações disponibilizadas em rede social

virtual para a sua utilização pelos professores participantes da pesquisa apenas reforça os pensamentos de autores como Ghiraldelli Junior (2001) e Prado e Ribeiro (2010) a respeito da Educação Física como um espaço propício para a ampliação da consciência crítica dos alunos e alunas, com debates motivados por temas de interesse de todos e que proporcionam o entendimento a respeito dos direitos e deveres em relação a si e ao meio ao qual estão vinculados.

A partir do olhar do professor ou professora responsável pelas atividades desenvolvidas nas aulas e de suas estratégias de ensino, essa consciência crítica a respeito das práticas cotidianas da escola passa a assumir um importante papel não apenas na educação, mas também na oportunidade concedida aos alunos e alunas de perceberem a posição de cada um na sociedade, tornando-os cidadãos e cidadãs plenos e emancipados.

#### *6.6.2. Aplicabilidade do material disponibilizado*

Fez-se presente na terceira fase do presente estudo a análise da eficácia da aplicabilidade das informações disponibilizadas em rede social virtual e que serviram de arcabouço para o desenvolvimento da ação pedagógica realizada pelos professores participantes.

Em um primeiro momento, houve o estabelecimento da impressão de que os professores foram unânimes quanto à aplicabilidade dos textos em suas aulas. Todavia, notou-se que alguns dos participantes apresentavam consideráveis restrições quanto à eficácia da utilização da página do *Facebook* como material auxiliar das aulas de Educação Física e, em particular, do desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo e a sua prática pelas meninas.

*Eu tive algum problema para fazer o trabalho com os alunos. Quando falei em acessar a internet e entrar no Face, eles ficaram entusiasmados, mas quando eu falei como seria a atividade, a maioria fez cara feia. O problema é que os alunos entendem a aula de Educação Física como algo bem prático, jogar, correr, essas coisas. E então, quando eu falei em ler, pensar para depois discutir em sala, percebi que teria dificuldade em fazer o que foi solicitado. O problema é que eles não gostam de nada teórico, apenas a prática, tanto que nem todos os alunos fizeram o que foi pedido a eles (G 4).*

*Posso dizer que não foi difícil aplicar o que foi proposto. A maioria dos alunos se interessou pela proposta e comentei que o trabalho fazia parte do conteúdo que seria trabalhado na unidade. Até aí tudo correu bem. O problema que enfrentei foi que nem todos os alunos demonstraram interesse em participar das atividades. Não creio que a rejeição deles teve alguma relação com o trabalho proposto, já que muitos deles já não participam muito das aulas, são desmotivados mesmo. O que estranhei é que ao falar que usaríamos a internet, pensei que eles se interessariam, mas isso não aconteceu. Talvez eu tenha esperado demais (G 5).*

A Educação Física é um componente curricular obrigatório da Educação Básica eminentemente prático que deve assegurar aos alunos e alunas a exploração dos conteúdos associados aos jogos, esportes, ginástica, lutas e atividades rítmicas, bem como a suas possíveis variações. Entretanto, pensa-se ser importante que as ações pedagógicas do professor ou professora de Educação Física escolar não se restrinjam unicamente à mera apresentação dos referidos conteúdos, mas que tenham a preocupação de que estes sejam ressignificados por intermédio de diferentes perspectivas (SILVA; SAMPAIO, 2012).

Em se tratando do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física e a sua prática igualitária por todos (o foco do presente estudo), Silva e Sampaio (2012) também observam que a sua apresentação de maneira institucionalizada vinculada a comentários e atitudes opressivas por parte de alunos em relação a outros por distintas razões (gozações, comentários humilhantes e desrespeitosos) representa uma das principais razões para a não participação das aulas.

Ressalta-se que, nesse caso, o esporte (o Basquetebol) não deve ser rotulado como o responsável direto pelo desinteresse por parte dos alunos e alunas em participar das aulas de Educação Física, mas sim como uma possibilidade de se discutir, em uma dimensão conceitual, aspectos vinculados à sua prática, por exemplo, o seu tratamento pela mídia, manifestações de racismo e as questões de gênero que envolvem o seu universo. Mesmo que os alunos e alunas venham a oferecer resistência à sua aplicação em função da tradição da Educação Física em promover atividades vinculadas à dimensão procedimental, essas discussões podem representar a garantia do direito dos alunos e alunas em conhecer os conceitos relacionados a uma determinada modalidade esportiva e, conseqüentemente, tornar as aulas mais motivantes (DARIDO, 2012).

A respeito da motivação, Lafetá et al. (2017) contribuem com a sua definição como a razão que preserva o indivíduo ativo até o interesse por algo e o alcance de sua satisfação pessoal que pode estar associada ao trabalho, o estudo e ao lazer. No caso específico das aulas de Educação Física, os mesmos autores apontam que os professores devem analisar a possibilidade da utilização de componentes desafiadores e motivantes que despertem nos alunos e alunas o desejo de participar das atividades propostas, ocasionando assim um melhor rendimento por parte daqueles.

Não se trata aqui de uma crítica ao trabalho desenvolvido pelo professor participante, mas sim a intenção de destacar a relevância da participação docente no que tange ao desenvolvimento de estratégias que objetivem a prática espontânea e prazerosa das aulas de Educação Física por parte dos alunos e alunas.

Não obstante aos comentários feitos por dois professores participantes a respeito da pouca aceitação dos alunos e alunas em relação à proposta apresentada, houve observações favoráveis à aplicabilidade do material disponibilizado em rede social virtual.

*O preconceito já era um ponto que eu já pensava trabalhar com as minhas turmas. Sei que a pesquisa está relacionada ao preconceito que as meninas sofrem, mas na minha escola esse é apenas um dos problemas que enfrento. As aulas são prejudicadas pelas piadas preconceituosas contra as meninas, alguns meninos, aqueles que não conseguem jogar ou participar de qualquer outra atividade. É um problema muito sério. Trabalhar com o conteúdo da página foi muito bom para todos. Primeiro, é fácil para todo mundo acessar uma página na internet e eles gostam disso. Depois, as publicações serviram para que a gente discutisse esse tema que eu considero muito importante. Acho que foi fácil desenvolver o trabalho com a turma, pois a maioria dos alunos achou que valeu a pena discutir sobre como as meninas são tratadas. Vamos ver os resultados daqui em diante (G 1).*

*Acho que os meus alunos cresceram muito com os debates realizados. Foi muito bom todos esse momento, essa discussão sobre o que acontece na escola. Usar os textos para que eles refletissem foi bastante interessante, um trabalho diferente do que costumamos fazer (G 2).*

*Sinceramente, eu achei que fosse ser difícil realizar essa atividade. Mas não, foi tudo bem tranquilo, os alunos gostaram da proposta e tudo correu bem no debate. Só lamento que o tempo tenha sido pequeno para continuarmos o trabalho! (G 6).*

A inserção das TICs nas ações pedagógicas é fundamental para o entendimento da sociedade e, principalmente, para nela atuar. Com os jovens fortemente envolvidos com o mundo virtual, as ferramentas tecnológicas contribuem veementemente para uma análise crítica da realidade na qual se está inserido (DINIZ et al., 2012; BIANCHI; PIRES, 2015). Diniz et al. (2012) observam ainda que o ambiente escolar deve se fazer presente em um cenário o qual se caracteriza pela crescente ocupação do cotidiano por parte da mídia. Nesse caso, para que os anseios dos alunos e alunas sejam contemplados, a escola não pode abrir mão de um protagonismo diante dessas transformações.

A utilização de uma ferramenta como o *Facebook* para a disponibilização dos conteúdos oferecidos aos professores para o desenvolvimento de atividades relacionadas à participação das meninas nas aulas de Educação Física reinicia, na perspectiva de Santos e Santos (2014), a discussão acerca do significado das redes sociais digitais na sociedade contemporânea e, também, a relevância do seu aproveitamento em um processo de ensino e de aprendizagem na condição de ferramenta de apoio às ações pedagógicas empregadas por parte do professor. Sob esse aspecto, entende-se que o trabalho desenvolvido pelos professores participantes da presente pesquisa, com o auxílio de uma ferramenta como o *Facebook*, oportunizou a todos os envolvidos a discussão acerca de um tema recorrente no cotidiano das aulas de Educação Física, além da possibilidade da participação ativa na tentativa da resolução dos problemas identificados em decorrência dos debates realizados e nas atividades práticas realizadas.

No que tange à aula prática desenvolvida por cada professor, os mesmos tiveram autonomia para optarem pelas atividades a serem realizadas. Observa-se que apesar da concessão desta autonomia, sugeriu-se atividades lúdicas que pudessem se aproximar de algumas especificidades do jogo de Basquetebol sem que a participação das meninas e meninos em iguais condições deixasse de ser priorizada. Diante das sugestões apresentadas, notou-se que todos os professores optaram pelas mesmas com o argumento de que seria possível a aplicação de qualquer uma delas sem que as características das escolas e dos grupos envolvidos viessem a comprometê-las.

Segundo os comentários feitos pelos professores, a aceitação por parte dos alunos e alunas quanto às atividades práticas foi bem mais significativa em relação ao debate proposto no momento anterior. Tal reação, de acordo com as observações realizadas anteriormente, era bem previsível diante das características dos grupos e da sua relação com as aulas de Educação Física. Mesmo que isso já tenha sido discutido no presente estudo, cabe novamente a reflexão sobre o quanto à Educação Física em ambiente escolar privilegia os conteúdos em uma dimensão procedimental e, talvez em decorrência disso, os alunos e alunas apresentem essa expectativa em relação a ela (DARIDO, 2012).

Sobre as aulas, os comentários dos professores se apresentaram favoráveis aos resultados da aplicabilidade das ações práticas associada ao estudo. De acordo com a concepção dos professores, a participação espontânea dos alunos e alunas foi o aspecto mais positivo a ser considerado.

*Depois da discussão que tivemos na aula anterior, acho que os alunos foram para a aula prática com uma visão diferente daquilo que normalmente eles fazem e esperam das aulas de Educação Física, tanto que todos que quiseram participar das brincadeiras fizeram isso. Para mim, parece que eles esperaram a aula com mais disposição e, ao mesmo tempo, curiosos sobre como seria o comportamento da turma depois do debate. Talvez isso tenha animado eles para a aula bem mais do que normalmente são (G 3).*

*Naturalmente todos jogaram, mesmo quem não estava acostumado a participar. Para as meninas, isso representou muito (G 6).*

*Foi muito mais tranquilo do que o debate. Eu já esperava isso, pois como eu já disse, os meus alunos dificilmente conseguem perceber a aula de Educação Física diferente de algo prático. A participação deles foi bem interessante e acho que souberam entender o objetivo da aula. No jogo de basquete, foi nítida a preocupação dos meninos em ajudar as meninas e ao mesmo tempo entenderem que todos podiam participar, mesmo que não jogassem tão bem assim (G 4).*

*Foram bem naturais para a aula, até um pouco mais do que o normal. Quer dizer, acho que a palavra mais adequada seria “espontâneos”. Eles gostaram do debate e sabiam que a aula prática seria a continuação do que se discutiu. Na aula, todos puderam participar sem aquela história de que fulana não pode ou não sabe, coisas assim que sempre são ditas durante qualquer aula prática. Acho que foi bom para todos! (G 1).*

Sobre os resultados obtidos, foi consensual a opinião de que deve se esperar mais para que resultados concretos em relação à uma aceitação maior da participação

das meninas nas aulas venham a ser identificados. Mesmo assim, houve a prevalência de que as ações devem ser continuadas não somente em relação a este tema, mas também com o objetivo de assegurar que as aulas de Educação Física representem um momento de reflexão e criticidade acerca daquilo que compreendido como um problema a ser resolvido pela comunidade escolar.

*O ponto de partida foi dado. Achei muito interessante começarmos a discutir questões como essa que tanto nos incomoda durante as aulas. Embora o preconceito seja gritante, outros pontos ainda precisam ser atacados pelo menos na minha escola, como o saber perder, o que é ser considerado melhor do que o outro e por aí vai. São coisas que ainda prejudicam o andamento das aulas (G 4).*

*O tempo foi curto, mas tínhamos que começar de um ponto e esse trabalho ajudou bastante. Agora, é continuar para que se alcance aquilo que se espera das aulas de Educação Física (G 2).*

Percebe-se nas falas o entendimento a respeito da importância das aulas de Educação Física quanto à sua possível contribuição para a formação e o desenvolvimento global dos alunos e alunas (SILVA; SAMPAIO, 2012). Essa contribuição, entre outras, está associada a uma percepção de que uma modalidade esportiva como o Basquetebol pode ser aproveitada como um fator que privilegie a participação de todos, sem exclusão ou desrespeito com qualquer participante, independente de gênero ou habilidade técnica apresentada – ou não – por qualquer aluno ou aluna.

### 6.6.3. Observações quanto aos resultados obtidos

Como parte da terceira fase vinculada à presente pesquisa, procurou-se, após a intervenção pedagógica realizada pelos professores participantes desta etapa, discutir os resultados alcançados após o processo de aplicação da proposta junto aos alunos e alunas. Essa discussão teve como arcabouço as observações apresentadas pelos professores após a aplicação do material disponibilizado em rede social digital.

Na perspectiva dos professores, os resultados obtidos, mesmo que tenham representado grande satisfação por uma parte considerável dos alunos e alunas,

ainda não podem ser aceitados totalmente satisfatórios ou definitivos, já que houve a constatação de que o período disponibilizado para a aplicação do material não foi o suficiente para tal, além de que tal aplicabilidade poderia ser extensiva a outras escolas, caso fosse possível. Observa-se que, a partir dos comentários em relação ao tempo para a aplicabilidade do material disponibilizado em rede social, considerou-se esse aspecto como uma fragilidade do presente estudo, o que reforça o compromisso por parte do pesquisador a respeito da continuidade do trabalho aqui iniciado.

Não obstante, constatou-se que o trabalho desenvolvido a partir da proposta vinculada ao presente estudo pode representar um marco para a reflexão acerca de manifestações preconceituosas no que tange à participação das meninas nas atividades propostas.

*Precisava de mais tempo para perceber os resultados. Se tivéssemos mais tempo, acho que poderia contribuir mais. Isso não significa que tenha sido pouco ou nada produtivo, já que isso pode ser um ponto de partida, o que já acho que é bem positivo (G 2).*

*Foi tão bom que se isso for permitido, penso em fazer o mesmo trabalho com as outras séries. Vai ser um trabalho com toda a escola e com bastante tempo para discutir essa questão, o que não foi tão fácil assim dessa vez. O esporte tem que servir para ajudar esses meninos a entenderem as coisas um pouco melhor (G 6).*

Na perspectiva dos professores, os resultados obtidos, mesmo que tenham sido bem recebidos e representado grande satisfação por parte dos alunos e das alunas, ainda não podem ser considerados totalmente satisfatórios ou definitivos, já que o período disponibilizado para a aplicação do material não foi o suficiente para uma opinião conclusiva.

Há o reconhecimento de que uma adequação a novos padrões e comportamentos sociais invariavelmente encontra como obstáculo algumas experiências anteriores ou paradigmas já estabelecidos e que são amparados por informações nem sempre fidedignas que justificam conceitos que inviabilizam determinadas transformações (MOREIRA, 2015). No caso específico da Educação Física, Prado (2014) aponta que essa, na qualidade de produção cultural, apresenta-se atrelada a discursos que constroem representações que acabam por ser consideradas como naturais ou normais, por exemplo, bom/ruim;

eficiência/deficiência; masculinidade/feminilidade. Assim sendo, tais representações acabam por resultar na manutenção de uma sociedade discriminatória e excludente. O mesmo autor complementa com a observação de que, no cenário da Educação Física, a apresentação de um corpo inadequado aos padrões de beleza estabelecidos ou apresentar qualquer forma de transgressão em relação ao que é “determinado” para o seu gênero significa, em diversas ocasiões, no fortalecimento de ações discriminatórias.

Diante do que já é estabelecido não somente nas aulas de Educação Física, mas também na forma como a sociedade se apresenta, quanto tempo seria necessário para que haja a percepção da necessidade de uma reflexão seguida de um conjunto de ações voltada para os direitos igualitários?

É possível que a resposta para tal indagação esteja relativamente associada à necessidade do rompimento de um conceito baseado no espírito de uma separação por sexo que incute um modelo androcêntrico em diversos segmentos da sociedade, inclusive no ambiente da Educação Física escolar, por intermédio de simbolismos e práticas discriminatórias. Esse modelo acaba por estabelecer a redução do diálogo, da criticidade e da conscientização por parte das meninas e, conseqüentemente, a resistência às injustiças (MARIMON; ROMÃO, 2009). Considera-se que esse rompimento não deve representar a ausência de uma percepção voltada para as diferenças biológicas, culturais e sexuais, mas sim a consolidação da necessidade de se estabelecer direitos e relações sociais sustentadas pela igualdade de gênero.

Todavia, segundo Santos e Oliveira (2010), faz-se importante a observação de que as relações de gênero que implicam em uma condição desfavorável às mulheres, não representam o ponto de partida dessa desigualdade, mas um segmento da estrutura social. Assim sendo, não se vislumbra nesse cenário a efetiva emancipação das mulheres, seja nas aulas de Educação Física ou em qualquer outro segmento, mesmo que se admita o reconhecimento por parte dos setores dominantes de determinadas conquistas.

Entretanto, os resultados possibilitaram o reconhecimento do contributo da utilização de recursos tecnológicos em um processo de ensino e de aprendizagem e, também, como um agente facilitador para a discussão relacionada à igualdade de gênero nas aulas de Educação Física. O auxílio das TICs como subsídios para a

discussão acerca do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física escolar e a sua prática por meninas foi compreendido pelos professores participantes da terceira fase da presente pesquisa como satisfatório, a considerá-las como um importante instrumento que venha a contribuir para a aplicação dos conteúdos a serem desenvolvidos e, também, como um caminho para a reflexão sobre temas relacionados ao cotidiano. Conforme Diniz et al. (2012), a utilização de recursos tecnológicos pode transformar a visão dos indivíduos em relação ao meio em que vivem e isso pode ocasionar, a partir do reconhecimento de determinados valores, na concepção de todos a respeito da realidade e das relações interpessoais.

Após o cumprimento dessa fase, foram constatadas algumas limitações tanto em relação ao presente estudo como também a respeito do próprio trabalho desenvolvido pelos professores, a saber, as precárias condições físicas e materiais que algumas escolas apresentam, dificultando o trabalho do professor quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol; a indisponibilidade de muitos professores em participar da pesquisa em razão das suas inúmeras atribuições associadas à docência; a não autorização da realização da pesquisa por parte dos diretores e coordenadores de algumas escolas; o significado da presença do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física no planejamento de alguns professores participantes da pesquisa que, na perspectiva de Wachholz (2015), em diversas ocasiões está associada ao conhecimento do docente acerca da modalidade e, também, ao olhar em relação a diferentes práticas do cotidiano; a não utilização de recursos tecnológicos por parte de alguns professores como auxílio para as suas práticas pedagógicas.

## 7 CONCLUSÕES

O estudo proporcionou o entendimento sobre o Basquetebol como conteúdo nas escolas do município de Volta Redonda, a participação das meninas nas aulas, qual a percepção dos professores a respeito do papel a ser exercido pela Educação Física no contexto socioeducacional e a própria realidade deste componente curricular obrigatório.

No decorrer da investigação, propostas foram feitas com a intenção de incrementar a prática do Basquetebol nas escolas, lamentações foram feitas em virtude da não valorização do trabalho do professor, sonhos foram revelados, desabafos suscitados, emoções incontidas e, em todos esses momentos, a certeza do compromisso das ações pedagógicas com a formação integral da aluna e do aluno por intermédio da prática esportiva sempre se fez presente. Percebeu-se a importância de um entendimento por parte do professor quanto à importância de se privilegiar a educação dos alunos e alunas em detrimento do simples aprendizado de técnicas específicas do Basquetebol, sem a necessidade de abrir mão destas, mas apenas utilizando-as como um instrumento auxiliar para crescimento dos alunos.

A respeito da realidade do grupo participante do presente estudo, identificou-se que a maioria dos professores entrevistados utiliza o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física como atendimento às orientações estabelecidas pela relação de conteúdos estabelecida pelas secretarias de educação. Contudo, há uma prevalência quanto à aplicação deste conteúdo em uma dimensão procedimental, não sendo observadas ações favoráveis ao entendimento dos significados relacionados ao Basquetebol por parte dos alunos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

O discurso dos professores apontou para a identificação de uma falta de clareza quanto à definição dos objetivos a serem alcançados em se tratando do desenvolvimento do Basquetebol nas aulas de Educação Física. Observou-se que este fato se deve principalmente à falta de condições de trabalho adequadas, que envolvem desde ao pouco interesse por parte dos alunos até a quantidade/qualidade dos materiais destinados às aulas e pouco tempo disponível para a elaboração das aulas.

Com base nos resultados analisados, constatou-se que a realidade da Educação Física Escolar no município de Volta Redonda ainda apresenta, de maneira geral, características de um modelo baseado no ensino dos esportes de acordo com as concepções subordinadas ao alto rendimento. Esse "rendimento" é compreendido como o êxito alcançado por intermédio da execução de gestos específicos associados ao um modelo preestabelecido. Dessa forma, há a preocupação com o aprendizado formal da modalidade - no caso o Basquetebol -, sem a priorização da sua utilização como um conteúdo que possa contribuir com a formação global dos alunos. A considerar o esporte (o Basquetebol) como um caminho para a disseminação de ideias voltadas para a discriminação e o preconceito, as aulas devem ser educativas no sentido de superar estereótipos que simbolizam a desigualdade entre homens e mulheres no esporte e na sociedade em geral.

Mesmo com a crescente participação das mulheres nos esportes e outras atividades físicas, percebem-se ainda, por parte dos alunos, inúmeras manifestações adversas não somente à presença das meninas nas aulas de Educação Física, mas também acerca de autoconceito e valores. A aula de Educação Física em ambiente escolar deve, além da aquisição de competências associadas à prática de atividades físicas e a melhoria da qualidade de vida, promover a compreensão do aluno sobre o seu papel social. Neste caso, o professor deve exercer importante função no que tange à promoção de ações que evitem a reprodução de comportamentos estereotipados da sociedade no ambiente das aulas de Educação Física.

A discriminação em relação às meninas nas aulas de Educação Física no espaço escolar demonstra que ainda são marcantes as manifestações vinculadas à construção social alicerçada nas diferenças entre o masculino e o feminino. Lamentavelmente, as modalidades esportivas atribuídas aos meninos ou às meninas de acordo com suas características se tornam um exemplo da frequência com que ainda se constroem distintos modelos específicos de comportamento no ambiente escolar.

As declarações dos professores participantes da pesquisa possibilitaram a identificação da realidade do desenvolvimento do Basquetebol não somente na condição de conteúdo das aulas da Educação Física, mas também numa dimensão que transpõe os limites escolares, onde o esporte representa significativo papel na

sociedade. Considerações acerca do comportamento da mídia e a realização de políticas públicas são exemplos de como o esporte pode provocar discussões que transcendem aspectos associados apenas às características específicas de cada modalidade.

Sobre a importância do professor de Educação Física Escolar no que tange ao seu compromisso com a prática pedagógica, percebeu-se que os depoentes consideram a ação docente como o arcabouço para a percepção das necessidades dos alunos. Em se tratando do desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas, o professor, amparado por esse compromisso, deverá propiciar aos alunos a percepção da consciência em relação à prática da referida modalidade como um caminho voltado para o seu crescimento, além da satisfação que o contato com as situações específicas do jogo poderá lhes proporcionar. Para isso, o professor deve considerar as características culturais dos alunos, entre outras condições que possam favorecer o comprometimento destes com o trabalho realizado nas aulas de Educação Física.

Quanto aos procedimentos metodológicos a serem utilizados nas aulas, competirá ao professor a escolha de ações adequadas para a satisfação das necessidades motoras e cognitivas dos alunos e alunas. Não obstante, o docente não deve carregar consigo a expectativa de ser o único agente promotor do desenvolvimento do Basquetebol, seja em âmbito escolar ou não. Para que o seu trabalho apresente resultados voltados para a massificação, formação ou promoção da modalidade torna-se necessária a preocupação, por parte dos gestores em oferecer condições físicas, materiais e econômicas para que as ações se desenvolvam. Nesse caso, a participação do poder público é fundamental, desde que não seja prioridade a subordinação do esporte ao atendimento de interesses pessoais.

Ações conjuntas no sentido de oportunizar o crescimento do Basquetebol podem representar um caminho para a descrição da sua aplicação em todos os contextos, embora não se deva desconsiderar a utilização de algumas ações pedagógicas associadas ao componente curricular obrigatório no cenário escolar em favor da obtenção de resultados em competições esportivas, desde que não se abra mão da percepção destas como contribuições significativas para o desenvolvimento global dos alunos. Ressalta-se que não há por parte desse estudo a intenção de

considerar o esporte de rendimento como um elemento contrário aos princípios da Educação Física Escolar, mas sim compreendê-lo como uma ferramenta que possa ser utilizada no sentido de oportunizar aos alunos a construção e a compreensão de valores.

Evidências desse estudo provocam a percepção da necessidade de um aprofundamento maior a respeito de uma questão levantada no decorrer da investigação, que trata da responsabilidade da Educação Física Escolar quanto ao desenvolvimento do Basquetebol no país e a própria melhoria da estrutura organizacional da referida modalidade. Nesse aspecto, sugere-se que essa mesma pesquisa seja aplicada em outras regiões do país, no sentido de perceber se características socioculturais são fatores que influenciam no fomento do Basquetebol em território nacional, bem como a sua prática por meninas, seja no espaço escolar ou não.

Por fim, atentou-se que, como em todos os setores sociais e esportivos, a Educação Física Escolar no município de Volta Redonda pode significar um espaço no qual as alunas ambicionam a sua consolidação por intermédio dos seus próprios méritos e valores. Os obstáculos e preconceitos que envolvem as aulas ocasionam, por parte das meninas, uma luta incessante por um espaço legítimo que também deve ser chamado de seu, mas que nem sempre depende delas para se estabelecerem no mesmo.

A respeito das tecnologias de informação e comunicação (TICs), estas devem ser entendidas como elementos que podem contribuir tanto para os professores como também para os alunos no sentido da disponibilização e acessibilidade a informações que venham a potencializar o processo de ensino e de aprendizagem de um conteúdo como o Basquetebol no que tange às ações voltadas para o seu histórico, os seus principais conceitos e a compreensão de aspectos relacionados à estratégia do jogo. Não obstante, devem se constituir também em um agente para a reflexão por parte de te professores e alunos acerca do respeito à sua prática por todos os alunos, não importando se estes são meninos ou meninas.

Como uma das etapas constituintes do presente estudo, utilizou-se uma rede social virtual - o *Facebook* - para acesso às informações estabelecidas a partir da elaboração da pesquisa, desde a construção do seu referencial teórico até a análise

dos dados obtidos. No que tange à utilização de um recurso tecnológico como a rede social virtual, esta oportunizou o compartilhamento não somente de informações, mas principalmente a troca de experiências e a interação entre os professores, sempre com o intuito de contribuir para que o Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar represente um espaço de desenvolvimento e crescimento pessoal para todos os alunos. Para isso, o *Facebook* representou uma importante ferramenta para que pudesse ser encontrado um caminho adequado para a comunicação e a interatividade entre os professores de Educação Física e acadêmicos motivados em colaborar para as possíveis soluções de problemas que acarretam, entre outras questões, na crescente ausência das meninas nas aulas de Educação Física Escolar.

A utilização de uma ferramenta comunicacional como o *Facebook* também merece ser avaliada como uma possibilidade a ser seguida por professores de Educação Física e escolas que anseiam pela busca por caminhos que os levem à reflexão a respeito da relação dos espaços escolares com as tecnologias de informação e comunicação (TICs), no sentido de perceberem o quanto esse espaço social de relacionamento pode contribuir para o êxito de suas práticas educacionais. Esse espaço, se bem utilizado, poderá possibilitar novas alternativas de construção da cidadania, de participação política, da aquisição de novos conhecimentos, de práticas coletivas para melhorias sociais e, portanto, não deve ser alijado dos espaços formais de ensino. Todavia, sempre se fará necessária a compreensão por parte dos seus usuários da importância de seu emprego responsável e, também, do entendimento de que a tecnologia por mais avançada que seja, sempre será acompanhada pelos velhos e indesejáveis comportamentos humanos, dentre eles, o preconceito, a discriminação e a exclusão.

Percebe-se aí uma das inúmeras dificuldades a ser enfrentadas pelos professores de Educação Física, que é o direcionamento das suas ações pedagógicas para um aluno que ao mesmo tempo em que apresenta em sua essência a pluralidade, o dinamismo e a receptividade ao que é considerado moderno, em inúmeras ocasiões também carrega consigo a nem sempre correta compreensão a respeito de valores e atitudes corretas em relação ao meio que o cerca.

Sobre a participação dos professores de Educação Física no grupo focal, esta merece consideração não somente pelas opiniões concedidas e que colaboraram de forma significativa para o desenvolvimento do estudo, mas principalmente pelo interesse e plena disponibilidade em contribuir para o propósito de ver uma Educação Física Escolar cada vez mais condizente com o propósito de educar a todos, não importando classe, raça ou gênero. Nesse sentido, a pesquisa colaborativa oportunizou o fortalecimento da proposta do estudo em desenvolver ações que venham a contribuir para um melhor desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas e que este venha a representar um espaço com a presença constante das meninas a partir do diálogo, da conscientização e do trabalho colaborativo.

Além da importância como produção de conhecimentos voltados para a área da Educação Física Escolar, almeja-se que os resultados apresentados neste estudo sejam relevantes acerca da sua contribuição ao desenvolvimento integral dos alunos (meninas e meninos), e não apenas ao processo de ensino e de aprendizagem dos fundamentos específicos de uma modalidade esportiva como o Basquetebol, mesmo reconhecendo este como um dos elementos inerentes do componente curricular obrigatório.

## 8 REFERÊNCIAS

- ABREU, N. G. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de educação física escolar. In: ROMERO, E. (Ed.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995. p. 157–176.
- ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 12, n. esp., 2007.
- ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AGEE, J. Developing qualitative research questions: a reflective process. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, Basingstoke, v. 22, n. 4, p. 431–447, 2009.
- ALVES, C. F. A; SILVA, R. C. R. Fatores associados à inatividade física em adolescentes: um artigo de revisão. In: CAMPOS, H. J. C; PITANGA, F. J. G. (orgs.) **Práticas investigativas em atividade física e saúde [online]**. Salvador: EDUFBA, p. 129-151. 2013.
- ANDRADE, L. S; SANTANA, J. S. Brincar e aprender: A Importância do lúdico para a iniciação esportiva nas aulas de Educação Física. GT1 Educação de crianças, jovens e adultos. Sergipe, 2013
- ANDRIONI, L. M. **Construindo Valores Sociais e Educacionais**: relato de uma experiência no programa esporte e emancipação. Santa Catarina: Fundeste, 2009. Disponível em: <<https://www.unochapeco.edu.br/static/files/trabalhos-Anais/Extens%C3%A3o/Educa%C3%A7%C3%A3o/Leandro%20Mendes%20Andrioni.pdf>> Acesso em: 06/06/2017.
- ANTONELLI, M. et al. Pedagogia do esporte e basquetebol: considerações para a elaboração de programa esportivo a partir do Clube Divino Salvador, Jundiaí – SP. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. 2, p. 49-65, maio/ago. 2012.
- ANTUNES, H. K. M. et al. Exercício físico e função cognitiva: uma revisão. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 108-114, março/abril, 2006.
- ASSIS, S. **Reinventando e esporte: possibilidades da prática pedagógica**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2010. 218 p.
- AVELINO, C. C. V. et al. Avaliação de ensino-aprendizagem no ICNP usando o ambiente de aprendizagem virtual. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 3, p. 602-609, mai./jun. 2017.
- AZEVEDO, A. M. P. et al. Formação continuada na prática pedagógica: a educação

física em questão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 245-262, out/dez. 2010.

BALBINOTTI, M. A. A.; SALDANHA, R. P.; BALBINOTTI, C. A. A. Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 318–319, 2009.

BALDIN, L. H. et al. Um estudo de caso sobre a utilização das redes sociais nas organizações. **Rev. Ciênc. Empres. UNIPAR**, Umuarama, v. 12, n. 2, p. 227-242, jul./dez. 2011.

BALDISSERA, A. Pesquisa–ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, agosto, 2001.

BARACHO, A. F. O. et al. Os exergames e a educação física escolar na cultura digital. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 111-126, jan./mar. 2012

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.

BARKOUKIS, V. et al. Extending the trans-contextual model in physical education and leisure-time contexts: Examining the role of basic psychological need satisfaction. **British Journal of Educational Psychology**, Leicester, v. 80, n. 4, p. 647–670, 2010.

BARROS, A. M. DE; DARIDO, S. C. Práticas pedagógicas de dois professores mestres em educação física escolar e o tratamento da dimensão conceitual dos conteúdos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 61–75, 2009.

BARROSO, A. L. R; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física - UEM**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2. trim. 2009.

BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89–112, 2003.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1987.

BELEI, R. A. et al. O uso da entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel**, Pelotas, n. 30, p. 187-199, 2008.

BENTO, J. O. Da pedagogia do desporto. In: TANI, G. et al. (Orgs.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 26–57.

BERESFORD, H. **Valor: saiba o que é**. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

BERGAMASCHI, S. et al. Redes sociais na internet: uma investigação sobre práticas

de compartilhamento de arquivos no Facebook. **GEPROS – Gestão de Produção, Operações e Sistemas**, Bauru, v. 6, n. 4, p. 125–141, out./dez. 2011.

BERTINI JUNIOR, N; TASSONI, E. C. M. A Educação Física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 467-483, 2013.

BETTI, M.; LIZ, M. T. F. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135–142, 2003.

BETTI, M. **Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Ed.Unijuí, 2009.

BIANCHI, P; PIRES, G. L. Cultura digital e formação de professores de educação física: estudo de caso na UNIPAMPA. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 1025-1036, out./dez. de 2015.

BISI, P. H. S. Análise do uso de redes sociais como ferramenta para divulgação de conteúdos publicados em sites: um estudo do projeto de extensão CoDAF. In: 8º CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UNESP, Bauru - SP. **Anais**. Universidade Estadual Paulista, 2015.

BOOTH, D. Politics and Pleasure: the philosophy of Physical Education revisited. **Quest**, Abingdon, v. 61, n. 2, p. 133–153, 2009.

BOYLE, S. E.; JONES, G. L.; WALTERS, S. J. Physical activity among adolescents and barriers to delivering physical education in Cornwall and Lancashire, UK: A qualitative study of heads of PE and heads of schools. **BMC Public Health**, Londres, v. 8, n. 1, p. 273, 1, 2008.

BRACHT, V. Sobre mal-entendidos e equívocos II. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (Eds.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 173–178.

BRACHT, V. et al . A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 11–34, 2011.

BRANDÃO, P. A. F.; CAVALCANTE, I. F. Reflexões acerca do uso das novas tecnologias no processo de formação docente para a educação profissional. In: III COLÓQUIO NACIONAL – EIXO TEMÁTICO 3 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, Natal, RN. **Anais**. Instituto Federal do Rio Grande do Norte, 2016. p. 1-7.

BRASIL. Ministério da Educação do Brasil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares**

**nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BREUER, C.; HALLMANN, K.; WICKER, P. Determinants of sport participation in different sports. **Managing Leisure**, Abingdon, v. 16, n. 4, p. 269–286, 2011.

BROWN, S. E.; MACDONALD, D. A lost opportunity? Vocational education in physical education. **Physical Education & Sport Pedagogy**, Abingdon, v. 16, n. 4, p. 351–367, 2011.

CAGLIARI, M. S. **Pedagogia do esporte e TIC: contribuições para o ensino do handebol na educação física escolar**. Rio Claro: UNESP, 2018. 106 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias do Instituto de Biociências da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2018.

CAIRNEY, J. K. et al. Gender, perceived competence and the enjoyment of physical education in children: a longitudinal examination. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, Londres, v. 9, n. 1, p. 26, 2012.

CALE, L.; HARRIS, J. School-based physical activity interventions: effectiveness, trends, issues, implications and recommendations for practice. **Sport, Education and Society**, Abingdon, v. 11, n. 4, p. 401–420, 2006.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul/ dez, 2013.

CAMLIGUNEY, A. F.; MENGUTAY, S.; PEHLIVAN, A. Differences in physical activity levels in 8-10 year-old girls who attend Physical Education classes only and those who also regularly perform extracurricular sports activities. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, Amsterdã, v. 46, p. 4708–4712, 2012.

CARLAN, P. et al. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 55–75, 2012.

CARVALHO JUNIOR, A. F. P. As tecnologias nas aulas de educação física escolar. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Vitória, ES. Anais. Secretaria do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015. p. 1-15.

CASARIM, R. V. et al. Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 133-152, jul/set de 2011.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 15. ed. Campinas: Papyrus, 2008. 224 p.

COAKLEY, J.; SOUZA, D. L. Sport mega-events: can legacies and development be equitable and sustainable? **Motriz**, Rio Claro, v. 19, n. 3, p. 580–589, 2013.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 2013.

CORSINO, L. N; AUAD, D. **Questões de gênero na Educação Física escolar: o professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. 111 p.

COSTA, F. J; SILVA JÚNIOR, S. D. Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion. **PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, São Paulo, v. 15, p. 1–16, 2014.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116–131, 2009.

CUNHA, J. S. G. Funções cognitivas e aprendizagem: a abordagem de Reuven Feuerstein. **Estação Científica**, Juiz de Fora, n 18, jul/dez, 2017.

DAIUTO, M. **Basquetebol: metodologia do ensino**. São Paulo: Brasipal, 1991.

DALMORO, M; VIEIRA, K. M. Dilemas na construção de escalas tipo likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados?. **Revista Gestão Organizacional**, Chapecó, v. 6, Edição Especial, p. 161–174, 2013.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: ROMERO, E. (Ed.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 99–108.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Araras, SP: Gráfica e Editora Topázio, 2003.

DARIDO, S. C.; DE SOUZA JUNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papyrus, 2007. 352 p.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física: implicações para prática pedagógica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 317 p.

DARIDO, S. C. et al. **Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais**. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.2 p.450-457, abr./jun. 2010.

DARIDO, S. C. (Org.) **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos/Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo: Cultura Acadêmica**, 2012, 176 p.

DEL CASTILLO A. Ó. et al. Gender equity in Physical Education: the use of

information. **Sex Roles**, Nova Iorque, v. 67, n. 1, p. 108–121, 2012.

DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

DINIZ, I. K. S. et al. Os usos da mídia em aulas de Educação Física escolar: possibilidades e dificuldades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 183-202, jul/set de 2012.

DUARTE, C. P.; MOURÃO, L. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 37–56, 2007.

DUDLEY, D. A. et al. Changes in physical activity levels, lesson context, and teacher interaction during physical education in culturally and linguistically diverse Australian schools. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, Londres, v. 9, n. 1, p. 114, 2012.

ECHALAR, A. D. L. F.; PEIXOTO, J. Programa Um computador por Aluno: o acesso às tecnologias digitais como estratégia para a redução das desigualdades sociais. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.25, n. 95, p. 393-413, abr./jun. 2017.

ESTEVES, A.; AZEVEDO, J. **Metodologias qualitativas para as ciências sociais**. 1998. 145 f. Tese. Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1998.

FAGRELL, B.; LARSSON, H.; REDELIUS, K. The game within the game: girls' underperforming position in Physical Education. **Gender and Education**, Abingdon, v. 24, n. 1, p. 101–118, 2012.

FIGUEIREDO, N. M. A. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. 3. ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2008. 256 p.

FLINTOFF, A. Targeting Mr average: participation, gender equity and school sport partnerships. **Sport, Education and Society**, Abingdon, v. 13, n. 4, p. 393–411, 2008.

FONSECA, V. Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 31, n. 96, p. 236-253, 2014.

FONTES, L. S. **Construção e validação da “escala de insatisfação e checagem corporal nos esportes” para atletas brasileiros**. 2015. 117 f. Tese. Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, 2015.

FOTROUSI, F.; BAGHERLY, J.; GHASEMI, A. The compensatory impact of mini-

basketball skills on the progress of fundamental movements in children. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, Amsterdã, v. 46, p. 5206–5210, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FOX, C. K. et al. Physical activity and sports team participation: associations with academic outcomes in middle school and high school students. **Journal of School Health**, Kent, v. 80, n. 1, p. 31–37, 2010.

FRAIHA, A. L. G. **TIC nas aulas de educação física: para ensinar basquetebol**. Rio Claro: UNESP, 2016. 129 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias do Instituto de Biociências da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2016.

FREIRE, E. DOS S.; OLIVEIRA, J. G. M. DE. Educação física no ensino fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 3, p. 140–151, 2004.

FREIRE, I. B; MEDEIROS, R. M. N. Esporte de invasão na perspectiva de aulas abertas de ensino: um relato de experiência. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 44-54, mar. 2016.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; DARIDO, S. C. Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos Jogos Esportivos Coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 751–761, 2010.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte e basquetebol: aspectos metodológicos para o desenvolvimento motor e técnico do atleta em formação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-93, jul/dez. 2012.

GALVÃO, Z. Educação física escolar: transformação pelo movimento. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 102-106, 1995.

GASPAROTTO, D. M.; MENEGASSI, R. J. Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 948-973, set./ago., 2016

GAYA, A. et al. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

GAYA, A. Sobre o esporte para crianças e jovens. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (Eds.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009.

GELO, O.; BRAAKMANN, D.; BENETKA, G. Quantitative and Qualitative research:

beyond the debate. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, Nova Iorque, v. 42, n. 3, p. 266–290, 2008.

GEMENTE, F. R. F. **Atletismo na educação física escolar: a elaboração colaborativa do software atletic**. Rio Claro: UNESP, 2015. 217 f. Tese. Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2015.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 63 p.

GINCIENE, G. **A história do esporte, os valores e as tecnologias da informação e comunicação no ensino do atletismo**. Rio Claro: UNESP, 2016. 237 f. Tese. Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2016.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOERGEN, P. Educação e Valores no mundo contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas. vol. 26, n. 92, p. 983-1011, Especial - Out. 2005.

GOMES, J. Formação continuada do professor de educação física e a construção de práticas pedagógicas multiculturalmente orientadas. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 20, n. 31, p. 192-206, dez. 2008.

GOMES, L. A.; MOREIRA, E. C. Pesquisa colaborativa e educação física: um estudo exploratório nos programas de pós-graduação. **Revista COCAR**, Belém, v. 11, n. 22, p. 549 - 565 - Jul./Dez. 2017.

GOMES, K. R. et al. A inovação nas aulas de educação física com auxílio das tecnologias. In: XI COLÓQUIO INTERNACIONAL “Educação e Contemporaneidade”, São Cristóvão, SE. Anais, 2012, p. 1-14

GONÇALVES, F.; MOURÃO, P. Pressupostos de validação de um questionário de avaliação psicossocial. **Motricidade**, Santa Maria da Feira, v. 4, n. 4, p. 40–51, 2008.

GONÇALVES, M. V. M.; CHIMENDES, V. C. G. Tecnologia da informação e comunicação na pesquisa. **Janus**, Lorena, v. 9, n. 15, p. 90–103, 2012.

GONZÁLEZ, F. J; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012. 126 p.

GRAMORELLI, L. C; NEIRA, M. G. Dez anos de parâmetros curriculares nacionais: a prática da Educação Física na visão dos seus autores. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 107-126, out/dez., 2009.

GUARIZI, M. R. **Basquetebol: da iniciação ao jogo**. Jundiaí: Fontoura, 2007. 159

p.

GUIZZO, B. S, KRZIMINISKI, C. O; OLIVEIRA, D. L. L. C. O software QSR NVIVO 2.0 na análise qualitativa dos dados: ferramenta para pesquisa em ciências humanas e da saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 53-60, 2003.

GUR-ZE'EV, I. Adorno and Horkheimer: diasporic philosophy, negative teology, and a counter-education. In: GUR-ZE'EV, I. (Ed.). **Diasporic Philosophy and Counter-Education**. Roterdã: Sense Publishersna, v. 48, p. 59-81, 2011.

HENKLEIN, A. P. **A educação física escolar no ensino fundamental: análise a partir do currículo básico e das diretrizes curriculares da rede municipal de ensino de Curitiba**. Curitiba: UFPR, 2009. 183 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha Cultura, Escola e Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2009.

IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília DF: Líber Livro Editora, 2008.

JANUÁRIO, N. C. et al. Motivação para a prática desportiva nos alunos do Ensino Básico e Secundário: influência do gênero, idade e nível de escolaridade. **Motricidade**, Santa Maria da Feira, v. 8, n. 4, p. 38–51, 2012.

JUCOSKY, S. M. **A utilização das tecnologias da informação e comunicação no treinamento do atletismo da academia da força aérea de Pirassununga**. Rio Claro: UNESP, 2017. 189 f. Tese. Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2017.

KANTERS, M. A. et al. School sport participation under two school sport policies: comparisons by race/ethnicity, gender, and socioeconomic status. **Annals of Behavioral Medicine**, Rockville, v. 45, n. S1, p. 113–121, 2013.

KHODADOOST, M.; BASHBARAT, Z. D.; VALIZADE, R. A comparison of educational adaptation in Iranian male and female undergraduate students of physical education. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, Abingdon, v. 15, p. 2172–2175, 2011.

KLOMSTEN, A. T.; MARSH, H. W.; SKAALVIK, E. M. Adolescents' perceptions of masculine and feminine values in sport and physical education: a study of gender differences. **Sex Roles**, Nova York, v. 52, n. 9, p. 625–636, 2005.

KNIJNIK, J. D. **Gênero e Esporte - Masculinidades e Feminilidades**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. 244 p.

KNOPPERS, A.; MCDONALD, M. Scholarship on gender and sport in sex roles and beyond. **Sex Roles**, Nova Iorque, v. 63, n. 5–6, p. 311–323, 2010.

KOCA, C. Gender interaction in coed physical education: a study in Turkey. **Adolescence**, San Diego, v. 44, n. 173, p. 165–185, 2009.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. 160 p.

LA TAILLE, Y. et al. **Indisciplina/disciplina**: disciplina: ética, moral e ação do professor. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LAFETÁ, F. A. et al. Motivação de alunos nas aulas de educação física. **Revista Multitexto**, Montes Claros, v. 5, n. 2, p. 66-71, 2017.

LAGE, M. C. Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v.12, n.esp., p.198-226, mar. 2011.

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. A vergonha e sua relação com a prática esportiva: um estudo de caso. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 64–71, 2007.

LEITE, N. M. C.; SAMPAIO, J. E. Long-Term athletic development across different age groups and gender from Portuguese basketball players. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Londres, v. 7, n. 2, p. 285–300, 2012.

LENTILLON, V et al. Injustice in physical education: gender and the perception of deprivation in grades and teacher support. **Social Psychology of Education**, Dordrecht, v. 9, n. 3, p. 321–339, 2006.

LIMA, R. J. F. **A formação de professores de educação física (re) construção teórica e prática do currículo apoiada nas decisões de Bolonha**. 2015. 213 f. Tese. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real - Portugal, 2015.

LINHALES, M. A. **A escola e o esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Cortez, 2009. 272 p.

LOVERA, F. J. A importância da educação física na formação de cidadãos críticos, pensantes e atuantes. **Revista de Educação do IDEAU**. Bagé - RS v. 10, n. 21, jan./jul., 2015.

MACHADO, G. V. et al. Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos. **Motrivivência**, n. 39, p. 164-176, dez. 2012.

MACHADO, T. S; BRACHT, V. O impacto do Movimento Renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 849-860, jul./set., 2016.

MACPHAIL, A. Professional learning as a physical education teacher educator. **Physical Education & Sport Pedagogy**, Abingdon, v. 16, n. 4, p. 435–451, 2011.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Selo Editorial Atlas, 2008. 296 p.

MARIMON, T. E. M.; ROMÃO, J. E. Educação física e relações de gênero. **Cadernos de Pós-Graduação - Educação**. São Paulo, v. 8, p. 13-25, 2009.

MARIN, E. C. et al. Formação continuada em educação física: relação entre o mundo do trabalho, políticas educacionais e educação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 259-278, abr/jun, 2011.

MARQUES, A. T. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Eds.). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 75–96.

MARTIN, J. J. et al. Validity and reliability of the school physical activity environment questionnaire. **Measurement in Physical Education and Exercise Science**, Filadélfia, v. 15, n. 4, p. 274–282, 2011.

MARTINI, C. O. P; VIANA, J. A. "Jogando" com as diferentes linguagens: a atualização dos jogos na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 243-250, 2016.

MATOS, J. M. C. et al. A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 123–148, 2013.

MENDES, A. D.; AZEVÊDO, P. H. Políticas públicas de esporte e lazer & políticas públicas educacionais: promoção da educação física dentro e fora da escola ou dois pesos e duas medidas? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 127–142, 2010.

MENDES, E. H.; NASCIMENTO, J. V. DO; MENDES, J. C. Metamorfoses na avaliação em Educação Física: da formação inicial à prática pedagógica escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 55–76, 2007.

MENEZES, R. P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 34–41, 2012.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 351–373, 2014.

MILANI, A. G. **Gênero nas aulas de educação física: diálogos possíveis com os conteúdos do currículo do estado de São Paulo e o Facebook**. Rio Claro: UNESP, 2015. 174 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias do Instituto de Biociências da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2015.

MILANI, D. R. C. **Contemporaneidade e educações: mídias digitais nas culturas juvenis**. Araraquara: UNESP, 2012. 208 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2012.

MILEO, T. R.; KOGUT, M. C. A importância da formação continuada do professor de educação física e a influência na prática pedagógica. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE. III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Curitiba, PR. **Anais**. PUCPR, 2009.

MILLEN NETO, A. R.; FERREIRA, A. DA C.; SOARES, A. J. G. Políticas de esporte escolar e a construção social do currículo de educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 3, p. 416–423, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010. 406 p.

MIRA, J. E; BODONI, P. S. B. Os impactos das redes sociais virtuais nas relações de jovens e adultos no ambiente acadêmico nacional. **Revista de Educação**, São Paulo, v. 14, n. 17, p. 103-115, 2014.

MONTEIRO, J. K. et al. Valores, Ética e Julgamento Moral: um estudo exploratório em empresas familiares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. pp.237-246, São Leopoldo, 2005.

MOREIRA, A. **A mudança de paradigma**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2015.

MORENO, J. C. A. **A prática do basquetebol feminino no estado de São Paulo: conhecendo e analisando seu contexto**. 2006. 199p. Tese - Doutorado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Campinas. São Paulo, 2006.

NEWLAND, A. et al. Moderating variables in the relationship between mental toughness and performance in basketball. **Journal of Sport and Health Science**, Xangai, v. 2, n. 3, p. 184–192, 2013.

NICARETTA, E. I. **Problematizando Educação, Matemática (s) e tecnologias numa prática pedagógica no Ensino Fundamental**. 2013. 149p. Dissertação - Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas. Centro Universitário UNIVATES. Lajeado. Rio Grande do Sul, 2013.

OLIVEIRA, R. C. DE; DAOLIO, O. Educação física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 149–167, 2010.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. Campinas: UNICAMP, 1992. 90 p.

PAES, R. R; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, D. et cols. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 256 p.

PEDRO, A. P. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidade em torno de um conceito comum. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 130, p. 483-498, dez., 2014.

PEREIRA, M. C; SILVA, T. M. O uso da tecnologia na era da educação digital. **Revista Saberes em Rede**, Cuiabá, p. 85-94, jul./dez. 2013.

PEREIRA, N.; MENDES, V. A Educação Física na escola organizada por ciclos de formação: especificidades do trabalho docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 109–132, 2010.

PEREIRA, T. T. M. **Formação continuada de professores: uma pesquisa colaborativa sobre educação ambiental com docentes de anos iniciais do ensino fundamental**. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. 129 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências do Instituto de Ciências Biológicas – Instituto de Física – Instituto de Química, 2017.

PIZANI, J. et al. (Des) motivação na educação física escolar: uma análise a partir da teoria da autodeterminação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 259-266, 2016.

PORATH, M. et al. Fase de desinvestimento da carreira docente de professores de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 203–222, 2011.

PRADO, V. M.; MATTHIESEN, S. Q. Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 2, p. 120–127, 2007.

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402–413, 2010.

PRADO, V. M. **Entre ditos e não ditos: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física** UNESP, 2014. 259 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2014.

REBOLLO, M. Á.; VEGA, L.; GARCÍA-PÉREZ, R. El profesorado en la aplicación de planes de igualdad: Conflictos y discursos en el cambio educativo. **Revista de Investigación Educativa**, Murcia, v. 29, n. 2, p. 311–323, 2011.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, São Leopoldo – RS, v. 28, n. 68, p. 114-124, maio/ago. 2014.

RIBAS, J. F. M. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 113–120, 2005.

RICHTER, A. C. et al. Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 181-195, jul./set. 2011.

RODRIGUES, H. A. **Basquetebol na escola: construção, avaliação e aplicabilidade de um livro didático** UNESP, 2009. 183 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade (Pedagogia da Motricidade Humana), Universidade Estadual Paulista, 2009.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. **Basquetebol na escola - uma proposta didático-pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. 132 p.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. O livro didático na Educação Física escolar: a visão dos professores. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 48–62, 2011.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 137–154, 2008.

ROSE JÚNIOR, D.; TRICOLI, V. **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. 1. ed. Barueri: Manole, 2005. 225 p.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p. 283-300, abr./jun. 2012.

RUFINO, L. G. B. et al. Os desafios para o desenvolvimento do trabalho docente na perspectiva de professores de educação física. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 21, n. 3, p. 55-65, set./dez., 2017

SÁIZ, S. J.; CALVO, A. L.; GODOY, S. J. I. Development of expertise in spanish elite basketball coaches. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte (RICYDE)**, Murcia, v. 5, n. 17, p. 19–32, 2009.

SANTOS, N. et al. Gênero e educação física escolar: notas gerais sobre a formação cultural no decorrer da história. **EFDeportes.com Revista Digital**, v. 12, n. 112, set. 2007.

SANTOS, W.; MAXIMIANO, F. L. Memórias discentes em educação física na educação básica: práticas avaliativas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 79–101, 2013.

SANTOS, S. M. M.; OLIVEIRA, L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 13 n. 1 p. 11-19, jan./jun. 2010

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. E. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **Holos**, Natal, v. 6, p. 307-328, 2014.

SCAGLIA, A. J. A Pedagogia do esporte e as novas tendências metodológicas. *Revista Nova Escola*, 2014.

SCAGLIA, A. J. et al. A contribuição da pedagogia do esporte ao ensino de esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas. In: MARINHO, A. et al. **Legados do esporte brasileiro**. Florianópolis: Editora da EDESC, 2014.

SCHIAVON, M. K. **Blog para o basquetebol: uma ferramenta no processo ensinoaprendizagem-treinamento dos sistemas táticos**. Rio Claro: UNESP, 2014. 109 f. Tese. Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2014.

SCHVINGEL, C. et al. Grupo focal: uma técnica de investigação qualitativa. **Debates em Educação**, Maceió, v. 9, n. 19, p. 92-106, set.dez/2017.

SEABRA, F. I. B. **Ensino Básico: repercussões da organização curricular por competências na estruturação das aprendizagens escolares e nas políticas curriculares de avaliação**. 2010. 286 f. Tese. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga, 2010.

SEABRA JUNIOR, L. et al. Educação física e inclusão: do que estamos falando. **EFDeportes.com Revista Digital**, v. 10, n. 73, jun. 2004.

SEREN, L. G. **Da rede às ruas: um estudo sobre o impacto da internet e suas ferramentas na contemporaneidade**. Araraquara: UNESP, 2014. 161 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Universidade Estadual Paulista, 2014.

SHEN, B. Outside-school physical activity participation and motivation in physical education. **British Journal of Educational Psychology**, Leicester, v. 84, n. 1, p. 40–57, 2014.

SILVA, A. A. T. **Ensinar e aprender com as tecnologias: um estudo sobre as atitudes, formação condições de equipamento e utilização nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do Concelho de Cabeceiras de Basto**. Braga - Portugal: Universidade do Minho, 2004. 262 f. Dissertação. Programa de Mestrado em Formação Psicológica de Professores do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2004.

SILVA, E. M; FRAGA, A. B. A história da Educação Física na educação profissional: entrada, saída e retorno à Escola Federal de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 263-272, 2014.

SILVA, F. S., SERAFIM, M. L. Redes sociais no processo de ensino e

aprendizagem: com a palavra o adolescente. In: SOUSA, R. P., et al., orgs. **Teorias e práticas em tecnologias educacionais** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 67-98.

SILVA, J.; BELTRAME, T. S. Desempenho motor e dificuldades de aprendizagem em escolares com idades entre 7 e 10 anos. **Motricidade**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 57–68, 2011.

SILVA, J. V. P. et al. Educação Física e conteúdos trabalhados nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 592–599, 2009.

SILVA J. V. P; SAMPAIO, T. M. V. Os conteúdos das aulas de educação física do ensino fundamental: o que mostram os estudos? **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 106-118, 2012.

SILVA, M. N.; MENDANHA, J. F. A importância da ferramenta tecnológica no contexto social e educacional. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.7, n.1, Pub.7, Janeiro 2014.

SILVA, R. B. et al. Relação da prática de exercícios físicos e fatores associados às regulações motivacionais de adolescentes brasileiros. **Motricidade**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 8–21, 2012.

SIMÕES, A. C; KNIJNIK, J. **O mundo psicossocial da mulher no esporte**. São Paulo: Aleph, 2004.

SLATER, A.; TIGGEMANN, M. Gender differences in adolescent sport participation, teasing, self-objectification and body image concerns. **Journal of Adolescence**, Londres, v. 34, n. 3, p. 455–463, 2011.

SOUZA, M. S.; BACCIN, E. V. C. A técnica no ensino dos esportes: relações entre o campo de conhecimento das ciências sociais e das ciências naturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 127–143, 2009.

SOUZA JÚNIOR, M. B. M.; MELO, M. S. T.; SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 31–49, 2010.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 143–151, 2003.

STIGGER, M. P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (Eds.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Porto Alegre: Autores Associados, 2009. p. 103–134.

TANI, G. *et al.* **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TAQUES, M. J.; MADRID, S. C. O. O processo de ensino e aprendizagem do esporte na escola na perspectiva dos professores de Educação Física. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 3, p. 196-203, jul./set. 2017

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. 396 p.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUDEAU, F.; SHEPHARD, R. J. Physical education, school physical activity, school sports and academic performance. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, Londres, v. 5, n. 1, p. 10, 2008.

UCHÔGA, L. A. R; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.

VIANNA, J. A.; LOVISOLO, H. R. Desvalorização da aprendizagem técnica na educação física: evidências e críticas. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 883–889, 2009.

VILHJALMSSON, R.; KRISTJANSOTTIR, G. Gender differences in physical activity in older children and adolescents: the central role of organized sport. **Social Science & Medicine**, Oxford, v. 56, n. 2, p. 363–374, 2003.

VOLTA REDONDA. Secretaria Municipal de Educação. **Unidades Escolares**. 2017. Disponível em <<http://www.portalvr.com/sme/component/content/article?id=175>>. Acesso em 26 maio 2017.

WACHHOLZ, C. O ensino do basquetebol na educação física escolar: com a bola, os professores. Lajeado: UNIVATES, 2015. 79 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino do Centro Universitário UNIVATES, 2015.

WEIS, G. F; POSSAMAI, C. L. **O Basquetebol: da escola à universidade**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. 167 p.

WELCHEN, D; OLIVEIRA, M. M. C. A formação de valores no ambiente escolar. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 19-30, jan./jun. 2013.

WERLE, V. Reflexões sobre a participação nas políticas públicas de esporte e lazer. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 135–142, 2010.

WIKTORIN, C. et al. Interview versus questionnaire for assessing physical loads in the population-based MUSIC-Norrtälje Study. **American Journal of Industrial Medicine**, Nova Iorque, v. 35, n. 5, p. 441–455, 1999.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

**Caro (a) Professor (a),**

Sou Cláudio Delunardo Severino e, como parte das exigências de um Programa de Doutorado, necessito realizar uma pesquisa para gerar uma Tese, a fim de obter o título de Doutor.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as concepções dos professores sobre o processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental no município de Volta Redonda – RJ, bem como a sua prática por meninas, a partir de um levantamento de informações junto aos docentes. Essas informações práticas justificam a necessidade de investigação em meu trabalho.

Caso não tenha interesse em participar desta pesquisa, apenas não inicie o preenchimento do questionário, não havendo nenhum prejuízo a sua pessoa, por conta disso.

Tranquelize-se quanto à preservação de sua identidade e da escola, bem como de suas respostas, pois os dados serão apresentados com a maior confiabilidade e fidedignidade possível, mantendo sempre em sigilo os dados pessoais dos participantes, conforme determina o rigor científico dos trabalhos acadêmicos.

Se após a leitura das instruções ainda houver dúvidas a respeito da pesquisa ou dos procedimentos necessários, sinta-se à vontade para entrar em contato, por e-mail [claudiodelunardo@gmail.com](mailto:claudiodelunardo@gmail.com), ou pelo celular (24) 8112-0825.

Sua maior contribuição para esta pesquisa será respondendo as questões da forma mais completa e verdadeira possível, aproximando-nos ao máximo de sua realidade docente, para que juntos busquemos soluções adequadas visando uma EDUCAÇÃO melhor aos nossos alunos.

Agradecemos antecipadamente sua colaboração.

Atenciosamente,

**Prof. Cláudio Delunardo Severino**

***A PRÁTICA DO BASQUETEBOL POR MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR***

**QUESTIONÁRIO**

**1 Como poderia ser definida a participação das suas alunas nas aulas de Educação Física?**

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim

**2 Como poderia ser definida a participação dos seus alunos nas aulas de Educação Física?**

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim

**3 As alunas costumam jogar Basquetebol na sua escola, seja durante as aulas de Educação Física, intervalos ou programas de treinamento?**

- Sim
- Não
- Eventualmente

**4 Durante as suas aulas, como são separadas as equipes que jogam Basquetebol?**

- Mistas
- Separadas por gênero
- Ambas

**5 A sua escola costuma participar de competições esportivas com equipes de Basquetebol formadas por meninas? Se a resposta for positiva, qual o tipo de competição (escolar, municipal, regional, etc.). Se a resposta for negativa, por que não?**

Sim

Não

---

---

---

---

---

---

---

---

**6 Há mais algum aspecto que gostaria de apresentar?**

---

---

---

---

---

---

**Obrigado pela sua colaboração!**

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA**

### **Entrevista**

Os professores de Educação Física ao longo da sua vida acumulam uma história pessoal que sofre várias influências, que juntamente com a sua formação e percurso profissional lhes possibilita adquirir uma diversidade de conhecimentos e competências, possibilitando o desempenho das suas funções com elevado conhecimento. Torna-se relevante saber a opinião dos professores de Educação Física relativamente aos aspetos que consideram fundamentais na escolha da metodologia a aplicar no processo de ensino-aprendizagem do Basquetebol. Da mesma forma pretende-se conhecer qual o seu entendimento acerca de eventuais fatores que são comuns às aulas e à participação de meninas nas atividades voltadas para o ensino e a aprendizagem do Basquetebol em ambiente escolar.

A operacionalização desta problemática reúne um conjunto de objetivos:

1. Investigar as concepções dos professores sobre o processo de ensino e aprendizagem do Basquetebol nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental no município de Volta Redonda – RJ, bem como a sua prática por meninas.
2. Perceber se o Basquetebol faz parte do conjunto de conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física.
3. Observar se a ação do professor de Educação Física pode influenciar diretamente a participação efetiva das discentes no processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol.
4. Analisar a percepção dos professores quanto à participação das meninas nas aulas de Basquetebol em ambiente escolar.

Parece ser necessário considerar a opinião dos professores experientes e principiantes, uma vez que o estudo baseado na experiência do ensino que desenvolvem é fundamental para obter contributos que podem e devem influenciar a metodologia do ensino do Basquetebol e a sua prática por meninas.

A entrevista constitui-se em duas partes:

- I. Histórico do professor
- II. Percepções dos professores acerca do processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol.

### **ANTES DE INICIAR A ENTREVISTA**

1. Especificar o âmbito do trabalho e os objetivos da entrevista.
2. Informar acerca da difusão dos resultados e explicar a natureza confidencial e anônima da coleta de dados, tratamento e divulgação das informações.
3. Solicitar a autorização para realizar a gravação da entrevista: necessidade de transcrever e analisar posteriormente a informação obtida.

4. Antes de iniciar a entrevista, salientar ao professor a possibilidade de colocar dúvidas sempre que não entender bem as questões efetuadas.

Data da entrevista \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Local \_\_\_\_\_

Tempo de duração da entrevista \_\_\_\_\_ (Início \_\_\_\_h \_\_\_\_min / Final \_\_\_\_h \_\_\_\_min)

## **I – HISTÓRICO**

1. Percurso desportivo e acadêmico:

---

---

---

---

---

---

2. Percurso profissional:

---

---

---

---

---

---

## **II – O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM DO BASQUETEBOL**

1. Considerando o Esporte como conteúdo, o que é ensinado aos seus alunos nas aulas de Educação Física?

Quer dar exemplos?

2. Ainda em se tratando de Esporte como conteúdo, quais são as metodologias (exercícios educativos, aulas teóricas, atividades lúdicas, etc.) utilizadas para o seu ensino nas aulas de Educação Física?

Quer dar exemplos?

3. Caso trabalhe com o Basquetebol, você nota diferenças em trabalhar este conteúdo com meninas? Quais seriam essas diferenças?

4. Você considera que há diferenças de rendimento de aprendizagem entre meninas e meninos nas aulas de Educação Física? Caso haja, a que você atribui essas diferenças?

5. É realizado algum trabalho com o objetivo de incentivar as meninas a participarem das aulas de Basquetebol? Que tipo de trabalho?

6. Como avalia a compreensão de meninas e meninos em relação à participação feminina nas aulas de Educação Física? Há algum tipo de discriminação por parte dos meninos quanto a participação das meninas nas aulas?

7. Para finalizar, qual a sua visão sobre o processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol? Como a Educação Física pode atuar neste contexto?

### **FINAL DA ENTREVISTA**

Reforçar a possibilidade de o professor acrescentar **informações** consideradas importantes ou que não tenha mencionado durante a sua realização.

Agradecer a participação.

## ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A prática do basquetebol por meninas nas aulas de educação física escolar no ensino fundamental do município de Volta Redonda

**Pesquisador:** Cláudio Delunardo Severino

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 02350612.7.0000.5237

**Instituição Proponente:**

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 639.293

**Data da Relatoria:** 07/04/2014

#### Apresentação do Projeto:

O objetivo da pesquisa é investigar o basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental no município de Volta Redonda - RJ, especificamente relacionado à participação das discentes. Para isso, pretende-se examinar, sob a ótica de gênero, os vínculos que as discentes mantêm com as atividades proporcionadas pelas práticas esportivas competitivas em ambiente escolar e também analisar, com base em levantamento de dados, a ação do professor de Educação Física no Ensino Fundamental do

município de Volta Redonda acerca do processo ensino-aprendizagem do basquetebol, especificamente relacionado à participação das discentes.

A pesquisa é parte das exigências do Programa de Doutorado em Ciências do Desporto da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal para elaboração de tese, a fim de obtenção do título de Doutor em Ciências do Desporto.

#### Objetivo da Pesquisa:

Investigar o basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental no município de Volta Redonda - RJ, especificamente relacionado à participação das discentes.

**Endereço:** Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, nº 1325  
**Bairro:** Prédio 01 - Bairro Três Poços      **CEP:** 27.240-560  
**UF:** RJ      **Município:** VOLTA REDONDA  
**Telefone:** (24)3340-8400      **Fax:** (24)3340-8404      **E-mail:** coeps@foa.org.br



Continuação do Parecer: 639.293

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco aos participantes da pesquisa.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Estão de acordo com o solicitado.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Nada a declarar.

**Recomendações:**

Nada a declarar.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Nada a declarar.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

VOLTA REDONDA, 07 de Maio de 2014

---

**Assinador por:**  
**Vitor Barletta Machado**  
**(Coordenador)**

Endereço: Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, nº 1325  
Bairro: Prédio 01 - Bairro Três Poços CEP: 27.240-560  
UF: RJ Município: VOLTA REDONDA  
Telefone: (24)3340-8400 Fax: (24)3340-8404 E-mail: coeps@foa.org.br

**ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CoEPS/UniFOA**

**1- Identificação do responsável pela execução da pesquisa:**

Título do Projeto: <b>A prática do basquetebol feminino nas aulas de educação física escolar no ensino fundamental no município de Volta Redonda.</b>
Coordenador do Projeto: Cláudio Delunardo Severino
Telefone de contato do Coordenador do Projeto: (24) 8112-0825
Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: Avenida Paulo Erlei Alves Abrantes, nº. 1325, Três Poços, Volta Redonda - RJ. CEP 27240-560

**2- Informações ao participante ou responsável:**

(a) Você está sendo convidado (a) a participar de um estudo que apresenta como objetivo contribuir para a identificação do papel da Educação Física escolar em relação ao ensino do Basquetebol feminino no município de Volta Redonda - RJ, além de analisar os vínculos que as educandas mantêm com as atividades proporcionadas pelas práticas esportivas em ambiente escolar.

Você foi selecionado (a) para participar do estudo por ser professor de Educação Física para turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental em instituições educacionais da rede de ensino do município de Volta Redonda.

Você receberá um questionário contendo perguntas acerca do processo de ensino e aprendizagem do Basquetebol nas escolas do município. A sua participação neste estudo consistirá também em responder algumas perguntas sobre a sua realidade docente que serão realizadas sob a forma de entrevista gravada para posterior descrição. O tempo necessário para responder a todas as perguntas é de aproximadamente 30 (trinta) minutos.

(b) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre o procedimento em que você receberá um questionário contendo diversas questões para responder.

(c) Você poderá se recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Durante o procedimento que consiste em responder ao questionário, você poderá se recusar a responder qualquer

pergunta que por ventura lhe causar algum constrangimento. Depois de responder todo o questionário verifique se respondeu verdadeiramente o que gostaria de responder, bem como se foi feita qualquer anotação que possa identificá-lo (a). Você tem o direito de recusar-se a participar da pesquisa em qualquer momento bastando para isto cancelar o questionário.

(d) A sua participação como voluntário não auferirá nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento sem prejuízo a você.

(e) A sua participação ou a do menor sob sua responsabilidade poderá envolver os seguintes riscos: Não será feito nenhum procedimento que traga qualquer desconforto ou risco aos participantes da pesquisa.

(f) Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo reservado ao participante ou seu responsável o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo.

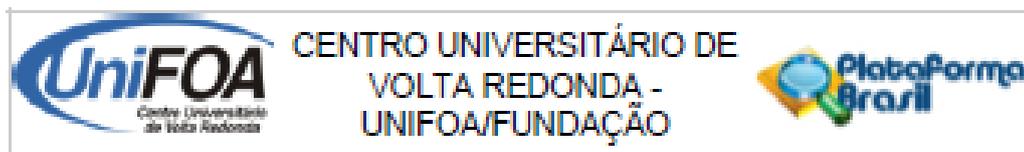
(g) Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

(h) Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Volta Redonda, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Participante: \_\_\_\_\_

## ANEXO C - SEGUNDO PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A PRÁTICA DO BASQUETEBOL POR MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

**Pesquisador:** Cláudio Delunardo Severino

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 04362918.3.0000.5237

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.142.707

## Apresentação do Projeto:

Os sujeitos da pesquisa participarão de um grupo no qual serão realizados debates acerca do emprego do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física nas escolas e a sua prática por meninas. A técnica a ser empregada será a de Grupo Focal e as discussões serão registradas em áudio para, após a transcrição, servir de subsídio para uma análise de conteúdo.

As discussões serão desenvolvidas a partir das seguintes temáticas: 1) Quais são os maiores Impedimentos para o desenvolvimento do Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física.

2) A participação das meninas nas aulas de Educação Física. Elas podem jogar?

## Objetivo da Pesquisa:

## Objetivo Primário:

Investigar as concepções dos professores sobre o processo de ensino e de aprendizagem do Basquetebol nas aulas de Educação Física Escolar, assim como a sua prática por meninas.

## Objetivo Secundário:

Publicar em rede social as suas conclusões no sentido de proporcionar o acesso a informações que podem significar um contributo para o desenvolvimento do Basquetebol nas escolas, em especial pelas meninas.

Endereço: Avenida Paulo Eitel Alves Abrantes, nº 1325  
 Bairro: Prédio 03, Sala 05 - Bairro Três Popas CEP: 27.240-560  
 UF: RJ Município: VOLTA REDONDA  
 Telefone: (24)3340-8400 Fax: (24)3340-8404 E-mail: cepea@foa.org.br



Continuação do Parecer: 3.142.707

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

##### **Riscos:**

A pesquisa poderá envolver riscos mínimos quanto à identificação dos docentes participantes. Com o intuito de minimizar estes riscos, os nomes dos participantes não serão divulgados sob nenhuma hipótese e não serão utilizadas imagens em momento algum. Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo reservado ao participante ou seu responsável o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo.

##### **Benefícios:**

Além da importância como produção de conhecimentos voltados para a área da Educação Física Escolar, almeja-se que os resultados apresentados neste estudo sejam relevantes acerca da sua contribuição ao desenvolvimento integral dos alunos, e não apenas ao processo de ensino e de aprendizagem dos fundamentos específicos de uma modalidade esportiva como o Basquetebol, mesmo reconhecendo este como um dos elementos inerentes do componente curricular obrigatório.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos estão de acordo.

#### **Recomendações:**

Nada a declarar.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Nada a declarar.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Apresentar ao CoEPS, via Plataforma Brasil, relatórios parcial e final do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	FOLHA_DE_ROSTO_CLAUDIO_DELUNARDO_ASSINADA.pdf	17/01/2019 15:14:35	Ana Carolina Gloseffi	Acelto
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1251437.pdf	09/11/2018 14:49:57		Acelto
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA.pdf	09/11/2018 14:49:25	Cláudio Delunardo Severino	Acelto

Endereço: Avenida Paulo Eraldo Alves Abrantes, nº 1325  
 Bairro: Prédio 03, Sala 05 - Bairro Três Poças CEP: 27.240-560  
 UF: RJ Município: VOLTA REDONDA  
 Telefone: (24)3340-8400 Fax: (24)3340-8404 E-mail: coeps@foa.org.br



Continuação do Parecer: 3.142.707

Outros	roteiro.pdf	05/11/2018 15:29:45	Claudio Delunardo Severino	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa.pdf	05/11/2018 15:29:32	Claudio Delunardo Severino	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	05/11/2018 15:29:24	Claudio Delunardo Severino	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO.pdf	05/11/2018 15:29:37	Claudio Delunardo Severino	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

VOLTA REDONDA, 12 de Fevereiro de 2019

Assinado por:

Walter Lutz Moraes Sampaio da Fonseca  
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Paulo Eitel Alves Abrentes, nº 1325  
 Bairro: Prédio 03, Sala 05 - Bairro Três Poças CEP: 27.240-560  
 UF: RJ Município: VOLTA REDONDA  
 Telefone: (24)3340-8400 Fax: (24)3340-8404 E-mail: coepa@foa.org.br

## ANEXO D - SEGUNDO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CoEPS/UniFOA

(Observação: O TCLE deve ser impresso em duas cópias, ficando uma delas sob responsabilidade do Pesquisador Coordenador e a outra sob a guarda do participante)

<b>Título do Projeto: AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A PRÁTICA DO BASQUETEBOL POR MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b>
Coordenador do Projeto: Cláudio Delunardo Severino
Telefones de contato do Coordenador do Projeto: (24) 99972-3223
Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa: Avenida Paulo Eriel Alves Abrantes, nº. 1325, Três Poços, Volta Redonda - RJ. CEP 27240-560

#### 2- Informações ao participante ou responsável:

V.Sa. está sendo convidado (a) a participar de um estudo que apresenta como objetivos: 1) Identificar a prática do Basquetebol por meninas nas aulas de Educação Física; 2) Elaborar por intermédio das Tecnologias de Informação e Comunicação um conjunto de informações relacionadas à prática do Basquetebol por meninas nas aulas de Educação Física; 3) Viabilizar as informações em rede social virtual e avaliar em conjunto com os professores a sua relevância e potencial como contributo para as aulas.

A sua participação neste estudo consistirá em fazer parte de um grupo de debates para discutir questões associadas ao Basquetebol como conteúdo das aulas de Educação Física e a sua prática por meninas, para complementar uma coleta de dados qualitativos a respeito do referido tema.

Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre o procedimento:

(a) Você poderá se recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Durante o procedimento que consiste na sua participação, você poderá se recusar a participar de qualquer situação que por ventura lhe causar algum constrangimento.

(b) A sua participação na pesquisa não auferirá nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento sem prejuízo a você.

(c) A sua participação poderá envolver riscos mínimos quanto a identificação dos docentes participantes. Com o intuito de minimizar estes riscos, os nomes dos participantes não serão divulgados sob nenhuma hipótese e não serão utilizadas imagens em momento algum. Serão garantidos o sigilo e

privacidade, sendo reservado ao participante ou seu responsável o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo.

(h) Confirmo ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Voita Redonda, 01 de novembro de 2018

Participante : \_\_\_\_\_